

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 7 - 2018





As normas de publicação podem ser encontradas em: <http://www.praticasdahistoria.pt/pt>.

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 7 - 2018

www.praticasdahistoria.pt

Práticas da História

Conselho Editorial

António da Silva Rêgo [IHC-FCSH/NOVA]
Christiaan Engberts [Leiden Universiteit]
Elisa Lopes da Silva [ICS-UL]
Guilherme Borges Pires [CHAM-FCSH/NOVA-UAç]
Joaquim Gafeira [IEM-FCSH/NOVA]
José Miguel Ferreira [ICS-UL]
José Neves, director da revista [IHC-FCSH/NOVA]
Matheus Pereira [Universidade Estadual de Campinas]
Pedro Martins [IHC-FCSH/NOVA]
Rui Lopes [IHC-FCSH/NOVA]
Tiago Pires Marques [CES-Universidade de Coimbra]

Conselho Científico

Alessandro Portelli [Università di Roma La Sapienza]
António M. Hespanha [Universidade Nova de Lisboa]
Enzo Traverso [Cornell University]
Fernando Catroga [Universidade de Coimbra]
Fernando Rosas [Universidade Nova de Lisboa]
Francisco Bethencourt [King's College London]
Henrique Espada Lima [Universidade Federal de Santa Catarina]
João Luís Lisboa [Universidade Nova de Lisboa]
Lilia Moritz Schwarcz [Universidade de São Paulo]
Luís Trindade [Birkbeck College]
Maria de Lurdes Rosa [Universidade Nova de Lisboa]
Robert Rowland [ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa]
Rui Bebiano [Universidade de Coimbra]
Sérgio Campos Matos [Universidade de Lisboa]
Simona Cerruti [École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris]
Verónica Tozzi [Universidad de Buenos Aires]

Índice

Editorial Note	7
<i>José Neves</i>	
Artigos	
World, Structure and Play: A Framework for Games as Historical Research Outputs, Tools, and Processes	11
<i>Rob Houghton</i>	
Pós-colonialismo e a História do Nacionalismo Anticolonial	45
<i>Sanjay Seth</i>	
Heterogeneidades – uma perspectiva invulgar da filosofia da história a partir do Manifesto Comunista	77
<i>José Miranda Justo</i>	
The Popular Front and Marxism in Eric Hobsbawm's Historical Works	105
<i>George Souvlis</i>	
Historiadores citando historiadores: afirmações de verdades e a construção do discurso histórico (Diogo Borel e as traduções da Constituição francesa)	133
<i>Cláudio DeNipoti</i>	
Ensaio	
A importância teórica dos <i>Écrits sur l'histoire</i> de L. Althusser	161
<i>Irene Viparelli</i>	

Entrevista

Marxism, the far-right and the antinomies of liberalism 176

A interview with Enzo Traverso by George Sowlis

Fórum

Apresentação do Fórum 194

Fátima Sá e Melo Ferreira e Sérgio Campos Matos

Categories, Classes and Identities in Time. Escaping
Chronocentric Modernity 197

Javier Fernández-Sebastian

Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar 224

António Manuel Hespanha

Recensões

Shiloh Carroll, *Medievalism in a Song of Ice and Fire &* 257

Game of Thrones

Patrick Masters

Éric Aunoble, *La Révolution russe, une histoire française:* 262

lectures et représentations depuis 1917

Daniela Major

Enzo Traverso, *Left-Wing Melancholia. Marxism, History,* 268

and Memory

João Miguel Almeida

Editorial Note

José Neves*

This is the seventh issue of *Práticas da História – Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*. Since our first issue that we have been focused on analysing and discussing diverse ways of being aware of and making sense of history. Reflecting this diversity, the current issue brings together studies on historiographical trends playing an important role in university circles in the field of History (as is the case of the *Begriffsgeschichte*), as well as on the products resulting from the most recent technological and commercial developments, as is the case of digital historical games, in which regard this issue contains the article “World, Structure and Play: A Framework for Games as Historical Research Outputs, Tools, and Processes”, by historian Robert Houghton. As for *Begriffsgeschichte* (Conceptual History), this is the subject of our forum, in which historians Fátima Sá e Melo Ferreira and Sérgio Campos Matos, both of whom are part of the *Iberconceptos* project, propose a combined reading of two seminal texts: “Categories, Classes and Identities in Time. Escaping Chronocentric Modernity”, by historian Javier Fernández Sebastián, and “Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar (Revisto)”, by historian António M. Hespanha. This issue also includes an article that seeks to examine, from a new critical perspective, a methodological question that has long been a subject of discussion among historians: in “Historiadores citando historiadores: afirmações de verdades e a construção do discurso histórico (Diogo Borel e as traduções da Constituição francesa)”, Cláudio DeNipoti discusses the practice of successive citations by historiography and, through a case study, describes how this practice validated a rumor that, through its repetition, originated a new historical event.

2018 marks the bicentenary of the birth of Karl Marx, who died in 1883, in London, having been born in Trier, in 1818. It is thus no coincidence

* IHC-NOVA.

that most of the pages of this issue contain a set of articles and essays that, directly or indirectly, underscore the role that Marx's work and the Marxist tradition have played in historiographical production and discussions from the late 19th century onward. There is no doubt that, as the curtain fell on the 20th century, historiography seriously questioned the intellectual and scientific credibility of Marxism. An effect of this questioning was, for example, the relegation of an author who had wielded significant influence during the second half of the 20th century, Louis Althusser, to whom philosopher Irene Viparelli dedicates the essay "A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser". Other Marxist writers did not, however, see their relevance wane after the fall of the Berlin Wall. It was in the 1990s that the work of Eric Hobsbawm – about which historian George Souvliis has written the article "The Popular Front and Marxism in Eric Hobsbawm's Historical Works" – achieved its greatest editorial success. The continued importance of Marxism in historiography is also revealed in the article by historian Sanjay Seth, who analyses the contributions of Post-colonialism for Nationalism Studies. In "Pós-colonialismo e a História do Nacionalismo Anticolonial", Seth focus on *Subaltern Studies*, a historiographical tradition that, in recent decades, has achieved widespread international prominence in Anglo-Saxon academic circles and beyond, and places them in the context of their close initial relationship with Marxism. Even the works of Marx and Engels continued to be republished after the fall of the USSR and – inevitably – were examined in a new light. While maintaining their place in the canon of the History of Political Thought, texts such as the Communist Party Manifesto are nowadays re-appropriated by theoretical currents that are relatively independent of the Marxist tradition, as can be seen in the article in this regard by philosopher José Miranda Justo ("Heterogeneidades – uma perspectiva invulgar da filosofia da história a partir do Manifesto Comunista"), calling into debate authors such as Gilles Deleuze and Félix Guattari. Last but not least, apart from the usual section of reviews, this issue also has an interview with historian Enzo Traverso. In his work on 20th century history and what – citing Georges Perec – he called the *mode d'emploi* of the past, Traverso has maintained a close relationship with Marxism, which is simultaneously one of the subjects of his studies and a theoretical and conceptual instrument for his research.

Nota Editorial

Este é o sétimo número da revista *Práticas da História – Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*. Como indica o título da publicação, a revista tem-se interessado em analisar e debater diversas formas de ser sensível e dar sentido à história. Sinal desta diversidade é o facto de o presente número reunir estudos quer sobre tendências historiográficas que ocupam um lugar importante no domínio universitário da disciplina de História, como é o caso da *Begriffsgeschichte* (História dos Conceitos), quer acerca de produtos de desenvolvimentos tecnológicos e comerciais mais recentes, como é o caso dos *digital historical games*, a propósito dos quais publicamos aqui o artigo «World, Structure and Play: A Framework for Games as Historical Research Outputs, Tools, and Processes», do historiador Robert Houghton. Quanto à *Begriffsgeschichte* dedicamos-lhe o nosso Fórum, no qual os historiadores Fátima Sá e Melo Ferreira e Sérgio Campos Matos, ambos integrantes do projeto «Iberconceptos», propõem a leitura combinada de dois textos seminais: «Categories, Classes and Identities in Time. Escaping Chronocentric Modernity», do historiador Javier Fernández Sebastián, e «Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar (revisto)», do historiador António M. Hespanha. O presente número inclui ainda um artigo que procura olhar, desde um novo ângulo crítico, uma questão metodológica que há muito constitui motivo de reflexão entre historiadores: em «Historiadores citando historiadores: afirmações de verdades e a construção do discurso histórico (Diogo Borel e as traduções da Constituição francesa)», Cláudio DeNipoti discute a prática de citações sucessivas pela historiografia e, através de um estudo de caso, descreve como esta prática validou um rumor e, pela sua repercussão, esteve na origem de um evento histórico.

Em 2018 assinala-se o bicentenário do nascimento de Karl Marx, ele que morreu em 1883, em Londres, tendo nascido em Trier, em 1818. Não é, então, por acaso que a maior parte das páginas que fazem o presente número da nossa revista contam com um conjunto de artigos e ensaios que, de modo direto ou por efeito colateral, sublinham o lugar que a obra de Marx e a tradição marxista foram ocupando na produção e discussão historiográfica desde as últimas décadas do século XIX. É certo que, ao

cair do pano sobre o século XX, a credibilidade intelectual e científica do marxismo foi seriamente questionada pela historiografia. Efeito desse questionamento será, por exemplo, o esquecimento a que foi votado um autor que teve uma influência significativa na segunda metade do século XX, Louis Althusser, a quem a filósofa Irene Viparelli, nas páginas que se seguem, dedica o ensaio «A importância teórica de *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser». Outros autores de proveniência marxista, porém, não viram a sua relevância diminuir após a queda do Muro de Berlim. Foi nos anos de 1990 que a obra historiográfica de Eric Hobsbawm – sobre o qual se centra o artigo «The Popular Front and Marxism in Eric Hobsbawm's Historical Works», do historiador George Souvlis – atingiu maior sucesso editorial. As próprias obras de Marx e Engels não deixaram de continuar a ser reeditadas após o fim da URSS e – inevitavelmente – interpeladas em termos renovados. Textos como o *Manifesto do Partido Comunista* (reeditado uma e outra vez por ocasião do seu 150^o aniversário ou, já este ano, por motivo do referido bicentenário do nascimento de Marx) mantiveram um lugar no cânone da História do Pensamento Político, sendo hoje reapropriados por correntes teóricas relativamente independentes da tradição marxista, como podemos verificar no artigo que lhe dedica o filósofo José Miranda Justo, convocando autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari. A persistência da importância do marxismo na historiografia revela-se também no artigo do historiador Sanjay Seth, no qual os contributos do pós-colonialismo para os estudos sobre nacionalismos são submetidos a uma genealogia que nos remete, entre outras proveniências, para os chamados *Subaltern Studies*. Constituindo uma das tradições historiográficas que, nas últimas décadas, alcançou maior projeção internacional no meio académico anglo-saxónico, os chamados *Subaltern Studies* são situados por Seth na sua imbricada relação com o marxismo. *Last but not the least*, além da costumeira secção de recensões, o presente número dá ainda a ler uma entrevista com o historiador Enzo Traverso. Nos seus trabalhos em torno da história do século XX e daquilo que – glosando Georges Perec – chamou os modos de usar o passado, Traverso tem mantido uma relação de proximidade com o marxismo, que a um tempo é objeto de estudos seus e instrumento teórico e conceptual ao serviço destas mesmas investigações.

Robert Houghton

World, Structure and Play: A Framework for Games as Historical Research Outputs, Tools, and Processes

The potential of historical digital games as academic research outputs has been discussed by a small but growing number of authors (Clyde et al., Spring, Chapman, Carvalho, etc.). To date most of this work has focussed on the validity of games as an academic historical form. This article moves the debate forward by considering the potential of games to act not only as representations of historical data and analysis, but also as a medium of historical debate. It leans on the framework described by the games scholar Espen Aarseth to propose that the fundamental nature of games could allow the exploration and interrogation of information and arguments. Through the interactive quality of the medium tied to a historically critical approach, players could become not only observers of an output, but participants in the process of historical debate. Ultimately, the article argues that while games can certainly never replace monographs and other scholarly outputs, they can be an important addition to the field of study.

Keywords: Video games, interactive History, research tools, public History.

Mundo, Estrutura e Jogo: um enquadramento dos jogos enquanto produtos, instrumentos e processos da investigação histórica

O potencial dos jogos digitais históricos enquanto investigação académica tem sido discutido por um número pequeno mas crescente de autores (Clyde et al., Spring, Chapman, Carvalho, etc.). Até hoje, a maior parte deste trabalho centrou-se na validade dos jogos enquanto forma histórica académica. Este artigo avança o debate ao considerar o potencial dos jogos não apenas para as representações de dados e análises históricas, mas também enquanto *medium* de debate histórico. Apoando-se no enquadramento descrito pelo académico Espen Aarseth, o artigo propõe que a natureza fundamental dos jogos poderia permitir a exploração e o questionamento de informações e argumentos. Através da qualidade interactiva do *medium*, ligado a uma abordagem historicamente crítica, os jogadores poderiam tornar-se não apenas observadores de um produto historiográfico, mas participantes do processo de debate histórico. Em última análise, o artigo argumenta que, embora os jogos nunca possam substituir monografias e outros trabalhos académicos, eles podem ser um importante contributo ao campo de estudos.

Palavras-chave: Videojogos, História, simulação histórica.

World, Structure and Play: A Framework for Games as Historical Research Outputs, Tools, and Processes

Robert Houghton*

Computer games are increasingly seen as serious media,¹ capable of portraying complex and mature issues in a manner distinct from that of more traditional formats. Games are frequently used as education tools. While Edutainment games (those designed specifically for the classroom) have had mixed success,² a growing range of games have been harnessed to support the study of history at almost every level.³ The designers of historical games increasingly look to academic historians for support in the production of their work. Ubisoft (*Assassin's Creed*)⁴ and Creative Assembly (*Total War*)⁵ among other studios have all consulted traditionally trained and qualified academics to support claims of authenticity within their games. This drive for something akin to historical accuracy is driven in part by a desire to cre-

* Universidade de Winchester.

I am most grateful to James Nangle for his advice and construction of several relationship network charts detailing links between characters in *Crusader Kings II*. Examples of James' excellent work can be found at: <http://www.anquantarbuile.com//social-networks-in-ck2>.

1 A. Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," *Rethinking History* 17, n^o 3 (2013): 312–32, at p. 313; M.G. Hill, "Tale of Two Fathers: Authenticating Fatherhood in Quantic Dream's Heavy Rain: The Origami Killer and Naughty Dog's The Last of Us," in *Pops in Pop Culture*, ed. E. Podnieks (New York, 2016), 159–76.

2 S. Egenfeldt-Nielsen, *Beyond edutainment: exploring the educational potential of computer games* (S.l., 2010).

3 T. Taylor, "Historical Simulations and the Future of the Historical Narrative," *History and Computing* 6, n^o 2 (2003); A. McMichael, "PC Games and the Teaching of History," *The History Teacher* 40, n^o 2 (2007): 203–18; J. Pagnotti and W.B. Russell, "Using Civilization IV to Engage Students in World History Content," *The Social Studies* 103, n^o 1 (2012): 39–48.

4 D. Tarason, "Assassin's Creed Origins becomes edutainment Feb 20th," *Rock, Paper, Shotgun* (2018); "Discovery Tour by Assassin's Creed: Ancient Egypt," *Assassin's Creed* (2018).

5 L. Folder, "Thrones of Britannia – Campaign Map Reveal," *Total War Blog* (2017).

ate a more immersive and enjoyable play environment, but also by consumer demand: a sizable proportion of the players of each of these franchises are attracted to the games by their historical credibility and credentials.⁶ Carvalho has recently suggested that these games may provide a bridge between academic and popular history.⁷ In any event, these serious and educational historical games are frequently driven by academic historical research.

The inverse is rarely true. With a few notable exceptions, historical computer games are almost never considered as useful supporting structures for historical research.⁸ Although the possibilities of academic historians supporting historical games are frequently addressed in both theory and practice, there is considerably less literature which considers the potential of historical games to support academic history. This article makes a case for the potential utility of digital games as historical research tools and outputs, arguing that while games can never replace traditional literary outputs, the unique nature of this medium could allow for an innovative and deep communication of historical data, argument, and debate. Furthermore, it suggests that some existing commercial games already perform these activities as a function of the inherent qualities of the medium, albeit in a limited and often unintentional and uncritical capacity. Ultimately: games and their players can conduct history as a participatory process.

The reluctance to consider games as research tools is understandable. Computer games are a new medium. They are very different from literary works.⁹ They are often (although increasingly less so) seen as frivolous things for children. Beyond this, there remains a divide in communication and skills between academic historians and games developers. Game design and coding is unknown and

6 E. Champion, *Critical Gaming: Interactive History and Virtual Heritage*, Digital research in the arts and humanities (Farnham: Surrey, 2015); T.J. Copplestone, "But that's not accurate: the differing perceptions of accuracy in cultural-heritage videogames between creators, consumers and critics," *Rethinking History* 21, n^o 3 (2017): 415–38, at pp. 430–33.

7 V.M. Carvalho, "Videogames as Tools for Social Science History," *Historian* 79, n^o 4 (2017): 794–819, at p. 801.

8 Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," p. 313; D. Spring, "Gaming history: computer and video games as historical scholarship," *Rethinking History* 19, n^o 2 (2015): 207–21, at p. 209.

9 K. Kee and J. Bachynski, "Outbreak: Lessons Learned from Developing a 'History Game'." *Loading... The Journal of the Canadian Game Studies Association* 3, n^o 4 (2009): 1–14, at p. 3.

intimidating to most historians¹⁰ while historical methods and criticism are equally alien to many developers. There are of course numerous important exceptions to these sweeping statement, but it remains the case that there is a substantial gulf between History and Games Studies as academic disciplines.

As Chapman has noted, this division has contributed to a common perception that games are not suitable for the communication of ‘proper’ history.¹¹ Games are seen as capable of presenting only one view of history, denying a depth of understanding and analysis.¹² They are presented as reductive, simplifying and selecting material to facilitate play and entertainment.¹³ There is some suspicion that games threaten the historical authority of traditional modes of history.¹⁴

This dismissal of the academic utility of games has meant that when games are considered as potential tools and outputs of historical research there is often a focus on adjusting the nature of the medium to better fit literary outputs: to create ‘scholarly games’ distinct from commercially produced games or even educational games. Clyde, Hopkins, and Wilkinson made a case for a ‘gamic mode’ of history: a means of presenting empirical historical arguments through the medium of games, maintaining the rigour of traditional written research outputs (the ‘textual mode’) while allowing some innovations, primarily in the presentation of source material and data.¹⁵ They looked to create games which allow the exploration of historical arguments, but do not allow the player to change history thus setting the ‘gamic mode’ apart from simulation games.¹⁶ Outputs in the ‘gamic mode’ would explore historical arguments, not events themselves.

Many of the points put forward by Clyde et al. have a great deal of merit. Their concern for the correct and clear citation of data and sources

10 Carvalho, “Videogames as Tools for Social Science History,”: 818–19.

11 Chapman, “Is Sid Meier’s Civilization history?,”: 313–15.

12 A.R. Galloway, *Gaming: essays on algorithmic culture*, Electronic mediations 18 (Minneapolis, 2006), 104; J. De Groot, *Consuming history: historians and heritage in contemporary popular culture* (London: New York, 2016), 7–8.

13 Galloway, *Gaming*, 103.

14 Carvalho, “Videogames as Tools for Social Science History,” 795–96.

15 J. Clyde, H. Hopkins, and G. Wilkinson, “Beyond the ‘Historical’ Simulation: Using Theories of History to Inform Scholarly Game Design,” *Loading... The Journal of the Canadian Game Studies Association* 6, n^o 9 (2012).

16 Clyde, Hopkins, and Wilkinson, “Beyond the ‘Historical’ Simulation,” 10–11.

reflects the importance of well grounded research in academic studies.¹⁷ Their demands for clarity in the use of this evidence and in the mechanics which present a game's argument are at least partially necessary to demonstrate the scholarly credentials of a historical game.¹⁸ Their contention that digital games can usefully discuss history is certainly valid.¹⁹ Ultimately, this 'gamic mode' of history could produce interesting and useful perspectives on the past communicated in an innovative manner.

However, I contend that the approach promoted by Clyde et al. does not fully embrace the potential of games as a medium. As Antley and Carvalho have argued, this attempt to use games to represent historical arguments in the same manner as traditional academic works overlooks the possibilities presented by games through their uniquely interactive nature.²⁰ Games cannot conduct history in the same manner as literary works, but they can nevertheless present coherent and valid historical discussion and analysis.²¹ Games are not restricted to presenting a single perspective of history, through interaction players challenge and discuss the world and hence the theory presented in the game.²² Likewise, games are reductive, but only in the same way that literary histories are reductive: both media select and present information to demonstrate their arguments.²³ Historical

17 Clyde, Hopkins, and Wilkinson, "Beyond the 'Historical' Simulation," 12; Carvalho, "Videogames as Tools for Social Science History," 811.

18 Clyde, Hopkins, and Wilkinson, "Beyond the 'Historical' Simulation," 12–13; J. Antley, "Going Beyond the Textual in History," *Journal of Digital Humanities* 1, n^o 2 (2012).

19 Clyde, Hopkins, and Wilkinson, "Beyond the 'Historical' Simulation," 6–7.

20 Antley, "Going Beyond the Textual in History"; Carvalho, "Videogames as Tools for Social Science History," 806.

21 R.A. Rosenstone, *History on film, film on history*, History: concepts, theories and practice (Harlow, 2006), 8; E. MacCallum-Stewart and J. Parsler, "Controversies: Historicising the Computer Game," *Situated Play, Proceedings of DiGRA 2007 Conference* (2007), 203–10, at p. 205; I. Bogost, "The Rhetoric of Video Games," in *The ecology of games: connecting youth, games, and learning*, ed. K.S. Tekinbaş. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning (Cambridge, Mass, 2008), 117–40; Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," 321–22; Carvalho, "Videogames as Tools for Social Science History," 818.

22 Antley, "Going Beyond the Textual in History"; Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," 316–18.

23 E.H. Carr, *What is history?* (New York, 1961), 9; J. McCall, "Historical Simulations as Problem Spaces: Criticism and Classroom Use," *Journal of Digital Humanities* 1, n^o 2 (2012); A. Chapman, "Privileging Form Over Content: Analysing Historical Videogames," *Journal of Digital Humanities* 1, n^o 2 (2012), 42–46, at pp. 43–44; Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," 322–25.

games can (and do) refer to primary²⁴ and secondary materials,²⁵ often presenting these sources in game or through external links.²⁶ Ultimately the game developer and even the player could fulfil the same role as an academic historian in collating these materials to create arguments,²⁷ albeit in a more informal manner.²⁸ The media are vastly different, but the fundamental elements of historical research and debate which they present could remain functionally similar.

The central thesis of this article is that computer games, through their unique nature, could provide innovative representations of historical information, detailed and coherent analysis of events and trends, and, perhaps most importantly, effective facilitation of academic debate regarding this data and analysis. These three elements – data, analysis, and debate – form the core of a significant proportion of academic historical research and there is therefore substantial potential for carefully developed and curated digital games to act as research outputs but also as tools in support of scholarly studies. Furthermore, each of these elements of historical research is closely supported by different aspects inherent to games as a medium. Games already conduct history in an informal manner and they could conduct and support academic history.

To this end, I will first address the interactive nature of games, reiterating and expanding the framework set out by Espen Aarseth.²⁹ I will then argue that this framework could form a basis for the use of games as historical research tools, confirming and extending earlier arguments for their ability to present data and analysis but also demonstrating that games may move beyond this portfolio to allow the critique of historical theories and the development of counterarguments. I will use a case study of the combat systems of *Mount and Blade: Warband* as an example of designers

24 Chapman, “Is Sid Meier’s Civilization history?,” 318–19.

25 K. Pobłocki, “Becoming-state: The bio-cultural imperialism of Sid Meier’s Civilization,” *Focaal - European Journal of Anthropology* 39 (2002): 163–77, at p. 163; Taylor, “Historical Simulations and the Future of the Historical Narrative”; Chapman, “Is Sid Meier’s Civilization history?,” 316.

26 Spring, “Gaming history,” 211; Carvalho, “Videogames as Tools for Social Science History,” 811–12.

27 Taylor, “Historical Simulations and the Future of the Historical Narrative”; Chapman, “Is Sid Meier’s Civilization history?,” 315, 319; Spring, “Gaming history,” 208.

28 Pobłocki, “Becoming-state: The bio-cultural imperialism of Sid Meier’s Civilization,” 164.

29 E. Aarseth, “Playing Research: Methodological Approaches to Game Analysis,” *Game Approaches/SPil-veje. Papers from Spilforskning.dk Conference* (2004), 1–7.

and players presenting historical data, analysis and debate in an informal manner through a game. Finally, I will address some of the key challenges and shortcomings which this method may face. Throughout the piece I will argue that computer games could be developed to address history in a fundamentally similar manner to an academic historical study albeit in a very different format. While the adoption of a rigid ‘gamic mode’ can certainly allow scholarly discussion through games, this is not the only means by which games may be useful in support of academic research. Games could represent both research outputs and the process of historical debate.

Games as an Interactive Medium

Computer games are hugely varied but share a core defining trait: they are inherently and explicitly interactive.³⁰ To some extent the player has influence over the events of the game and its eventual outcome. As Zimmermann notes, they allow “participation with designed choices and procedures”.³¹ This interactivity differentiates games from other media: consumers certainly interact with books, music, TV and film, but they do so in different and possibly more limited ways.³² Ultimately, this difference requires that games present their subject matter, including historical representations, in a fundamentally different way from other media and require a different framework for their study. An understanding of the implications of this interactive trait is therefore of fundamental importance when considering the capacity of games as tools for historical research.

30 E. Zimmerman, “Narrative, Interactivity, Play and Games: Four Naughty Concepts in Need of Discipline,” in *First person: new media as story, performance, and game*, ed. N. Wardrip-Fruin and P. Harrigan (Cambridge, Mass, 2004), 154–64, at pp. 158–59; G. Costikyan, “I have no words and I must design,” in *The game design reader: a Rules of play anthology*, ed. K.S. Tekinbaş and E. Zimmerman (Cambridge, Mass, 2006), 192–211.

31 Zimmerman, “Narrative, Interactivity, Play and Games: Four Naughty Concepts in Need of Discipline,” 158.

32 Zimmerman, “Narrative, Interactivity, Play and Games: Four Naughty Concepts in Need of Discipline,” 158–59; M. Vosmeer and B. Schouten, “Interactive Cinema: Engagement and Interaction,” in A. Mitchell, C. Fernández-Vara, and D. Thue, eds., *Interactive Storytelling*, 8832 (Cham, 2014), 140–47; A.B.R. Elliott, “Simulations and Simulacra: History in Video Games,” *Práticas da História* 5 (2017), 11–41, at pp. 20–21; J. McCall, “Video Games as Participatory Public History,” in *A companion to public history*, ed. D.M. Dean (Hoboken, NJ, 2018), 405–16, at pp. 405–06, 410–14.

The interactive quality of games has two vital consequences for their nature as a medium:

Firstly, interactivity demands the creation of a coherent and complete environment within games.³³ The player is free to act and explore to a certain extent and the game must be capable of dealing with the player's actions. A game is not simply the story presented to the player, but a panoply of calculations and statistics which ensure internally consistent outcomes.³⁴ While popular media in other formats can and do present carefully constructed explanations and justifications for the events they describe, they are not obliged to do so. While other media may provide theoretical models of processes, games must demonstrate exactly how these models work.

Secondly, the interactive nature of games means that authorship of a game is never the sole monopoly of its designers.³⁵ The designers establish boundaries and frameworks for the player, but through their actions players will change the events and outcomes which the game portrays. They are influenced by the vision of the game's producers, but ultimately players have the power to manipulate the story. A player's role as author is limited by what is possible within the world created by the game designers, but even this restriction can be overcome through user modification.³⁶

The conditions created by this interactivity dictate that games are fundamentally different from other media. They cannot be understood as a narrative presented by their creators, but must also be viewed as logical explanations for this narrative and as a means by which their consumers may create further narratives. As a product of these conditions, Aarseth has categorised three overlapping elements of games: Game World; Game Structure; and Game Play.³⁷

33 Bogost, "The Rhetoric of Video Games"; McCall, "Historical Simulations as Problem Spaces: Criticism and Classroom Use"; T. Fullerton, *Game design workshop: a playcentric approach to creating innovative games* (Boca Raton, 2014).

34 Costikyan, "I have no words and I must design," 194.

35 C. Poremba, "Patches of peace: Tiny signs of agency in digital games," *DiGRA International Conference: Level Up, Utrecht, the Netherlands* (2003); K. Sarikakis, C. Krug, and J.R. Rodriguez-Amat, "Defining authorship in user-generated content: Copyright struggles in *The Game of Thrones*," *New Media & Society* 19, n^o 4 (2017): 542–59.

36 A. Chapman, *Digital games as history: how videogames represent the past and offer access to historical practice*, Routledge advances in game studies 7 (New York, NY, 2016), 37–39; Elliott, "Simulations and Simulacra," p. 19.

37 Aarseth, "Playing Research: Methodological Approaches to Game Analysis".

The game world is the surface layer of the game: the graphics, audio, user interface, and often the narrative. It is what the player sees and hears within the game.³⁸ This element is shared with other media forms and is what ties games most strongly to more traditional literary and audio-visual works. The interactive nature of games allows players to explore their worlds in different ways than consumers of other media: players determine which areas are visited, which figures are addressed, and which strategies are employed. This often demands the construction of a different sort of world to facilitate player exploration, but the fundamental similarity remains.

However, unlike books and films, the worlds described by games are connected firmly to a fixed set of mechanics: the game structure. Games require rules to function: they are needed to determine what a player can and cannot do and to dictate the outcomes of these actions.³⁹ At their core, most games are machines dealing with quantifiable inputs and outputs. First person shooters calculate the effectiveness of weapons.⁴⁰ Stealth games keep track of the player's visibility and audibility. Strategy games tally a vast range of socio-politico-economic details to determine how a player's faction progresses. Role playing games use increasingly complex metrics to approximate human behaviour and dictate character interactions. Even visual novels use simple mechanics to plot the player's path through branching dialogues. Games must present a coherent and consistent world, often well beyond that which the player sees, to accommodate the agency provided to the player through the interactive qualities of the media.

The final element, game play, concerns how the player interacts with the game. This play can be based on game rules (learning the best attack combinations, trade strategies, optimising character creation) or on game world (roleplaying, customisation of appearance) or a combination of the

38 Aarseth, "Playing Research: Methodological Approaches to Game Analysis," 2.

39 Aarseth, "Playing Research: Methodological Approaches to Game Analysis," 2; J. McCall, "Navigating the Problem Space: The Medium of Simulation Games in the Teaching of History," *History Teacher* 1 (2012): 9–28, at p. 9; McCall, "Historical Simulations as Problem Spaces: Criticism and Classroom Use".

40 R. Hunicke, M. LeBlanc, and R. Zubeck, "MDA: A formal approach to game design and game research," *Proceedings of the Challenges in Games AI Workshop, Nineteenth National Conference of Artificial Intelligence* (2004), 1–5, at p. 4.

two. They are not necessarily restricted to the game itself: Forums, Guilds, and Walkthroughs all form a part of this element and ultimately represent an extension of gameplay and interaction.⁴¹ User modifications are a particular example of deep player involvement with the game through play, allowing players to substantially alter the image initially presented by the designers.⁴² Some of these dynamics may be predicted or desired by designers, but often they arise and evolve unexpectedly. This element exists within games because of their interactivity, but is also strongly linked to the multi-authored nature of games. As players must be able to influence the events and outcome of a game, their input is an important and valid part of the game itself.⁴³

These three elements are closely entwined and most successful games will generally ensure that they work in concert. Rules and world often inform each other.⁴⁴ If the game world through its narrative and visual cues tells the player that the dark knight is the most skilled warrior and most dangerous foe in the kingdom then defeating him should require a greater command of the game mechanics than was required to dispose of the obligatory rat-infested basement at the start of the game. Likewise, if a game seeks to encourage authentic roleplay dynamics then mechanics must exist to enable and encourage this.⁴⁵ These elements tend to overlap but they nevertheless form an important framework for the study of games.

Ultimately then, because of their interactive nature, games are substantively different from other media. Although they may present a fundamentally similar world to that of other media, the nature of games requires the presentation of a coherent and complete environment to be explored by the player. This fully formed world must be supported through consistent and functional mechanics which determine how the game reacts to player action. The combination of this world and structure allows and demands

41 McCall, "Video Games as Participatory Public History," 410–14.

42 Elliott, "Simulations and Simulacra," 19; McCall, "Video Games as Participatory Public History," 414–16.

43 McCall, "Video Games as Participatory Public History," 409.

44 J. Juul, *Half-real: video games between real rules and fictional worlds* (Cambridge, Mass, 2005), 163; D. Carr, "The Trouble with Civilization," in *Videogame, player, text*, ed. B. Atkins and T. Krzywinska (Manchester, UK; New York: New York, 2007), 222–36, at p. 225; Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," 315.

45 Aarseth, "Playing Research: Methodological Approaches to Game Analysis," 3.

the development of gameplay as the player interacts with the game, engages in roleplay or the development of strategies, and evolves a reading of the game beyond that presented by its creators.

Games as Research Tools

The utility of Aarseth's framework within game studies is increasingly recognised,⁴⁶ as is its importance when using games as educational tools.⁴⁷ Aarseth held a restrictive view of the use of games in the examination of history, suggesting that the game world was the only game element relevant to this field.⁴⁸ However, I contend that the three elements of Aarseth's framework correlate very strongly with core elements of historical study. The game world allows the presentation of data. Game structure allows the explanation of historical analysis. Game play enables the inquisition of theories and analysis and the extension of play beyond the initial release of a game enables the adjustment or rebuttal of arguments: play allows historical debate. This, in combination with the consequences of the medium's interactive nature, could allow games to consider history in very different ways and in much greater depth than envisaged by Clyde et al. or even by Antley, Carvalho, Chapman, and McCall.

Data through Game World

The game world has the most obvious potential in supporting historical research, and indeed it is components of this element which are most typically suggested as research outputs. The game world is, by design, the most visible element of a game. In historical games it acts as an introduction to the period for the player and as a source of information.⁴⁹ A game world presents data through an interactive and relatively easily explorable

46 A.B.R. Elliott and M. Kapell, "Introduction: To Build a Past That Will 'Stand the Test of Time' - Discovering Historical Facts, Assembling Historical Narratives," in *Playing with the past: digital games and the simulation of history*, ed. M. Kapell and A.B.R. Elliott (New York, 2013), 9–12.

47 H.J. Brown, *Videogames and education* (Armonk, N.Y., 2008), 118.

48 Aarseth, "Playing Research: Methodological Approaches to Game Analysis," 3.

49 J.F.J. Alcázar, "The other possible past: simulation of the Middle Ages in video games," *Imago Temporis* 5 (2011): 299–340, at p. 311.

format. In doing so it shares several characteristics with existing scholarly digital techniques.

Visual reconstructions of built environments provided in the worlds of historical games could act as useful approximations of the urban spaces they represent and hence act as research tools. The learning and research utility of graphic reproductions of urban environments has been highlighted through several academic led projects including the *SmartHistory* flyovers of medieval Edinburgh⁵⁰ and St Andrews⁵¹ and the intricate, expansive, and fully explorable model of ancient Rome produced by Nicholls.⁵² These recreations of historical cities are significant as they provide a sense of space that cannot be equalled through written descriptions, overhead maps, contemporary images or even first-hand experience of surviving sites.⁵³ The concept of space is an important one for many areas of historical study. These reconstructions facilitate understanding population density: whether settlements were crowded or widely distributed. They can highlight the importance of particular buildings in the landscape: castles, cathedrals and fortified towers loom over surrounding buildings. The logic (or lack thereof) behind the layout of settlements can make more sense when viewed from ground level. Clear lines of sight from city gates to cathedrals and palaces were an important and routinely visible method by which rulers could stamp their authority on a city. Furthermore, these reconstructions allow an independence of exploration,⁵⁴ facilitating research by allowing the player to select their own perspective. These digital reconstructions were designed with popular engagement and education in mind, but they can serve as research tools in much the same way as maps, charts and other diagrams: they allow the communication of information based on research in an innovative way and could support historical analysis and debate.

It is significant that both the *SmartHistory* flyovers and Nicholls' model have strong links to computer games. The *SmartHistory* flyovers

50 "Edinburgh 1544: Virtual Time Binoculars," *SmartHistory*.

51 B. Rhodes, "Reconstructing Pre-Reformation St Andrews," *St Andrews 2017* (2017).

52 M. Nicholls, "Digital Visualisation in Classics Teaching and Beyond," *Journal of Classics Teaching* 17, n^o 33 (2016): 27–30.

53 Nicholls, "Digital Visualisation in Classics Teaching and Beyond".

54 Rhodes, "Reconstructing Pre-Reformation St Andrews".

were produced with the Unreal Engine,⁵⁵ while Nicholls' model has been connected to the production of an online game.⁵⁶ Numerous historical games already go to some lengths to reconstruct a faithful depiction of cities, often using similar techniques to the producers of these more scholarly ventures. For example, the creators of the *Assassin's Creed* series used geographical surveys, surviving architecture, archaeological study and expert opinions in the recreation of medieval and early modern cityscapes.⁵⁷ Despite some significant shortcomings,⁵⁸ and the need to present an entertaining world, these imperfect models within popular games highlight the potential of this media to support academic research.

A game's world could also present other physical objects of value to researchers. In addition to its architectural reconstruction, *Assassin's Creed* showcases other material culture, most notably clothing and weapons.⁵⁹ The *Total War* series likewise presents military attire and weaponry, but also provides an impression of battlefield geography.⁶⁰ Texts and images can be incorporated as in game paraphernalia or connected through external links.⁶¹ All of these elements are demonstrations of the presentation of data in an innovative and accessible manner. The data may be incomplete or misleading, but this nevertheless highlights the potential of digital games to support research. Visual representations of battlefields similar to those provided in *Total War* could be immensely valuable to military historians if these representations were thoroughly researched and sourced. Topographically accurate surveys presented in this format could inform analysis of the outcomes of battles.

55 "Edinburgh 1544: Virtual Time Binoculars".

56 Nicholls, "Digital Visualisation in Classics Teaching and Beyond".

57 S. Totilo, "One Man's Year Making Assassin's Creed II," *Kotaku* (2009); J. Hsu, "A Renaissance Scholar Helps Build Virtual Rome," *Live Science* (2010); Spring, "Gaming history," 212.

58 D.N. Dow, "Historical Veneers: Anachronism, Simulation, and Art History in Assassin's Creed II," in *Playing with the past: digital games and the simulation of history*, ed. M. Kapell and A.B.R. Elliott (New York, 2013); M. Komel, "Orientalism in Assassin's Creed: Self-orientalizing the assassins from forerunners of modern terrorism into occidentalized heroes," *Teorija in Praska* 51 (2014): 72–90.

59 Spring, "Gaming history," 212.

60 Spring, "Gaming history," 211.

61 Clyde, Hopkins, and Wilkinson, "Beyond the 'Historical' Simulation," 13; Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," 318–19.

In a less visually appealing, but nonetheless important, manner a game's world has the potential to display a significant volume of research data through tables, charts and other mediums. Games require a complete range of data points to operate. In the case of historical computer games these data points often represent historical information. Particularly complex games, such as those of the grand strategy genre, rely on huge historical databases. A particular example is *Crusader Kings II* which incorporates a database of around 100,000 characters as the foundation of the game. This represents a vast and explorable repository of medieval figures. It has some fundamental resemblances to a number of academic research projects. *The Making of Charlemagne's Europe*⁶² and the *Prosopography of Anglo-Saxon England*⁶³ have each produced searchable relationship databases of the individuals and locations listed in the charters of Charlemagne and from a range of Anglo-Saxon literary sources respectively. These databases are intricately detailed and are potentially invaluable research tools allowing the consideration and analysis of political and social links across Europe and England respectively.

Crusader Kings presents a historical database of characters and connections on an even greater scale than these two projects and this database can be interrogated both within the game and through the game files. Indeed, Nangle has produced a series of complex relationship network charts through the analysis of these files.⁶⁴ While many of the characters within this database are fictional placeholders, this is constructed around a core of diverse and often well-researched material. With more rigorous academic support and demonstration of sources this database could be transformed into a viable research tool presenting a complex and coherent web of relationships in an easily explorable manner.

Game worlds often perform a similar role to existing digital research tools, indeed in some cases games have inspired these methods. However, games tend to allow their users greater interaction with the subject matter. The *SmartHistory* flybys are useful, but follow a strict path. They do

62 "The Making of Charlemagne's Europe (768-814)," *Research Projects: King's College London* (2012); "Welcome!," *The Making of Charlemagne's Europe*.

63 "Home," *The Prosopography of Anglo Saxon England*.

64 J. Nangle, "Deus Vult! Social Networks in Crusader Kings 2," *An Quant Ar Buile* (2017).

not allow the investigation of the medieval built environment provided by *Assassin's Creed*. The battlegrounds of the *Total War* series allow an exploration of the geography and troop compositions in a manner which cannot be matched by traditional maps. *Crusader Kings II* with its complex and detailed world permits the thorough exploration of an abstract medieval society in different ways from traditional academic approaches. As such, these game worlds could provide a similar yet distinct tool from other digital approaches. They could provide a more complete and interactive, if more abstract, vision of the past.

Analysis through Game Structure

While game worlds can present historical data, game structure offers a much more innovative and useful tool for looking at the past.⁶⁵ The game rules present the ideas and theories which have been used to construct this model through procedural rhetoric.⁶⁶ They create systems based explanations rather than simple narrative accounts.⁶⁷ Indeed, they must do this for the game to function.⁶⁸ Through the construction of these mechanics games may become closer to academic texts: by expressing these arguments through algorithms, the creators of these games conduct historical argument and compose elaborate systems of analysis to support this argument.⁶⁹ This analysis may be un-

65 Chapman, "Privileging Form Over Content," 42; McCall, "Navigating the Problem Space," 9; Elliott and Kapell, "Introduction: To Build a Past That Will 'Stand the Test of Time'—Discovering Historical Facts, Assembling Historical Narratives," 14; Elliott, "Simulations and Simulacra," 23.

66 Bogost, "The Rhetoric of Video Games"; Brown, *Videogames and education*, 118; I. Bogost, *Persuasive games: the expressive power of videogames* (Cambridge, Mass., 2010); Spring, "Gaming history," 215; A. Chapman, "Affording History: Civilization and the Ecological Epiproach," in *Playing with the past: digital games and the simulation of history*, ed. M. Kapell and A.B.R. Elliott (New York, 2013), 61–73, at p. 67; Carvalho, "Videogames as Tools for Social Science History," 812.

67 G. Frasca, "Simulation versus Narrative," in *The Video Game Theory Reader*, ed. M. Wolf and B. Perron (New York, 2003), 221–35; W. Uricchio, "Simulation, History, and Computer Games", in *Handbook of Computer Game Studies*, ed. J. Raessens and J. Haskell Goldstein (Cambridge, Mass, 2005), 327–38; McCall, "Navigating the Problem Space," 9; McCall, "Historical Simulations as Problem Spaces: Criticism and Classroom Use".

68 McCall, "Historical Simulations as Problem Spaces: Criticism and Classroom Use"; Fullerton, *Game design workshop*.

69 Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," 315, 319.

conscious,⁷⁰ but is nevertheless a form of history and very often is well rooted in historical scholarship. The core difference between the analysis produced within games and that provided in other media is that game mechanics, and hence the arguments they present, must be internally coherent and consistent and provide a holistic model for the worlds they support. While other media can certainly be used to present complex and intelligent historical arguments in an effective manner, they are not required to do so by their very nature.

The most typically cited examples of game mechanics representing historical arguments deal with large geopolitical issues and focus on the strategy game genre. The *Total War* series presents models of politics, society, and religion and in doing so presents historical theories.⁷¹ The grand strategy games produced by *Paradox Interactive*, including *Crusader Kings II* and *Europa Universalis IV* develop arguments within the same areas.⁷² The *Patrician* series presents a model of supply and demand.⁷³ *Civilization* presents complex, if somewhat unbalanced,⁷⁴ arguments about the rise and fall of great powers.⁷⁵ The ability of games of this genre to engage students with historical arguments is well documented⁷⁶

70 Poblocki, “Becoming-state: The bio-cultural imperialism of Sid Meier’s Civilization,” 164; Chapman, “Is Sid Meier’s Civilization history?,” 320.

71 R.D. Peterson, A.J. Miller, and S.J. Fedorko, “The Same River Twice: Exploring Historical Representation and the Value of Simulation in the Total War, Civilization and Patrician Franchises,” in *Playing with the past: digital games and the simulation of history*, ed. M. Kapell and A.B.R. Elliott (New York, 2013), 33–48, at pp. 41–42; Spring, “Gaming history,” 211.

72 T. Apperley, “Modding the Historians Code: Historical Versimilitude and the Counterfactual Imagination,” in *Playing with the past: digital games and the simulation of history*, ed. M. Kapell and A.B.R. Elliott (New York, 2013), 185–98; Spring, “Gaming history,” 211.

73 Peterson, Miller, and Fedorko, “The Same River Twice,” 42.

74 C. Douglas, “‘You Have Unleashed a Horde of Barbarians!’: Fighting Indians, Playing Games, Forming Disciplines,” *Postmodern Culture* 13, n^o 1 (2002); R. Mir and T. Owens, “Modeling Indigenous Peoples: Unpacking Ideology in Sid Meier’s Colonization,” in *Playing with the past: digital games and the simulation of history*, ed. M. Kapell and A.B.R. Elliott (New York, 2013), 91–106; S. Ortega, “Representing the Past: Video Games Challenge to the Historical Narrative,” *Syllabus* 4, n^o 1 (2015): 1–13, at p. 3; E.J. Bembeneck, “Phantasms of Rome: Video Games and Cultural Identity,” in *Playing with the past: digital games and the simulation of history*, ed. M. Kapell and A.B.R. Elliott (New York, 2013), 77–90; D. Ford, “‘eXplore, eXpand, eXploit, eXterminate’: Affective Writing of Postcolonial History and Education in Civilization V,” *Game Studies* 16, n^o 2 (2017).

75 Peterson, Miller, and Fedorko, “The Same River Twice,” 43.

76 A. Whelchel, “Using Civilization Simulation Video Games in the World History Classroom,” *World History Connected* 4, n^o 2 (2007); McMichael, “PC Games and the Teaching of History”; J.K. Lee and J. Probert, “Civilization III and Whole-Class Play,” *The Journal of Social Studies Research* 34, n^o 1 (2010), 1–28; Pagnotti and Russell, “Using Civilization IV to Engage Students in World History Content”; Ortega, “Representing the Past”.

and they have substantial potential to communicate research theories.⁷⁷ With greater depth of research and more formalised analysis and referencing similar games could be produced to present nuanced and effective scholarly arguments.

Arguments posited through game mechanics are not restricted to structural or ‘great man’ history, they can also provide arguments in other fields. *Assassin’s Creed* provides a ground level view of society beyond the ruling elite in several periods of history presenting arguments about how these societies functioned while highlighting the personal impact of pivotal events.⁷⁸ Settlement management games such as the *Caesar* series and *Banished* create arguments about social dynamics but also regarding environmental history through rules governing agriculture and consumption.

Debate through Game Play

The data displayed through a game’s world and the varied arguments presented through its structure may be interrogated through play. Several authors have noted the limitations game structure places on a game’s presentation of history: as a working model must be constructed for the game to function, the game’s mechanics can only display a singular viewpoint.⁷⁹ However, while this does mean that a game’s mechanics are not well suited to present varied and conflicting arguments, it does not follow that games cannot be used to discuss these issues. Where the game world can present information and game structure demands the portrayal of functioning, if simplified, arguments, gameplay allows these arguments to be examined, tested, and challenged. Critical gameplay could allow the player to observe the limitations or even shortcomings of the data presented through the game world and the analysis presented by the game structure.

Criticism of historical accuracy in games very often represents a (somewhat) critical reading of the data presented through the game’s world. Historical accuracy is a recurrent theme in the consideration of historical games

⁷⁷ Chapman, “Affording History,” 322–26.

⁷⁸ Spring, “Gaming history,” 212.

⁷⁹ Uricchio, “Simulation, History, and Computer Games,” 328; Galloway, *Gaming*, 104; McCall, “Historical Simulations as Problem Spaces: Criticism and Classroom Use”.

by designers, players, and historians.⁸⁰ While the concept is nebulous and often distracts from deeper discussion of games these criticisms are relevant here.⁸¹ By highlighting perceived shortcomings in the game world, players criticise the presentation of data within the game and, by extension, criticise the data which the creators choose to present. These criticisms are often superficial and do not consider the broader implications of design decisions regarding this data. Nevertheless, they represent an informal type of historical debate in a format which could be well suited to more academic discussion.

Criticism of mechanics is less common, but may represent a deeper consideration of the arguments presented through a game's structure. Ortega has highlighted criticism of the expansionist tendencies encouraged by *Civilization V*: players (in this case Ortega's students) recognise the ahistorical outcome they produce.⁸² He notes a demand for decline mechanics to balance this expansion and more closely mirror historical outcomes.⁸³ Through the development of these criticisms through play the players engage with the arguments presented through the game rules and mirror academic criticisms of the models used within *Civilization V* and similar games.⁸⁴ The game may present one particular view of history, but this does not prevent the scholarly debate or dismissal of this viewpoint. By raising these criticisms in a more formal manner gamers and designers could discuss the historical arguments presented in games in the same way that scholarly historians discuss arguments posed in monographs and articles.

The interactive nature of games could facilitate this interrogation. As games demand engagement with their mechanics to progress, players are obliged to conduct a close reading of the argument posited by a game's

80 D. Floyd and J. Portnow, *Historical Games - Why Mechanics Must Be Both Good and Accurate*, Extra Credits; Champion, *Critical Gaming*; Copplestone, "But that's not accurate".

81 S. Poole, *Trigger happy: the inner life of videogames* (London, 2000), 77; Elliott and Kapell, "Introduction: To Build a Past That Will 'Stand the Test of Time'- Discovering Historical Facts, Assembling Historical Narratives," 9–10; J. McCall and A. Chapman, "Discussion: Historical Accuracy and Historical Video Games (Part 1)," *Gaming the Past: Historical Video Games in the Classroom and Beyond* (2017).

82 Ortega, "Representing the Past," 2.

83 Ortega, "Representing the Past," 4.

84 Whelchel, "Using Civilization Simulation Video Games in the World History Classroom"; McMichael, "PC Games and the Teaching of History," 214.

creators. Rather than narrowing the utility of games as historical tools this quality could realign their value. Through play, gamers may identify inconsistencies within game worlds and structures. For example, *Assassin's Creed II* demands the player explore the digital representations of the built environments of several cities of the Italian renaissance. To progress the plot, the player must traverse the streets and rooftops of these environments, observing key locations and individuals from diverse angles. This has encouraged engagement with the real historical environments on which these digital recreations are based which has led to criticism of their shortcomings, such as the anachronistic representation of the façade of Santa Croce in Florence within the game.⁸⁵ Likewise, through their construction of strategies to progress within a game, players may expose exploits within game mechanics highlighting logical flaws in the game's arguments which allow unintuitive behaviour to allow successful results. The player interrogation of *Civilization V* reported by Ortega and its highlighting of the shortcomings of the game's representation of imperialism and expansionism was driven by a desire to win the game.⁸⁶ The interactivity of games demands the player's engagement in a different manner from academic literature and could prompt the investigation of different arguments and avenues of thought.

The collaborative and ongoing authorship of many games could allow the proposition and construction of counter-arguments in a ludic format. Games are increasingly released in an unfinished or semi-finished state. Early access and Beta Testing allows the interrogation of a game's world and structure prior to release and feedback from this play is incorporated into the published version of the game. This is in effect the adjustment of the data and arguments presented by the product. After release, designers continue to adjust these data and arguments through patches, downloadable content, and formal expansions. The substantial downloadable content available for games like *Crusader Kings II* represents numerous iterations, expansions and rebuttals of the core arguments presented by the game. These are driven in part by a desire to improve game balance and player experience but

85 Dow, "Historical Veneers: Anachronism, Simulation, and Art History in *Assassin's Creed II*," 220–21.

86 Ortega, "Representing the Past".

refining mechanics and introducing new elements to provide a clearer and more nuanced image and argument about the period form a fundamental element of this continued development. Through appropriate criticism and research this could be an academically sound form of ongoing debate.

Players could take part in this negotiation of arguments directly. At the most basic this would be a matter of adjusting settings within the game: tweaking mechanics and data to provide a vision of the past which the player feels to be more authentic. The proliferation of user modification facilities built into many historical games enables players to adjust these data and arguments more thoroughly without recourse to the developers.⁸⁷ They become creators of the game and hence creators of history. With a critically created game, they could become creators of academic history.

As a result, modern games are often evolving and mutating texts. Designers can rebalance play or add new content.⁸⁸ Spring has highlighted the iterative nature of game design and its similarities to the traditional historical process, suggesting that the production of a scholarly game requires the revision and reworking of arguments and hence mechanics throughout the design process.⁸⁹ However, the collaborative and ongoing authorship of games allows the extension of this process beyond the initial release of the game. Players themselves can alter the appearance and rules of a game and through this could engage in debate regarding the data and analysis represented therein.

The following case study will argue that from an academic perspective this means that games are not merely representations of data or arguments or even a means of exploring theories. They are living documents which could allow historical debate. If gameplay demonstrates a questionable mechanic or an unexpected outcome, its creators or players may take steps to challenge and improve the model used by the game: they could elaborate and develop the theory represented by the game mechanics. In this way, players, through their modification of the game, could conduct historical argument in the same way as the creators of the game. The example here

⁸⁷ McCall, "Video Games as Participatory Public History," 414–16.

⁸⁸ Humicke, LeBlanc, and Zubeck, "MDA: A formal approach to game design and game research," 4.

⁸⁹ Spring, "Gaming history," 218.

demonstrates the presentation of data, development of arguments, and creation of counterarguments in an informal manner, but there is little reason why all of these elements could not be conducted in a more scholarly style through a similar game. If this is the case historical games should therefore be viewed not only as an output of history, but as a process by which historical arguments are developed, challenged, and revised.

Case Study: *Mount and Blade: Warband*

The evolving representations of combat in *Mount and Blade: Warband* provides a valuable if informal example of the full historical process outlined above. Within the game players act as the leader of a mercenary warband in a fictional world named Calradia with strong parallels to Medieval Europe of the twelfth or thirteenth century. Play is sandbox with no fixed victory conditions or score, the player can focus on trade, banditry, military service under one of several rulers, or competition in martial tournaments. They can become vassals of rulers holding their own lands or even establish kingdoms of their own. Gameplay is a hybrid of first person combat, roleplay, pauseable realtime strategy, and economic management. Through these varied and overlapping elements the game presents a range of information and several arguments about the medieval world, the most prominent of which relate to combat.

First person combat is a core element of *Mount and Blade* and the game world presents substantial information pertinent to warfare. A huge variety of weapons and armour are provided with graphical models based on examples from the medieval period. Soldiers of different factions are presented based closely on the troops employed across Europe, the Steppes and the Middle East. Heavily armoured knights appear in the Swadian faction which is based largely on the forces active in Germany in this period. Lightly equipped horse-archers based on those used by the Mongols and other steppe tribes of the central and later middle ages are available to Khergit forces. Beyond these historical influences, a great deal of attention has been given to creating visual models of castles and fortified towns which are in keeping with the setting and its medieval basis. The game world creates a vision of medieval armies and of their environment. It selects and presents historical data.

Each item of equipment is assigned a series of statistics. Some of these are concrete addressing the item's dimensions, weight, or whether it was designed to slash, pierce or bludgeon an opponent. Some are more abstract presenting the speed at which the weapon can be used to attack or how strong a character must be to effectively use the weapon. Characters possess quantified physical attributes – including strength and agility - and skills – such as their ability with different types of weapon. Horses have statistics addressing their speed, manoeuvrability and durability. A vast amount of information is presented, and this again represents the selection and presentation of historical data.

These statistics tie the data of the game world to the mechanics of the game structure. Interactions between these values are dictated by rules which determine the effectiveness of a particular weapon in the hands of a particular character under particular circumstances. Strong, well trained warriors wielding heavy weapons deal more damage to their opponents than weaker, untrained peasants armed only with farm tools. Lightly armed and armoured characters move faster than more heavily encumbered rivals. Horsemen are considerably faster on flat open terrain than infantry, but lose this advantage in steeper or more broken landscapes. These mechanics equate to some basic but coherent arguments about warfare in the middle ages.

These mechanics also represent and allow some more detailed analysis regarding medieval warfare, most notably through the application of the physics based system on which combat is based. Damage dealt by weapons is determined in part by common abstract methods such as the attacker's strength and the effectiveness of the weapon, and the defender's toughness and armour. But in addition to these common abstract gaming mechanics, *Mount and Blade* determines damage through the speed at which the attacker is moving.⁹⁰ The player can increase the damage they deal by charging their opponent. When attacking from the saddle while moving at full speed damage increases dramatically.

In deploying these mechanics, the creators of *Mount and Blade* present a historical theory: Medieval troops were more effective when they charged, and this was particularly the case for mounted warriors. This conforms to popular understanding and traditional academic interpretations

⁹⁰ *Mount and Blade: Warband Manual* (2010), 46–47.

of medieval warfare, which focus on the dominance of armoured knights on the battlefield.⁹¹ In the game horsemen, especially knights, are incredibly effective as long as they are able to maintain momentum. If terrain or press of troops prevents their movement they can easily become vulnerable. The core theory and its justification are rooted in a school of historical thought and the game demonstrates this through its physics engine. The creators of the game have presented a historical argument.

Through play the game's audience have interrogated this argument. This is reflected through numerous forum threads which highlight the shortcomings of the model (and hence the argument) used by the game.⁹² If handled well, even a small group of knights can systematically demolish much larger forces of foot soldiers in all but the roughest terrain. The reasons for this rest with the mechanics and the limitations of the argument which they represent. There is no fatigue function. Troops will always move as quickly and fight as effectively as they did when they first entered the battle. As a result, knights never lose their potential for mobility and hence retain their ability to deliver powerful charges. Likewise, combat effectiveness is not reduced by injury. The horse and its rider can sustain a fixed amount of punishment before expiring, but until this point they operate just as effectively as when they first entered combat. This issue is further aggravated by the restrictive nature of the tactics employed by computer controlled opponents. The AI tends to form its forces into wide but shallow lines which are ill equipped to stop charges. The shortcomings of the model used by the game highlight gaps in the theory presented through its structure. By highlighting these issues, players provide a critique of the analysis presented by the game.

In continuation of this critique players have developed counter arguments by adjusting *Mount and Blade*. A substantial number of user modifications have been produced to address perceived shortcomings within the

91 J.F. Verbrugen, "The Role of the Cavalry in Medieval Warfare," *Journal of Medieval Military History* 3 (2005).

92 Variton, "Swadian knights overpowered? solutions?," *Tale Worlds* (2010); Too_Weak_to_fight, "Why are swadian knights so OP?," *Tale Worlds Forum* (2011); Jarlaxe, "Are swadian knights good?," *Steam Community Discussions, Mount & Blade: Warband* (2017).

game or to expand its scope. Several of these user modifications include elements which counter the power of cavalry charges to some extent. *Brytenwalda* is a total conversion modification, making changes throughout the game. It transposes the setting from the fictional Calradia to the British Isles in the seventh century, but also makes substantial changes to combat, diplomacy, economy, and numerous other elements within the game. Of most significance here, *Brytenwalda* introduces the concept of fatigue. Troops become tired as they perform strenuous activities such as running or fighting. This reduces their capacity for combat causing them to move more slowly and to deal less damage. This in turn curbs the power of cavalry charges, it is no longer viable to charge a group of knights around the battlefield indefinitely. *Brytenwalda* adjusts *Mount and Blade*'s game mechanics and hence elaborates on the original game's historical argument.

The *Formations and AI* user modification counters the issue of over-mighty cavalry in a different way. This mod presents new options to players and their computer opponents when organising troops, enabling the deployment of deeper formations of foot soldiers which are more able to withstand a cavalry charge. The creators of the forthcoming *Mount and Blade II: Bannerlord* have taken a similar approach, developing more complex battlefield AI on a tactical level.⁹³ Like *Brytenwalda*, *Formations and AI* and *Mount and Blade II* augment the mechanics of the original *Mount and Blade* and hence nuance the core game's argument.

The creation, play, and modification of *Mount and Blade* therefore represents the presentation of historically grounded data and arguments and the examination, evaluation and modification of this information and analysis. The designers and players of the game contribute to this discussion and in doing so are in effect conducting history. The fictional nature of the game setting does not make these discussions redundant: the broad scope of the discussion outlined above is easily applicable to historical case studies. Indeed, expansions to the game have retained the core game mechanics, but moved the setting to Viking Era Britain, seventeenth century

⁹³ R. Scott-Jones, "How Mount & Blade 2: Bannerlord simulates its huge medieval battles," *PC Games News* (2017).

Eastern Europe, and Europe during the Napoleonic Wars. The game is very different from traditional academic outputs not only in its presentation of information and arguments, but also as the play and modification of the game represents an ongoing and evolving discussion.

The creators, players, and modders of *Mount of Blade* are generally not academic historians. The data, analysis and debate they create through the game are often incomplete, ad hoc, or based on a sparse or non-existent source base. The game and its mods are not intended as academic tools or outputs, but rather as entertainment products. However, the depth and complexity of these elements as represented through game world, rules and play demonstrates the potential of similar games to address fundamental historical issues through more careful and well resourced research and more thoroughly evidenced source material.

Difficulties and Shortcomings

Digital games could therefore act as viable supporting tools for the presentation and discussion of history in a formal manner. There are nevertheless several issues which must be addressed when considering games as potential research tools. These concerns do not supersede the potential value of games in support of historical study, and there are several ways in which these issues may be resolved or at least alleviated. However, these difficulties must be acknowledged and understood.

Perhaps most importantly, there is a substantial difference between the goals of the creators of commercial games and those of academic scholarship. Even when creating games which revel in their historical accuracy or authenticity, designers are under pressure to produce a product which is entertaining, conforms to the world view of their audience, and, ultimately, will sell.⁹⁴ As Salvati and Bullinger correctly note, this means that game designers are typically obliged to privilege “story, genre, and details over critical analysis or the production of new historical knowledge”.⁹⁵ While enjoy-

94 McCall, “Video Games as Participatory Public History,” 407.

95 A.J. Salvati and J.M. Bullinger, “Selective Authenticity and the Playable Past,” in *Playing with the past: digital games and the simulation of history*, ed. M. Kapell and A.B.R. Elliott

ability is far from incompatible with academic outputs, any viable academic game would have to derive its entertainment value as a product of engaging critical analysis. There would certainly be an audience for this sort of game and they could represent the logical conclusion of the player led drive for authenticity in historical games, but this audience may be a different or smaller cohort than more general consumers of commercial games.

Genre conventions may also present barriers to the production of academic games. Salvati and Bullinger note that shooter games such as *Call of Duty* and *Medal of Honour* tend to do less to prompt historical engagement and debate than strategy games such as *Civilization* as these shooter games use historical authenticity to immerse their players in the game world rather than to drive a narrative or to power mechanics.⁹⁶ Chapman has developed a valuable model of this varied use of historical authenticity in games presenting a scale between Realist Simulations, which use authenticity to immerse the player, and Conceptual Simulations, which focus instead on developing historically authentic rulesets.⁹⁷ Commercial shooters and role playing games tend to exist at the Realist end of this spectrum which undermines their ability to present arguments and hence their use as academic games. However, this may be more a product of convention than necessity. Much of mount and blade is conducted as a shooter, but the format of the game nevertheless has substantial potential as a discussion of history. Likewise, strategy games such as *Crusader Kings II* make extensive use of a roleplaying system which augments their game mechanics and the arguments this produces about the medieval world.

Beyond this, different individual players and groups of players interact with games in different ways.⁹⁸ Despite diverse and extensive discussion on game forums which is often well informed and sometimes demonstrative of elaborate critical thinking, the majority of players do not engage with historical games through an academic lens. The full exploration of a custom built and academically rigorous historical game requires a player, or

(New York, 2013), 153–67, at p. 153.

⁹⁶ Salvati and Bullinger, “Selective Authenticity and the Playable Past,” 156–57.

⁹⁷ Chapman, *Digital games as history*, 59–72.

⁹⁸ Carr, “The Trouble with Civilization,” 225.

group of players, who is willing and able to engage not only with the history presented within the game, but with its sources and with other materials. Finding an appropriate audience may be a challenge for games of this nature, but given the interest in historical digital games within and outside the academy this should not be insurmountable.

Likewise, only a small fraction of players engages with the creation of user modifications. The importance of these modifications to facilitate historical debate within games demands the presence of a player base which is comfortable adjusting the world and rules of the game and thereby creating counter propositions and arguments. A potential resolution to this issue is the training of a target audience in the skills necessary to modify the academic historical game, but a more effective method would be to ensure that any such game could be easily and intuitively modified without any specialist skills.

At a fundamental level, games present an abstract picture of the past.⁹⁹ Details must be simplified and standardised to fit within the world model. Missing information must be created to avoid gaps in the game world. The unknown or unknowable must be constructed from reasonable assumptions or conclusions. Information must be presented in an accessible manner which can easily lead to further simplification. Games do not model the past but rather a modern image of the past extrapolated from a handful of research points.¹⁰⁰ This obviously creates an issue in reconciling games with academic historical research. Fabrication of data, or even estimation is often seen as undermining the validity of games as historical tools. However, as several authors have noted, this is what all historians do in order to produce images of the past.¹⁰¹ We cannot know all the details as sources have not survived or are contradictory; we have to extrapolate the most likely scenario from this limited information. Conversely, we cannot conduct in depth research into every source relevant to a period. We must rely on the knowledge and analysis of other historians to build our

99 McCall, "Video Games as Participatory Public History," 407.

100 Elliott, "Simulations and Simulacra," 29–31.

101 Carr, *What is history?*, 9; McCall, "Historical Simulations as Problem Spaces: Criticism and Classroom Use"; Chapman, "Privileging Form Over Content," 43–44; Chapman, "Is Sid Meier's Civilization history?," 322–25.

models. The world and structure of games at a root level are not so different from academic texts: they present extrapolations from limited data in order to construct complex arguments. A further issue is that of citation. Designers do not typically demonstrate the origin of their information.¹⁰² This substantially undermines their utility as research tools, but in terms of the basic images and statistics presented by a game this is fairly easy to remedy. The *Civilization* series has employed an in game encyclopaedia (the *Civilopedia*) since the first iteration of the game. This encyclopaedia provides basic, and often problematic, information about military units and urban improvements. As Carvalho notes,¹⁰³ *Crusader Kings II* cites external sources in support of many of the characters appearing within the game, providing in game hyperlinks to relevant Wikipedia articles. While both of these approaches are still far from academically rigorous, they demonstrate the feasibility of providing evidence of academic research within a game. All that is needed are links to more reputable sources.

Explanations and justifications of game mechanics, and hence game arguments, would be more difficult implement. Rigorous historical justification of game rules will typically require more detail and hence more text than the identification of the origin of data. This could be achieved in game: the *Civilopedia* contains information about game rules and occasional justifications for the enforcement of these rules. However, over-reliance on these textual solutions can potentially break up game play and hence undermine much of the unique potential of games as research tools. A more intuitive and less intrusive method of providing this information could increase the utility of games in historical scholarship.

More significantly, the amount of information conveyed to the player must be carefully managed. Concealment of game mechanics from the player can undermine the potency of the arguments represented by the game.¹⁰⁴ Conversely, an over-abundance of data and mechanics can obscure the key points and arguments of a game. Simpler and more open games could al-

102 Carvalho, "Videogames as Tools for Social Science History," 811.

103 Carvalho, "Videogames as Tools for Social Science History," 811–12.

104 Antley, "Going Beyond the Textual in History".

leviate this issue, focusing on a small group of interconnected arguments presented in depth with almost all mechanics on display. Games do not have to be mechanically complex to provide useful explorations of history. In fact, more straightforward mechanics could create clearer and more focused arguments. They could also support interrogation and alteration of these arguments by facilitating easier modification.

Finally, there are also resourcing and financial issues surrounding the use of games as research tools. Carvalho has observed the substantial expense of producing a scholarly game and the difficulties in producing a collaborative project with input across very different disciplines.¹⁰⁵ To a certain extent these issues can be resolved through the simplification of game design. However, the divergence in skillsets between game creation and historical research dictate that the production of games as research tools will typically necessitate interdisciplinary collaboration and a substantial commitment of time and resources.

Conclusion

The unique nature of games allows them to present historical data, analysis, and debate in non-traditional but potentially effective ways. As argued above, Aarseth's model provides an important framework which can be readily adapted beyond its author's original intent. The world presented by historical games is built on and displays historical data whether in the form of visual reconstructions or statistical records. Their structure develops this data into historical arguments and analysis. This allows the game's players and designers to investigate these arguments through play and ultimately to challenge the analysis presented in the game through modifications of its world and structure. These three elements are of fundamental importance to historical study and although games express them in very different ways and in an informal manner this does not in itself undermine their validity as academic resource tools.

The inclusion of gameplay and the consideration of players as authors counters Clyde et al.'s concerns regarding the ability of games to portray

¹⁰⁵ Carvalho, "Videogames as Tools for Social Science History," 818–19.

historical arguments and historiography.¹⁰⁶ While there are certainly difficulties in presenting historiographical trends or multiple viewpoints within the world and structure of a game, game play facilitates the discussion and debate of these issues.¹⁰⁷ This capacity for debate is of fundamental importance to the value of games as research tools and ease and clarity of modification should hence be a central element in the design of such games.

Games present a number of challenges in creating academically rigorous outputs. However, these challenges can largely be overcome through a more stringent and open creation process. This more careful and thorough approach is also of value to players and creators – it can help support demands for greater authenticity within games, potentially boosting sales and creating a more engaging and immersive experience.

Some of these practical issues could be resolved through the use and development of board games. These games share many of the properties of digital games and, as Antley notes, board games have great potential as historical tools: the nature of this genre requires rules to be simple enough for players to understand and enact, and also demands that these rules be clearly visible to players.¹⁰⁸ This not only provides the potential for clearer communication of historical arguments through more open mechanics, but could also facilitate debate through easier modification. While an understanding of how arguments and mechanics interact would be required, there would be no corresponding need for complex and technical computing skills or the devotion of substantial resources. Players of historical board games could conduct history in much the same way as players of digital games. There are some differences in the capacities of the two genres – board games are less capable of presenting data and images for example – but the relative accessibility of board game design could be hugely beneficial to their utility as research tools and processes.

A viable process for such a prototype could involve the construction of a simple board game by a small interdisciplinary group spanning the

106 Clyde, Hopkins, and Wilkinson, “Beyond the ‘Historical’ Simulation”.

107 Antley, “Going Beyond the Textual in History”; Chapman, “Is Sid Meier’s Civilization history?,” 316–18.

108 Antley, “Going Beyond the Textual in History”.

fields of history, game design, and game studies. This game would focus on a single issue within a finite historical event with a relatively substantial corpus of primary and secondary sources. A specific research question and initial statement of argument would be formulated. Relevant data drawn and extrapolated from the primary sources would form the basis of the game world and mechanics representative of the argument would be created. The game would then be released to a larger group of historians familiar with the game's theme and its textual and historiographical background. These historians would play the game and critique its world and mechanics and hence the data and arguments they represent. On the basis of this feedback and debate, new iterations of the game would be produced to reflect nuances in analysis and development of counterarguments. The game would represent a research output, but would also facilitate ongoing conduct of informed historical debate.

Ultimately, digital games can never replace traditional academic outputs. They are too different as media. However, games could provide new perspectives on historical data and arguments by allowing their presentation and exploration in a different and perhaps more thorough manner. More significantly, through play these games could allow the discussion and development of these data and arguments. Games could be more than research outputs, they could represent research tools and processes in and of themselves.

BIBLIOGRAPHY

- Aarseth, Espen. "Playing Research: Methodological Approaches to Game Analysis." *Game Approaches/SPil-veje. Papers from Spilforskning.dk Conference* (2004): 1-7.
- Alcázar, Juan Francisco Jiménez. "The Other Possible Past: Simulation of the Middle Ages in Video Games." *Imago Temporis* 5 (2011): 299-340.
- Antley, Jeremy. "Going Beyond the Textual in History". *Journal of Digital Humanities* 1, no.2 (2012).
- Bogost, Ian. "The Rhetoric of Video Games." In *The Ecology of Games: Connecting Youth, Games, and Learning*, edited by Katie Salen, 117-140. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008.
- Brown, Harry J. *Videogames and Education*. Armonk, NY: M. E. Sharpe, 2008.
- Carr, Diane. "The Trouble with Civilization." In *Videogame, Player, Text*, edited by Barry Atkins and Tanya Krzywinska, 222-236. Manchester, UK: Manchester University Press, 2007.
- Carr, Edward Hallett. *What is history?*. London: Macmillan, 1961.
- Carvalho, Vinicius Marino. "Videogames as Tools for Social Science History." *Historian* 79, no.4 (2017): 794-819.

- Champion, Erik. *Critical Gaming: Interactive History and Virtual Heritage*. Farnham, Surrey: Ashgate, 2015.
- Chapman, Adam. "Privileging Form Over Content: Analysing Historical Videogames." *Journal of Digital Humanities* 1, no.2 (2012): 42–46.
- Chapman, Adam. "Is Sid Meier's Civilization history?." *Rethinking History: The Journal of Theory and Practice* 17, no.3 (2013): 312-332.
- Chapman, Adam. *Digital Games as History: How Videogames Represent the Past and Offer Access to Historical Practice*. New York, NY: Routledge, 2016.
- Clyde, Jeremie, Howard Hopkins, and Glenn Wilkinson. "Beyond the 'Historical' Simulation: Using Theories of History to Inform Scholarly Game Design." Loading... *The Journal of the Canadian Game Studies Association* 6, no.9 (2012): 3-16.
- Copplestone, Tara Jane. "But That's Not Accurate: The Differing Perceptions of Accuracy in Cultural-heritage Videogames Between Creators, Consumers and Critics." *Rethinking History* 21, no.3 (2017), 415-438.
- Costikyan, Greg. "I Have No Words and I Must Design," In *The Game Design Reader: A Rules of Play Anthology*, edited by Katie Salen and Eric Zimmerman, 192–211. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.
- De Groot, Jerome. *Consuming History: Historians and Heritage in Contemporary Popular Culture*. New York, NY: Routledge, 2016.
- Douglas, Christopher. "'You Have Unleashed a Horde of Barbarians!': Fighting Indians, Playing Games, Forming Disciplines." *Postmodern Culture* 13, no.1 (2002). <https://muse.jhu.edu/>
- Egenfeldt-Nielsen, Simon. *Beyond Edutainment: Exploring the Educational Potential of Computer Games*. S.l., 2010.
- Elliott, Andrew B. R. "Simulations and Simulacra: History in Video Games." *Práticas da História* 5 (2017): 11–41.
- Elliott, Andrew B. R., and Matthew Wilhelm Kapell, eds. *Playing with the Past: Digital Games and the Simulation of History*. London: Bloomsbury, 2013.
- Ford, Dom. "'eXplore, eXpand, eXploit, eXterminate': Affective Writing of Postcolonial History and Education in Civilization V." *Game Studies* 16, no.2 (2017).
- Frasca, Gonzalo. "Simulation versus Narrative." In *The Video Game Theory Reader*, edited by Mark J. P. Wolf and Bernard Perron, 221-235. New York, NY: Routledge, 2003.
- Fullerton, Tracy. *Game Design Workshop: A Playcentric Approach to Creating Innovative Games*. 2nd ed. Amsterdam: Elsevier, Morgan Kaufmann Publishers, 2008.
- Galloway, Alexander R. *Gaming: Essays on Algorithmic Culture*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2006.
- Hill, Melvin G. "Tale of Two Fathers: Authenticating Fatherhood in Quantic Dream's Heavy Rain: The Origami Killer and Naughty Dog's The Last of Us." In *Pops in Pop Culture*, edited by Elizabeth Podnieks, 159-176. New York: Palgrave Macmillan, 2016.
- Hunicke, Robin, Marc LeBlanc, and Robert Zubeck. "MDA: A formal approach to game design and game research." *Proceedings of the Challenges in Games AI Workshop, Nineteenth National Conference of Artificial Intelligence* (2004): 1–5.
- Juul, Jesper. *Half-real: Video Games Between Real Rules and Fictional Worlds*. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.
- Kee, Kevin, and John Bachynski. "Outbreak: Lessons Learned from Developing a 'History Game'". Loading... *The Journal of the Canadian Game Studies Association* 3, no.4 (2009): 1-14.
- Komel, Mirt. "Orientalism in Assassin's Creed: Self-orientalizing the assassins from fore-runners of modern terrorism into occidentalized heroes." *Teorija in Praska* 51 (2014): 72–90.
- Lee, John K., and Jeffrey Probert. "Civilization III and Whole-Class Play." *The Journal of Social Studies Research* 34, no.1 (2010): 1–28.

- MacCallum-Stewart, Esther, and Justin Parsler. "Controversies: Historicising the Computer Game." *Situated Play, Proceedings of DiGRA 2007 Conference* (2007): 203-210.
- McCall, Jeremiah. "Historical Simulations as Problem Spaces: Criticism and Classroom Use." *Journal of Digital Humanities* 1, no.2 (2012).
- McCall, Jeremiah. "Navigating the Problem Space: The Medium of Simulation Games in the Teaching of History." *History Teacher* 1 (2012): 9-28.
- McCall, Jeremiah. "Video Games as Participatory Public History." In *A companion to public history*, edited by David M Dean, 405-416. Hoboken, NJ: Wiley, 2018.
- McMichael, Andrew. "PC Games and the Teaching of History." *The History Teacher* 40, no.2 (2007), 203-218.
- Nicholls, Matthew. "Digital Visualisation in Classics Teaching and Beyond." *Journal of Classics Teaching* 17, no.33 (2016): 27-30.
- Ortega, Stephen. "Representing the Past: Video Games Challenge to the Historical Narrative." *Syllabus* 4, no.1 (2015): 1-13.
- Pagnotti, John, and William B. Russell. "Using Civilization IV to Engage Students in World History Content." *The Social Studies* 103, no.1 (2012), 39-48.
- Poblocki, Kacper. "Becoming-state: The Bio-cultural Imperialism of Sid Meier's Civilization." *Focaal - European Journal of Anthropology* 39 (2002), 163-177.
- Poole, Steven. *Trigger Happy: The Inner Life of Videogames*. New York, NY: Arcade Publishing, 2000.
- Poremba, Cindy. "Patches of Peace: Tiny Signs of Agency in Digital Games." *DiGRA International Conference: Level Up*, Utrecht, the Netherlands (2003).
- Rosenstone, Robert A. *History on Film/ Film on History*. Harlow: Pearson Longman, 2006.
- Sarikakis, Katharine, Claudia Krug, and Joan Ramon Rodriguez-Amat. "Defining Authorship in User-generated Content: Copyright Struggles in The Game of Thrones." *New Media & Society* 19, no.4 (2017): 542-559.
- Spring, Dawn. "Gaming History: Computer and Video Games as Historical Scholarship." *Rethinking History* 19, no.2 (2015): 207-221.
- Taylor, Tom. "Historical Simulations and the Future of the Historical Narrative." *Journal of the Association for History and Computing* 6, no.2 (2003), 1-5.
- Uricchio, William. "Simulation, History, and Computer Games." In *Handbook of Computer Game Studies*, edited by Joost Raessens and Jeffrey Haskell Goldstein, 327-338. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.
- Verbruggen, J. F. "The Role of the Cavalry in Medieval Warfare." *Journal of Medieval Military History* 3 (2005): 46-71.
- Vosmeer, Mirjam, and Ben Schouten. "Interactive Cinema: Engagement and Interaction." in *Interactive Storytelling*, edited by Alex Mitchell, Clara Fernández-Vara, and David Thue, 140-147. Cham: Springer, 2014.
- Whelchel, Aaron. "Using Civilization Simulation Video Games in the World History Classroom." *World History Connected* 4, no.2 (2007).
- Zimmerman, Eric. "Narrative, Interactivity, Play and Games: Four Naughty Concepts in Need of Discipline". In *First person: new media as story, performance, and game*, edited by Noah Wardrip-Fruin and Pat Harrigan, 154-164. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.

Referência para citação:

- Houghton, Rob. "World, Structure and Play: A Framework for Games as Historical Research Outputs, Tools, and Processes." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 11-43.

Sanjay Seth

**Pós-colonialismo e a história
do nacionalismo anticolonial**

A teoria pós-colonial chamou a atenção para o facto de que o encontro colonial teve efeitos duradouros não apenas em termos de exploração económica, mas em outros domínios, incluindo a cultura e o conhecimento; e que, precisamente porque o colonialismo foi uma relação de poder, esses outros domínios não eram “exteriores” ou “remanescentes” de uma relação de poder, mas eram atravessados pelo poder e pela desigualdade. Mapeando brevemente as questões que animaram a teoria pós-colonial, este artigo examina as análises pós-coloniais do nacionalismo anticolonial, concentrando-se naquelas empreendidas pelos historiadores do grupo de Estudos Subalternos, que produziram conjuntamente 12 volumes de ensaios históricos sobre a Índia entre 1982 e 2005. Em diálogo com este corpo de trabalho, o artigo argumenta que ao mesmo tempo que o nacionalismo anticolonial foi um desafio ao domínio do Ocidente, reproduziu ainda assim esse domínio, na medida em que o Estado soberano e a modernidade que o nacionalismo anticolonial almejava estiveram intimamente ligados ao conhecimento e à cultura do Ocidente.

Palavras-chave: Pós-colonialismo, História, Índia, nacionalismo.

**Postcolonialism and the History
of Anti-Colonial Nationalism**

Postcolonial theory had drawn attention to the fact that the colonial encounter was one with enduring effects not only in terms of economic exploitation, but in other domains, including culture and knowledge; and that that precisely because colonialism was a relationship of power, these other domains were not the ‘outside’ or ‘remainder’ of a relationship of power, but were themselves permeated with power and inequality. Briefly mapping the questions that have animated postcolonial theory, this article examines postcolonial analyses of anti-colonial nationalism, focusing on those undertaken by the historians of the Subaltern Studies group, who collaboratively produced 12 edited volumes of historical essays on India from 1982 to 2005. Engaging with this body of work, it argues that anticolonial nationalism was at once a challenge to the dominance of the West, and yet, inasmuch as the sovereign statehood and the modernity that anticolonial nationalism sought was intimately tied to the knowledge and culture of the West, it also reproduced that dominance.

Keywords: Postcolonialism, History, India, nationalism.

Pós-colonialismo e a história do nacionalismo anticolonial

Sanjay Seth*

Introdução

Pós-colonialismo é o nome por vezes atribuído a um conjunto de instrumentos analíticos, questões e, mais genericamente, a uma forma de pensar que coloca o colonialismo no centro das suas preocupações. Uma vez que esta teoria interdisciplinar é relativamente nova, vou começar por fazer um breve resumo do pós-colonialismo.¹ Este artigo irá depois concentrar-se nos *Estudos Subalternos*, um projecto historiográfico sobre história indiana que tem sido uma corrente muito importante na teorização pós-colonial, especialmente quando analisa o nacionalismo.

Pós-colonialismo é, num aspecto importante, um termo enganador uma vez que o “pós” não indica uma periodização de acordo com a qual o colonialismo se situa no nosso passado e só tem interesse histórico. De facto, o termo “pós” em pós-colonialismo afirma, enfaticamente, o contrário: o colonialismo foi central na formação do período que lhe sucedeu, e – tal como a revolução industrial, a expansão do capitalismo e o iluminismo – deu forma à economia, à política, à cultura e à vida intelectual do mundo moderno. Transformou não só o colonizado mas também o colonizador providenciando tanto o saque, as matérias-pri-

* Goldsmiths College – University of London.

Este artigo corresponde a um capítulo do livro *Writing the History of Nationalism*, dirigido por Eric Storm e Stefan Berger (Bloomsbury Academic, 2019). Tradução para português de Elisa Lopes da Silva.

1 Entre as introduções gerais à teoria pós-colonial contam-se as seguintes obras: Leela Gandhi, *Postcolonial Theory: A Critical Introduction* (Edimburgo: Edinburgh University Press, 1998); Robert J. C. Young, *Postcolonialism: An Historical Introduction* (Chichester: Wiley-Blackwell, 2016) e também *Postcolonialism: A Very Short Introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2003); e Ania Loomba, *Colonialism/Postcolonialism* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2015, 3ª edição).

mas e os mercados que abasteceram a revolução industrial, como também moldando o sentido de si próprio, tanto do colonizador como do colonizado, do Ocidente e do Oriente, bem como estruturando as categorias através das quais o mundo se tornou conhecido e compreendido.

As formas mais evidentes de dominação política e de exploração económica que caracterizam o colonialismo têm sido objecto de investigação há já muito tempo e dificilmente precisam de novos termos e abordagens. Onde o pós-colonialismo acrescenta alguma coisa à nossa compreensão – e esta é uma afirmação tanto teórica quanto histórica – é quando dirige a nossa atenção para o facto de que o encontro colonial também produziu efeitos duradouros em outros domínios, incluindo a cultura e o conhecimento. E, precisamente, porque o colonialismo foi uma relação de poder, esses outros domínios não estavam “fora” ou foram o “restante” de uma relação de poder (que é a forma como pensamos habitualmente a cultura e o conhecimento), mas foram eles mesmos atravessados por poder e desigualdade. Relacionando conhecimento e cultura com poder, o pós-colonialismo baseia-se e deve muito aos conceitos e análises desenvolvidos pelo pós-estruturalismo.

Tal pode ser observado num dos textos pioneiros e seminais do pós-colonialismo, o livro *Orientalismo* (1978), escrito por Edward Said. Said baseou-se em duas ideias retiradas do trabalho de Michel Foucault: o conhecimento e o discurso não representam apenas “coisas”, mas têm efeitos reais (não descrevem apenas, mas também moldam o que é descrito); o conhecimento e o poder são inseparáveis. Said usa estas duas ideias para caracterizar o Orientalismo – o vasto corpo de conhecimentos e outras representações relacionadas com os mundos árabes e asiáticos – como “um estilo de pensamento estabelecido sobre uma distinção ontológica e epistemológica feita entre o ‘Oriente’ e (a maior parte do tempo) o ‘Ocidente’”.² Estas maneiras de pensar e representar o Oriente não foram simplesmente *possibilitadas* pela relação de poder que definiu o colonialismo, mas foram uma das formas deste poder, um dos modos através do qual o poder foi exercido e reproduzi-

² Edward Said, *Orientalism* (Londres: Penguin, 2003 [1978]), 2.

do. A densa malha de representações e conhecimentos que Said designa por Orientalismo foi uma maneira de “lidar com [o Oriente] (...) pronunciando-se sobre ele, autorizando olhares sobre ele, descrevendo-o, ensinando-o, estabelecendo-o, governando-o (...). O Orientalismo [foi/é] um estilo ocidental de dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente”.³ Enquanto houvesse, evidentemente, variações consideráveis na forma como o Oriente era representado e compreendido, estas variações não eram ilimitadas – “ninguém”, escreve Said, “a escrever, a pensar ou a agir no Oriente podia fazê-lo sem levar em conta as limitações ao pensamento e à acção impostas pelo Orientalismo”,⁴ limites que começavam pela presunção de que o Ocidente e o Oriente eram fundamentalmente diferentes.

As representações e os conhecimentos ocidentais sobre o Oriente, de acordo com esta afirmação – que tem sido central para o pós-colonialismo – pressupunham a dominação colonial, e foram, em si mesmas, uma forma de poder. Tal não foi motivado, principalmente, pela “arrogância” – o mundo Ocidental não tinha o monopólio da arrogância, e outras culturas, incluindo não-Ocidentais, já assumiram que estavam “certos” e os outros “errados” – mas devido a outros factores. Em primeiro lugar, a Europa na era do colonialismo tinha condições para afirmar que os conhecimentos que advogava eram os únicos verdadeiros, porque apenas ela tinha o poder de fazer valer as suas afirmações. Em segundo lugar, a asserção iluminista de que tinha descoberto uma nova forma de conhecimento científica e universal era qualitativamente diferente de quaisquer outras asserções anteriores ou concorrentes. Ao contrário de outros conhecimentos e culturas, que estavam enraizados em comunidades cultural e historicamente específicas e nas suas práticas e crenças respectivas, o conhecimento pós-iluminista apresentava-se como tendo sido deduzido de nada menos do que a própria Razão, não contaminada por quaisquer especificidades da história ou da cultura. Um conhecimento concebido para estar fundado na pureza da Razão

³ *Ibidem*, 3.

⁴ *Ibidem*, 3.

não contaminada pela história era um conhecimento que era particularmente cego às relações de conhecimento com história e poder, e ainda assim obstinadamente insistente no seu próprio carácter incontestável. Outros conhecimentos e culturas eram sempre as afirmações de conhecimento de *alguém* e a moralidade e a cultura de *alguém*; enquanto o conhecimento do colonizador se apresentava em “si mesmo” como conhecimento, não afectado pelas “impurezas” históricas, empíricas.

O pós-colonialismo prioriza as relações entre conhecimento e cultura, por um lado, e poder, por outro. Ao insistir que todos os conhecimentos, culturas e moralidades são o resultado de histórias e culturas específicas – incluindo os conhecimentos e a cultura do Ocidente moderno, hoje parte da nossa modernidade globalizada –, chama também a atenção para as maneiras pelas quais os conhecimentos e as formas de vida se constituem mutuamente. A forma como esta abordagem terá importância para o entendimento do nacionalismo será imediatamente evidente: se o nacionalismo anticolonial foi um desafio ao domínio do Ocidente, uma vez que o Estado soberano e a modernidade do nacionalismo anti-colonial estavam intimamente ligados ao conhecimento e à cultura do Ocidente, reproduziu também a dominação deste.

As investigações mais consistentes sobre o nacionalismo sob a égide da teoria pós-colonial foram aquelas empreendidas pelos historiadores do grupo dos estudos subalternos, que entre 1982 e 2005 produziram e editaram de modo colaborativo 12 volumes, sobretudo com estudos históricos sobre a Índia. Contudo, os volumes dos estudos subalternos, e as monografias e outros escritos dos membros deste grupo, não consistiam numa aplicação à história indiana de um pós-colonialismo pré-existente. De facto, nos seus primórdios os estudos subalternos não eram pós-coloniais, mas antes uma versão – se não original, certamente provocadora – do marxismo. Posteriormente, tornaram-se, no entanto, num dos sítios onde se desenvolveu um modo de teorizar “pós-colonial” distintivo, e fizeram-no com a referência específica a um passado e a um nacionalismo indiano: daí o enfoque no nacionalismo neste artigo.

Estudos subalternos

O primeiro volume dos estudos subalternos iniciou-se com uma declaração programática por Ranajit Guha (o editor dos primeiros seis volumes da série e uma grande força intelectual no seu seio), que afirmava que “a historiografia do nacionalismo indiano é, desde há muito tempo, dominada por um elitismo – um elitismo colonialista e um elitismo nacionalista burguês”, ambos partilhando o “preconceito de que a formação da nação indiana e o desenvolvimento da consciência – do nacionalismo – que conduziu o processo foram exclusiva ou predominantemente proezas de uma elite”.⁵ Para a historiografia colonialista – as histórias britânicas produzidas durante o período colonial, mas também a contemporânea “Escola de Cambridge” de escrita da história indiana⁶, a qual Guha caracterizou e condenou como colonialista –, o nacionalismo indiano era melhor entendido como um “processo de aprendizagem”, no qual “a elite nativa se tinha envolvido na política tentando negociar no caos das instituições e no correspondente complexo cultural introduzido pelas autoridades coloniais”. Pelo contrário, a historiografia elitista na variedade nacionalista apresentou o nacionalismo indiano como uma aventura “na qual a elite indígena dirigiu o povo da subjugação à liberdade”, e a história do nacionalismo indiano foi “redigida como uma espécie de biografia espiritual da elite indiana”. A oposição óbvia entre estes dois tipos de história não pode obscurecer o facto de nenhum deles reconhecer, ou tentar dar sentido, “a contribuição feita pelas pessoas por si mesmas, ou seja, *independentemente da elite*, na formação e desenvolvimento deste nacionalismo”; e, em particular, não conseguir adequadamente explicar esses momentos de insurreição de massas quando a iniciativa popular se afirmou “em desafio ou na ausência do controle da elite”. Em suma, o que nenhuma

5 Ranajit Guha, “On Some Aspects of the Historiography of Colonial India,” in *Subaltern Studies I*, coord. Ranajit Guha (Deli: Oxford University Press, 1982), 1-8.

6 Entre os trabalhos mais influentes da “Escola de Cambridge” contam-se as seguintes obras: Anil Seal, *The Emergence of Indian Nationalism: Competition and Collaboration in the Later Nineteenth Century* (Cambridge: Cambridge University Press, 1968) e John Gallagher, Gordon Johnson e Anil Seal (coord.), *Locality, Province and Nation: Essays on Indian Politics 1870 to 1940* (Cambridge: Cambridge University Press, 1973).

escrita da história dava conta era de uma “política do povo”; em paralelo à política de elite estava “outro domínio da política indiana no qual os principais actores não eram os grupos dominantes da sociedade nativa ou as autoridades coloniais mas os grupos e as classes subalternas que constituíam a massa da população trabalhadora..., ou seja, o povo. Este era um domínio *autónomo*, uma vez que não tinha origem na elite política nem tinha a sua existência dependente desta”. A forma mais notável desta política popular era a revolta camponesa, o tema do admirável livro de Guha, *Elementary Aspects of Peasant Insurgency in Colonial India*. No entanto, se esta política camponesa era “tradicional”, uma vez que estava enraizada nas estruturas e numa sensibilidade que não eram aquelas do moderno-colonial, era-o “apenas na medida em que as suas raízes poderiam ser encontradas em tempos pré-coloniais, e de forma nenhuma poderia ser considerada arcaica, no sentido de ser obsoleta”. De facto, se Guha procurava documentar e resgatar a consciência rebelde que enformou a insurreição camponesa até 1900, concluiu o seu livro sugerindo que “o percurso actual desta consciência estende-se bem além do século XIX”, e que a insurreição camponesa, e a consciência autónoma que a enformava, seriam encontrados nas mobilizações nacionalistas e comunistas do século XX.⁷

Na perspectiva de Guha, a historiografia elitista das duas variedades negligenciava a existência de uma política subalterna. Mas esta existia no nacionalismo indiano enquanto forma independente de política que o nacionalismo de elite não tinha sido capaz de submeter, testemunhando “o fracasso da burguesia indiana em falar pela nação”. Em contrapartida, o fracasso da política e da consciência subalterna em elevar-se acima do localismo para se tornar num movimento de libertação nacional explicava as fragilidades, e o radicalismo insuficiente, de uma luta nacionalista que teve sucesso ao ganhar independência política para a Índia em 1947, mas não conseguiu fazer a correspondente transformação social, ou ruptura total com o imperialismo.

⁷ Ranajit Guha, *Elementary Aspects of Peasant Insurgency in Colonial India* (Deli: Oxford University Press, 1983), 334.

Nos seus volumes iniciais, os estudos subalternos eram uma reconhecível, mesmo se pouco convencional e criativa, espécie de historiografia marxista. Eram explicitamente devedores dos trabalhos do teórico marxista e líder comunista italiano Antonio Gramsci, a quem pediram emprestado o termo “subalterno” bem como outros conceitos e instrumentos críticos (como, por exemplo, “hegemonia”). O seu enfoque nos camponeses, e nos modos de poder e relações semifeudais que caracterizavam muitos aspectos da sociedade indiana, tinha uma inspiração óbvia no maoísmo. E pelo menos alguns dos seus argumentos tinham sido antecipados pelas gerações anteriores de marxistas indianos (por exemplo, a reflexão sobre a forma como o nacionalismo burguês tinha procurado apropriar-se do radicalismo operário e camponês mantendo-o dentro de certos limites, de forma a que ameaçasse o poder britânico sem questionar as relações de dominação e exploração entre as elites indianas e as classes baixas da sociedade indiana).⁸ E tinha ainda muitas afinidades com a história vista de baixo [“history from below”], iniciada por Christopher Hill, George Rude, Eric Hobsbawm e E. P. Thompson que imediatamente a precedeu, pelo menos nos seus usos criativos de fontes históricas.

Contudo, os estudos subalternos eram também críticos da maior parte da escrita da história marxista sobre o nacionalismo indiano, acusando-a de insuficiências muito semelhantes àquelas que caracterizavam a escrita da história burguesa e colonialista: a saber, que falhava em registar a consciência que enformava a revolta subalterna. De acordo com os praticantes da história subalterna, a historiografia colonialista tratava o rebelde camponês como se não tivesse qualquer consciência racional e a sua rebelião fosse uma expressão espontânea e sem direcção de raiva. A historiografia nacionalista burguesa lia apenas uma consciência de elite na rebelião, como se o rebelde, sem consciência ou vontade própria, não pudesse senão seguir os líderes da elite. O historiador marxista, de acordo com Guha, não era capaz de aceitar o facto de que a consciência rebelde era habitualmente mais religiosa do

⁸ Nomeadamente, M. N. Roy e R. P. Dutt. Veja-se Sanjay Seth, *Marxist Theory and Nationalist Politics: The Case of Colonial India* (Nova Deli: Sage Publications, 1995).

que secular, e era algumas vezes também sectária: “Incapaz de conceber a religiosidade enquanto modalidade central da consciência camponesa na Índia colonial (...) [o historiador marxista] é, portanto, obrigado a racionalizar as ambiguidades da política da rebelião”, convertendo o rebelde em “uma abstracção denominada Operário-Camponês, *um ideal mais do que uma personalidade histórica real do revoltoso*”, o resultado de um “radicalismo superficial” que tinha abdicado da responsabilidade de “explorar e descrever a consciência específica de uma (...) rebelião.”⁹

Do marxismo ao pós-colonialismo

Mas mesmo se inicialmente os estudos subalternos surgiam como uma forma (inovadora e criativa) de historiografia marxista, existiam já algumas características, e tensões, que antecipavam o seu desenvolvimento subsequente numa direcção pós-colonial. A insistência numa divisão entre as elites e os subalternos era ambígua, permitindo duas interpretações do que estava implicado nesta sua asserção, e quais as suas possíveis consequências para o estudo da história indiana. Se tomada como uma asserção empírica sobre a existência de duas entidades sociais distintas, então o objectivo central do projecto dos estudos subalternos era verificar ou provar que havia uma política nacionalista subalterna, que não estava subsumida, ou separada, da política das elites. Alguns historiadores levaram a cabo estudos que mostraram que, no resumo posterior de Guha, “região após região, a iniciativa de tais campanhas [nacionalistas] passou das lideranças das elites para a massa de participantes subalternos, que desafiavam o alto comando [do Congresso Nacional Indiano] (...) a fazer suas estas lutas, enquadrando-as em códigos específicos das tradições de resistência popular e formulando-as em linguagens derivadas da experiência comunitária de vivência e trabalho em comum”.¹⁰ Valiosos como foram estes estudos, e importantes quan-

9 Ranajit Guha, “The Prose of Counter-Insurgency,” in *Subaltern Studies II*, coord. Ranajit Guha (Deli: Oxford University Press, 1983), 33-38.

10 Ranajit Guha, “Introduction,” in *A Subaltern Studies Reader, 1986-1995*, coord. Ranajit Guha (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997), xviii. Fundado em 1885, o Congresso Nacional Indiano tornou-se na mais importante das organizações e partidos que procuravam obter a independência face ao poder britânico.

to à questão da política subalterna, muitas vezes críticas, mesmo se próximas do projecto, sentiram-se desconfortáveis com a insistência na “autonomia”. Numa sociedade em que as elites e as classes subalternas partilhavam o mesmo espaço económico e social, será que era plausível a afirmação de um domínio subalterno “autónimo”?

Além disso, esta insistência na autonomia estava em desacordo com outra interpretação que podia ser atribuída àquela asserção: esta foi formulada para salientar o facto de a relação elite-subalterno ser principalmente uma relação de poder, mais do que uma relação derivada de um tamanho diferente de propriedades e riqueza. Na Índia “se-mifeudal”, a desigualdade estava relacionada, mas não era redutível, à posse da terra; a dominação e a subordinação estavam também inscritas no vestuário, na linguagem, na linguagem corporal e assim por diante. Em contrapartida, numa sociedade burguesa onde algumas noções de igualdade formal se tinham enraizado, a desigualdade tinha origem nas diferenças de posse dos meios de produção – não tem de se estar muito bem vestido para comer num restaurante caro, desde que se tenha o dinheiro para pagar a sua refeição. Era esta diferença nas formas de desigualdade e poder, entre as sociedades burguesas como o Reino Unido e os Estados Unidos e a Índia, que constituía a grande divisão entre as elites e os subalternos no subcontinente. Mas este era um entendimento relacional do poder e casava mal com a insistência numa separação e autonomia. Também não havia nenhuma sugestão de que esta era uma simples consequência do “atraso” e estava destinado a desaparecer quando a Índia se tornasse mais capitalista e “moderna”. Pelo contrário, a questão era que, como observou mais tarde Dipesh Chakrabarty, “a história global do capitalismo não necessitava de reproduzir em todo o lado a mesma história de poder. No cálculo da modernidade, o poder não é uma variável dependente e o capital uma variável independente. Capital e poder podem ser tratadas como categorias analiticamente separáveis”.¹¹ O funcionamento peculiar do poder na Índia – peculiar do ponto de vista de quem considera o funcionamento da sociedade

11 Dipesh Chakrabarty, “A Small History of *Subaltern Studies*,” in *Habitations of Modernity: Essays in the Wake of Subaltern Studies* (Chicago: University of Chicago Press, 2002), 13.

burguesa enquanto norma – resultava do facto de as sociedades não-Ocidentais terem sido incorporadas nos circuitos globais de capital, mas “sem efectuarem ou exigirem uma profunda transformação democrática nas relações sociais de poder e autoridade”.¹²

Ambas as interpretações da divisão entre elite e subalternos estavam presentes nos primeiros volumes dos estudos subalternos, mas desenvolveram-se depois em direcções diferentes. A primeira tomou a forma de uma proposição geral que tinha de ser verificada pela pesquisa empírica; a segunda era um argumento teórico que implicava investigação que permanecesse atenta às formas pelas quais as relações entre os diferentes estratos da sociedade indiana eram formados e permeados por relações de poder, relações que não eram redutíveis às disparidades económicas enfatizadas por alguns tipos de marxismo, e que eram inexplicáveis com os termos com que nos acostumámos a pensar as sociedades onde o poder, mesmo que exista, existe no meio de uma igualdade formal. A primeira interpretação enfatiza que os grupos sociais eram distintos, mesmo se eles se entrelaçavam; a ênfase no poder da segunda interpretação acarretava logicamente uma insistência sobre a racionalidade, uma vez que o poder era entendido como uma relação, e não como uma “possessão” (não é que os proprietários tivessem poder e os camponeses não, mas que o poder definia as relações e as diferenças entre eles, fazendo de um o proprietário e de outro o camponês).¹³ A ênfase, contudo, mudou para a segunda interpretação, o que levou a conceptualizações da comunidade e análises do nacionalismo que se tornaram marcos da teoria pós-colonial.

Havia também uma tensão, e por vezes uma total contradição, nos primeiros volumes dos estudos subalternos entre uma tentativa de “resgatar” o sujeito (subalterno) e restituir-lhe a subjectividade que era sua e uma incipiente crítica da categoria do “sujeito”, tida enquanto

¹² *Idem*, 13.

¹³ Esta crítica foi feita com grande sofisticação no ensaio da Rosalind O’Hanlon “Recovering the Subject: Subaltern Studies and Histories of Resistance in Colonial South Asia”, inicialmente publicado em *Modern Asian Studies*, em 1988, e reproduzido em Vinayak Chaturvedi (coord.), *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial* (Londres: Verso, 2000), 84-85.

uma ficção humanista falaciosa. A partir do que foi acima exposto, é evidente que os estudos subalternos se apresentaram em parte enquanto projecto de recuperação – um projecto que procurou desenterrar e restaurar uma consciência subalterna, negligenciada ou assimilada a outra consciência na historiografia elitista. Ainda assim, o projecto de resgate do sujeito (subalterno) estava em contradição com os referentes teóricos estruturalistas e anti-humanistas que enformavam o trabalho de alguns dos mais destacados participantes nos volumes dos estudos subalternos, de acordo com os quais o sujeito e a sua consciência não eram o fundamento que originava tudo o resto, mas antes o “efeito” de algumas instituições e práticas. Estas instituições e práticas surgiram durante a moderna história do Ocidente e estavam estreitamente ligadas à emergência da sociedade burguesa moderna. O sujeito não era nem trans-histórico nem generalizável a todos os tempos e espaços.

A tensão foi amplamente notada por interlocutores próximos dos estudos subalternos: Rosalind O’Hanlon notou que “surge uma oscilação persistente ou um deslize entre estas duas posições”¹⁴ e Gayatri Spivak, ao escrever no IV volume dos estudos subalternos, observou que os subalternistas “recaíam em posições de consciência-como-agente, de totalidade, e num culturalismo que são descontínuas com a crítica do humanismo”¹⁵ – uma crítica que estava presente na sua insistência de que a identidade e a consciência não eram dados adquiridos, não faziam parte do mobiliário do mundo, mas construídos através de contrastes e oposições. Uma vez que o sujeito não era “alguma coisa que pode ser revelada”¹⁶ enquanto fundamento da política, ideologia e linguagem, mas antes o produto ou efeito de “vertentes que podem ser denominadas política, ideologia, economia, história, sexualidade, linguagem e assim por diante”¹⁷, seguia-se que a “consciência subalterna (...) não é

14 Rosalind O’Hanlon, “Recovering the Subject: Subaltern Studies and Histories of Resistance in Colonial South Asia”, inicialmente publicado em *Modern Asian Studies* em 1988 e reproduzido em Vinayak Chaturvedi (coord.), *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial* (Londres: Verso, 2000), 81.

15 Gayatri Chakravorty Spivak, “Subaltern Studies: Deconstructing Historiography,” in *Subaltern Studies IV*, coord. Ranajit Guha (Deli: Oxford University Press, 1985), 337.

16 *Idem*, 338.

17 *Idem*, 341.

nunca totalmente recuperável”,¹⁸ na verdade, é uma “ficção teórica”.¹⁹ Na sua visão apreciativa e crítica, Spivak expressou o desejo de que os subalternistas superassem esta tensão abraçando a desconstrução/pós-estruturalismo. Alguns membros do grupo fizeram-no e, enquanto o fizeram, os estudos subalternos afastaram-se da sua autoproclamada ambição para recuperar a subjectividade e consciência subalterna, e começaram a sua trajectória como projecto pós-colonial.

Enquanto os estudos subalternos foram, desde o início, mais críticos do que celebratórios na sua abordagem do nacionalismo indiano, nem sempre foi claro se a sua atitude crítica era apenas dirigida ao nacionalismo de “elite” do Congresso Nacional Indiano, ou se se estendia ao nacionalismo propriamente dito. Como observado anteriormente, os escritos de Mao – e os maoistas indianos lideraram as revoltas do final da década de sessenta, princípios da década de setenta – foram uma influência forte nos primeiros volumes dos estudos subalternos;²⁰ esta influência transparecia na ideia de que um nacionalismo “próprio” ou completo seria aquele conduzido pelas classes subalternas, culminando numa “democracia do povo”. Contudo, à medida que os volumes iam sendo editados, a crítica passou a ser cada vez menos ao nacionalismo insuficientemente radical e tornou-se numa atitude céptica ao nacionalismo em geral: no avatar pós-colonial, os estudos subalternos vieram a ser marcados pela desconstrução crítica das afirmações nacionalistas de uma identidade unitária.

Ao passo que os estudos subalternos prosseguiam, estas tensões ou contradições não desapareceram, mas a afirmação de uma autonomia da consciência subalterna deu lugar a uma ênfase na centralidade do poder e, assim, na relacionalidade mais do que na autonomia. Os criticismos/sugestões de Spivak e outros foram aceites por alguns dos membros do colectivo, e os entendimentos pós-estruturalistas e desconstrucionistas do

18 *Idem*, 341

19 *Idem*, 340. Veja-se também Gayatri Chakravorty Spivak, “Can the Subaltern Speak?,” in *Marxism and the Interpretation of Culture*, coord. Cary Nelson e Lawrence Grossberg (Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1988), 271-313.

20 Sobre este tema, veja-se Sanjay Seth, “Revolution and History: Maoism and *Subaltern Studies*,” *Storia della Storiografia* 62, n.º 2 (2012): 131-49.

sujeito e da consciência tornaram-se cada vez mais proeminentes. E o projecto dos estudos subalternos tornou-se cada vez mais num projecto pós-nacionalista, crítico de todos os essencialismos nacionais.

Naturalmente, isto não aconteceu com todos os membros do grupo. Um dos seus membros mais antigo, um distinto historiador indiano, Sumit Sarkar, tornou-se num crítico público da direcção que a série de publicações tomava, castigando-a pelo seu abraço às ideias de Said e, mais genericamente, pela sua viragem pós-moderna e pós-colonial. No entanto, enquanto empreendimento colectivo, os estudos subalternos fizeram uma viragem pós-colonial, em que um dos aspectos e efeito importante foi a produção de uma distintiva historiografia do nacionalismo, como exemplificado pelos trabalhos de Partha Chatterjee, membro do grupo que mais directa e sustentadamente abordou a questão do nacionalismo.

Os estudos subalternos e a história do nacionalismo anti-colonial

Uma das características mais impressionantes das histórias pós-coloniais do nacionalismo é a sua ênfase no nacionalismo enquanto corpo de ideias ou discurso, ao invés de fenómeno que pode ser explicado pela referência às suas “causas” sociais ou materiais. O importante livro de Chatterjee *Nationalist Thought and the Colonial World: A Derivative Discourse?* (1986) pergunta “o que é que o discurso nacionalista pressupõe? Onde é que está localizada a sua relação com outros discursos? Quais são as rachas na superfície, os pontos de tensão na sua estrutura, as forças contrárias, as contradições? O que é que revela e o que é que suprime?” Este, declara Chatterjee, “é o tipo de questões com os quais eu proponho conduzir este estudo, não com uma teoria sociológica positiva”.²¹ A centralidade atribuída ao discurso, e a sua rejeição de explicações “sociológicas” do nacionalismo – ou seja, explicações nas quais o nacionalismo é tomado como algo que é melhor entendido e explicado

²¹ Partha Chatterjee, *Nationalist Thought and the Colonial World: A Derivative Discourse?* (Deli: Oxford University Press, 1986), 42.

observando as suas “causas” sociais e materiais subterrâneas –, reflectia a insistência na perspectiva pós-estruturalista e pós-colonial de que os fenómenos sociais e materiais não existem independentemente da nossa descrição deles. Designar algo como social ou material é já um acto de cognição, uma forma de organizar os fenómenos do mundo, mais do que um passivo “reconhecimento”. Mesmo os fenómenos materiais são discursivamente constituídos; o que não quer dizer que eles não existam fora das nossas categorias analíticas e descritivas, mas quer dizer que eles apenas nos são acessíveis através destas categorias, e não independentemente delas. Tal é válido até para o conhecimento do mundo natural, ou seja, para as ciências naturais, como Thomas Kuhn avançou há muito;²² e é especialmente válido para aqueles fenómenos que são criações humanas e que já têm objectivos humanos e sentidos construídos neles.

De acordo com esta abordagem, a “classe”, o “género” e o “nacionalismo”, por exemplo, não são “coisas” que existem previamente no mundo, e que as nossas análises simplesmente revelam ou desvelam, mas existem de determinada maneira por causa dos nossos modos de as apreender ou caracterizar. Não há, por isso, forma de escapar ao discurso, alcançando o que está “por detrás” ou “debaixo” dele para atingir o que está “realmente” a conduzir as coisas. A estrutura discursiva é a forma através da qual um objecto/fenómeno se apresenta, e enquadra o campo de possibilidades do que pode ser pensado e dito sobre isso – como Said procurou demonstrar em relação ao discurso sobre o Orientalismo.

Este ponto geral e abstracto é especialmente pertinente para os estudos do nacionalismo, porque o nacionalismo está especialmente corporizado em ideias, consciência e discurso. Certamente, estas ideias existem em contextos sociais e são incorporadas em movimentos, partidos e tudo o mais, e muitas vezes avançam a par e passo com transformações nas instituições e nas práticas económicas e sociais. Assim,

22 Thomas Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions* (Chicago: University of Chicago Press, 1962; 2ª edição revista e aumentada).

o estudo do nacionalismo não pode ser simplesmente uma história das ideias, tal como uma história da filosofia possa talvez ser. Mas as transformações económicas e sociais também não podem “explicar” o nacionalismo por nós. A emergência de uma classe média é apenas uma parte da história do nacionalismo na medida em que esta classe se pensou a si mesma como pertencendo a uma nação e exprimiu exigências nacionalistas; de outro modo, este “facto” seria parte de uma outra história (do capitalismo, por exemplo). O que marca as “histórias sociológicas” do nacionalismo que Chatterjee rejeita é que elas são marcadas pela circularidade. A identificação ou seleção do que é parte da história do nacionalismo ocorre necessariamente ao nível das ideias e do discurso; mas esta consciência e este discurso têm de ser situados, e muitas vezes explicados, em termos das práticas e das formas sociais que encarnavam. Para continuar o exemplo apresentado acima, é apenas quando a classe média, ou uma fracção dela, levanta exigências nacionalistas, organiza ou se junta a partidos e movimentos políticos à procura de um Estado-nação que tudo isto passa a fazer parte da história do nacionalismo. Ao contar esta história, as histórias do nacionalismo (porque são narrativas históricas, ligadas a certas noções de explicação e causalidade) perguntam o “porquê” deste sentimento ou ideia emergir; e assim, frequentemente, e por assim dizer, retrospectivamente, providenciam uma explicação “material” ou social para a ascensão do nacionalismo precisamente em termos da ascensão da classe média.²³

Chatterjee não pensa que as classes, as mudanças económicas e afins não sejam importantes; mas pensa que estas são parte da história do nacionalismo, não o que está por “de trás” ou “debaixo” dele, que assim explicariam o nacionalismo. Para entender o nacionalismo temos de atender ao discurso nacionalista em toda a sua variedade e complexidade, incluindo, como a citação acima de Chatterjee enfatiza, as suas tensões e contradições. A mais importante entre estas – que Chatterjee

23 Esta questão é desenvolvida em detalhe em Sanjay Seth, “Rewriting Histories of Nationalism: The Politics of ‘Moderate Nationalism’ in India, 1870-1905,” *The American Historical Review* 104, nº 1 (Fevereiro 1999): 95-97.

sugere que perpassa o nacionalismo indiano em todas as suas fases e variedades, e que, argumenta, caracteriza genericamente o nacionalismo anticolonial – é a tensão ou contradição que ele caracteriza desta forma: “O pensamento nacionalista, ao anuir em tornar-se ‘moderno’, aceita a pretensão de universalidade desta grelha ‘moderna’ de conhecimento. Todavia, também reconhece a identidade autónoma de uma cultura nacional. Assim rejeita e reconhece, simultaneamente, a dominância, epistémica e oral, de uma cultura estrangeira.”²⁴ À primeira vista, isto não parece diferente do argumento avançado, de diferentes maneiras, por alguns académicos, incluindo John Plamenatz, Elie Kedourie, e Tom Nairn:²⁵ a saber, que o nacionalismo dos “retardatários” é animado pelo desejo de ser “como” os outros ao mesmo tempo que se insiste numa “diferença” absoluta, irredutível (nacional), e assim se é marcado, a um só tempo, por uma aceitação e uma rejeição dos padrões das nações “avançadas” ou dominantes.

Contudo, enquanto há uma similaridade, Chatterjee está a dizer algo mais. Assevera ainda que o problema teórico para o qual está a chamar a atenção não pode ser colocado “no âmbito do pensamento burguês-racionalista (...) uma vez que colocá-lo é situar o próprio pensamento, incluindo o pensamento supostamente racional e científico, dentro de um discurso de poder. É questionar a própria universalidade, o que tem de adquirido, a soberania desse pensamento, ir às suas origens e dessa forma criticá-lo radicalmente. É colocar a hipótese de que não é apenas o poderio militar ou a força industrial, mas o pensamento em si mesmo, que pode dominar e subjugar. É abordar o campo do discurso – histórico, filosófico e científico – enquanto campo de batalha do poder político.”²⁶

As influências de Foucault e Said são aqui aparentes. O pensamento científico e racional da modernidade, que primeiro surgiu no

24 Chatterjee, *Nationalist Thought and the Colonial World*, 11.

25 Veja-se John Plamenatz, “Two Types of Nationalism,” in *Nationalism: The Nature and Evolution of an Idea*, coord. Eugene Kamenka (Londres: Edward Arnold, 1976); Elie Kedourie, *Nationalism* (Londres: Hutchinson, 1960); e Tom Nairn, “The Modern Janus,” in *The Break-up of Britain* (Londres: Verso, 1981, 2ª edição aumentada), 329-63.

26 Chatterjee, *Nationalist Thought and the Colonial World*, 11.

Ocidente, não é tratado como a “descoberta” do que são as verdades do mundo, mas é antes abordado agnosticamente, enquanto crença organizada de uma cultura particular de um certo período histórico. Que a natureza seja destituída de sentido e de propósito e simplesmente sujeita às leis cegas da física, e, inversamente, haja um objecto ou domínio da “cultura” que é totalmente o domínio dos sentidos, dos propósitos e dos desejos; que o indivíduo seja a entidade mais básica do reino social; os deuses sejam questões de “crença” mas não objectos de conhecimento, quanto mais actores no mundo – são tudo formas específicas de construir e habitar o mundo, mais do que a “descoberta” de “verdades” trans-históricas e transculturais. O nacionalismo, enquanto projecto à procura de soberania, cidadania e habitualmente de “desenvolvimento”, “democracia” e demandas semelhantes, aceita este conhecimento e usa-o para “pensar” e justificar o seu projecto. Mas, ao fazê-lo, adopta um objectivo e usa os procedimentos de justificação que podem não estar de acordo com os padrões morais e epistemológicos da comunidade em questão, a comunidade que pode não olhar, por exemplo, a natureza como desencantada, a comunidade como a composição de indivíduos, e assim por diante. Na medida em que aceita este conhecimento enquanto seu horizonte e o usa para legitimar o seu projecto, então aquele dilema e contradição marcará todo o pensamento nacionalista.

As formas pelas quais este dilema é negociado variam bastante entre os diferentes momentos históricos, as diferentes variedades ou vertentes do nacionalismo. A maior parte do livro de Chatterjee é ocupado pelo estudo de Bankimchandra Chatterjee, Mohandas Karamchand Gandhi e Jawaharlal Nehru, três dos mais proeminentes líderes ou pensadores do nacionalismo indiano, e pelas várias (e diferentes) formas pelas quais esta contradição marca o seu pensamento nacionalista. Mas à parte estas diferenças importantes, Chatterjee insiste que, na medida em que o nacionalismo anticolonial “raciocina dentro de uma grelha de conhecimento cuja estrutura representacional corresponde a essa mesma estrutura de poder que o nacionalismo repudia, esta contradição “significa, no domínio do pensamento, a insolubilidade

teórica da questão nacional num país colonial (...) dentro de um quadro estritamente nacionalista”.²⁷ Pois até quando o nacionalismo anticolonial triunfa, como aconteceu na Índia com o fim do colonialismo e a conquista da independência em 1947, esta foi uma vitória parcial e contraditória; a “diferença” em nome da qual o nacionalismo falava foi atrelada a modos de pensar, e a uma forma de política, que destruíram essa diferença, e/ou a reformulou para se adequar às categorias e instituições da modernidade ocidental. Em suma, o triunfo do nacionalismo anticolonial pôde, ao mesmo tempo, marcar uma continuação, e mesmo uma intensificação, da subordinação das categorias epistémicas e das instituições da modernidade capitalista ocidental.

O argumento é desenvolvido – e muda a ênfase – no livro seguinte de Chatterjee, *The Nation and its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories* (1993). Divergindo da análise do nacionalismo imensamente influente de Benedict Anderson em *Imagined Communities*, Chatterjee argumenta que não é que vários modelos ou tipos para “imaginar” a nação tenham nascido na Europa e depois nas Américas, e que tudo o que restou à Ásia foi adoptar um dos modelos existentes. Ele contesta este argumento não por “razões sentimentais”, afirma, mas porque os indícios mostram que “os resultados mais criativos da imaginação nacionalista na Ásia e em África são considerados não uma identidade mas antes uma *difference* em relação às formas ‘modulares’ da sociedade nacional propagada pelo Ocidente moderno”.²⁸ Tal tem sido negligenciado (e não só por Anderson) porque os académicos se têm concentrado no nacionalismo enquanto movimento político, e nas suas aspirações a fundar um Estado soberano. Se nos focarmos apenas neste aspecto, o nacionalismo asiático e africano é de facto modelado a partir de precedentes europeus e os Estados pós-coloniais da Ásia e de África assemelham-se bastante às suas contrapartes europeias e asiáticas. Aqui existem de facto poucos indícios de que a nação foi “imaginada” de maneiras que não tivessem sido já antecipadas.

²⁷ *Idem*, 38, 39.

²⁸ Partha Chatterjee, *The Nation and its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories* (Princeton: Princeton University Press, 1993), 5.

Ignora-se, contudo, precisamente o que havia de distinto no nacionalismo anticolonial: que trabalhou em dois níveis, e que apenas num, a nível político, imitou os nacionalismos precedentes. O nacionalismo anticolonial dividiu o mundo social em dois domínios, o material e o espiritual, o “exterior” e o “interior”. O material era o domínio das instituições e das práticas que possibilitaram ao Ocidente conquistar e colonizar – incluindo a ciência e a tecnologia, a economia e a política estatal – e estas tinham de ser imitadas se o colonizador tinha de ser derrubado. O domínio “espiritual” ou “interior” – que incluía a linguagem e a literatura, a música, o teatro e as artes, as relações familiares e de género – era onde a essência de uma identidade cultural declaradamente residia, e aqui não deveria existir imitação: de facto, “quanto maior o sucesso em imitar as competências do Ocidente no domínio material (...) maior era a necessidade de preservar a singularidade da cultura espiritual”.²⁹ O domínio “espiritual” ou “interior” era onde a ocidentalização não poderia ocorrer, e o nacionalismo anticolonial proclamava soberania sobre este domínio, afirmando, mesmo antes de o nacionalismo anticolonial ser pretendido que o Estado colonial não tinha o direito de aí interferir.

Aqui, como noutros lugares, os argumentos de Chatterjee são desenvolvidos com referência aos materiais indianos, mas o seu argumento é que a distinção entre o espiritual e o material é verdadeira em todos os nacionalismos anticoloniais. E não há dúvida que muitos países que foram, ou estiveram em perigo de ser, colonizados pelo Ocidente procuraram imitar a ciência, a tecnologia e o aparelho burocrático estatal ao mesmo tempo que insistiam entusiasticamente que as instituições e as práticas consideradas marcos na identidade cultural nacional tinham de ser mantidas e protegidas. Assim, na China do século XIX, os reformistas que imploravam por mudanças que permitiriam à China resistir às depredações ocidentais faziam uma distinção entre a “essência” e a “utilidade” (*ti-yong*); a essência chinesa era para ser preservada, enquanto os conhecimentos e as práticas “úteis” do Ocidente

²⁹ *Idem*, 6.

precisavam de ser aprendidos e livremente usados. No Japão, durante a “modernização” intentada no período da Restauração Meiji, que procurou evitar o destino da Índia ou da China, o *slogan* de *wakan yōsai* (espírito japonês, técnica ocidental) foi um esforço similar para adquirir técnicas ocidentais, não de maneira a “tornar-se” Ocidental (e assim perder o carácter nipónico, mas precisamente antes como meio de preservar o que era considerado como o cerne da identidade japonesa.

A divisão entre material e espiritual ou exterior e interior não era a mesma que a distinção entre público e privado, característica da sociedade burguesa. A cultura e as artes não eram “privadas”, por exemplo, ainda que no nacionalismo anticolonial estas fossem tratadas como pertencentes ao domínio “interno”. Nem era a distinção interior/exterior ou espiritual/material a mesma que a distinção moderno/tradicional, uma vez que o domínio “espiritual” não era uma tradição imutável que o nacionalismo anticolonial procurava “preservar”. Pelo contrário, foi neste domínio, escreve Chatterjee, que o “nacionalismo lançou o seu projecto mais poderoso, criativo e historicamente relevante: forjar uma cultura nacional ‘moderna’ que não fosse, contudo, Ocidental”.³⁰ Foi este difícil projecto, por vezes contraditório, que caracterizou o nacionalismo anticolonial: o desejo de se tornar moderno e ainda assim permanecer diferente; como um nacionalista indiano incisivamente colocou, “nós não queremos ser ingleses ou alemães ou americanos ou japoneses (...) nós queremos ser indianos, mas modernos, actuais, progressistas”.³¹

Tal pode ser observado, por exemplo, nos projectos nacionalistas para a reforma das mulheres. A “questão das mulheres” tornou-se num debate intenso com a emergência do nacionalismo, pois as distinções entre o material e o espiritual e o exterior e o interior vieram a ser “mapeadas” nas mulheres. Os nacionalistas tratavam as mulheres como um dos mais essenciais repositórios e significantes da identidade nacional e, ao mesmo tempo, viam-nas como “atrasadas” e insuficientemente

³⁰ *Idem*, 6.

³¹ Lajpat Rai, *The Problem of National Education in India* (Londres: Allen and Unwin, 1920), 75.

modernas, e assim contribuindo para o atraso que impedia a nação de sacudir o jugo colonial. Há actualmente um conjunto de estudos (alguns influenciados por Chatterjee) que explora a centralidade que a “questão das mulheres” veio a assumir nos debates nacionalistas e mapeia as tensões que marcaram as tentativas de tornar as mulheres modernas ao mesmo tempo que se garantia que as mulheres serviriam também como encarnações da essência e da cultura nacionais. Deniz Kandiyoti, Lila Abu-Lughod, Margot Badran e Beth Baron publicaram trabalhos importantes que investigaram como é que a relação entre as mulheres e a nação foi imaginada e debatida no Médio Oriente.³² Há uma literatura significativa sobre este tema geral com referência às revoluções e aos movimentos republicanos e comunistas na China, e um crescente número destes estudos para o Japão.³³ Um conjunto considerável de trabalhos existe para a Índia colonial,³⁴ bem como algumas investigações mais gerais ou comparativas.³⁵

A asserção de Chatterjee é que o nacionalismo *criou* novas formas de comunidade, e não foi assim derivativo ou imitador do nacionalismo

32 Beth Baron, *Egypt as a Woman: Nationalism, Gender and Politics* (Berkeley: University of California Press, 2005); Deniz Kandiyoti (coord.), *Gendering the Middle East: Alternative Perspectives* (Londres: I.B. Tauris, 1995); Lila Abu-Lughod (coord.), *Remaking Women: Feminism and Modernity in the Middle East* (Princeton: Princeton University Press, 1998); Margot Badran, *Feminists, Islam and Nation: Gender and the Making of Modern Egypt* (Princeton: Princeton University Press, 1995).

33 Nomeadamente Joan Judge, *The Precious Raft of History: The Past, the West, and the Woman Question in China* (Stanford University Press, 2008); Christina Gilmartin, *Engendering the Chinese Revolution* (Berkeley: University of California Press, 1995); Gail Hershatter, *Women in China's Long Twentieth Century* (Berkeley: University of California Press, 2007); Mara Patessio, *Women and Public Life in Early Meiji Japan: The Development of the Feminist Movement* (Ann Arbor: University of Michigan – Centre for Japanese Studies, 2011); Andrea Germer, Vera Mackie e Ulricke Wöhr (coord.), *Gender, Nation and State in Modern Japan* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014).

34 Kumkum Sangari e Sudesh Vaid (coord.), *Recasting Women* (New Brunswick, N. J, Rutgers University Press, 1990); Mrinalini Sinha, *Specters of Mother India: The Global Restructuring of an Empire* (Durham: Duke University Press, 2007); Sumit Sarkar e Tanika Sarkar (coord.), *Women and Social Reform in Modern India: A Reader* (Bloomington: Indiana University Press, 2008); Tanika Sarkar, *Hindu Wife, Hindu Nation* (Bloomington: Indiana University Press, 2001).

35 Incluindo Deniz Kandiyoti, “Identity and its Discontents: Women and the Nation,” in *Colonial Discourse and Postcolonial Theory: A Reader*, coord. Patrick Williams e Laura Chrisman (Brighton: Harvester Wheatsheaf, 1993); Antoinette Burton (coord.), *Gender, Sexuality and Colonial Modernities* (Nova Iorque e Londres: Routledge, 1999); e Sanjay Seth, “Nationalism, Modernity, and the ‘Woman Question’ in India and China,” *Journal of Asian Studies* 72, n.º 2 (Maio 2013): 273-97.

ocidental. As culturas e as formas de comunidade não-Ocidentais eram diferentes daquelas do Ocidente, e esta diferença não foi apagada no decurso das lutas anticoloniais, mas – apesar das contradições e tensões – criativamente reconfigurada. O relato histórico do nacionalismo por Chatterjee é de certa maneira mais apreciativo aqui no que na sua obra anterior, *Nationalist Thought*. Contudo, o seu ponto é que o aspecto criativo das imaginações nacionalistas é facilmente negligenciado precisamente porque, enquanto projecto político, o nacionalismo aproveitou estas imaginações criativas para o objectivo de fundar um Estado soberano independente, com a panóplia de bandeiras, hinos e símbolos semelhantes. O nacionalismo anticolonial criava assim frequentemente novas formas de comunidade, mas subsumiu estas sob “velhas” formas do Estado. Como Chatterjee desgostosamente afirma, “as formas autónomas de imaginação da comunidade foram, e continuam a ser, esmagadas e submersas pela história do Estado pós-colonial. Aqui reside a raiz da nossa miséria pós-colonial: não na nossa inabilidade para pensar novas formas de comunidade, mas na nossa capitulação a velhas formas do Estado moderno”.³⁶ Ou, como expus noutro lugar,

O estado-nação pressupõe (e ajuda a criar) certas relações entre a autoridade e as pessoas, entre o costume e a lei, entre conhecimento e prática; pressupõe certas formas de individualidade e de comunidade (...) não é um contentor vazio dentro do qual qualquer coisa pode ser vazada; já tem um conteúdo (...) [e assim] não pode servir como veículo para exprimir aquelas aspirações que não estejam já de acordo com ou se ajustem à medida da nação, do Estado e da modernidade; e pode, de facto, ser prejudicial enquanto veículo para a recuperação e a expressão do que é autóctone, em vez do que é Ocidental e derivativo, sobre uma comunidade e cultura política.³⁷

36 Chatterjee, *The Nation and its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories*, 11.

37 Sanjay Seth, “A ‘Postcolonial World’?” in *Contending Images of World Politics*, coord. Greg Fry e Jacinta O’Hagan (Basingstoke: Macmillan, 2000), 221.

Conclusão: o impacto do pós-colonialismo

Os estudos subalternos vieram a ter um impacto importante no mundo académico, incluindo nos estudos sobre o nacionalismo. Aquilo que começou com uma intervenção dentro da história indiana tornou-se, especialmente após a publicação de uma selecção de ensaios das primeiras obras nos Estados Unidos em 1988, algo “extremamente influente na academia norte-americana”.³⁸ O seu impacto estendeu-se bem além dos especialistas indianos, e foi especialmente influente nos estudos latino-americanos, nos quais, inspirados por um grupo indiano, em 1993 um grupo de académicos da América Latina fundou “um projecto similar dedicado a estudar os subalternos da América Latina”;³⁹ dentro desse espírito, Florencia Mallon propôs uma nova leitura do nacionalismo popular no Peru e no México.⁴⁰ Outros académicos da América Latina insistiram no facto que as especificidades da América Latina e do moderno-colonial não poderiam ser compreendidas a partir da abordagem do pós-colonialismo: Sara Castro-Klaren escreve que “o ponto inicial do moderno/colonial enquanto sistema-mundo deve ser situado no tempo da conquista espanhola das sociedades ameríndias” e não, como o pós-colonialismo erradamente assume, ao Iluminismo e à conquista colonial da Ásia e da África do século XVIII e XIX.⁴¹ A teoria decolonial, como passou a ser conhecida, tem sido uma grande corrente na produção académica na América Latina, tirando proveito das mesmas

38 Vinayak Chaturvedi, “Introduction,” in *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*, coord. Vinayak Chaturvedi p. xii. A obra *Selected Subaltern Studies*, coord. Ranajit Guha e Gayatri Chakravorty Spivak (Nova Iorque: Oxford University Press USA, 1988) incluía um “Prefácio” de Edward Said, em que descrevia esta obra como “parte de um vasto esforço crítico e cultural pós-colonial” (p. ix). Dez anos mais tarde, seguiu-se a obra de Ranajit Guha (coord.), *A Subaltern Studies Reader: 1986-1995* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997).

39 “Founding Statement: Latin American Subaltern Studies Group,” *boundary 2* 20, n.º 3 (1993). Sobre a escola latino-americana de estudos subalternos, veja-se também *Dispositio*, número especial sobre ‘Subaltern Studies in the Americas’ 19, n.º 46 (1994); F. E. Mallon, “The promise and dilemma of subaltern studies: perspectives from Latin American history,” *The American Historical Review* 99, n.º 5 (Dezembro 1994): 1491-515; e Ileana Rodriguez (coord.), *The Latin American Subaltern Studies Reader* (Durham: Duke University Press, 2001).

40 Florencia E. Mallon, *Peasant and Nation: The Making of Postcolonial Mexico and Peru* (Berkeley: University of California Press, 1995).

41 Sara Castro-Klaren, “Posting Letters: Writing in the Andes and the Paradoxes of the Postcolonial Debate,” in *Coloniality at Large: Latin America and the Postcolonial Debate*, coord. Mabel Morana, Enrique Dussel e Carlos Jauregui (Durham: Duke University Press, 2008).

energias críticas antieurocêntricas que a teoria pós-colonial, mas distinguindo-se desta.⁴²

A teoria pós-colonial não teve um grande impacto nos estudos académicos na China ou no Japão, apesar da obra de Prasenjit Duara, *Rescuing History from the Nation: Questioning Narratives of Modern China*, que desafia a redução da história a uma biografia dos estados-nação, constituir uma importante excepção.⁴³ Nos estudos africanos, a teoria pós-colonial tem tido um impacto significativo nos estudos sobre a África contemporânea, mais do que nos estudos sobre a descolonização e o nacionalismo. Isto inclui o importante trabalho de John Comaroff e Jean Comaroff, que têm argumentado que a África contemporânea e o mundo pós-colonial não devem ser vistos como estando “atrasados” em relação ao Ocidente, mas antes prefigurando o futuro do Ocidente: “Ao contrário do que afirma a narrativa euromodernista dos últimos dois séculos – que coloca o Sul global atrasado na História Universal, sempre em falta, sempre a tentar acompanhar o passo – há boas razões para pensar o oposto: dado o carácter imprevisível e subdeterminado da dialéctica do capitalismo-e-modernidade no aqui e no agora, é o Sul que é frequentemente o primeiro a sentir os efeitos das forças históricas mundiais (...) e assim capaz de prefigurar o futuro do Norte global.”⁴⁴

42 A obra citada na nota anterior colige alguns dos escritos mais importantes (muitas vezes traduzidos do original espanhol) dos teóricos decoloniais. Veja-se também Walter D. Mignolo, *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2ª edição, 2003) e *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking* (Princeton: Princeton University Press, 2000).

43 Prasenjit Duara, *Rescuing History from the Nation: Questioning Narratives of Modern China* (Chicago: University of Chicago Press, 1995). O motivo pelo qual a produção académica sobre o nacionalismo chinês terá sido pouco afectada pela teoria pós-colonial é uma questão abordada por Duara no capítulo 7 do seu livro. Veja-se também Sanjay Seth, “Nationalism, Modernity, and the ‘Woman Question’ in India and China,” *Journal of Asian Studies* 72, nº 2 (Maio 2013), especialmente 288-93.

44 Jean Comaroff e John L. Comaroff, *Theory from the South: Or, How Euro-America is Evolving Toward Africa* (Boulder e Londres: Paradigm Publishers, 2012), 12. Veja-se também Jean Comaroff e John L. Comaroff (coord.), *Law and Disorder in the Postcolony* (Chicago: University of Chicago Press, 2006) e Achille Mbembe, *On the Postcolony* (Berkeley: University of California Press, 2001). Num sentido diferente, dirigindo a atenção para o nascimento argelino de muitos dos mais destacados pós-estruturalistas franceses, Pal Ahluwalia tem argumentado que a teoria pós-estruturalista tem as suas origens, e extrai o seu ímpeto, das suas raízes pós-coloniais; uma inversão da ideia de que o pós-colonialismo é o pós-estruturalismo aplicado às colónias. Veja-se *Out of Africa: Post-structuralism’s Colonial Roots* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2010).

Quanto às histórias do nacionalismo, o impacto dos estudos subalternos, e talvez mais genericamente do pós-colonialismo, é menos evidente do que já foi. Os escritos sobre o nacionalismo anticolonial nos anos 2000 não retomaram os temas que tinham dominado os debates sobre o nacionalismo indiano nos anos 80 e 90 do século XX. Contudo, o impacto dos estudos subalternos e do pós-colonialismo mede-se pela presença de temas e análises, antes relativamente novas, que exercem agora influência para além das fileiras dos académicos declaradamente pós-coloniais. Três dessas análises devem ser mencionadas.

Em primeiro lugar, o estudo do nacionalismo é hoje menos tendente a procurar causas económicas e sociais “subjacentes”, tratando assim as ideias e o discurso nacionalista como secundário. Isto é o resultado de muitas influências intelectuais, mas o pós-colonialismo tem sido uma dessas influências. Em segundo lugar, e talvez mais importante que tudo, a “diferença” do mundo não-Occidental, incluindo o seu nacionalismo, é hoje em dia mais amplamente reconhecida e explorada. É verdade, evidentemente, que o não-Occidental tem sido visto – pelo menos desde o começo da era colonial – enquanto diferente. No entanto, a “diferença” para a qual o conhecimento pós-colonial tem dirigido a atenção não é uma diferença essencialista, ontológica, em essência racista – “o Leste é o Leste e o Oeste é o Oeste, e nunca os dois se encontrarão”.⁴⁵ E esta diferença também não é reconhecida por defensores das teorias estatistas do desenvolvimento histórico, de acordo com as quais o mundo não-Occidental está num estádio anterior e menor da “modernização” e do Iluminismo. Durante muito tempo esta visão dominou a historiografia, e a escrita da história do não-Occidente consistia na procura das suas “carências” e deficiências, e das descrições de como tinha procedido na sua “transição” para onde o Ocidente já tinha chegado – guardando a premissa de que o que aconteceu primeiro no Ocidente moldaria por fim o Resto. Parecia haver duas escolhas – olhar para o não-Occidente como “ontologicamente” diferente (e menor), ou olhá-lo como em princípio semelhante, mas historicamente “atrás” do Ocidente, a precisar de “recuperar”.

45 Referência ao primeiro verso do poema de Rudyard Kipling “The Ballad of East and West” (1889): “Oh, East is East and West is West, and never the twain shall meet.” (N. da T.)

Uma das contribuições da teoria pós-colonial tem sido a de sugerir que estas duas escolhas intragáveis podem não esgotar todas as nossas opções intelectuais. A abordagem pós-colonial tem procurado mostrar como o não-Occidental é diferente não porque “ainda não é” moderno e totalmente racional, mas que a globalização do capital e da modernidade não apagaram a diferença, e que aquilo que tomámos por Razão não é senão uma forma histórica e culturalmente específica de conceber, compreender e habitar o mundo, mais do que a forma correcta de o fazer, finalmente descoberta. A expansão do capitalismo, que teve no colonialismo um dos principais mecanismos, transformou, de facto, o mundo não-Occidental de muitas maneiras: mas as formas de pensar, viver e conceber a vida colectiva que não estão de acordo com a modernidade ocidental nem sempre foram relegadas para o caixote do lixo da história. É, assim, necessário estudar o não-occidental não como uma versão anterior daquilo que o Ocidente era, nem como algo “em vias” de se tornar como o Ocidente, mas antes como algo que corporiza formas de vida e pensamento que são parte do moderno mas sem necessariamente assumirem as formas da modernidade Ocidental. Isto inclui o nacionalismo anticolonial, que desafiou com sucesso as formas mais óbvias e racistas de ver e tratar os povos não-Occidentais enquanto versões menores do Ocidente, mas fê-lo sem se emancipar completamente das assunções epistémicas e morais da modernidade Ocidental.

Finalmente, em terceiro lugar, se há formas importantes através das quais os países não-Occidentais podem ser “diferentes” do Ocidente, e se além disso o que tomamos por ser a Razão não é a verdade descoberta, mas uma forma cultural e historicamente situada de “saber”, então parece decorrer daqui que as categorias analíticas através das quais procuramos entender o mundo não-Occidental podem nem sempre ser adequadas ao seu objecto. Uma grande parte da mais recente teorização pós-colonial tem estado preocupada em explorar esta possibilidade – por exemplo, não apenas questionando porque é que o não-Occidente parece ter formas peculiares e mesmo disfuncionais de “sociedade civil”, com poucos indivíduos que procuraram otimizar o seu interesse próprio, mas indo mais além e questionar se estas categorias de aná-

lise são adequadas para a compreensão de sociedades não-Ocidentais. Um dos trabalhos recentes mais importantes foi escrito por Dipesh Chakrabarty, um membro do grupo dos subalternistas, que procura “explorar as capacidades e limitações de algumas categorias sociais e políticas europeias na conceptualização da modernidade política no contexto dos mundos-de-vida europeus”,⁴⁶ concluindo que muitas das categorias centrais das ciências humanas surgiram da experiência e da história europeia, e não podem ser sempre generalizáveis e aplicáveis a contextos históricos não-europeus. Achille Mbembe tem argumentado de modo semelhante: “Definindo-se ao mesmo tempo como um retrato fiel da modernidade Ocidental – ou seja, começando por convenções que são puramente locais – e uma gramática universal, a teoria social condenou-se sempre a fazer generalizações de linguagem de um provincialismo (...) [assim, para a teoria social] revela-se extremamente difícil entender os objectos não-Ocidentais.”⁴⁷ Este questionamento alargou-se à própria disciplina da história – visto que a historiografia moderna é um produto Ocidental, alguns dos trabalhos recentes têm questionado se esta é adequada e útil como forma de compreender os passados indianos.⁴⁸ Neste sentido, a teorização pós-colonial voltou ao ponto de partida. Aquilo que começou como uma tentativa de escrever a história de forma diferente tornou-se, em parte, uma interrogação crítica da historiografia.

46 Dipesh Chakrabarty, *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference* (Princeton: Princeton University Press, 2000), 20. Veja-se também Sanjay Seth, *Subject Lessons: The Western Education of Colonial India* (Durham: Duke University Press, 2007).

47 Achille Mbembe, *On the Postcolony*, 11.

48 Veja-se, por exemplo, Chakrabarty, “Minority Histories, Subaltern Pasts,” *Postcolonial Studies* 1, n.º 1 (1998); e Sanjay Seth, “Reason or Reasoning?: Clio or Siva,” *Social Text* 78 (Primavera 2004); e o número especial de *Postcolonial Studies* sobre “Historiography and non-Western Pasts” 11, n.º 2 (Junho 2008).

BIBLIOGRAFIA

- Abu-Lughod, Lila, coord. *Remaking Women: Feminism and Modernity in the Middle East*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- Ahluwalia, Pal. *Out of Africa: Post-structuralism's Colonial Roots*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2010.
- Badran, Margot. *Feminists, Islam and Nation: Gender and the Making of Modern Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- Baron, Beth. *Egypt as a Woman: Nationalism, Gender and Politics*. Berkeley: University of California Press, 2005.
- Burton, Antoinette, coord. *Gender, Sexuality and Colonial Modernities*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1999.
- Castro-Klaren, Sara. "Posting Letters: Writing in the Andes and the Paradoxes of the Postcolonial Debate." In *Coloniality at Large: Latin America and the Postcolonial Debate*, coord. por Mabel Morana, Enrique Dussel e Carlos Jauregui, 130-57. Durham: Duke University Press, 2008.
- Chakrabarty, Dipesh. "Minority Histories, Subaltern Pasts." *Postcolonial Studies* 1. n^o 1 (1998): 15-29.
- Chakrabarty, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- Chakrabarty, Dipesh. "A Small History of *Subaltern Studies*." In *Habitations of Modernity: Essays in the Wake of Subaltern Studies*, 3-19. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- Chaturvedi, Vinayak. "Introduction." In *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*, coord. por Vinayak Chaturvedi, i-vii. Londres: Verso, 2000.
- Chatterjee, Partha. *Nationalist Thought and the Colonial World: A Derivative Discourse?* Deli: Oxford University Press, 1986.
- Chatterjee, Partha. *The Nation and its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- Comaroff, Jean L., e John L. Comaroff, coord. *Law and Disorder in the Postcolony*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- Comaroff, Jean L., e John L. Comaroff. *Theory from the South: Or, How Euro-America is Evolving Toward Africa*. Boulder e Londres: Paradigm Publishers, 2012.
- Duara, Prasenjit. *Rescuing History from the Nation: Questioning Narratives of Modern China*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- Gallagher, John, Gordon Johnson e Anil Seal, coord. *Locality, Province and Nation: Essays on Indian Politics 1870 to 1940*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- Gandhi, Leela. *Postcolonial Theory: A Critical Introduction*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1998.
- Germer, Andrea, Vera Mackie e Ulricke Wöhr, coord. *Gender, Nation and State in Modern Japan*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.
- Gilmartin, Christina. *Engendering the Chinese Revolution*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- Guha, Ranajit. "On Some Aspects of the Historiography of Colonial India." In *Subaltern Studies I*, coord. por Ranajit Guha, 1-8. Deli: Oxford University Press, 1982.
- Guha, Ranajit. "The Prose of Counter-Insurgency." In *Subaltern Studies II*, coord. por Ranajit Guha, 33-38. Deli: Oxford University Press, 1983.

Guha, Ranajit. *Elementary Aspects of Peasant Insurgency in Colonial India*. Delhi: Oxford University Press, 1983.

Guha, Ranajit, coord. *A Subaltern Studies Reader: 1986-1995*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

Guha, Ranajit. "Introduction." In *A Subaltern Studies Reader, 1986-1995*, coord. por Ranajit Guha, i-ix. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

Hershatter, Gail. *Women in China's Long Twentieth Century*. Berkeley: University of California Press, 2007.

Judge, Joan. *The Precious Raft of History: The Past, the West, and the Woman Question in China*. Stanford University Press, 2008.

Kandiyoti, Deniz, coord. *Gendering the Middle East: Alternative Perspectives*. Londres: I.B. Tauris, 1995.

Kandiyoti, Deniz. "Identity and its Discontents: Women and the Nation." In *Colonial Discourse and Postcolonial Theory: A Reader*, coord. por Patrick Williams e Laura Chrisman, 376-91. Brighton: Harvester Wheatsheaf, 1993.

Kedourie, Elie. *Nationalism*. Londres: Hutchinson, 1960.

Kuhn, Thomas. *The Structure of Scientific Revolutions*. 2ª edição revista e aumentada. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

Latin American Subaltern Studies Group. "Founding Statement: Latin American Subaltern Studies Group." *boundary 2* 20, n° 3 (1993): 110-21.

Loomba, Ania. *Colonialism/Postcolonialism*. 3ª edição. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2015.

Mallon, F. E. "The promise and dilemma of subaltern studies: perspectives from Latin American history." *The American Historical Review* 99, n° 5 (Dezembro 1994): 1491-515.

Mallon, Florencia E. *Peasant and Nation: The Making of Postcolonial Mexico and Peru*. Berkeley: University of California Press, 1995.

Mbembe, Achille. *On the Postcolony*. Berkeley: University of California Press, 2001.

Mignolo, Walter D. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

Mignolo, Walter D. *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization*. 2ª edição. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003.

Nairn, Tom. "The Modern Janus." In *The Break-up of Britain*. 2ª edição aumentada, 329-63. Londres: Verso, 1981.

O'Hanlon, Rosalind. "Recovering the Subject: Subaltern Studies and Histories of Resistance in Colonial South Asia." In *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*, coord. por Vinayak Chaturvedi, 72-115. Londres: Verso, 2000.

Patessio, Mara. *Women and Public Life in Early Meiji Japan: The Development of the Feminist Movement*. Ann Arbor: University of Michigan Centre for Japanese Studies, 2011.

Plamenatz, John. "Two Types of Nationalism." In *Nationalism: The Nature and Evolution of an Idea*, coord. por Eugene Kamenka, 23-36. Londres: Edward Arnold, 1976.

Rabasa, José, Javier Sanjinés C., e Robert Carr, coord. "Subaltern Studies in the Americas." Número especial de *Dispositivo*, 19, n° 46 (1994).

Rai, Lajpat. *The Problem of National Education in India*. Londres: Allen and Unwin, 1920.

- Rodriguez, Ileana, coord. *The Latin American Subaltern Studies Reader*. Durham: Duke University Press, 2001.
- Said, Edward. "Preface." In *Selected Subaltern Studies*, coord. por Ranajit Guha e Gayatri Chakravorty Spivak, i-x. Nova Iorque: Oxford University Press USA, 1988.
- Said, Edward. *Orientalism*. 1ª edição 1978. Londres: Penguin, 2003.
- Sangari, Kumkum, e Sudesh Vaid, coord. *Recasting Women*. New Brunswick, N. J: Rutgers University Press, 1990.
- Sarkar, Sumit, Tanika Sarkar, coord. *Women and Social Reform in Modern India: A Reader*. Bloomington: Indiana University Press, 2008.
- Sarkar, Tanika. *Hindu Wife, Hindu Nation*. Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- Seal, Anil. *The Emergence of Indian Nationalism: Competition and Collaboration in the Later Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- Seth, Sanjay. *Marrist Theory and Nationalist Politics: The Case of Colonial India*. Nova Deli: Sage Publications, 1995.
- Seth, Sanjay. "Rewriting Histories of Nationalism: The Politics of 'Moderate Nationalism' in India, 1870-1905." *The American Historical Review* 104, n.º 1 (Fevereiro 1999): 95-116.
- Seth, Sanjay. "A 'Postcolonial World'?" In *Contending Images of World Politics*, coord. por Greg Fry e Jacinta O'Hagan, 214-26. Basingstoke: Macmillan, 2000.
- Seth, Sanjay. "Reason or Reasoning?: Clio or Siva." *Social Text* 78 (Primavera 2004): 85-101.
- Seth, Sanjay. "Revolution and History: Maoism and *Subaltern Studies*." *Storia della Storiografia* 62, n.º 2 (2012):131-49.
- Seth, Sanjay. *Subject Lessons: The Western Education of Colonial India*. Durham: Duke University Press, 2007.
- Sinha, Mrinalini. *Specters of Mother India: The Global Restructuring of an Empire*. Durham: Duke University Press, 2007.
- Seth, Sanjay. "Historiography and non-Western Pasts." Número especial de *Postcolonial Studies* 11, n.º 2 (Junho 2008): 139-44.
- Seth, Sanjay. "Nationalism, Modernity, and the 'Woman Question' in India and China." *Journal of Asian Studies* 72, n.º 2 (Maio 2013): 273-97.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. "Can the Subaltern Speak?" In *Marrism and the Interpretation of Culture*, coord. por Cary Nelson and Lawrence Grossberg, 271-313. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1988.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. "Subaltern Studies: Deconstructing Historiography." In *Subaltern Studies IV*, coord. por Ranajit Guha, 330-63. Deli: Oxford University Press, 1985.
- Young, Robert J. C. *Postcolonialism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- Young, Robert J. C. *Postcolonialism: An Historical Introduction*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2016.

Referência para citação:

Seth, Sanjay. "Pós-colonialismo e a história do nacionalismo anticolonial." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 45-75.

José Miranda Justo

**Heterogeneidades – uma perspectiva invulgar
da filosofia da história a partir
do *Manifesto Comunista***

O *Manifesto Comunista*, redigido basicamente por Marx imediatamente após o segundo congresso da Liga dos Comunistas, decorrido entre 29 de Novembro e 8 de Dezembro de 1847, contém elementos vários que, para além de uma certa concepção da história baseada no conceito de «lutas de classes», apontam igualmente no sentido de uma *filosofia da história* embrionária. Partindo da concepção deleuziana de «filosofia» e de «conceito», mas também de uma distinção conceptual entre diversidade, multiplicidade e heterogeneidade que procura aprofundar a concepção da «multiplicidade» em Deleuze e Guattari, este artigo trata de demonstrar que a filosofia da história que se encontra em estado nascente no *Manifesto* é caracterizada por um elevado grau de *heterogeneidade* que permite uma leitura do texto decididamente orientada na direcção de uma *abertura* marxiana da história que contradiz o ultra-unitarismo e o fechamento das leituras mais vulgarizadas.

Palavras-chave: Marx, heterogeneidade, abertura, filosofia da história.

**Heterogeneities – an unusual perspective
of the philosophy of history based
on *The Communist Manifesto***

The Communist Manifesto, basically written by Marx immediately after the second congress of the League of the Communists that took place between November the 29th and December the 8th of 1847, contains various elements which – besides a certain conception of history based on the concept of “class struggles” – also point out in the direction of an embryonic *philosophy of history*. Departing from the Deleuzian conception of “philosophy” and of the “concept”, but also from a conceptual distinction of diversity, multiplicity and heterogeneity that tries to reformulate the concept of “multiplicity” as it was used by Deleuze and Guattari, the present article aims at demonstrating that the philosophy of history to be found in *status nascens* in the *Manifesto* is characterized by a high degree of *heterogeneity* which allows for a reading of the text decidedly oriented toward a Marxian *openness* of history, thus contradicting the ultra-unitary and closed attitude of the most current readings.

Keywords: Marx, heterogeneity, openness, philosophy of history.

Heterogeneidades – uma perspectiva invulgar da filosofia da história a partir do *Manifesto Comunista*

José Miranda Justo*

Primeira observação preliminar: por muito que alguns comentadores e activistas possam entender que não é esse o interesse maior do *Manifesto Comunista*, a verdade é que esse texto contém claramente elementos de uma *filosofia da história*. Ou seja, na minha perspectiva, o texto não se limita a estabelecer em traços largos um certo desenrolar de uma sequência temporal de modos de produção e a respectiva diferenciação do papel das lutas de classes, antes contém elementos suficientes para que possamos ver nele um elo significativo na cadeia das sucessivas abordagens do problema da história que levantam questões propriamente filosóficas relativas aos conceitos que operam no seio dessas mesmas abordagens (como acontece parcialmente já em Voltaire e mais marcadamente, depois, em Herder, Kant, Hegel e Nietzsche, para nomear apenas alguns casos até ao final do século XIX). Por outras palavras, se é certo que Marx e Engels desenvolveram ao longo do tempo uma certa concepção da história (*Geschichtsauffassung*) que dá pelo nome de *materialismo histórico*, do meu ponto de vista, não é menos verdade que essa concepção obriga à discussão filosófica dos *conceitos* que geram o movimento dessa concepção. Ora, a discussão desses conceitos e desse dinamismo inscreve-se precisamente no âmbito daquilo a que devemos chamar uma filosofia da história (*Geschichtsphilosophie*). Uma filosofia da história produz conceitos – entidades filosóficas – a

* CFUL, FLUL.

partir de entidades não-filosóficas, neste caso a partir de factua-
lidades históricas ou de discursos pré-filosóficos acerca dessas factua-
lidades –, exactamente como uma filosofia da arte cria conceitos (filosóficos)
a partir de entidades artísticas (perceptos e afectos) ou a partir de
discursos pré-filosóficos sobre essas entidades. Neste sentido, torna-se
nítida a distinção entre filosofia da história, concepção da história e
interpretação historiográfica.

Clarificando, explicitarei que por *conceitos* entendo aqui – em
termos deleuzianos – as entidades que são propriamente criação por
parte da filosofia. Cito apenas uma pequena passagem de *Qu'est-ce que
la philosophie?*:

[...] a questão da filosofia é o ponto singular onde o
conceito e a criação se reportam um ao outro. // Os fi-
lósofos não se ocuparam suficientemente da natureza do
conceito como realidade filosófica. Preferiram considerá-lo
como um conhecimento ou uma representação dados que se
explicavam por faculdades capazes de o formar (abstracção
ou generalização) ou de fazer uso dele (juízo). Mas o concei-
to não é dado, é criado, [é algo] a criar; não está formado,
põe-se a si mesmo, em si mesmo, auto-posição.¹

No que se segue procurarei precisamente trazer ao de cima e subli-
nhar aquilo que entendo ser a «auto-posição» dos dois conceitos – repi-
to: entidades propriamente filosóficas – que subtendem (filosoficamente)
a concepção da história (não-filosófica) de algum modo traçada já no
Manifesto. Estas entidades filosóficas não são efectivamente explicitadas
no texto, mas encontram-se nele manifestamente em acto de geração, e
é essa geração que pretendo captar no seu dinamismo próprio.

Segunda observação preliminar: naquilo que se segue, tratarei o
texto do *Manifesto* como sendo um escrito produzido pela mão de

¹ Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Qu'est-ce que la philosophie?* (Paris: Éditions de Minuit, 1991), 16. Trad. minha.

Marx. É bem conhecido o facto de a tarefa da redacção ter sido entregue a Marx e a Engels pela Liga dos Comunistas “imediatamente após” o seu segundo congresso, decorrido de 29 de Novembro a 8 de Dezembro de 1847. Durante o congresso, Marx expusera com bastante pormenor e com sucesso as suas ideias acerca das contradições fundamentais da sociedade do passado e do presente, acerca da luta de classes e das tarefas dos comunistas. A redacção do *Manifesto* correspondia à necessidade reconhecida pela Liga de ser produzido um programa que contivesse o essencial da análise económica, política e social produzida durante o congresso, e que constituísse um guia para a acção presente e futura do proletariado, sobretudo num momento em que se adivinhava a erupção de grandes batalhas sociais em vários pontos da Europa, especialmente em França e na Alemanha. É indiscutível que Marx e Engels trabalharam juntos na elaboração do projecto do texto. Porém, os dados disponíveis sobre as deslocações dos dois homens e sobre o pouco tempo passado em comum durante o período que antecede a entrega do documento para impressão, aliados a testemunhos existentes sobre a urgência com que o texto foi completado numa altura em que Marx e Engels não estavam juntos, levam a crer, com elevado grau de probabilidade, que o autor material do texto tenha sido exclusivamente Marx. Sobre o pormenor dos debates interpretativos acerca da composição do *Manifesto Comunista*, o leitor pode consultar toda a parte introdutória da edição alemã preparada por Theo Stammen e Alexander Classen; o leitor que não tenha acesso directo à língua alemã encontra um resumo do mesmo debate na introdução à edição inglesa do texto devida a Eric Hobsbawm.²

O facto de a redacção do texto tal como o conhecemos dever ser atribuída a Marx tem interesse para o presente estudo sobretudo porque não se trata aqui de trabalhar com base em concepções gerais – potencialmente idênticas em Marx e em Engels na altura em que o

2 Cf. sobretudo Theo Stammen e Alexander Classen (Hg.), *Karl Marx: Das Manifest der kommunistischen Partei* (Paderborn: Wilhelm Fink, 2009), 14-21, «Zur Autorschaft». Vd. igualmente Eric Hobsbawm, “Introduction,” in *The Communist Manifesto. A Modern Edition*, Karl Marx and Frederick Engels (London e New York: Verso, 1998), 3-29, em particular 3-4.

texto foi produzido, e mesmo posteriormente –, mas sim, inversamente, de captar e explorar a expressão concreta que certas concepções revestem no plano da letra do texto. Ora, essa expressão concreta é da responsabilidade de Marx e não da dupla Marx-Engels. Esta minha opção pela «expressão» não é um mero formalismo, não tem que ver com nenhum privilégio da mera literalidade em prejuízo dos conceitos, antes é um reconhecimento de que os conceitos se constroem na chamada expressão – a qual, na verdade, não é uma simples externalização de algo que lhe seja anterior e que seria a matéria conceptual – e que, por isso mesmo, um máximo de proximidade em relação à matéria estilística, i.e., em particular, lexical, sintáctica e retórica, ou (para dizer de outro modo) à matéria autoral, abre-nos mais eficazmente o caminho para uma genealogia do pensar do que qualquer abordagem abstracta que pretenda tratar a conceptualidade dos textos na independência dos seus processos de constituição (ou configuração). Acresce que, no caso que aqui nos importa, o peso retórico do texto de Marx é de tal maneira proeminente que não restarão dúvidas de que a filosofia da história que nele se configura é fruto de uma manipulação do plano verbal absolutamente constitutiva do pensar em que essa mesma filosofia da história se corporiza.

1.

Observando de perto o texto do *Manifesto*, verifica-se que a narrativa histórica que Marx desenrola nunca é exclusivamente uma narrativa. Ela é, em boa verdade, simultaneamente uma narrativa, uma análise e uma sobreposição (relativamente a essas duas instâncias) de um conceito pré-organizativo ou supra-organizativo que reúne (ou funde) vários sub-conceitos – ou conceitos primários –, designadamente: contradição, classe, propriedade, meios de produção, forças produtivas, relações de produção, mercado, mercadoria, trabalho. O conceito que, em princípio, aglutina e põe em movimento este vasto conjunto de conceitos primários é o de luta de classes. Assim, a primeira declaração do capítulo I do texto diz: «A história de toda a sociedade até aqui é a história de

lutas de classes»³ (Marx 1990, liv. 4, 462). O conceito de luta de classes fica assim aparentemente instituído em conceito sobredeterminante da própria ideia de história e de tudo aquilo que ela envolve, ou seja, o conjunto de todas as formações sociais nos seus mais variados níveis e factores internos, dos mais amplos até aos mais ínfimos. Contudo, esta sobredeterminação é de facto aparente. O que sucede é que o próprio conceito de luta de classes, da maneira como aqui surge, tem um efeito disseminante por duas ordens de razões: (1) por um lado, na primeira utilização que Marx faz deste conceito no texto é notável o facto de usar o plural e não o singular; não existe, portanto, um conceito de luta de classes capaz de subsumir sem resto todas as lutas de classes acontecidas ao logo da história; o conceito de luta de classes será sempre necessariamente um conceito não redutor, não unificador do múltiplo no uno (ou do heterogéneo no homogéneo, como veremos mais adiante); (2) por outro lado, o simples facto de o elemento agregador do conceito de luta de classes ser o operador «luta» faz com que o conceito envolva à partida um dinamismo radical que o eleva ao plano daqueles conceitos que, em vez de se limitarem a dizer algo ou a descrever alguma coisa, antes efectuam ou produzem não um factor ou um evento, mas sim uma infinidade potencial de factores, eventos ou instâncias conceptuais. A multiplicidade assinalada e esta potencial infinitude da produtividade do conceito reúnem-se naquilo a que desde já quero chamar uma *heterogeneidade*. Uma heterogeneidade que não é vulgarmente assinalada e sublinhada nos textos de Marx, mas que – do ponto de vista da nossa contemporaneidade – pode ser detectada e descrita, precisamente como um ganho conceptual absolutamente *invulgar*.

O que é a heterogeneidade, designadamente por oposição à mera diversidade e à multiplicidade (mesmo quando esta se apresenta sob as vestes da complexidade)? A diversidade e a multiplicidade, como já tenho defendido em contextos diferentes, são susceptíveis de serem

3 As traduções que apresento de passagens do *Manifesto* são sempre da minha responsabilidade, embora as tenha regularmente confrontado com a tradução usada na edição Marx (1997). As minhas propostas de tradução são deliberadamente bastante literais, precisamente porque me importa explorar, tanto quanto possível, a materialidade verbal do texto marxiano.

ilustradas e entendidas segundo modelos metafóricos geométricos euclidianos. A diversidade constata-se sobre uma mesma linha, na qual diferentes segmentos precisamente se «diversificam» em diferentes circunstâncias de espaço e tempo; conseqüentemente, a diversidade não encerra nenhum plano de complexidade. Quanto à multiplicidade, ela verifica-se em relações que se estabelecem entre diversos pontos de diferentes planos; estas relações são da ordem da complexidade sempre que as linhas relacionais se cruzam e dão origem a uma «multiplicação» de elementos relacionais. A heterogeneidade, por seu turno, escapa completamente às visualizações euclidianas e exige um tipo de metáfora radicalmente diferente: a metáfora da explosão. A geometria não basta à heterogeneidade precisamente porque, como veremos melhor um pouco mais adiante, ela é mais do que meramente pluri-direccional; ela desenvolve-se numa quantidade de direcções imprevisível e auto-multiplicativa, de tal modo que podemos aqui falar de uma *infinitude* de alcance que não encontramos na multiplicidade e muito menos na diversidade.

Antes de abordar a metáfora da explosão na sua especificidade, seja-me permitido dizer que – do meu ponto de vista – ela tem um antecedente muito significativo na categoria de rizoma, tal como esta foi tratada por Deleuze e Guattari num texto homónimo de 1976, posteriormente integrado em *Mille plateaux*, como texto de abertura.⁴ Cito apenas uma passagem – que entendo ser crucial para os meus propósitos – do texto de Deleuze e Guattari:

[...] diferentemente das árvores ou das suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com um outro ponto qualquer, e cada um dos seus traços não reenvia necessariamente a traços da mesma natureza; põe em jogo regimes de signos muito diferentes e mesmo estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Um nem ao múltiplo. Não é o Um que se torna dois, nem mesmo [...] directa-

⁴ Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Rhizome* (Paris: Éditions de Minuit, 1976); Gilles Deleuze e Félix Guattari *Mille Plateaux* (Paris: Éditions de Minuit, 1980), 9-37.

mente três, quatro ou cinco, etc. [...] Não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direcções moventes. [...] Constitui multiplicidades lineares de n dimensões [...]. Uma tal multiplicidade não varia as suas dimensões sem mudar de natureza em si mesma e metamorfosear-se. (Deleuze e Guattari 1980, 31)

Aquilo que me interessa em primeiro lugar nesta passagem é a ideia de que a metáfora do rizoma aponta para um tipo de relações que, por um lado, não são redutíveis ao Uno, e que, por outro lado, também não são susceptíveis de ser reconduzidas ao múltiplo. O rizoma é feito de «direcções moventes». São relações desse tipo que verdadeiramente me interessam e que, na minha perspectiva, são análogas às que podemos tratar sob a metáfora da explosão. Porém, a passagem citada de Deleuze e Guattari retoma a noção de multiplicidade para falar das mudanças de natureza – i.e. das metamorfoses – pelas quais passam os factores constituídos pelo rizoma. É aqui que reside o ponto em que entendo que é necessária uma delimitação mais cabal entre as multiplicidades, que em boa verdade não são rizomáticas, e as heterogeneidades. Deleuze e Guattari dão um passo fundamental com a apresentação do rizoma como algo que se não deixa reduzir nem ao Uno, nem à multiplicidade, e também quando o associam à metamorfose, mas não determinam suficientemente uma diferença entre a multiplicidade e a heterogeneidade. Por outras palavras, não elevam a heterogeneidade ao estatuto de um conceito filosófico propriamente dito. Ora, é precisamente este estatuto que procuro captar quando introduzo a metáfora da explosão.

A metáfora da explosão vem, pois, efectuar o trabalho de elucidação da «auto-posição» do conceito de heterogeneidade. Antes de mais, importa sublinhar a desorganização primordial que esta metáfora implica, a instância de caos para a qual ela remete. Uma explosão parte de facto de um núcleo central, mas projecta fragmentos em todas as direcções, de um modo absolutamente irreduzível a qualquer tipo de irradiação simétrica. Para além disso, os fragmentos que são projectados chocam-se

uns com os outros, criando novos fragmentos e novos direccionamentos imprevisíveis da irradiação proliferante. Por outro lado ainda, os direccionamentos das projecções são potencialmente ilimitados; ou seja, não existe nenhuma previsibilidade quanto à quantidade de projecções e de direccionamentos de uma dada explosão. Neste sentido, a metáfora da explosão contém em si um potencial de infinitude que afecta não só o conjunto das direcções da dispersão explosiva, mas também cada um dos respectivos direccionamentos e dos direccionamentos de segunda, terceira, quarta, etc., ordens.

A heterogeneidade, entendida à luz da metáfora da explosão, configura, pois, um caos. Mas, como ensinou Deleuze, o caos tende a encontrar modos de organização infra-globais, modos localizados de uma organização a que poderíamos chamar minimalista, zonas de diferença susceptíveis de serem conceptualizadas a níveis inferiores ao da unificação globalizante ou totalizante. É portanto possível pensar o caos num devir *caosmos*, sem com isso adoptar o posicionamento abstractivo da filosofia tradicional que procura sempre reduzir o diverso ao uno. É este o ganho de sentido crucial da categoria de heterogeneidade, a qual não persegue desesperadamente o uno, mas também não nos deixa na absoluta imobilidade surda de um pensamento sem uma proliferação de horizontes do seu próprio movimento.

Ora, é precisamente a presença de ocorrências várias da instância da heterogeneidade que me importa detectar no texto de Marx, trazendo assim à superfície uma eficácia da textualidade do *Manifesto* que ultrapassa largamente as leituras mais tradicionais do texto, ao mesmo tempo que permite divisar os traços particularmente produtivos da filosofia da história nele configurada.

Mas a heterogeneidade funcional é também uma *heterogeneidade negativa*, não no sentido pobre, niilista, da negação, mas no sentido profundamente criador da negação, aquele que tem directamente que ver com o facto de a negação ser o gesto mais radical e mais decisivo de todos os que o nosso pensamento pode levar a cabo, e do qual resulta necessariamente toda a positividade. A positividade é segunda em relação à negatividade. Assim, a heterogeneização funcional abre

necessariamente para um contrário da negação que ela é. Ela é negação no sentido em que destrói integralmente o estado de opressão, mas a destruição completa do estado de opressão dá lugar a alguma coisa que se auto-afirma, que se auto-coloca, ou seja, que se «põe», i.e. algo de positivo, a saber um princípio de edificação de uma relação de poder diferente, em que a classe até aqui dominada passa a ser classe dominante.

Começarei por assinalar precisamente alguns momentos do *Manifesto* em que, de maneira muito literal, Marx faz uso da metáfora da explosão ou de uma metáfora muito próxima dessa. A metáfora da explosão ocorre em dois momentos. Primeiramente na seguinte passagem: «O proletariado, o estrato mais baixo da sociedade de agora, não pode levantar-se, não pode erguer-se sem que toda a sobre-estrutura [Überbau] dos estratos que formam a sociedade oficial seja explodida pelos ares [*in die Luft gesprengt wird*]» (Marx 1990, liv. 4, 472-73). O que aqui se verifica é que, segundo Marx, a saída do proletariado da sua condição de classe oprimida só é possível se a classe opressora, a burguesia, for explodida. Na interpretação que procuro privilegiar, isto significa que é necessariamente um máximo de *heterogeneização* da burguesia – ou seja, uma radical desarticulação da *unidade* que a burguesia constitui (por outras palavras, uma *crítica prática do uno*) – que cria as condições de possibilidade da emancipação do proletariado. E nada impede que se amplie esta interpretação a outras situações de revolução em que uma classe dominada rompe radicalmente a situação de dominação em que se encontra; por exemplo, poder-se-á dizer que também a burguesia só se libertou da dominação a que estava sujeita por parte das estruturas feudais na medida em que a sociedade feudal foi radicalmente heterogeneizada. Esta heterogeneização, na medida em que diz respeito a uma necessidade interna da passagem de um estado a um outro estado, designadamente da condição de opressão à não-opressão, corresponde àquilo a que chamarei uma heterogeneidade *funcional* ou heterogeneidade *mediadora*. A heterogeneidade funcional é a base – não da luta de classes – mas sim dos pontos de crise da luta de classes, e, como tal, do dinamismo intrínseco do conceito de luta

de classes, já que esse dinamismo é fruto precisamente do conceito de crise.

No entanto, a transformação da negatividade em positividade pode acontecer por duas vias diferentes. Numa delas a heterogeneidade gerada no evento que é a explosão da classe opressora esgota-se completamente e o resultado é uma positividade homogénea, ou seja, unificada, unitária, e portanto redutora. É o caso da extinção da heterogeneidade na abolição da opressão das estruturas feudais sobre a burguesia; a burguesia institui-se como redução à unidade. É o caso também em todas aquelas situações em que a extinção da opressão do proletariado por parte da burguesia deu lugar a regimes burocráticos instituidores de novas formas de opressão recaindo sobre o próprio proletariado. Nestas situações o caos heterogéneo transformou-se num cosmos que volta a transportar consigo a marca da opressão. Em alternativa, podemos pensar formas de abolição da opressão em que a heterogeneidade da explosão se mantenha num nível suficientemente elevado para que, a par de linhas de fuga determinantes de formas organizativas, subsistam factores de irredutibilidade à unidade capazes de gerar situações constantes de renovação heterogénea ou, como também poderemos dizer, rizomática. Nestas situações a heterogeneidade não se extinguiria, nem seria substituída por uma positividade redutora e avassaladora, antes se manteria em devir permanente. O caos heterogéneo organizar-se-ia apenas de maneira muito restrita, em formas localizadas; o resultado seria uma infinidade de micro-modalidades de cosmos no seio de um caos não abolido, ou seja, um *caosmos* em que a opressão própria da redução à unidade não encontraria terreno de enraizamento e de propagação. Em termos da esquizo-análise deleuziana, dir-se-ia uma heterogeneidade própria de uma infindável política esquizóide.

A segunda ocorrência da metáfora da explosão no *Manifesto* surge já no capítulo III do documento. Referindo-se ao «socialismo pequeno-burguês», particularmente prevalente em França, escreve Marx:

Segundo o seu conteúdo positivo este socialismo, todavia, ou quer restabelecer os antigos meios de produção e

de circulação e, com eles, as antigas relações de propriedade e a antiga sociedade, ou quer voltar a aprisionar violentamente os modernos meios de produção e de circulação nos limites das antigas relações de propriedade que por eles foram explodidos, tiveram de ser explodidos [*die von ihnen gesprengt wurden, gesprengt werden mußten*]. Em ambos os casos, ele é simultaneamente reaccionário e utopista. (Marx 1990, liv. 4, 485)

Aqui trata-se da explosão dos «limites das antigas relações de propriedade» por parte dos «modernos meios de produção e de circulação». Esta explosão é dada não apenas como um facto ocorrido, mas como um facto *necessariamente* ocorrido. É essa necessidade histórica – e, portanto, irreversível – que o socialismo pequeno-burguês, numa das suas modalidades, pretende reverter. Perguntar-se-á se neste caso a explosão em causa ainda funciona como metáfora de heterogeneidade. Estou em crer que sim. Aliás, diria mesmo que há dois efeitos de heterogeneização, só que ambos são mais localizados do que aquele de que falámos acima. Um deles diz respeito ao facto de os modernos meios de produção e de circulação, na sua necessidade de expansão, fazerem explodir os limites das antigas relações de propriedade, sendo que dessa explosão o que resulta é precisamente uma expansão desmesurada desses mesmos meios de produção e de circulação modernos. Aqui, a heterogeneidade associada à explosão é a da potencial propagação ilimitada das ondas de choque da própria produção e circulação. É certo que ela é ilimitada apenas dentro daquilo que hão-de ser os limites que o seu próprio crescimento lhes há-de impor, mas o efeito de heterogeneidade não deixa de estar presente. Dir-se-ia que é uma heterogeneidade localizada, *constitutiva*, no sentido em que participa da constituição de um momento específico do trajecto histórico.

O segundo efeito de heterogeneização desta explosão manifesta-se no parágrafo do texto que antecede aquele que citámos acima. Marx enumera – num regime que aparenta ser o de uma lista aberta – diferentes aspectos «de extrema perspicácia» (*höchst scharfsinnig*) da análise

a que os socialistas pequeno-burgueses submetem «as contradições nas modernas relações de produção». A enumeração vai desde os «efeitos destrutivos da maquinaria e da divisão do trabalho» até à «dissolução dos antigos costumes, das antigas relações familiares, [e] das antigas nacionalidades», passando pela «concentração dos capitais e da propriedade fundiária», pela «sobreprodução», pelas «crises», pelo «necessário afundamento dos pequenos burgueses e lavradores», pela «miséria do proletariado», pela «anarquia na produção», pelos «gritantes desequilíbrios na distribuição da riqueza» e pela «guerra industrial de aniquilação das nações entre si» (Marx 1990, liv. 4, 484-85). Ora, estas perspectivas de análise são todas elas consequência – no plano da teorização social e política – da mesma explosão dos «limites das antigas relações de propriedade». E, por outro lado, a enorme dispersão destas mesmas perspectivas de análise mostra bem até que ponto os efeitos da explosão, no plano teórico, não são limitados a uma visão estreita e unificada. Pelo contrário, os direccionamentos da análise surgem aqui como um conjunto demasiado vasto para que a sua enumeração possa ser dada por completa, tanto mais que esses direccionamentos se imbricam uns nos outros, dando necessariamente lugar a perspectivas de análise mais complexas do que aquelas que são enumeradas.

Existe uma terceira ocorrência metafórica que, não sendo literalmente relativa a uma explosão, se encontra contudo muito próxima dela. Refiro-me a uma passagem famosa do texto, a qual quero citar aqui em contexto um pouco mais alargado, para que se possa apreciar o seu verdadeiro alcance:

A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, portanto o conjunto das relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção era, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as antecedentes classes industriais. A contínua revolução da produção, a ininterrupta convulsão de todos os estados sociais, a eterna insegurança e movimentação distingue a

época da burguesia de todas as outras. Dissolvem-se todas as relações fixas e enquistadas, com a sua corte de representações e intuições venerandas, envelhecem todas as recentemente formadas antes de poderem ossificar-se. Tudo o que é permanente e sólido se evapora [*verdampft*], tudo o que é sagrado é profanado e, por fim, os homens são obrigados a encarar com olhos austeros o seu posicionamento de vida, as suas relações recíprocas. (Marx 1990, liv. 4, 465)

O centro mais activo de toda esta passagem resume-se na metáfora da «evaporação», «vaporização» ou (como alguns tradutores preferem dizer, atribuindo mais importância à Física do que à letra do texto) «volatilização». Como facilmente se entende, existe uma analogia entre a metáfora da explosão e a metáfora da vaporização. Em ambos os casos estamos a usar imagens de uma dispersão do tipo daquela que caracterizámos atrás: uma dispersão não estruturalmente regulada, operando inclusivamente por dispersões várias dos próprios factores de dispersão – chamemos-lhes factores de dispersão primária –, de tal modo que o resultado é o de uma multiplicação potencialmente infundável de direccionamentos da dispersão.

Deste modo, a acção e o modo de existência da burguesia ficam especificados na sua participação histórica como eminentemente produtores de dispersão, ou seja, de heterogeneidade. Esta heterogeneidade – à qual podemos também chamar heterogeneização, uma vez que ela, como o texto mostra claramente, é um processo «contínuo» ou, por outras palavras, é o próprio devir das relações de produção na sociedade burguesa –, esta heterogeneidade, dizia eu, é diferente da heterogeneidade funcional ou mediadora de que falei acima. Ela não está directamente associada a momentos de crise extremada que assinalem a passagem de uma certa ordem social a uma ordem social nova resultante do derrube da classe anteriormente dominante. Pelo contrário, como já disse acima, chamarei a esta heterogeneidade uma *heterogeneidade constitutiva*, no sentido em que ela é, por um lado, parte constituinte, inalienável, necessária, de um modo de produção, e é, por outro lado,

produtora ou constituidora do trajecto de desenvolvimento desse modo de produção e da história da classe social que governa esse mesmo modo de produção.

Quanto à questão da positividade ou negatividade deste tipo de heterogeneidade, resta dizer que ela é de facto *negativa* na medida em que é destruidora de relações humanas subjacentes, da mesma forma que é *positiva* – ou seja, criadora – na medida em que estabelece progressivamente formas de produção e de representação mental que não existiam antes.

2.

Aquela sociedade que vigora «até aqui» (*bisherige Gesellschaft*) – a que Marx se refere no início do capítulo I do *Manifesto* – é especificada (no que toca à parte mais antiga do trajecto) um pouco mais adiante na expressão «épocas mais precoces da história» (*frühere Epochen der Geschichte*), começando o autor por dedicar algumas palavras à situação social em Roma, para passar de imediato à Idade Média (Marx 1990, liv. 4, 462-63). Assim começa aquela narrativa histórica – que, como vimos atrás, não é, na verdade, mera narrativa. Contudo, na edição inglesa de 1888, Friedrich Engels acrescenta uma nota, referida à expressão «[a] história de toda a sociedade até aqui», que é de grande importância para a compreensão integral do próprio quadro da filosofia da história que Marx traça no *Manifesto* e dos desenvolvimentos posteriores dessa mesma filosofia da história. Essa nota de Engels diz o seguinte:

Quer dizer, rigorosamente falando, a história transmitida *pela escrita*. Em 1847, a pré-história da sociedade, a organização social que precedia toda a história escrita, era ainda praticamente desconhecida. Daí para cá, Haxthausen descobriu a propriedade comunitária do solo na Rússia, Maurer demonstrou que ela era o fundamento social do qual derivaram historicamente todas as tribos germânicas,

e gradualmente considerou-se que, da Índia à Irlanda, foram comunidades aldeãs com posse comum do solo a constituir a forma originária da sociedade. Por fim, a organização interna desta sociedade comunista primitiva foi posta a nu na sua forma típica pela descoberta coroadora que Morgan fez da verdadeira natureza da gens e da sua posição dentro da tribo. É com a dissolução desta comunidade originária que começa a separação da sociedade em classes particulares e, finalmente, opostas entre si.⁵ Ensaiei seguir este processo de dissolução em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*; segunda edição, Estugarda 1886. (Marx 1990, liv. 4, 462, n.)

Comprendemos assim que, na altura da redacção do *Manifesto*, Marx não estava ainda na posse dos elementos da investigação pré-histórica que lhe permitissem uma compreensão clara do comunismo primitivo e, conseqüentemente, de duas outras coisas: 1. por um lado, a questão da génese da sociedade de classes – e da própria luta de classes – a partir de formações sociais indiferenciadas do ponto de vista classista; 2. por outro lado, a analogia – muito mitigada, embora – entre a sociedade comunista primitiva e a sociedade comunista do futuro, caracterizada, como o *Manifesto* deixa claro, pela abolição da propriedade privada.

E comprendemos igualmente que foram sobretudo os estudos e as descobertas de Lewis Henry Morgan (para além dos de outros nomes, designadamente os citados por Engels) que contribuíram para uma alteração desta dupla carência.

Aliás, importa ter presente que, logo no prefácio à primeira edição de *A Origem da Família...*, de 1884, Engels reconhece explicitamente não só a dívida para com o livro de Morgan,⁶ mas também para com os

5 Até este ponto a nota de Engels surge também na edição alemã de 1890.

6 L. H. Morgan, *Ancient Society, or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery, through Barbarism to Civilization* (London: Macmillan and Co., 1877).

vastos apontamentos – por vezes acompanhados de comentários críticos – que Marx extraiu da obra de Morgan: «O meu trabalho só pode oferecer um limitado substituto daquilo que ao meu falecido amigo já não foi dado fazer. Porém, tenho à minha frente, nos seus minuciosos extractos de Morgan, anotações críticas que reproduzo aqui, tanto quanto é admissível» (Marx 1990, liv. 21, 27). Esses «minuciosos extractos», datados de 1880/81, encontram-se publicados numa cuidadosa edição crítica levada a cabo por Lawrence Krader e dada à estampa com o título de *The Ethnological Notebooks of Karl Marx*.⁷ Esta edição inclui ainda notas de Marx sobre obras relacionadas com a de Morgan da autoria de Henry Sumner Maine, John Budd Phear e John Lubbock.

Não cabe aqui efectuar uma análise pormenorizada dos apontamentos e comentários críticos de Marx sobre o livro de Morgan. Bastará apenas referir que a simples leitura do livro de Engels, em particular do capítulo acerca da «Família», permite entrever na passagem do direito matriarcal ao direito patriarcal (vd., em particular, Marx 1990, liv. 21, 60-64) uma forte tendência de unificação que desmantela – «revolucionariamente», nos próprios termos de Engels – completamente sociedades comunitárias de matriz tendencialmente heterogénea, substituindo-as por sociedades muito mais centralizadas, determinadas por relações de propriedade mais vincadas e por direitos hereditários mais verticalizados, sociedades propensas ao desenvolvimento do escravismo e aptas a evoluir na direcção de uma articulação estratificada de tipo classista. Ou seja, essa «derrota histórica do género feminino» (Marx 1990, liv. 21, 61) significa o desaparecimento completo dos vestígios de heterogeneidade local e global⁸ e a sua substituição por um

7 Consultável em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1881/ethnographical-notebooks/notebooks.pdf> (consultado em 14.05.2018).

8 Esta distinção que aqui estabeleço apoia-se na letra do próprio texto de Engels. Chamo heterogeneidade local àquela que diz respeito às pequenas comunidades primitivas nas suas formas relativamente pouco estruturadas – e, na verdade, mutantes – de organização. Chamo heterogeneidade global àquela que se verifica nas épocas mais recuadas da formação das comunidades primitivas entre essas mesmas comunidades, as quais apresentam características muito distintas umas das outras. Deste modo, o chamado «comunismo primitivo» surge como algo de duplamente heterogéneo. Veremos no final deste artigo que há razões para pensar que a visão de Marx não proíbe a possibilidade de pensar aquilo que para o autor é a futura sociedade comunista à luz de uma dupla heterogeneidade relativamente análoga a esta.

princípio de redução homogeneizante que está na base da irrupção dos factores que conduzem às sociedades organizadas em classes e às contradições internas destas sociedades que necessariamente desembocam nas lutas de classes. É o próprio Engels que, neste contexto, cita os apontamentos de Marx sobre o livro de Morgan:

A família moderna [ou seja, de base patriarcal] contém em germe não apenas o *servitus* (escravatura), antes também a *servidão* [*Leibeigenschaft*, i.e. a condição do “servo” medieval], uma vez que desde o início [tem] *relação com o serviço* na agricultura. Ela contém em si, em *miniatura*, todas as contradições que mais tarde se desenvolverão amplamente na sociedade e no respectivo Estado. (Marx 1990, liv. 21, 61; *Ethnological Notebooks*, 120)⁹

Pode portanto dizer-se que os apontamentos de Marx sobre o livro de Morgan e obviamente também o livro de Engels permitem reconstituir uma espécie de lugar vazio do *Manifesto*, aquele que diz respeito às sociedades humanas originárias em que prevalecem formas de comunismo primitivo, quer no plano da propriedade, quer no plano da estruturação da família, sociedades estas que precedem as formas organizativas «civilizacionais», designadamente das sociedades escravistas estabelecidas, das sociedades feudais e, posteriormente, das sociedades capitalistas que, na visão de Marx, hão-de dar lugar por fim ao comunismo.

Mas pode dizer-se igualmente que, ao introduzirmos esta reconstituição, no dito lugar vazio, estamos também a introduzir a dialéctica da heterogeneidade e da homogeneização num lugar que é ainda anterior às sociedades escravistas, sendo que a destruição da heterogeneidade tendencialmente prevalecente nas sociedades primitivas, não centralizadas, se processa precisamente como progressiva constituição

9 Traduzo desta última versão, e não da transcrição de Engels que é apenas aproximativa.

homogeneizante das sociedades escravagistas e da sua natureza classista, à qual está inevitavelmente associada a constituição – diríamos: ultra-hegemoneizante – do Estado.

3.

Sendo certo que Marx, no *Manifesto*, refere explicitamente, como dissemos, a sociedade escravagista romana, a verdade é que não se detém numa caracterização pormenorizada da mesma. E algo de semelhante acontece no que toca às sociedades feudais, embora, neste caso, a invocação dessas sociedades se encontre aqui e além no texto, de cada vez que tal é necessário para melhor caracterizar o próprio advento da sociedade burguesa. Na verdade, por razões óbvias, a atenção de Marx concentra-se em grande medida na abordagem das contradições internas do modo de produção capitalista, na sua estrutura classista e no combate entre a burguesia e o proletariado. Mas mesmo a abordagem deste período mais recente da história do desenvolvimento não deixa de contribuir decisivamente para a constituição de uma filosofia da história, com características muito específicas, organizadas em torno da categoria de heterogeneidade – ou de um conflito radical entre heterogeneidade e homogeneização, com uma centralidade predominante da primeira. No sentido de observarmos estes conceitos constitutivos de uma filosofia da história e esta centralidade dos factores de heterogeneidade, concluirei este penúltimo ponto do presente artigo com algumas breves observações textuais em que ambas as coisas se manifestam com razoável clareza.

Uma primeira passagem a assinalar diz precisamente respeito à destruição pela burguesia de um certo tipo de heterogeneidade prevalente no feudalismo:

A burguesia, onde alcançou o poder, destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Rasgou desalmadamente os variegados [*buntscheckigen*] laços feudais que ligavam os homens aos seus superiores naturais e não deixou

nenhum outro laço entre homem e homem senão o interesse nu, senão o “pagamento a pronto” destituído de sentimentos. Afogou na gélida água do cálculo egoísta o frémito sagrado da devota exaltação, do entusiasmo cavaleiresco, da manencoria provinciana. Dissolveu a dignidade pessoal no valor de troca e, no lugar das inúmeras [*zahllosen*] liberdades reconhecidas e bem adquiridas, colocou aquela única liberdade de comércio [*die eine... Handelsfreiheit*], destituída de escrúpulos. Numa palavra, no lugar da exploração velada com ilusões religiosas e políticas, colocou a exploração aberta, descarada, directa, árida. (Marx 1990, liv. 4, 464-65)

São dois os termos usados por Marx para falar de factores de heterogeneidade no feudalismo: *buntscheckig* e *zahllos*. Por um lado, os «laços feudais» são «variegados»; «bunt» ou «buntscheckig» são adjetivos que na utilização corrente em alemão apontam distintamente na direcção de uma infinidade de qualidades, ou seja, não de uma mera diversidade, mas precisamente de uma heterogeneidade. Por outro lado, as «liberdades» do feudalismo são «incontáveis» ou «inumeráveis», ou seja, são exemplo acabado de uma perfeita proliferação heterogénea.

O que é, porventura, mais significativo ainda é o facto de esta dupla heterogeneidade ser posta em oposição à (também dupla) *unidade* que é introduzida pela burguesia em sua substituição. Esta unidade resultante da acção das relações burguesas de dominação é ainda sublinhada pelo próprio Marx no segundo caso, o da substituição das «inúmeras liberdades» feudais «pela única liberdade» burguesa, que é a «liberdade do comércio», ou seja, aquela que é a liberdade operacional da pequena minoria burguesa e que, por isso mesmo, constitui privação completa de liberdade para a esmagadora maioria dos membros da sociedade.

Fica assim claro que o próprio texto de Marx estabelece em termos bastante explícitos uma oposição entre as heterogeneidades características de determinadas etapas históricas e a homogeneização radical de

outras etapas, em particular daquela que corresponde ao capitalismo. Neste contexto, resta acrescentar que as heterogeneidades assinaladas no feudalismo – que são da ordem das heterogeneidades constitutivas de que falámos acima – não deixam de surgir novamente, sob formas muito diferentes, nas formações sociais capitalistas (como vimos atrás, designadamente ao abordarmos a passagem sobre a «evaporação» de «tudo o que é permanente e sólido» nas circunstâncias do capitalismo). Isto implica que abordemos de seguida o problema da relação complexa que se estabelece entre a unidade sobre-determinante instituída numa certa etapa histórica e as diversas heterogeneidades que podem surgir debaixo dessa sobre-determinação.

A heterogeneidade, como temos vindo a ver, mantém uma relação simultaneamente de oposição e de complementaridade com a homogeneização. Assim, pouco depois da aludida passagem sobre a «evaporação» do «permanente» e do «sólido», ou seja, logo a seguir a um momento do texto em que o que se destaca é a heterogeneidade, vamos encontrar passagens que acentuam abertamente o efeito de homogeneização. Por exemplo:

A burguesia, por via da sua exploração do mercado mundial, configurou de modo cosmopolita a produção e o consumo de todos os países. [...] No lugar da antiga auto-suficiência e isolamento locais e nacionais surge um intercâmbio universal, uma universal dependência das nações umas das outras. E, tal como na produção material, também na [produção] espiritual. As criações espirituais das nações singulares tornam-se bem comum. A unilateralidade e a limitação nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das muitas literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura do mundo. [...] Ela [a burguesia] obriga todas as nações a apropriarem-se do modo de produção da burguesia, se não quiserem afundar-se; obriga-as a introduzirem em si mesmas a chamada civilização, i.e. a tornarem-se burguesas. Numa palavra, ela cria para si mesma um mundo à sua própria imagem.

O efeito de redução ao uno é perfeitamente visível, designadamente no final da passagem citada. A burguesia «cria um mundo» – ou seja, um mundo único – «à sua própria imagem». Trata-se, portanto, de um processo de homogeneização absoluta. E não deixa de ser curioso verificar como Marx, ao falar das «criações espirituais», vê o efeito de homogeneização condensado numa «Weltliteratur», que faz lembrar à distância a ideia avançada por Friedrich Schlegel, designadamente no famoso fragmento 116 da *Athenaeum*, de uma «poesia universal progressiva» (*progressive Universalpoesie*).¹⁰ Mas o afastamento entre os dois conceitos – o de Marx e o de Schlegel – é claro: Schlegel tem em vista «misturar» e «amalgamar» (*bald mischen, bald verschmelzen*) todos os géneros literários «progressivamente», incluindo não só as diversas formas poéticas, mas também a prosa e em particular a filosofia, o que necessariamente significa tomar uma atitude radicalmente crítica face à separação dos géneros e tratar de estimular a criação de um efeito de caos produtivo, o qual era caro aos teorizadores do primeiro romantismo alemão, se bem que na maior parte dos casos ele venha acompanhado por um efeito redutor do «Witz», o qual é responsável por uma «harmonia» marcadamente abstractiva. Em todo o caso, recorde-se que o próprio Friedrich Schlegel declara que «caos e eros é provavelmente a melhor explicação do romântico».¹¹ Abreviando, diríamos que o conceito de «Universalpoesie» dos românticos aponta no sentido de uma heterogeneidade interna, ainda que muito parcial e mantida num equilíbrio instável, ao passo que a «Weltliteratur» a que Marx se refere na passagem citada aponta para uma literatura fechada sobre si mesma e reduzida à unificação radical imprimida pelos valores burgueses.

Contudo, este mundo unificado, homogeneizado, continua a conter em si factores de rotura com a própria homogeneidade. Referimo-nos já às contradições no plano económico, no plano dos factores de

10 *Athenaeum, Eine Zeitschrift*, herausgegeben von August Wilhelm Schlegel und Friedrich Schlegel [1798] (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983, vol. I), 204.

11 Friedrich Schlegel. *Literarische Notizen 1797-1801*, hrg. von Hans Eichner (Frankfurt a.M., Berlin e Wien: Verlag Ullstein, 1980), 180 (anotação n.º 1760).

produção e no plano das relações de propriedade. Estas contradições são factores de instabilidade e de heterogeneização dentro da homogeneidade capitalista. Mas o factor mais saliente de potencial desagregação e de heterogeneização no interior do mundo burguês unificado é precisamente a existência necessária e o desenvolvimento contínuo de uma classe social que põe constantemente em causa a própria continuidade da dominação capitalista: o proletariado. A existência do proletariado e a exploração de que é objecto são de facto factores que a curto, médio ou longo prazo minam a estabilidade aparente da sociedade burguesa. Ora, isto significa que precisamente no seio da homogeneidade – ou dos processos de homogeneização – vamos encontrar factores de heterogeneização que nunca se deixam apagar completamente. É esta a relação de fundo entre heterogeneidade e homogeneização: toda a homogeneização continua a transportar dentro de si as forças que a limitam no seu alcance e que – a mais breve ou mais longo trecho – a desarticulam na sua própria eficácia. A homogeneização nunca absorve completamente a heterogeneização latente que permanece dentro de si; conseqüentemente, a homogeneização pode a todo o momento ver desencadear-se a manifestação aguda do seu próprio contrário, ou seja, o caos. A este caos seguir-se-ão ou outras formas de homogeneização ou, na melhor das hipóteses, formas micro-organizativas de diferentes modalidades de caosmos (as quais não diminuem, antes perpetuam, a eficácia da heterogeneidade). Tentaremos ver algo sobre estas formas micro-organizativas já de seguida, na última parte deste artigo.

Contudo, esta minha reflexão sobre a relação entre heterogeneidade e homogeneidade não estaria completa se não acrescentássemos um último aspecto crucial. É que, como a heterogeneidade não existe senão no seu conflito radical com os processos de homogeneização, então o «triunfo» – chamemos-lhe assim – da heterogeneidade nunca significa um «fim da história». O que sucede é que as formas micro-organizativas das diferentes modalidades de caosmos estarão sempre prontas para, no decurso da sua existência dinâmica, acentuarem dentro si o que nelas existe de organizativo, i.e. de redutor, de unificador, de homogeneizante. Conseqüentemente, a homogeneização estará sempre

latente e a heterogeneidade sempre colocada na circunstância de ter de voltar a «combater» a redução ao Uno.

4.

Quero terminar este meu conjunto de reflexões regressando ao texto do *Manifesto* e sublinhando nele algumas passagens que dão claramente a entender que Marx não vê o fim do capitalismo e a implementação da sociedade comunista como uma extinção da heterogeneidade.

Pode ler-se no segundo capítulo do *Manifesto*, por exemplo, o seguinte:

Na sociedade burguesa o trabalho vivo é somente um meio de multiplicar o trabalho acumulado. Na sociedade comunista o trabalho acumulado é somente um meio para ampliar, enriquecer, promover o processo da vida dos operários. / Na sociedade burguesa domina, pois, o passado sobre o presente, na [sociedade] comunista o presente sobre o passado. Na sociedade burguesa o capital é autónomo e pessoal, enquanto o indivíduo ocupado é não-autónomo e impessoal. (Marx 1990, liv. 4, 476)

Quando Marx fala de ampliação, de enriquecimento e de promoção do «processo da vida» dos operários, refere-se obviamente a um dinamismo interno daquela sociedade que antevê como sociedade comunista. Nessa antevisão, o «processo da vida» (*Lebensprozeß*) ganha uma qualidade inteiramente diferente da mera sobrevivência a que, nos termos do próprio autor, o proletário estava sujeito na sociedade burguesa. A vida emancipa-se. E uma tal emancipação significa, antes de mais, «processo», ou seja, um devir contínuo que é já de si necessariamente heterogeneidade. Mas, para além disso, Marx afirma – repito – que na sociedade comunista se dá a *ampliação*, o *enriquecimento* e a *promoção* desse processo, o que, por seu turno, significa a heterogeneização constante da própria instância heterogênea do processo da vida. Dupla heterogeneidade, portanto, situada nos antípodas

do estado «não-autónomo» e «impessoal» do indivíduo, o estado de sobrevivência que domina na sociedade burguesa.

Acrescente-se que a inversão da «impessoalidade» a que o proletário está submetido pela dominação burguesa, longe de ser uma reavaliação ou revalorização daquilo a que ainda hoje a terminologia dominante chama a «pessoa humana», ou seja, uma espécie de «elevação» dos proletários à condição de fruidores de alguns dos privilégios da burguesia, é, na compreensão de Marx que aqui se pode entrever, o alcançar de formas totalmente novas da liberdade individual e, conseqüentemente, de criatividade, de pensamento e de movimentação – numa palavra, formas de vida – que elas mesmas fazem explodir todo o carácter «não-autónomo» e «impessoal» da sobrevivência proletária na época do capitalismo.

Por fim, quanto a esta passagem, sublinhe-se ainda que o facto de Marx avançar a ideia de que «na [sociedade] comunista o presente [domina] sobre o passado» introduz uma reflexão sobre o tempo que revela uma vez mais até que ponto, na sua concepção da sociedade futura, a heterogeneidade predomina qualitativamente sobre as formas de homogeneidade. Por um lado, o passado surge sempre afectado por uma marca profunda de massividade, de totalidade cerrada, ao passo que o presente se apresenta no seu carácter micro-funcional, micro-activo, como algo que se expõe inteiramente às potencialidades criativas dessa «micro-biologia» – chamemos-lhe assim, já que se trata precisamente das micro-forças activas no plano do «processo da vida». Por outro lado, do ponto de vista das nossas representações, o passado é o concluso, é aquilo que já foi unificado pela consciência, conseqüentemente o passado é o homogeneizado, ao passo que o presente é o inconcluso, o aberto, o não-dominado pela consciência, aquilo que inclusivamente produz novas formas da consciência, conseqüentemente é o heterogeneizante, aquilo que heterogeneiza constantemente a própria vida.

Mas vejamos ainda uma última passagem que sugere igualmente o predomínio da heterogeneidade nas sociedades comunistas.¹² Marx escreve:

12 Este plural é propositado e também ele aponta na direcção da heterogeneidade. Veja-se a seguinte passagem do texto, a propósito de «medidas» a implementar pelo proletariado no poder: «Estas medidas, naturalmente, serão diversas segundo os diferentes países.» (Marx 1990, liv. 4, 481)

Seja qual for a forma que elas [as oposições entre as classes] tenham assumido, a exploração de uma parte da sociedade pela outra é um facto comum a todos os séculos passados. Nenhuma admiração, pois, que a consciência social de todos os séculos, apesar de toda a multiplicidade e diversidade, se mova em certas formas comuns, em formas de consciência que somente com o total desaparecimento das oposições de classes se dissolvem integralmente. (Marx 1990, liv. 4, 480-81)

Notar-se-á que, para Marx, as «formas de consciência» das sociedades classistas dissolver-se-ão integralmente com «o total desaparecimento das oposições de classes», ou seja, com o triunfo do proletariado e a constituição de sociedades comunistas. Ora, isto significa que aquilo a que Marx também chama «formas comuns» da «consciência social» se heterogeneiza radicalmente precisamente a partir do momento em que a história muda totalmente de rumo, com a abolição das oposições de classes. Aqui, a metáfora da dissolução investe frontalmente contra a homogeneidade das «formas comuns» exactamente na medida em que ela volta a transportar consigo um daqueles conceitos que se «auto-põem» na decorrência do conceito de heterogeneidade: o conceito de *abertura*. Diria mesmo que o conceito de abertura é crucial nas duas últimas passagens citadas. Estas passagens sugerem muito fortemente que existem processos que tendem para o fechamento, enquanto outros processos tendem essencialmente para a dispersão aberta, o que significa necessariamente dispersão aberta à infinitude. Ora, a infinitude é, do meu ponto de vista – que neste particular se enraíza em certas observações de Kierkegaard que não vou poder comentar aqui –, uma exigência do pensar, um factor incontornável de formas de pensar que ambicionem alguma compreensão radical dos fenómenos humanos, designadamente daqueles fenómenos humanos que estão para lá do já-pensado e do já-vivido, como é necessariamente o caso da reflexão de Marx acerca de uma sociedade futura despida das relações de propriedade e liberta das lutas de classes. E aquilo que me surge como factor

decisivo na leitura que faço de Marx e, em particular, do capítulo II do *Manifesto* é precisamente a abertura à infinitude decorrente do conceito de heterogeneidade.

As duas últimas passagens que citei do capítulo II do *Manifesto* – e talvez algumas outras que exigiriam uma leitura mais demorada – dão a entender que há de facto uma analogia (embora mitigada) entre as heterogeneidades local e global das sociedades comunistas primitivas e as heterogeneidades, igualmente locais e globais, daquilo que para Marx é a sociedade comunista pós-capitalista. Também aqui existem formas de heterogeneidade diversas dentro de cada uma das diferentes formações, do mesmo modo que também aqui existem heterogeneidades que atravessam o conjunto das diferentes formações. A analogia é, contudo, mitigada precisamente no sentido em que a heterogeneidade prevalecente nas sociedades comunistas é de uma riqueza e, digamo-lo também, de uma abertura essencialmente diferentes dos níveis de heterogeneidade das sociedades comunitárias primitivas. As potencialidades deste novo tipo de heterogeneidade são incomparavelmente mais produtivas, seja no plano económico, seja no plano político, seja no plano das representações, da consciência e da criação.

O que gostaria de sublinhar no momento final deste meu artigo é precisamente o facto de a heterogeneidade e a homogeneidade surgirem nesta minha leitura do *Manifesto* como conceitos filosóficos, no sentido que avancei inicialmente. São conceitos na sua relação com uma criação que não existiria independentemente da materialidade própria do texto em que eles se propõem a si mesmos, em que eles se «auto-põem». São, portanto, conceitos em perfeito acto de auto-poiése. E, do meu ponto de vista, aquilo a que assistimos no *Manifesto* de Marx é exactamente àquele «reportar-se um ao outro» do conceito e da criação, de que nos falava Deleuze na primeira passagem que citei.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Athenaeum, Eine Zeitschrift, hsg. von August Wilhelm Schlegel und Friedrich Schlegel, 1798. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983, vol. I.

Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. *Rhizome*. Paris: Éditions de Minuit, 1976.

Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. “Rhizome.” In *Mille Plateaux*, 9-37. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. *Qu’est-ce que la philosophie?*. Paris: Éditions de Minuit, 1991.

Engels, Friedrich. *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats*. In *Karl Marx, Friedrich Engels, Werke*, Bd. 21. Berlin: Dietz Verlag, 1984.

Hobsbawm, Eric. “Introduction.” In *The Communist Manifesto. A Modern Edition*, Karl Marx e Frederick Engels. London e New York: Verso, 1998.

Krader, Lawrence, ed. *The Ethnological Notebooks of Karl Marx*. Assen: van Gorcum & comp., 1974, 2.^a ed. Consultado em <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1881/ethnographical-notebooks/notebooks.pdf>.

Marx, Karl. *Manifest der kommunistischen Partei*. In *Karl Marx, Friedrich Engels, Werke*, Bd. 4. Berlin: Dietz Verlag, 1990.

Marx, Karl, e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, Lisboa: Edições Avante, 1997, 2.^a ed.

Morgan, L. H. *Ancient Society, or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery, through Barbarism to Civilization*. London: Macmillan and Co., 1877.

Schlegel, Friedrich. *Literarische Notizen 1797-1801*, hrg. von Hans Eichner. Frankfurt a.M., Berlin e Wien: Verlag Ullstein, 1980.

Stammen, Theo und Alexander Classen (Hg.). “Zur Autorschaft.” In *Karl Marx: Das Manifest der kommunistischen Partei*, 14-21. Paderborn: Wilhelm Fink, 2009.

Referência para citação:

Justo, José Miranda. “Heterogeneidades – uma perspectiva invulgar da filosofia da história a partir do *Manifesto Comunista*.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 77-104.

George Souvlis

The Popular Front and Marxism in Eric Hobsbawm's Historical Works

This essay attempts to offer an understanding of the relation between Eric Hobsbawm's historiography and politics. In order to grasp effectively this complicated relationship, we need to distinguish between his Marxist methodology (that he used in his historical studies as the main, though not exclusive, analytical framework) and his popular national frontist understanding of politics along with the support for the USSR in the postwar era, as the former is not reducible to the latter and vice-versa. The Marxian analytical tools Hobsbawm used in his works, chosen according to the needs of those studies, derived from debates developed mainly within the Communist Party Historians Group and, secondly, in discussion with other historians and intellectuals. The National Popular Front politics that he projected as the ideal strategy in different historical conjunctures and the endorsement of the USSR as a global counter-pole to the USA's hegemony were an outcome of Hobsbawm's politicisation during the 1920s and 1930s in the ranks of the Communist International. It is true that those formative experiences were coincidental and inextricable, but they are characterized by a relative autonomy.

Keywords: Marxism, Eric Hobsbawm, National Front, Communist Party of Great Britain.

A Frente Popular e o Marxismo na obra historiográfica de Eric Hobsbawm

Este artigo procura compreender a relação entre a historiografia e a política em Eric Hobsbawm. De modo a interpelar esta relação complexa, precisamos de distinguir entre a sua metodologia marxista (que foi o quadro analítico por si mais utilizado – ainda que não o único – nas suas investigações historiográficas) e o seu entendimento frentista (nacional e popular) da política, paralelo ao seu apoio à URSS no pós-guerra, evitando assim tomar uma coisa pela outra. As ferramentas analíticas marxistas que Hobsbawm utilizou nas suas obras, escolhidas de acordo com as especificidades das investigações que foi desenvolvendo, provieram de debates desenvolvidos, em primeiro lugar, no interior do Grupo de Historiadores do Partido Comunista e, em segundo lugar, de discussões mantidas com outros historiadores e intelectuais. A política de frente nacional e popular que assumiu como estratégia ideal em diferentes conjunturas históricas e o seu apoio à URSS como pólo global de oposição à hegemonia norte-americana eram um efeito da politização de Hobsbawm nos anos de 1920 e de 1930 no quadro da Internacional Comunista. Se é certo que estas duas realidades coincidiram no tempo e são indissociáveis uma da outra, guardam entre si uma autonomia relativa.

Palavras-chave: Marxismo, Eric Hobsbawm, Frente Nacional, Partido Comunista da Grã-Bretanha.

The Popular Front and Marxism in Eric Hobsbawm's Historical Works

George Souvlis*

Introduction

Eric Hobsbawm is possibly the only historian who has been both so praised for his work and so criticised for the politics he endorsed throughout his life. Still today, most accounts of his work reproduce the same understandings, with a polemical zeal against his political stance that even ardent cold warriors would have been hesitant to use in the public debates of the time. This essay, conversely, attempts to offer a temperate though critical understanding of the relationship between Hobsbawm's politics and his work as a historian. I argue that if we are to grasp this complicated relationship effectively, we need to distinguish between the Marxist methodology that he used as his main, though not exclusive, analytical framework, and his popular frontist understanding of politics as well as his support for the USSR in the postwar era. The former was not reducible to the latter, or vice versa. The Marxist analytical tools that Hobsbawm used in his studies were chosen according to the demands of the research that he was undertaking. They derived from the debates developed, firstly, within the Communist Party Historians Group and, secondly, in discussion with other historians and intellectuals. The popular-front politics that he promoted as the optimal strategy in different historical conjunctures and his endorsement of the USSR as a global counter-weight to US hegemony was an outcome of Hobsbawm's politicisation during the 1920s and 1930s in the ranks of the Communist International. It is true that these formative experiences

* European University Institute

coincided and were, in some senses, inextricably linked, but they were also characterised by a relative autonomy.

I will illustrate this central argument by periodizing Hobsbawm's work in four analytically distinct historical phases. The first period covers the years of his formation, the interwar period and World War II. The following section examines Hobsbawm's intellectual production during the 1960s, a decade in which he wrote some of his most influential studies, building on the interests of the British Marxist tradition that has been named "history from below". The third period reconstructs his tetralogy on the formation of the modern world. Last but not least, the article engages with the political debates in which Hobsbawm was involved from the 1980s onward, a period in which he acquired the status of public intellectual.

Hobsbawm's formative years

Eric Hobsbawm was born on 9 June 1917, a few months before the October Revolution and one and a half years before the conclusion of World War I, which signalled the end of European empires and the formation of modern nation states. The first twenty years of Hobsbawm's life can be described as the outcome of these two wider historical processes. He became a communist as he grew up in an Europe polarized between communism and the various versions of fascism or authoritarianism that emerged throughout the continent. These developments displayed the collapse of the liberal order across Europe and were responsible for the formation of what he later named the "Age of Catastrophe". Hobsbawm became a communist after several changes of homes, countries and continents. Mobility was quite common for the peoples of the empires, where borders between different regions were fluid, most of them only later becoming distinct nation-states with clear borders. Hobsbawm's place of birth was, in fact, outside Europe, in Alexandria: a multinational society until the rise of pan-Arab nationalism in the 1950s.¹ His parents – an Austrian mother and a British father – were Jewish. After the end of World War I, Hobsbawm moved to Vienna,

¹ Eric Hobsbawm, *Interesting Times: A Twentieth-Century Life* (New York: antheon Books, 2002), 2.

the capital of the federation that was formed after the dissolution of the Habsburg Empire.² The 1929 financial crisis struck and destabilized the Hobsbawms. The resulting financial uncertainties made their mark on the health of Eric's parents, leaving him and his younger sister orphans after the death of their father and mother in 1929 and 1931, respectively.³ In mid-1931 – a few months before official unemployment figures in Germany reached the historical peak of 6 million – the orphaned Eric and his sister moved to Berlin in order to live with their aunt and uncle.⁴ The historical context of interwar Germany could not leave him unaffected in political terms. In autumn 1932, Eric joined a communist secondary school students' organization, the Sozialistischer Schülerbund (SSB).⁵ This political engagement in the communist cause would last until the end of his life, even if in changing forms. The systematic purges of the Jewish population by the Nazi regime prevented Hobsbawm from continuing to live in the German capital. In 1933, Eric and his sister moved to London.⁶ After completing school, he started his undergraduate degree at King's College, Cambridge, where he studied History. There, he encountered Marxist historical analysis and joined the student branch of the Communist Party of Great Britain (CPGB).⁷

The most crucial political experience for Hobsbawm and many of his communist peers came between 1934 and 1939, in the Popular Front years. His politicisation in the ranks of the CPGB during the 1930s accounts for his adoption of this type of political *vue*. As he admitted in his autobiography, this had a lasting influence on him throughout his life: "Popular Front politics continues to determine my strategic thinking in politics to this day".⁸ However, the Popular Front did not influence only

2 Hobsbawm, *Interesting Times*, 8.

3 Hobsbawm, *Interesting Times*, 26-33.

4 Hobsbawm, *Interesting Times*, 43; Florian Wilde, "Divided they fell: the German left and the rise of Hitler." *International Socialism* 137 (2013). <http://isj.org.uk/divided-they-fell-the-german-left-andthe-rise-of-hitler/>.

5 Hobsbawm, *Interesting Times*, 63.

6 Hobsbawm, *Interesting Times*, 76.

7 Hobsbawm, *Interesting Times*, 100.

8 Hobsbawm, *Interesting Times*, 218.

the way in which Hobsbawm perceived politics, but also, to a certain degree, the type of historiography which he practiced. The Comintern's policy was based on analyses that linked the conjunctural political assessments of that time with struggles and figures from the past. The echoes of this approach were illustrated by the efforts of the Communist Party Historians' Group, of which Hobsbawm was a prominent member. The Group sought to unearth past traditions, experiences, and struggles of the British people in order to create a political lineage that could inform the politics of its own time. In other words, this group made a conscious effort to produce a counterhegemonic invented tradition of the British nation, which could challenge the dominant narrative and be politically inspirational in the context of Britain.

During the Second World War, Hobsbawm's army service was much less active than he wished due to his Central European upbringing and political affiliations. He served in the Royal Engineers and in the Royal Army Educational Corps.⁹ After the war, he devoted himself to academia. In 1947, he became a History lecturer at Birkbeck, an institution specialised in evening higher education classes, and continued to teach there until his retirement in 1982.¹⁰ His academic career was, however, blocked several times because of his political affiliations. For example, Hobsbawm was prevented from getting the Cambridge lectureship he wanted in the 1950s, an event connected with the soft McCarthyism that was implemented in the UK as well as in the United States, which blocked and sometimes ended the careers of communists in public institutions.¹¹

Over the years, Hobsbawm became less and less politically engaged, having a less active role within the CPGB's politics. The event that contributed most to this process was Khrushchev's secret speech. Hobsbawm aptly described its importance for the world communist movement: "There are two 'ten days that shook the world' in the history of the revolutionary movement of the last century: the days of the

⁹ Hobsbawm, *Interesting Times*, 155.

¹⁰ Hobsbawm, *Interesting Times*, 176.

¹¹ Martin Kettle and Dorothy Wedderburn, "Eric Hobsbawm obituary," *Guardian*, October 1, 2012. <https://www.theguardian.com/books/2012/oct/01/eric-hobsbawm>.

October Revolution... and the Twentieth Congress of the Communist Party of the Soviet Union (14-25 February 1956). Both divide it suddenly and irrevocably into a 'before' and 'after'... To put it in the simplest terms, the October Revolution created a world communist movement, the Twentieth Congress destroyed it".¹² Hobsbawm stayed in the party, in contrast to most of his peers from the Communist Party Historians' Group, who left or were excluded. This decision can be explained by reference to his particular intellectual formation. He was a child of the Russian Revolution and a geopolitical realist who considered the USSR non-capitalist internally and anti-imperialist externally on account of its support for the anticolonial struggles in the Global South in the postwar decades.¹³ While the USSR had largely lost its legitimacy as a normative model of socialist construction, its role in opposing the expansion of the capitalist mode of production in the developing world, especially considering the absorption of social democracy by the status quo, was considered worthy of support. The dream of revolution may have been lost but the reality of capitalism was an ever-present threat to the planet.

Writing people's history

The first monograph that Hobsbawm wrote was *Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th centuries*.¹⁴ This ground-breaking study focuses on explaining the different ways in which traditional societies – and, more precisely, specific groups of people with know-how in weaponry – react to market integration. The time period that the study covers is the last thirty years of the long 19th century. During these decades, the logic of the market was economically embedded throughout much of the world via imperialist forms of domination. Politically, a series of nation states began to emerge, a process that was completed with the end of World War I and the two revolutions of 1917.

¹² Hobsbawm, *Interesting Times*, 201.

¹³ Gregory Elliott, *Hobsbawm: History and Politics* (London: Pluto Press, 2010), 120.

¹⁴ Eric Hobsbawm, *Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries* (Manchester: Manchester University Press, 1971 [1959]).

These processes were not, however, without resistance from below, from the people that experienced the dissolution of their societies as markets were entrenched. The traditional forms of resistance and rebellion corresponded to the historical context from which they emerged. Thus, in this study Hobsbawm examines the predecessors of the modern revolutionaries. The main concept on which the study builds is the “social bandit”, referring to those “peasant outlaws whom the lord and state regard as criminals, but who remain within the peasant society, and are considered by their people as heroes, champions, avengers, fighters for justice, perhaps even leaders of liberation, and in any case men to be admired, helped and supported”.¹⁵ Why, then, “social”? The answer lies in the fact that there are explicit class connotations in the way Hobsbawm builds his arguments. This type of bandits is structurally bound to the peasantry; they are its defenders, to the extent that the rule of law has not yet been universalised and several social layers were left unprotected by the antinomies of modernity that emerged in the transitional phases of state-building. The political outlook of the bandits was a primitive one, corresponding to the class they represented. Hobsbawm explains this primitivism on the basis of Marx’s analysis in *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*. In this essay, Marx claims that peasants were unable to get organised as a class in itself since they were “incapable of enforcing their class interest in their own name, whether through a parliament or through a convention”.¹⁶ Considering that the “traditional primitive rebels are united by a common and inherited set of values and beliefs about society so strong as hardly to need, or to be capable of, formal articulation”, their political action never seeks to challenge the official power as such.¹⁷ Their repertoire of action, informed by traditional values, attempts to bring back the previous order of things and not to build a new one. These features make them different from the modern labour movement, which is organized as class in itself, with a specific ideology (socialism) and with the

¹⁵ Hobsbawm, *Primitive Rebels*, 13.

¹⁶ Karl Marx, *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte* (Moscow: Progress Publishers, 1972), 106.

¹⁷ Eric Hobsbawm, *Bandits* (New York: Pantheon Books, 1981), 158.

aim of transforming the existing order of things into a new one which will qualitatively differ from its predecessor.

Hobsbawm's text on bandits had a strong explicit political character. Implicitly, it was an account of what a modern movement, and more precisely the contemporary labour movement, should not do if it was to achieve its aims. He implicitly adopted Marx's evolutionary perspective, as condensed in the famous phrase: "human anatomy contains a key to the anatomy of the ape".¹⁸ The examination of banditry contributes to the understanding of modern political action and presupposes that historically, and thus analytically (that is, in order to understand modern political action), we should understand its predecessors. This conception has a progressivist understanding of the forms of political action, and aims among things to reject the anarchist view that considers this type of politics to have a revolutionary content. Bandits were the forerunners of the politics of the twentieth century characterised by solid ideological discourses, discipline, and clear acceptance of modernity and its rules. However, the ineffective strategy they adopted to block the integration of their societies into the capitalist order of things does not discredit their struggles as such, and Hobsbawm did attempt to investigate their anatomy. Rather, they were used as a test-case, as he provided an anatomy of past political action in order to inform a current vision of the traps that should be avoided in an effective political strategy.

Despite its epistemological issues and the problems inherent in the study – from the concept of the "social bandit" itself to the uncritical use of myths on bandits as trustworthy sources – this study opened up new approaches and themes of research with regard to the forms of pre-modern political action. Hobsbawm's provocative analytical model inspired and continues to inspire a series of studies on the issue of banditry, the daily lives of these people all around the globe and their interconnections with the rest of society. Later research challenged

¹⁸ Karl Marx, *Grundrisse* (New York: Vintage Books, 1973), 105.

Hobsbawm's model on banditry, leading him to refine his arguments in his next study on this same topic, titled *Bandits*.

Published a decade later, *Bandits* built upon the themes and issues raised in *The Primitive Rebels* by re-elaborating the concept of social banditry and expanding its geographical horizon beyond the European continent. The topic of social protest is also central to his study *Captain Swing*, co-written with George Rude, which reconstructs, at the title indicates, the history of the English agricultural wage laborers' uprisings of the 1830s.¹⁹ *Captain Swing* was the name attributed to the threatening letters during the rural English Swing Riots of 1830, when labourers rioted over the introduction of new threshing machines. The labourers, like the social bandits, did not aim at revolution but at the restoration of the previous order of things. The forms of protest derived from a traditional repertoire of action that was already known to them.²⁰ This, among other factors, led to the defeat of the movement, though the struggle was not without value, insofar as both farmers and nobility thus became aware of their political potential, which had until then gone unsung.²¹ In other words, Hobsbawm and Rude registered struggles waged by people who were defeated because of the powers arrayed against them, but which had crucial consequences for future moments of class struggle.

Hobsbawm's next study is about collective action, this time of a modern type, was *Labouring Men*. It examines the transformation of collective action during the 19th century in the United Kingdom.²² Further developing his earlier reasoning, the essays in this volume concerned "the working classes as such (as distinct from labor organizations and movements), and ... the economic and technical conditions which allowed labour movements to be effective, or which prevented them

19 Eric Hobsbawm and George Rudé, *Captain Swing* (New York: W. W. Norton & Company, 1975).

20 Hobsbawm and Rudé, *Captain Swing*, 65.

21 Hobsbawm and Rudé, *Captain Swing*, 281-82.

22 Eric Hobsbawm, *Labouring Men: Studies in the history of Labor* (London: Weinfeld & Nicolson, 1964).

from being”.²³ Hence, this attempt was informed by the Marxist pairing of base and superstructure combined with detailed historical research. Three main themes are examined in this study: the transformation of traditional political action into modern forms of organisation; the role of religion in nineteenth-century British society, especially among the working classes; and the impact – or more accurately the non-impact – of Marx’s theories on the making of the Labour Party. The most significant contribution in this volume is Hobsbawm’s refined concept of the labour aristocracy. This term was coined by Bakunin, used as an analytical concept by Marx and Engels, and thematised more systematically by Lenin in his treatise *Imperialism, the Highest Stage of Capitalism*.²⁴ The concept of labour aristocracy refers to an upper and privileged stratum of the manual working class, but for many Marxist scholars it is also a basis for an explanation of working-class activity in Victorian and Edwardian Britain and beyond. According to Hobsbawm, the labour aristocracy as a historical phenomenon emerges “when the economic circumstances of capitalism make it possible to grant significant concessions to its proletariat, within which certain strata of workers manage by means of their special scarcity, skill, strategic position, organizational strength, etc., to establish notably better conditions for themselves than the rest”.²⁵ These developments took place between 1840 and 1890. Many premodern crafts mechanized having as result the transformation of the traditional craftsmen to unskilled workers. A new strata of specialized workers appeared in sections such as cotton textiles and metallurgy of skilled workers in new industries such as cotton textiles and metal-working, “where machinery was imperfect and depended on some significant manual skill”.²⁶ This new strata set up unions that through the apprenticeship were in position to reduce the antagonism making “their labour artificially scarce, by restricting entry

23 Hobsbawm, *Labouring Men*, vii.

24 Jonathan Strauss, “Engels and the theory of the labor aristocracy,” *Links: International Journal of Socialist Renewal* 25 (January–June 2004).

25 Eric Hobsbawm, “Lenin and the ‘Aristocracy of the Labor’,” *Monthly Review* 64, no. 7 (2012). <https://monthlyreview.org/2012/12/01/lenin-and-the-aristocracy-of-labor/>.

26 Hobsbawm, *Labouring Men*, 282-83.

to their profession".²⁷ This condition gave the opportunity to this layer to become a labor "aristocracy" having higher salaries and more employment jobs compared to the less-skilled workers. In political terms, Hobsbawm argues that the impact of this new stratification within the British working class can account for the non-revolutionary character that the Labour movements took throughout the second half of the 19th century. Labor-liberalism in that way became the hegemonic trend with the labor movement backed up by the Labor-Aristocracy

Hobsbawm's 1984 study *Worlds of Labour* develops similar themes and topics to *Labouring Men*, though since his first study on this topic Labour History had become established as a discrete field of research.²⁸ Thus, the book built upon the issues and problems that had been raised by a series of works about labour history. However, Hobsbawm's studies in labour history were not informed by the normative ideal of value-free research that started to dominate the field of social sciences around the time that his second study on labour was published. He considered that it should go hand in hand with an explicit political commitment. Researching and writing for the labour movement should be combined with sound scholarship: the task of academic historians should be "to consolidate the new territories won by the committed".²⁹

The tetralogy of the Modern World

While Hobsbawm's studies on banditry and the British labour movement established him as an authoritative historian within CPGB circles and the academic world, his tetralogy on the making of the modern world – especially its last volume – was responsible for his professional journey from the corridors of the universities to the public sphere. This made him one of the most noted and widely read historians of the last

²⁷ Hobsbawm, *Labouring Men*, 290-91.

²⁸ Eric Hobsbawm, *Worlds of Labour: Further Studies in the History of Labour* (London: Weinfeld & Nicolson, 1984).

²⁹ Eric Hobsbawm, "Commitment and Working Class History", *Universities & Left Review* 6 (Spring 1959): 72.

three decades, all around the world. It was written over a time span of more than 30 years: *The Age of Revolution* was published in 1962 and the last part of the tetralogy – *The Age of Extremes* – 32 years later, in 1994. This time distance between the writing of the four volumes had an impact on the narration, the epistemology, and the politics that underpinned the project due to the seismic shifts that happened in the geopolitical arena at the same time. In 1962, the USSR was at the zenith of its influence; 32 years later, not only had it dissolved but its various republics were dominated by the cruellest forms of neoliberal regulation. At the same time, Marxism as an analytical framework was no longer one of the main theories for understanding social reality, let alone the belief in a socialist future where the main contradictions of the capitalist mode of production would be abolished. Equally important was the demise of Social Democracy’s guarantees and the reduction of social conquests under the guise of “individual freedom”, to the extent that the organisation of labour and collective bargaining by trade unions were considered market distortions that impeded the formation of a natural hierarchy of winners and losers. These changes could not but affect the work and politics of Eric Hobsbawm.

The first and second volumes are each organised with two major sections on ‘developments’ and ‘results’. (There is a background chapter that introduces the world as it was in the 1780s’ chapter and ‘bridging’ chapters which end this volume [‘Conclusion: towards 1848’] and lead into *The Age of Capital* [‘Revolutionary Prelude: the springtime of peoples’].) There is an implicit ‘materialist’, if not Marxist, message in the logic of the architecture of these volumes. The developments are economic, then political and military, while results are discussed in terms of social structures, then ideologies and, finally, ideas, science, religion, and arts. More precisely, the first volume of the tetralogy focuses on the “dual” revolution that largely shaped the modern world as we know it now: the Industrial and French revolutions.³⁰ The former was responsible for the establishment of economic liberalism, the latter for its political form:

³⁰ Eric Hobsbawm, *The Age of Revolution 1789-1848* (New York: Vintage Books, 1996), ix.

the modern institutions through which the popular will was expressed, with parliament being the most prominent.³¹ In Hobsbawm's narration on the sociopolitical developments of the 19th century, the bourgeoisie was the class that best expressed these values and realities. It was the central rational political actor that consciously asserted its domination throughout this century by establishing an efficient legal-political system of property relations as the new canon for social being, as it slowly but steadily sidelined the feudal lords of the *ancien régime*.

The second volume, *The Age of Capital*, focuses, as its title indicates, on the ascendancy of global capital in the period between 1848-1875. The revolutions of 1848 set the tone for this quarter-century. In this period, though, the European bourgeoisie lost its progressive political role as it pursued compromises with the existing conservative-aristocratic status quo that was threatened by the European working classes. Indeed, the latter had organized more effectively than at the beginning of the century, when the Industrial Revolution had not yet spread throughout the continent.³² According to the British historian's apt description of this shift, "The British (industrial) revolution had swallowed the French (political) revolution".³³ The political promises of 1789 were forestalled and the aims of the revolutions of 1848, far from being fulfilled, remained an open historical chapter for the next generations of revolutionaries.

These defeats explain the capitalist advance that took place in the following decades. The technological innovations that accompanied this new cycle of capitalist accumulation allowed a new expansive phase in new lands outside the European continent. A new epicentre of capital was created – this of United States – newly independent from the European powers. Its ability to integrate a dynamic industrial sector with ample raw materials, agriculture commodities, markets, and labour into one national economy forced the European powers to focus on African

31 Hobsbawm, *The Age of Revolution*, 2-3.

32 Elliott, *Hobsbawm*, 93.

33 Eric Hobsbawm, *The Age of Capital 1848-1875* (London: Weidenfeld & Nicolson, 1995), 15.

colonialism outside the continent and on violent territorial expansion within Europe itself. By the end of this period, the capitalist integration of the globe was almost complete. Most regions were now an integral part of the capitalist mode of production, a process that was partially interrupted only by the two world wars and their political consequences.

The *Age of Empires* concludes Hobsbawm's trilogy on the long 19th century. The century of the triumph of capitalism ends with the cataclysm of the Great War. The imperial expansion that took place in the last quarter of the 19th century was the capitalist solution to the crisis of profitability of 1873-1896. The 19th century ended up giving shape to a world governed by a combined and uneven development between dominant and dominating states, a geopolitical equilibrium that changed substantially only with the liberation movements that emerged in the postwar period. As a response to the ongoing crisis of the period, European governments started one after the other to give up on the *laissez-faire* policies and adopt protectionist tariffs. Additionally, after the industrialization of other European powers and the emergence of American capitalism, by the end of the century Britain lost its central role as global hegemony. Its hegemony was transformed into a multipolar system where different national powers antagonised each other abroad in order to gain a privileged position within the new world order in the making. In Hobsbawm's narrative of imperialist development, capitalism takes a specific shape as an outcome of internal contradictions. The subaltern classes' response to the storm of the crisis was to organize in trade unions, (working-class) parties, and peasant cooperatives (the agrarian population) or to emigrate to the New World. This was a potentially explosive situation for liberal elites, forcing them to include the new working-class parties in the national parliaments. These parties constituted the chief parliamentary opposition in most European countries during this period. The international institutional crystallization of this working-class movement took place through the formation of the Second International. In 1889, on the centennial of the French Revolution of 1789, the Second International was founded, with 384 delegates from 20 countries representing about 300 labour and socialist organisations.

These developments constituted the social catalyst from which the new century emerged: on the one hand, collapsing empires that were substituted by industrialised nation states with potentially revolutionary working classes, and on the other hand intensified endo-imperialist struggles for the exploitation of large parts of the non-western world and its populaces – contradictory inner processes of capitalist development that would be resolved with the explosion of World War I.

Hobsbawm's synthesis of the making of the modern world culminated with a panorama of the 20th century, *The Age of Extremes*. The narrative starts where *The Age of the Empires* ends, with the outbreak of the First World War, and concludes with the dissolution of the Soviet Union. The base-superstructure scheme – if not conceived in a strict causal relation – informs this book, just like in the rest of the tetralogy. In this study there is an explicit and structuring chronological periodisation in three dialectically interlinked phases. The first, 'The Age of Catastrophe', extends from the First to the Second World War. The second, 'The Golden Age', covers the first quarter of the postwar period up to the oil crisis of 1973, the affluent period of the western capitalist world with the emblematic welfare state, a product of Keynesian regulation. The third phase, 'Landslide', is the era of neoliberal order where the global economy was dominated by international banks and multinational corporations outside the control of nation-states.

The first period – the 'Age of Catastrophe' – was dominated by the two world wars and the two main social movements that challenged the established liberal order – Fascism and Communism. While the First World War started as an inter-imperialist conflict for global hegemony between the dominant powers of the period, it unintentionally gave rise to its potential political gravediggers – the Bolsheviks and the nationalists who soon transformed into fascists – who assumed political leadership in several states and within two decades abolished liberalism, both economically (through protectionist policies) and politically (through proletarian and authoritarian dictatorships). This process was accelerated by the financial crisis of 1929. After the two revolutions that dismantled Tsarist Russia during the war, the Bolsheviks creat-

ed politically centralised and hierarchical forms of representation and nationalised all industry: “The Soviet recipe for economic development [was] centralized state economic planning aimed at the ultra-rapid construction of the basic industries and infrastructure essential to a modern industrial society”.³⁴ In a liberal world that was collapsing without any adequate systemic response to the global crisis of 1929, the Soviet Union was the only alternative to the fascist version of modernity that developed throughout the European continent.

In Hobsbawm’s narrative, however, this systemic antagonism between fascism and communism, and particularly World War II, was not just a competition between two different political projects but an apocalyptic struggle between “on the one hand the descendants of the eighteenth-century Enlightenment and the great revolutions including, obviously, the Russian revolution, [and] on the other, its opponents”.³⁵ In other words, it was a battle between the forces of Enlightenment and those of counter-Enlightenment. The contribution of liberal forces to this struggle and the making of popular fronts was considered critically important, as “the hinge of the twentieth century and its decisive moment”.³⁶ The “moral centre gravity” of Hobsbawm’s short twentieth century lies in the moment when the forces of “progress” stood together against those of “reaction”: the antifascist struggle that developed from the mid-thirties onward.³⁷

The second phase of his periodisation of the twentieth century covers the period of western capitalist prosperity in the three decades that followed the war. The dominant feature of this period, according to Hobsbawm, was the systemic antagonism between the USA and the USSR: “the entire period was yielded into a single pattern by the peculiar international situation which dominated it until the fall of the USSR: the constant confrontation of the two superpowers which

34 Eric Hobsbawm, *The Age of Extremes, The Short Twentieth Century 1914-1991* (London: Abacus, 1994), 376.

35 Hobsbawm, *The Age of Extremes*, 114.

36 Hobsbawm, *The Age of Extremes*, 7.

37 Elliott, *Hobsbawm*, 112.

emerged from the Second World War the so-called 'Cold War'".³⁸ This new geopolitical framework worked as an ideal arena for an empowering and expansive capitalist accumulation, in turn accounting for the long economic boom. For the two antagonistic global projects, consolidating power implied huge investment – from the expansion of the welfare system to the maintenance of military bases all around the world – that guaranteed a wide circulation of the American dollar and the Soviet ruble to parts of the world where in many cases national economies had been destroyed completely because of World War II. An integral aspect of the stability of the new geopolitical order was the second round of decolonisation processes that took place after 1945.

Both superpowers were opposed to the old type-colonialism and attempted to integrate the countries of Africa and the other continents into their own spheres of influence. The US and the Western world mainly benefited from importing the products of the former colonies, produced by adopting the Soviet economic model of heavy industrialisation. In this narrative, however, there is no explanation of the making of the post-modern world based on the internal economic logic of the geopolitical system, or any solid theoretical interpretation of the nature of the antagonism. Here, the political determines the economic and not vice versa.

The last phase that the *Age of Extremes* examines, the era between 1973 and 1991, is defined by two global shifts, one political and one economic. The first is the collapse of the USSR, one of the two main pillars of the post-World War II international order. The second is the paradigm shift from an organised to an unorganised form of capitalism – in other words, the arrival of the neoliberal order. The image of the new world order that Hobsbawm provides is rather bleak. The economic stability of the previous decades was replaced by recurrent periodic crises that put in doubt all the certainties (employment, social security, pensions etc.) that had to some extent been taken for granted in the Western world. The role of states in this new state of affairs was reduced significantly, their fate now dictated by international financial

³⁸ Hobsbawm, *The Age of Extremes*, 226.

capital and its needs. The Western economies were not the only ones affected by this global shift. The planned economies of the Third World states experienced equal if not greater difficulties because of this new global regulatory regime. In several cases, these economies could not sustain themselves, so they resorted to IMF financing that “adjusted” them to the new global order. The collapse of the socialist world – both the Russian and the Yugoslav versions – can also be explained with reference to this shift. Yet the change also triggered wider transformations at the ideological level. Since then, the mainstream imaginary worldwide considered that humanity should mainly concern itself with the more effective embedding of liberal institutions and ideas. Class struggle disappeared from the majority of discourses on “what is to be done”. The fact that the greater part of social democracy fully signed up to this new economic and sociopolitical paradigm in many cases contributed substantially to the further advance and the institutionalisation of neoliberal dogma around the globe. Again, though, the sea-change of the 1970s that swept across the world is not interpreted with tools deriving from Marxist economic analysis. Absent, then, are the two types of explanation that are common in Marxist economics – the horizontal structure of antagonism between capitals and the vertical conflict between labour and capital.

From an organic to a public intellectual?

The fourth phase of the periodisation of Hobsbawm’s life and work deals with the last part of his life, covering the period between his retirement (even a bit earlier) from Birkbeck in 1982 and the end of his life in 2012. This last period can be described as one in which a shift took place in Hobsbawm’s career, from his role as an organic intellectual of the CPGB to that of a public intellectual. This conceptualisation is a schematic one and seeks to grasp the reality of a historian with an organic role within CPGB ranks who now adapted to a new conjuncture of regulated capitalism where the political game was conducted in different terms. The need, though, for political responses was still there. The new turn in the UK context forced the British Left to deal

with the Thatcherite attack on the British working class. Thatcherism was the quintessence of the new economic, political and societal paradigm that elites attempted to impose from above, exporting it both inside the Europe and beyond.

Hobsbawm, with the status of an established left intellectual that had revised some of its past political commitments, played a key role within the debate on the future of the Labour Party and its strategy in the 1980s, despite being from another party (CPGB) and writing for *Marxism Today*, the theoretical journal of the CPGB. This reality, beyond the Popular Frontist tone of the call for anti-Thatcherite forces to unite against the common enemy, was indicative of Hobsbawm's increasing distance from his old party. The CPGB had lost its specific identity and now seemed to function more like a think tank attempting to influence the Labour Party rather than a real party unto itself. His lack of belief in class politics, and his rise as an intellectual figure who transcended specific political affiliations and enjoyed a large audience, were significant in this regard.

The most important intervention in this debate was Hobsbawm's Marx Memorial lecture, "The Forward March of Labour Halted?" (1978). This was the opening shot in a series of interventions appearing in *Marxism Today*, which three years later published it in a Verso collection.³⁹ In this lecture, Hobsbawm provided an account of the history of the British working-class movement from its origins up to the present. His ambition was not just to offer historiographic insights on its historical formation but to diagnose the current shifts in its physiognomy and thus to draw strategic insights as to how it should move forward. For Hobsbawm there had been a fundamental shift in the main actor of social transformation as seen by traditional Marxist theory. The working class could not continue to be the only point of reference for the Labour Party because its size had been reduced. Given Britain's shift from an industrial to a service-oriented economy, the blue collar workforce was no longer what it was. Thus, for the Labour party to win elections, it would have to appeal to a broader electoral audience, forming a pro-

³⁹ Eric Hobsbawm, ed., *The Forward March of Labour Halted?* (London: Verso, 1981).

gressive alliance with other political parties and social movements that were not self-identified necessarily as leftist ones'. The political outlook that informs this position is once again that of the Popular Front. Hobsbawm's 1980s position was informed by Georgi Dimitrov, the mastermind of this strategy, considered as a leading communist figure who articulated in the 1930's under the threat of fascism a "realistic" tactical position because he insisted that the masses "must be taken as they are, not as we should like to have them," which, Hobsbawm argued, "made sense then and still makes sense".⁴⁰ In his lecture, Hobsbawm repeatedly stated that the method he used in order to reach these conclusions was a Marxist one because it dealt with the concrete and historically specific just as Marx did in his texts. But he ended up suggesting a Popular-Frontist political strategy as most appropriate to the new conjuncture. So, having asked whether the 'forward march of labour' had been halted, he responded in the affirmative. The suggested strategic recipes for remedying this did not seem to propose something new that could integrate the new 'subjects' in a counterhegemonic project providing effective political responses in the new state of affairs. Rather, this was a case of old recipes for new problems.

Hobsbawm's interventions in the public debate on the future of the Labour Party were even more frequent after Labour's second general election defeat by the Conservative Party in June 1983. Hobsbawm argued that one of the reasons for Labour's failure was the Labour Left's insistent focus on a classical class-based analysis that focused on reasserting postwar social welfare guarantees. The appropriate political response in the new conjuncture, as he saw it, was the formation of an anti-Thatcherite front that included the liberal split from Labour – the SDP – and their Liberal allies also conceived as "anti-Thatcher forces".⁴¹

With the events of 1989, communism lost all its material underpinnings and allowed neoliberal dogma to dominate the globe, a process which according to Perry Anderson was "virtually uncontest-

40 Eric Hobsbawm, "Labour: Rump or Rebirth?," *Marxism Today* 28 (1984): 10.

41 Hobsbawm, "Labour," 10.

ed".⁴² Within the Left, this reality established Antonio Gramsci's quote "Pessimism of the intellect, optimism of the will" as the most common phrase for evaluating the new conjuncture. If the beginning of the 1980s brought a general crisis in the socialist ideal, its end buried any political or ideological aspiration connected with it. Hobsbawm's mood was not very different from the rest of the Left. Evaluating the USSR in an article in *Marxism Today*, he noted that its main contribution had been at the geopolitical level, pushing for welfare reforms in the Western part of the globe: "The main effect of 1989 is that capitalism and the rich have, for the time being, stopped being scared. All that made Western democracy worth living for its people – social security, the welfare state, a high and rising income for wage-earners, and its natural consequence, diminution in social inequality and inequality of life-chances – was the result of fear. Fear of the poor, and the largest and best-organized bloc of citizens in industrialized states – the workers; fear of an alternative that really existed and could really spread, notably in the form of Soviet Communism. Fear of the system's own instability".⁴³ Thus, the disappearance of the communist bloc unleashed a market capitalism with much less interest in its own social legitimisation, no longer having to fear that another societal paradigm could substantially challenge its foundations. The USSR had not been an anticapitalist political experiment and had not challenged the capitalist order of things – it had contributed, on the contrary, to its stabilisation. Yet it had also pushed the regulation of the capitalist system, a reality that the events of 1989 reversed completely.

In the book *The New Century: In Conversation with Antonio Polito*, published at the turn of the new century, Hobsbawm offered some reflections on the new global realities that took form after the collapse of the USSR.⁴⁴ One of the key processes that followed the USSR's dissolution was the implementation of uncontrollable free market poli-

42 Perry Anderson, "Renewals," *New Left Review* 1, no. 2 (2000): 6.

43 Eric Hobsbawm, "Goodbye to All that," *Marxism Today* (October 1990): 21.

44 Eric Hobsbawm, *The New Century: In conversation with Antonio Polito* (New York: Little Brown, 2000).

cies through privatisations, deindustrialisation, the lowering of labour costs, skyrocketing public debts, and a sharp increase in social inequalities. For Hobsbawm, the extent of this tragedy was not yet clear a decade after it had occurred: “The scale of the human catastrophe that has struck Russia is something we simply don’t understand in the West. It is the complete reversal of historical trends: the life expectancy of men has dropped by ten years over the last decade and a large part of the economy has been reduced to subsistence agriculture. I don’t believe there has been anything comparable in the twentieth century... I believe it is (entirely due to the application of free market rules) if for no other reason than that free market rules, even if adapted, require a certain kind of society. If that kind of society does not exist, the result is a disaster”.⁴⁵ He added that the global historical shift triggered by the collapse of the Soviet Union is of greater consequence than either 1918 or 1945. In short, Hobsbawm diagnosed the effect of the events of 1991 as a general condition whose impact the world is still experiencing.

How to Change the World: Tales of Marx and Marxism was Hobsbawm’s last book published while he was still alive.⁴⁶ In contrast to what one might have expected to read considering this provocative title, this was not a book with instructions on how a global revolution can be successful. It can be better described as a collection of a texts on the intellectual history of Marx and Engels, the founders of tradition that named Marxism and the intellectual trajectories of some of their successors, an analysis that Hobsbawm ends with the final years of the 20th century. The essays were written over a time-span of 54 years (the first was written in 1956 and the last in 2010). Schematically speaking, the book can be divided into two parts: the first series of texts focuses on the content and history of some of Marx’s and Engels writings, the second on the history of Marxist theory with a special focus on the Italian communist leader Antonio Gramsci, who was after Marx the figure who most influenced the British historian’s work. Hobsbawm, not

⁴⁵ Hobsbawm, *The New Century*, 45 and 74.

⁴⁶ Eric Hobsbawm, *How to Change the World: Tales of Marx and Marxism* (London: Little Brown, 2011).

surprisingly, did not aim with this book solely to a historiographical intervention but also to a political one. Marx's work and analysis thus have an explicit normative content, offering a critique of the existing order of things which, Hobsbawm argues, is absolutely relevant to the new conjuncture of the twenty-first century and more precisely for the evolving global financial crisis.⁴⁷ So, far from being a theoretical treatise on Marx's work, the book was intended as a source of inspiration for political praxis for the people who are involved currently in struggles against the different forms of capitalist oppression.

By adopting this line of reasoning, Hobsbawm suggests that Marx's work should be approached both as an engagement with the conjuncture – an attempt to connect theory and praxis in a constructive way – but also T as texts that have an analytical value that go beyond the historical context within they emerged.⁴⁸ This latter aspect of his work should not be treated as a manual of what should be done in order to change the world in the current circumstances, but rather as intellectual cues to reflect on the era of late capitalism. Given their evident differences, no direct analogies can be drawn across different historical period. In this sense, Marx's strategic instructions, according to Hobsbawm, have a limited analytical value for current struggles considering them “dangerous even to use (...) as a set of precedents (...) What could be learned from Marx was his method of facing the tasks of analysis and action rather than readymade lessons to be derived from classic texts”.⁴⁹ In Hobsbawm's reading, Marx's work tells us more about the method he used to approach social phenomena than about how to conduct revolutionary politics.

However, Hobsbawm did not have the same hesitations over Antonio Gramsci, believing that he could still inform the strategic decisions of socialists today. For Hobsbawm, the Sardinian communist was the “most original thinker produced in the west since 1917”. In his account

47 Hobsbawm, *How to Change the World*, 14.

48 Hobsbawm, *How to Change the World*, 11.

49 Hobsbawm, *How to Change the World*, 89.

of Gramsci's contribution to Marxist thought, Hobsbawm attempted to offer an open-ended approach to his work, which differentiated him from sectarian readings that claimed a specific understanding of his heritage. Hobsbawm argued that "He is a Marxist, and indeed a Leninist, and I don't propose to waste any time by defending him against the accusations of various sectarians who claim to know exactly what is and what is not Marxist and to have a copyright in their own version of Marxism".⁵⁰

Did Hobsbawm though succeeded in offering an open-ended understanding of Gramsci's Marxism distant from any specific political prism? A careful reading of Hobsbawm's account clearly shows that it was close to the version of Gramscianism developed within and around the CPGB, where "Gramsci is squarely a post-Leninist, a theorist of broad alliances which are negotiated rather than pre-given, popular-democratic and not just class alliances. He is the theorist of war of position rather than frontal assault on the state, the figure who provides the conceptual keys (organic crisis, hegemony, national-popular) which enable one to unlock the mysteries of the Thatcherite solution to the crisis of British capitalism and simultaneously to expose the weaknesses of Labourism and ultraleftism in resisting and transcending it".⁵¹

Spelling out the aforementioned argument, Hobsbawm proposes that one of Gramsci's main insights was his emphasis on the "struggle for hegemony" and he argues that "naturally the winning of hegemony, so far as possible, before the transfer of power is particularly important in countries where the core of ruling-class power lies in the subalternity of the masses rather than in coercion. This is the case in most 'Western' countries, whatever the ultra-left says, and however unquestioned the fact that in the last analysis, coercion is there to be used. As we may see in, say, Chile and Uruguay, beyond a certain point the use of coercion to maintain rule becomes frankly incompatible with the use of apparent or real consent, and the rulers have to choose between the

⁵⁰ Hobsbawm, *How to Change the World*, 316.

⁵¹ David Forgacs, "Gramsci and Marxism in Britain," *New Left Review* 1, no. 2 (1989): 83.

alternatives of hegemony and force, the velvet glove and the iron fist".⁵² From this quote it is difficult to be argued that Hobsbawm offers an open-ended value free reading of the Gramscian Marxism. Rather, it seems that he articulates a specific polemic against an understanding that promotes coercion as an equally necessary aspect of the transition to socialism. Was Gramsci an advocate of the long march through the institutions as the necessary strategy for the transition to a non-capitalist social formation, and of violence as a means that could be used toward this end only in "the last instance"? Against Hobsbawm's understanding, Dylan Riley offers an alternative, more balanced and historically accurate reading of Gramsci's Marxism and politics. He starts with the diagnosis that "Gramsci was a Leninist. He did not think that socialism could be established without a transitional dictatorship. All those many interpretations that obscure this point are misguided".⁵³ This though does not mean that Gramsci ignored or underestimated in his texts the significance and the stability of liberal institutions in modern Western societies that were combined with robust civil societies. On the contrary, he believed that during periods of stability parliamentary politics is one of the main institutional loci through which the political struggle is conducted. Political stability is though only the one face of the modern Janus of bourgeois politics that is succeeded by crises and turbulences that alter radically the certainties of the previous era. In the conditions of a state of exception, it has been historically registered that the balance between consensus and coercion changes in favour of the latter. The moment of crisis it would be difficult to imagine Gramsci to propose as prescriptive tactic the long-term fight through the parliamentary institutions, It would be rather for his the time where the possibilities for radical transformation are opening, a situation that most of the times implies a radical shift of the traditional political repertoire on behalf of those who were inside the cyclone of political conflict. For that reason, Dylan Riley proposes a different

⁵² Hobsbawm, *How to Change the World*, 327-28.

⁵³ Dylan Riley, "Fascism and Democracy," *Jacobin Magazine* (2016), <https://www.jacobin-mag.com/2016/08/trump-clinton-fascism-authoritariandemocracy/>.

understanding of the Italian communist as a theorist of the conjuncture that he understood that the radical social transformation is one of the possibilities in conditions of revolutionary crisis that implies different political methods, endorsing that “Gramsci was also a revolutionary, not a Eurocommunist or theorist of radical democracy... He was a man who deeply understood and appreciated the value of democracy and liberalism, yet he never abandoned his essentially Leninist conception of revolutionary transformation. Indeed, for him social revolution, with its inevitable transitional dictatorship, was the path to the realization of the utopian dream of a regulated society implicit in all liberal accounts of political order”.⁵⁴

Conclusion

Hobsbawm was an erudite historian whose work was mainly informed by the problematics and the concepts of Marxist tradition, though not exclusively by this. The dogma of empiricism and concepts from other historiographical traditions also informed the way in which he conducted historical research, if not always consciously. The Marxism he used as a historian did not take the form of closed nomothetic theoretical schemas – it was mediated by open-ended concepts. Most of the time they were used as starting points to rethink and conceptualize the historical phenomenon under examination, rather than as means of reconfirming general schemas of social transformation. The main criterion for the selection of these concepts was the object itself and how to more effectively grasp the historical phenomenon which he sought to understand. The politics with which Hobsbawm was affiliated derived from the CPGB, particularly its Popular-Frontist strategy, which he endorsed throughout his life across the different historical conjunctures. The Popular-Frontist politics he endorsed can, however, neither explain nor account for his historiography, let alone be reduced to this. Hobsbawm’s work as a historian is characterized by a relative autonomy in regard to his politics. Hence, critics like Michael

⁵⁴ Dylan Riley, “Hegemony, Democracy and Passive Revolution in Gramsci’s Prison Notebooks,” *California Italian Studies* 2, no. 2 (2011).

Burleigh, who have argued that Hobsbawm's historical work must be rejected because of his support for the USSR and other Stalinist states, should not be taken seriously, as they do not take into account the difference between these two levels.⁵⁵ The reason why most of Hobsbawm's critics took this kind of view was not because he endorsed the USSR, which failed to offer radical alternatives to the capitalist order of things. The reason lies in his non-acceptance of the neoliberal political spectrum and refusal to reject Marxism as a valid analytical repertoire, especially after the collapse of the Soviet world. On the contrary, until the end of his life, Hobsbawm searched for answers to the very complex problems that humanity was confronted with as a result of its capitalist conditions, even when the political solutions with which he was familiar had disappeared as alternatives. He thus subscribed to Marx's call for "ruthless criticism of all that exists". Hobsbawm's answers were not always persuasive, but this did not prevent him from asking these questions in difficult times. He thus realised Edward Said's definition of the intellectual as "someone whose place it is publicly to raise embarrassing questions, to confront orthodoxy and dogma (rather than to produce them), to be someone who cannot easily be co-opted by governments or corporations, and whose *raison d'être* is to represent all those people and issues that are routinely forgotten or swept under the rug".⁵⁶

BIBLIOGRAPHY

- Anderson, Perry. "Renewals." *New Left Review* 1, no. 2 (2000): 1-20.
- Burleigh, Michael. "Eric Hobsbawm: A believer in the Red Utopia to the very end." *The Telegraph*, October 1, 2012. <https://www.telegraph.co.uk/news/politics/9579092/Eric-Hobsbawm-A-believer-in-the-Red-utopia-to-the-very-end.html>
- Elliott, Gregory. *Hobsbawm: History and Politics*. London: Pluto Press, 2010.
- Forgacs, David. "Gramsci and Marxism in Britain." *New Left Review* 1, no. 2 (1989): 1-20.
- Hobsbawm, Eric. "Commitment and Working Class History." *Universities & Left Review* 6 (Spring 1959).

⁵⁵ Michael Burleigh, "Eric Hobsbawm: A believer in the Red Utopia to the very end," *The Telegraph*, October 1, 2012, <https://www.telegraph.co.uk/news/politics/9579092/Eric-Hobsbawm-A-believer-in-the-Red-utopia-to-the-very-end.html>

⁵⁶ Edward Said, *Representations of the Intellectual: The 1993 Reith Lectures* (New York: Vintage Books, 1996), 11.

- Hobsbawm, Eric. *Labouring Men: Studies in the history of Labor*. London: Weinfeld & Nicolson, 1964.
- Hobsbawm, Eric. *Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries*. Manchester: Manchester University Press, 1971 [1959].
- Hobsbawm, Eric, and George Rudé. *Captain Swing*. New York: W. W. Norton & Company, 1975.
- Hobsbawm, Eric. *Bandits*. New York: Pantheon Books, 1981.
- Hobsbawm, Eric, ed. *The Forward March of Labor Halted?*. London: Verso, 1981.
- Hobsbawm, Eric. "Labour: Rump or Rebirth?" *Marxism Today* 28 (1984): 8-12.
- Hobsbawm, Eric. *Worlds of Labour: Further Studies in the History of Labour*. London: Weinfeld & Nicolson, 1984.
- Hobsbawm, Eric. "Goodbye to All that." *Marxism Today* (October 1990): 18-23.
- Hobsbawm, Eric. *The Age of Extremes, The Short Twentieth Century 1914-1991*. London: Abacus, 1994.
- Hobsbawm, Eric. *The Age of Capital 1848-1875*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1995.
- Hobsbawm, Eric. *The Age of Revolution 1789-1848*. New York: Vintage Books, 1996.
- Hobsbawm, Eric. *The New Century: In conversation with Antonio Polito*. New York: Little Brown, 2000.
- Hobsbawm, Eric. *Interesting Times: A Twentieth-Century Life*. New York: Pantheon Books, 2002.
- Hobsbawm, Eric. *How to Change the World: Tales of Marx and Marxism*. London: Little Brown, 2011.
- Hobsbawm, Eric. "Lenin and the 'Aristocracy of the Labor'." *Monthly Review* 64, no. 7 (2012). <https://monthlyreview.org/2012/12/01/lenin-and-the-aristocracy-of-labor/>.
- Kettle, Martin, and Dorothy Wedderburn. "Eric Hobsbawm obituary." *Guardian*. October 1, 2012. <https://www.theguardian.com/books/2012/oct/01/eric-hobsbawm>.
- Marx, Karl. *Grundrisse*. New York: Vintage Books, 1973.
- Marx, Karl. *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*. Moscow: Progress Publishers, 1972.
- Riley, Dylan. "Hegemony, Democracy and Passive Revolution in Gramsci's Prison Notebooks." *California Italian Studies* 2, no 2 (2011).
- Riley, Dylan. "Fascism and Democracy." *Jacobin Magazine* (2016). <https://www.jacobinmag.com/2016/08/trump-clinton-fascism-authoritarianism-democracy/>.
- Said, Edward. *Representations of the Intellectual: The 1993 Reith Lectures*. New York: Vintage Books, 1996.
- Strauss, Jonathan. "Engels and the theory of the labor aristocracy." *Links: International Journal of Socialist Renewal* 25 (January-June 2004).
- Wilde, Florian. "Divided they fell: the German left and the rise of Hitler." *International Socialism* 137 (2013). <http://isj.org.uk/divided-they-fell-the-german-left-and-the-rise-of-hitler/>.

Referência para citação:

Souvlis, George. "The Popular Front and Marxism in Eric Hobsbawm's Historical Works." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 105-132.

Cláudio DeNipoti

Historiadores citando historiadores: afirmações de verdades e a construção do discurso histórico (Diogo Borel e as traduções da Constituição francesa)

A historiografia se constrói, entre outras coisas, pela referência de trabalhos antecessores no campo de investigação. Com frequência, essas citações ocorrem com o intuito de reforçar argumentos defendidos nos textos, como validação historiográfica estabelecida. Este artigo busca perseguir uma dessas verdades historiograficamente estabelecidas – a tradução e impressão para o português de doze mil exemplares da Constituição francesa de 1791 e do *Père Gérard* pelo livreiro francês radicado em Lisboa, Diogo Borel – consolidada na historiografia luso-brasileira desde o século XIX, e as maneiras como os historiadores se utilizaram e apropriaram dela em textos com matrizes teóricas diversas.

Palavras-chave: Historiografia brasileira, historiografia portuguesa, história do livro.

Historians citing historians: statements of truths and the construction of historical discourse (Diogo Borel and the translations of the French Constitution)

Historiography is constructed, among other things, by the referencing of predecessor works in the field of investigation. Often, these quotations occur with the intention of reinforcing arguments, as established historiographic validation. This article analyses one of these historiographically established truths – the translation and printing into Portuguese of twelve thousand copies of the French constitution of 1791 and the *Père Gérard* by the French bookseller living in Lisbon, Diogo Borel – consolidated in Luso-Brazilian historiography since the nineteenth century, and the ways in which historians have used and with most diverse theoretical matrices and historiographic appropriations.

Keywords: Brazilian historiography, Portuguese historiography, book history.

Historiadores citando historiadores: afirmações de verdades e a construção do discurso histórico (Diogo Borel e as traduções da Constituição francesa)

Cláudio DeNipoti*

Introdução – Diogo Borel e os doze mil exemplares da constituição francesa

A escrita da história é um constante referenciar-se. Referenciam-se textos do passado que, devidamente problematizados, são considerados fontes, e referenciam-se os textos de outros historiadores, com o intuito de “legitimar” o próprio texto na tradição historiográfica à qual se pretende pertencer. Neste segundo percurso, não é incomum vermos cadeias intelectuais, com as citações sucessivas ajudando o leitor a definir quem ensinou quem, e quem segue quem no processo de construção historiográfica. Isto tem relação com o processo de construção da erudição que conforma a escrita da história a partir do século XVIII e que encontra sua expressão máxima no uso abundante das notas de rodapé,¹ bem como com os aspectos gerais da prática historiográfica, que buscam inserir o trabalho de investigação em campos preexistentes de conhecimento histórico. As citações fazem parte, portanto, de qualquer texto de historiadores, auxiliando na afirmação ou negação de definições epistemológicas comuns a determinado grupo, escola ou período, como pode ser exemplificado no caso bastante estudado dos *Annales* sob a liderança

* Departamento de História: Universidade Estadual de Londrina / CEIbero- Grupo de pesquisa em Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos

1 Anthony Grafton, *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé* (Campinas: Papyrus, 1998).

de Lucien Febvre e Fernand Braudel.² Buscaremos aqui ver um exemplo de como os historiadores usaram as citações para estabelecer verdades assentadas em uma tradição estabelecida historiograficamente.

Começemos a exposição com uma sequência documental, ambientada no fim do século XVIII, no auge do período da Assembleia, na Revolução Francesa e um mês após o início da regência de D. João, em Portugal, com a declaração de que D. Maria I estava oficialmente louca. Neste contexto, o embaixador português junto à corte de Luís XVI escreveu para Lisboa, fazendo uma denúncia particularmente preocupante:

Ilmo Exmo Snr

Tendo-me sido assegurado que o Livreiro Borel, estabelecido há muitos annos nessa Corte, e que se acha actualmente aqui, havia feito traduzir em português a Constituição Francesa, e a folhinha intitulada o Pay Gerardo, hu[m?] dos mais perigosos incendiarios que aqui existem, e feito empremir doze mil exemplares, com a perfeita intenção de os distribuir entre o povo de Lisboa e das Provincias, persuadido da verdade deste facto, e dezejando prevenir as fataes consequencias que rezultarião, se chegasse a efectuar-se esta distribuição, dou parte disto a V. EX.a, como já fiz em outro officio, a respeito do Brazil, afim que os preveros intentos desses revolucionarios fiquem frustrados, pela grande e assidua vigilancia do governo, que os introductores de principios tão abominaveis encontrem o castigo que merecem similhantes atentados, que a nossa policia ponha o maior cuidado na configuração destas brochuras, logo que chegarem a qualquer dos portos do Reino.³

2 José Carlos Reis, *Escola dos Annales: a inovação em história* (São Paulo: Paz e Terra, 2000); Peter Burke, *A escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia* (São Paulo: Unesp, 1992); Carlos Antonio Aguirre Rojas, *Fernand Braudel e as ciências sociais* (Londrina: EDUEL, 2003).

3 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Ministério do Reino, cx 576, of. 44.

D. Vicente de Souza Coutinho, o embaixador português em Paris, estava no cargo desde o fim da “Guerra Fantástica”, nome, em Portugal, da Guerra dos Sete Anos (1756-1763),⁴ e fez a denúncia, datada de 15 de janeiro de 1792, que não especificava qual dos irmãos Borel era o responsável pelo ato subversivo descrito. Os livreiros Borel (Borel, Borel & Cia), por sua vez, à época da denúncia incluíam Diogo, então com trinta e oito anos, e seu irmão Pedro José, além de outros membros da família, que se sucedem na documentação como sócios, parceiros ou “compadres”.⁵

A partir da denúncia feita no início daquele ano, o aparato de controle e censura, personalizado no Intendente-Geral de Polícia da Corte, Diogo Inácio de Pina Manique, passou a agir e registrou, nominalmente, a presença de Diogo Borel em um relatório oficial ao Mordomo-Mor, de 07 de agosto de 1792, dizendo que aquele livreiro desembarcou em Lisboa em agosto daquele ano, no mesmo navio que “um Jacobino, que vem caracterizado [de] Secretario da Embaixada de França”, além de outros indivíduos de origem francesa que o Intendente considerava perigosos.⁶ No dia 18 do mesmo mês, o Intendente complementou a “conta” anterior, expressando preocupação com as recentes chegadas por acreditar que elas “tem consequencias funestissimas”, e continuou a avisar sobre o perigo que representavam para a Coroa.⁷

A sequência documental é complementada pelo relato do *Tableau de Lisbonne*, de 1797, que menciona o fato de o livreiro Borel, estando preso em 1793, ter solidariamente arcado com o valor da sua

4 Assim chamada devido à grande quantidade de movimentação de tropas francesas, espanholas, inglesas e portuguesas, sem que nenhuma batalha tenha, de fato, acontecido. Ver: Manoel Francisco de Barros e Souza, Visconde de Santarém, *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal* (Pariz: J. P. Aillaud, 1851), XXIV-XXV. Sobre Dom Vicente de Souza Coutinho, ver: Maria Áquila Neves dos Santos, *Pré-Revolução e Revolução em França (1788-1789): A óptica do Embaixador Sousa Coutinho* (Tese de Licenciatura em História, Universidade de Coimbra, 1970); Joaquim Pintassilgo, “A Revolução Francesa na perspectiva de um diplomata português. (A correspondência oficial de António de Araújo de Azevedo),” *Revista de História das Ideias* 10 (1988): 131-44.

5 Diogo Ramada Curto *et al.*, *As gentes do livro: Lisboa, Século XVIII* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007), 306.

6 ANTT, Ministério do Reino, mc 453; ANTT, Intendência-Geral de Polícia, livro 3, f. 247.

7 ANTT. Intendência-Geral de Polícia, maço 01, caixa 01.

própria passagem para a Itália, bem como para um grupo de cerca de quarenta pessoas presas por Pina Manique, expulsas do reino e “absolutamente impossibilitadas de pagar suas passagens”.⁸ Sabemos da trajetória turbulenta dos livreiros portugueses de origem francesa até, pelo menos, meados da década de 1810.⁹ Resta vermos o que foi feito da acusação sobre Diogo Borel.

Diogo Borel e a censura

Esta não foi a primeira nem a última vez que Diogo Borel e outros membros de sua família se viram às voltas com a repressão e a censura aos livros proibidos. Embora os Borel fossem livreiros bem estabelecidos na cidade de Lisboa desde meados da década de 1760, legalmente vendendo livros proibidos àqueles leitores autorizados pela Real Mesa Censória a lê-los, em 12 de julho de 1779 Diogo Borel se viu envolvido nas redes de repressão dessas mesmas obras. Naquele dia, sua loja e seu depósito doméstico, bem como os de outros livreiros de origem francesa, foram revistados, por ordem dos censores, resultando na apreensão de uma grande quantidade de livros. Ao saber que outros livreiros foram detidos, Diogo (cujo tio e fundador da casa livreira, Pedro Borel, fora preso pelos mesmos motivos em 1771) escreveu à Rainha, apresentando “as razões que o isentavam de culpa”:

Sublinhando que “a simples achada de livros proibidos
não os constituía criminosos e muito menos para serem pre-

8 Anonyme [attribué à Carrère], *Tableau de Lisbonne en 1796* (Paris: Jansen éditeur, 1797), 158-59.

9 Em uma historiografia bastante mais vasta, ver: Maria Teresa Esteves Payan Martins, *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005), 467-68; Luiz Carlos Villalta, *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1999); Luís António de Oliveira Ramos. “Da aquisição de livros proibidos nos fins do século XVIII: (casos portugueses),” *Revista da Faculdade de Letras: História* 04/05 (1973-1974): 329-38. Cláudio DeNipoti, “Comércio e circulação de livros entre França e Portugal na virada do século XVIII para o XIX ou quando os ingleses atiraram livros ao mar,” *Revista Brasileira de História* 28, n.º 56 (2008): 431-48; Cláudio DeNipoti. “O livreiro que prefaciava (e os livros roubados): os prefácios de Francisco Rolland e a circulação de livros no império português ao fim do século XVIII,” *História: Questões & Debates* 65, n.º 1 (2017): 385-411.

sos”, e depois de declarar que todos os livros que lhe haviam sido apreendidos se “encontravam expostos à venda sem resguardo”, o que evidenciava a sua “boa-fé e excluía a presunção de delito”, Diogo Borel justificou a presença de todos os livros proibidos que foram encontrados na sua posse.¹⁰

As agruras de Diogo Borel não ficaram restritas aos anos finais do século XVIII. Com as guerras napoleônicas, o conseqüente medo de tudo o que era francês¹¹ fez com que a Intendência-Geral de Polícia da Corte emitisse ordens gerais para que todos os cidadãos franceses residentes se retirassem da corte:

Qualquer que tivesse sido seu “comportamento” após a entrada quase triunfal de Junot-Duque de Abrantes ou durante o seu governo “salvador”, tinha que sair do país a curto prazo, ou seria preso e deportado. Simpatizante aberto ou crítico – escondido ou tímido – que tivesse sido, o francês ficou, na prática, condenado ao imediato exílio, após a convenção de Sintra.¹²

Diogo, então com 54 anos, seu irmão Pedro José, os cunhados João Baptista e Cesário Alexandre assinaram juntos, em fevereiro de 1809, um requerimento para não serem obrigados a sair de Lisboa.¹³ O requerimento surtiu algum efeito, pois em dezembro Diogo não foi incluso na lista – elaborada pela Intendência – de franceses e italianos

10 Martins, *A censura*, 467-68.

11 Ricardo Antonio Souza Mendes, “O medo francês,” *Métis: história & Cultura* 5, n.º 10 (jul./dez. 2006): 101-19; Lúcia Maria Bastos P. Neves e Tânia Maria Bessone Ferreira, “O medo dos ‘abomináveis princípios franceses’: a censura dos livros nos inícios do século XIX no Brasil,” *Acervo* 4, n.º 1 (jan./jun. 1989): 113.

12 Manuela D. Domingos. *Livreiros de setecentos* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000), 97.

13 Curto. *As gentes*, 307.

que deveriam abandonar o país.¹⁴ Dois anos depois, Diogo, João Baptista e Cesário solicitaram o levantamento do sequestro dos seus bens imposto pelo governo em função das “prudentes e acertadas providencias do governo deste Reino a respeito dos estrangeiros de origem francesa”, alegando sempre terem desejado “permanecer neste Reino pretendem naturalizar-se para gozarem das graças e privilegios dos naturaes dele”.¹⁵ A afirmação de lealdade para com Portugal não convenceu as autoridades, que emitiram uma ordem de prisão para todos os sócios, com instruções de serem remetidos à corte, no Rio de Janeiro. Em 26 de outubro de 1811, João Baptista foi solto e Diogo e Cesário seguiram para o Brasil no navio “Princesa Carlota”, acompanhados dos papéis apreendidos em sua loja.

Os documentos escritos pelo Intendente se referem, com frequência, à denúncia do embaixador Souza Coutinho. Ainda assim, não foram encontradas evidências diretas dos livros que o comerciante deveria trazer de Paris. A denúncia é presumida como verdadeira mas, se Diogo Borel de fato mandou traduzir e imprimir uma quantidade de livros que está acima dos padrões editoriais do período, conforme a historiografia tem estudado, essas obras não estavam no navio “Duas Irmãs” com ele. Percebe-se então que a denúncia, por si só, foi suficiente para que Pina Manique entrasse em ação, pois nenhuma evidência adicional foi encontrada. A casa Borel, Borel & Cia fez, em julho de 1792, uma solicitação à Real Mesa Censória para importar livros de França, Holanda e Itália, e podemos supor que o livreiro fora a Paris para adquiri-los.¹⁶

A denúncia do embaixador parece excessiva, pois o volume de exemplares excede em muito o que se conhece sobre o mercado editorial português do século XVIII. Mesmo considerando que a Constituição em sua edição original francesa de 1791 tinha 78 páginas, a tiragem de doze mil cópias em português e outras doze mil do *Almanach du Père*

14 Domingos, *Livreiros*, 133.

15 Curto. *As gentes*, 694-95.

16 Curto. *As gentes*, 286.

Gérard (que, na edição de 1792, tinha 110 páginas), parece um tanto exagerada, mesmo no calor dos eventos e no esforço de propagação dos ideais revolucionários.

Uma tal quantidade de livros seria facilmente apreendida, mesmo supondo esquemas de contrabando que pudessem burlar a vigilância particularmente alerta do Intendente e outros agentes da censura no contexto do “medo francês”. O mais provável é que Borel estivesse comprando livros proibidos, como aliás era comum entre os livreiros de origem francesa em Lisboa, utilizando os estratagemas diversos estudados à exaustão na obra de Maria Teresa Payan Martins, entre outros autores.¹⁷

Como em 1779, quando foi preso e teve os livros de sua loja apreendidos, Diogo possivelmente comprou exemplares (em francês) da Constituição de 1791 e do *Père Gérard* que pretendia vender, com a desculpa (usada em 1779) de vendê-los “a quem tem licença” em uma aposta na “normalidade” dos negócios mesmo em tempos agitados. Por outro lado, a suspeita de “preversos [...] revolucionarios”, libertinos e maçons que pesava sobre os comerciantes franceses em geral – e os livreiros em particular – deve ter desempenhado um papel importante neste caso.¹⁸

É possível que a denúncia, levada a D. Vicente de Souza Coutinho por uma fonte desconhecida e transmitida por ele ao Mordomo-Mor e, por sua vez, ao Intendente, exagerasse na quantidade para dar mais efeito ao medo que se generalizava entre os defensores de antigos regimes que viam na revolução o maior dos seus pesadelos, radicalizando as posturas antifrancesas e agindo antes mesmo dos censores reais. O elemento adicional da tradução para o português (aumentando seu potencial de subversão, portanto), só acentuava o temor original.

17 Luís A. de Oliveira Ramos, *Sob o signo das “luzes”* (Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988); Martins, *A censura*, 777-878.

18 Diogo Ramada Curto, “Prefácio,” 12.

O fato e a historiografia – do século XIX até à década de 1980

Em termos historiográficos, a primeira síntese dos eventos de agosto de 1794 surgiu na *História da Guerra Civil e do Estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, compreendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834*, de Simão José da Luz Soriano, publicado em Lisboa, em 1866. Para ilustrar o aumento gradativo de atividades de “propagação das idéas revolucionárias”, Luz Soriano escreveu que:

Em princípios de agosto de 1792 entrára no Tejo o navio chamado de *Duas irmãs*, vindo de um dos portos de França, trazendo por passageiros: 1º, Diogo Borel, o mesmo indivíduo de quem o nosso embaixador em Paris, D. Vicente de Souza Coutinho, participára ter mandado imprimir n'aquella capital 12.000 exemplares da constituição franceza, traduzida em Portuguez e outros 12000 da folhinha do *Pae Gérard* seu auctor, conhecido por um dos mais exaltados nas doutrinas revolucionárias; 2º, Luiz Antonio Martins Calhassen, natural de Sores, em Languedoc, que dizia vir para secretário da embaixada franceza, com destino a passar a encarregado de negocios logo que se verificasse a revogação do embaixador, conde de Challons; 3º, Thomás Antonio Lequen, natural de Paris, negociante em Lisboa, onde tinha tres irmãos com casas de negocio, homem igualmente de idéas revolucionárias.¹⁹

Luz Soriano ilustra o argumento citando publicações de livros que foram proibidos, expulsões de livreiros considerados “pedreiros livres” e ações do Intendente, com referências a um provável excesso de zelo

19 Simão José da Luz Soriano, *História da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, compreendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1866), 1: 404.

de Pina Manique, que beirava a paranoia, “fundado em apprehensões excessivas a respeito de certos indivíduos, que nada mais tinham contra si que a reputação de litteratos”.²⁰ Não obstante, o Intendente manteve acirrada vigilância sobre os estrangeiros no Reino, relatando suas ações à Coroa em textos detalhados, constantemente autojustificantes.

Cabe destacar aqui que Luz Soriano teve uma trajetória política atrelada ao movimento liberal português. Da mesma geração que Alexandre Herculano e Almeida Garrett, e contemporâneo de Oliveira Martins, Luz Soriano escreveu a partir de um ponto de vista político claro – o liberalismo (ele estivera exilado nos Açores e participara da guerra civil de 1834 ao lado de D. Pedro).²¹ Além disso, a obra de Luz Soriano, em sua maior parte escrita na segunda metade do século XIX, era marcada pelo desencanto com o liberalismo clássico, já que ele “evoluiu de um republicanismo teórico antiorganicista para uma esquerda monárquica progressista e, sobretudo, apartidariamente nacionalista”.²² A narrativa factual de Luz Soriano também é pensada em termos de sua rejeição dos extremos políticos em foco no século XIX: o despotismo, por um lado, e a demagogia, por outro. Percebe-se, então, que o texto sobre as ações efetuadas pelo embaixador francês e pelo Intendente de polícia surgem na obra de Luz Soriano como denúncia dos extremos do despotismo. Em termos historiográficos, podemos pensar a obra de Luz Soriano como adequada aos seus projetos políticos que vinculavam a escrita da história a projetos nacionais, mantendo em mente a máxima de Cícero, da história como escola da vida.²³

Em seu texto, Luz Soriano não referencia os documentos elencados anteriormente, embora ofereça notas que remetem às “contas” de

20 Soriano, *História*, 409.

21 Paulo Jorge Pontes Ramos, *Simão José da Luz Soriano: de liberal inflamado a homem conformado* (Tese de Mestrado em História, Universidade do Porto, 2011).

22 Júlio Rodrigues da Silva, “Simão José da Luz Soriano e o liberalismo moderado (1858-1860),” *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* 22 (2006): 152-56; José Miguel Sardica, “Os partidos políticos no Portugal oitocentista (discursos historiográficos e opiniões contemporâneas),” *Análise Social* XXXII, n.º 142 (1997): 557-601.

23 Temistocles Americo Correa Cezar, “Lição sobre a Escrita da História: historiografia e nação no Brasil do século XIX,” *Diálogos: revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá* 8, n.º 1 (2004): 14.

Pina Manique. Contudo, a semelhança textual permite concluir que ele teve acesso aos registros setecentistas escritos pelo Embaixador e pelo Intendente, armazenados na Torre do Tombo, em Lisboa. Em que, pese o caráter condicional dado por Luz Soriano no trecho citado, cuidadosamente atribuindo a notícia a Souza Coutinho, fica a ideia de que os vinte e quatro mil exemplares eram um dado concreto.

A cadeia de citações do fato continua, cerca de meio século depois, com o artigo de Otto Karmin, “La Révolution française vue de l’intendance de Lisbonne (1792-1796),” publicado na *Revue historique de la Révolution Française et le Empire*.²⁴ O artigo é, na verdade, um conjunto de traduções documentais feitas pelo autor e transcritas “*soit intégralement, soit en résumé*”, retiradas dos livros de contas da Intendência-Geral de Polícia, arquivados em Lisboa. O documento específico que alude ao feito editorial de Diogo Borel é incluído em um subtítulo do artigo inteiramente dedicado às ações de Pina Manique contra os Maçons. Nesta alusão, Karmin citou a obra de Luz Soriano, juntamente com a *Histoire de la franc-maçonnerie en Portugal*, publicada pelo político republicano anticlerical português Manuel Borges Grainha em 1913.²⁵

Karmin, sociólogo e professor na Universidade de Genebra no início do século XX, dedicou-se à *Revue historique de la Révolution Française* como editor, tendo sido autor de incontáveis artigos sobre assuntos relacionados ao período revolucionário. Escrevendo no período de fermentação de ideias sobre a história e a sociologia que viu avançarem os escritos de Émile Durkheim e Marcel Mauss, por um lado, e Oswald Spengler, por outro, a ideia de história expressa nos escritos de Karmin está ligada ao tempo linear, com enorme ênfase na biografia política, com aspectos do colecionismo documental tão fortemente defendido pelo historicismo, e presente nos esforços de *monumenta* dos séculos XVIII e XIX.

24 Otto Karmin, “La Revolution française vue de l’intendance de Lisbonne (1792-1796),” *Revue historique de la Révolution Française et le Empire* 14 (1919): 81-107.

25 Manuel Borges Grainha, *Histoire de la franc-maçonnerie en Portugal, 1733-1912* (Lisboa: A Editora, 1913).

Pouco mais de uma década mais tarde, a menção à ação revolucionária de Diogo Borel ao traduzir e importar livros foi retomada por Fernando Campos, que publicou, em 1931, *O pensamento contra-revolucionário em Portugal (Séc. XIX)* (na vigência, portanto, da Ditadura Militar portuguesa, capitaneada por militares e contando com a participação de António de Oliveira Salazar, que, em 1933, formalizou a instauração do Estado Novo português). Nesta obra, Campos escreveu que:

Por essa ocasião, participava de Paris, o mesmo D. Vicente de Sousa Coutinho, que um certo Diogo Borel, que também nos visitou, tinha mandado imprimir doze mil exemplares da constituição francesa, traduzida em português, e outros tantos da folhinha revolucionária do *Père Gerard*, e várias prisões se efectuaram de indivíduos, como o célebre Francisco Coelho da Silva, que escreviam ou espalhavam, por meio de cópias, livros e papeis sediciosos [...].²⁶

Campos não disse a seus leitores de onde retirou os dados sobre Borel, mas as citações da obra de Luz Soriano que aparecem duas páginas antes e duas páginas depois do trecho citado não deixam dúvidas sobre a sua fonte. Até aqui, portanto, o exemplo criado por Luz Soriano a partir dos eventos de 1792 serviu tanto para demonstrar a penetração das ideias liberais em Portugal quanto para ilustrar as ações antirrevolucionárias da “alta polícia” do Antigo Regime Português.²⁷

Sintomaticamente, em 1941, o “fato” foi citado como uma espécie de elogio do antigo Intendente, descrito como zeloso, inteligente e enérgico, características insuficientes, porém, para dar “remédio ao mal que

26 Fernando Campos, *O pensamento contra-revolucionário em Portugal (Séc. XIX)* (Lisboa: J. Fernandes Jr, 1931), 13.

27 Caracterizada como um grupo de funcionários da Coroa que tinha a responsabilidade de manter a comunidade política do regime absolutista português, através da “repressão exclusiva de todos aqueles cujos sentimentos ou conduta desafiassem os padrões estabelecidos de adequação e lealdade”, em especial os “dos portadores de ‘doutrinas alheias à nossa fidelidade’”. Ver: Kirsten Schultz, *Versalhes tropical; império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008), 169.

se agravava de dia para dia”, qual seja, a influência revolucionária e liberal em Portugal. Escrevendo em meio ao principal “refluxo” da defesa do liberalismo (e do iluminismo em geral), representado pela ascensão de movimentos autoritários ou extremamente conservadores, como o Salazarismo, o autor anônimo demonstrou afinidade com os métodos de Pina Manique, e repetiu as informações de Luz Soriano, sem qualquer referência ou citação formal.²⁸

Depois de um novo intervalo – mais curto – e da transferência de solo lusitano para o brasileiro, as referências aos doze mil exemplares mandados traduzir por Diogo Borel retornaram no livro do advogado, jornalista e político paulista Carlos Rizzini,²⁹ *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*.³⁰ A mesma informação foi repetida por Rizzini em 1957, em seu livro sobre *Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense*, e se referia ao contrabando de livros proibidos para dentro dos limites do Império e à atuação dos livreiros de origem francesa neste comércio:

Desde os meados do século XVIII – informa Teófilo Braga – quase todos os livreiros de Lisboa vinham da França, fundavam casas com honradez proverbial e disseminavam as publicações modernas, “por meio das quais o espírito crítico do enciclopedismo entrava neste desgraçado país marasmado pela imbecilidade”. Honradez proverbial no modo de ver do autor. Não no do Intendente, para quem o livreiro José Du-bié não passava de malvado bota-fogo “duas vezes preso pela achada de livros incendiários que vendia nesta cidade”. Nada menos de 12 mil exemplares da *Constituição Francesa* introduziu em Portugal o livreiro Diogo Borel. Quando ainda nenhuma obra de Voltaire recebera o plácito da Mesa Censó-

28 Academia das Ciências de Lisboa, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras. (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1941), 141.

29 Paulo da Rocha Dias. *O amigo do rei: Carlos Rizzini, Chatô e os Diários Associados*. (Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004).

30 Carlos Rizzini, *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822* (São Paulo e Rio de Janeiro: Kosmos, 1946), 264.

ria, estranhava Pereira de Figueiredo fosse ele "o autor que ordinariamente andasse nas mãos da mocidade portuguesa e formasse o gosto e a base dos seus primeiros estudos."³¹

A obra referencial de Teófilo Braga, citada por Rizzini, é *Bocage: Sua Vida e Época Literária*, publicada, originalmente, em 1877. A citação encontra-se em uma nota de rodapé, que menciona a *conta* de Pina Manique sobre a chegada do navio que transportou Diogo Borel de Paris a Lisboa.³²

O historiador, jornalista, militar e militante do Partido Comunista Brasileiro³³ Nelson Werneck-Sodré continuou a cadeia de citações do evento "Diogo Borel" em sua *História da imprensa no Brasil*, de 1966, relatando brevemente a atuação do Intendente Pina Manique sobre os livros sediciosos e livreiros que os comercializavam, aludindo, sem referenciar nenhuma outra obra ou documento, que "Diogo Borel introduzira em Portugal, segundo se escreveu, nada menos que doze mil exemplares da Constituição Francesa".³⁴

Em um artigo publicado em 1972 na *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade do Porto, o historiador português António Cruz, sobre a vida de Manuel Fernandes Thomás, participante ativo da revolução liberal de 1820 e fiel defensor do "Vintismo" e da "regeneração" portuguesa, descreveu (sem fazer referências a fontes ou bibliografia anterior) o episódio envolvendo Diogo Borel como antecedente importante da atuação política dos liberais portugueses:

[...] Podemos também chamar aqui ao plano de reflexão certos factos ou meras presunções de que ficou memória

31 Carlos Rizzini *Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1957]), 67

32 Teófilo Braga, *Bocage: Sua Vida e Época Literária* (Braga: Edições Vercial, 2014).

33 Lucileide Costa Cardoso, "Nelson Werneck Sodré: Censura, Repressão e Resistência," *Anos 90* 20, n.º 37 (2013).

34 Nelson Werneck-Sodré, *História da imprensa no Brasil* (Rio de Janeiro: Graal, 1966), 16.

nos registros da Intendência Geral da Polícia, ao tempo em que nela superintendia Diogo de Pina Manique. Factos ou presunções relacionados com a época em causa [as influências intelectuais e literárias do *Vintismo*], porém não exclusivos, quanto ao lugar, da cidade de Lisboa, embora aí observados com maior frequência.

Recordemos, portanto, que em 1792 desembarca no Tejo Diogo Borel, trazendo consigo doze mil exemplares da constituição francesa traduzida para nossa língua. No ano seguinte, é detido Francisco Coelho da Silva, autor de uma *Censura á constituição francesa* e de outras publicações consideradas subversivas. Entretanto, relatórios chegados às mãos do Intendente começam a denunciar sintomas da existência e da actividade da maçonaria.³⁵

O filósofo Paulo Mercadante escreveu, no mesmo ano, sua obra *A consciência conservadora no Brasil*, em que o exemplo de Diogo Borel foi citado para ilustrar a repercussão, no Brasil, das ideias do século XVIII, “principalmente as do pensamento francês comprometidas com o materialismo”, manifestas através de ideias revolucionárias, refugiadas “nas lojas maçônicas” responsáveis, junto com a Universidade de Coimbra, pelo “noviciato da rebeldia”. Estabelecendo uma teleologia, o autor afirma que “os tempos eram novos e o surto progressista como sempre irreversível. A reforma pombalina, fundada nas considerações de Verney, encerrava a crítica ao espírito medieval, ao escolasticismo árabe-peripatético, dominante no ensino jesuítico português”. Os livros de Borel eram “a francesia, doença social a que aludia certo beleguim do tempo”. Para Mercadante, que também não faz nenhuma referência documental ou bibliográfica às informações apresentadas, “a circulação clandestina de livros suplantava a comercial”.³⁶

35 António Cruz, “O primeiro dos regeneradores,” *Revista da Faculdade de Letras: História*, série I, 03 (1972): 17.

36 Paulo Mercadante, *A Consciência Conservadora no Brasil: contribuição ao estudo da formação brasileira* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972), 122-23.

Em ponto diametralmente oposto do espectro político, o historiador e professor da Universidade de São Paulo Fernando Novais, em sua obra (considerada um clássico historiográfico) *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial*, publicada em 1979, com diversas reedições ao longo da década seguinte, citou igualmente o episódio, a partir da *História da imprensa* de Werneck-Sodré que, como vimos, não cita suas fontes neste assunto em especial. Ainda assim, a citação de Novais traz semelhanças com a obra de Luz Soriano para que se deduza ser esta a origem de ambas as citações. Novais também demonstra ceticismo – ainda que somente através de uma pequena expressão gráfica – quanto às quantidades relatadas:

[...] Pina Manique, que era ao mesmo tempo intendente da polícia e dos contrabandos, prevenia, por exemplo, sobre o navio francês “Dois Irmãos”: nele viajava o impressor Diogo Borel que já se houvera na metrópole com a repressão e que, informava o truculento intendente, mandara imprimir doze mil (!) volumes da constituição francesa em português, e mais ainda outros tantos da “Folhinha do Pai Gerardo” cujo autor era “um famoso incendiário de doutrinas errôneas e sediciosas”; e mais viajava um certo Tomas Secuen, natural de Paris, negociante [...].³⁷

O fato e a historiografia – fins do século XX e início do século XXI

Diversos (mas não todos) desses trabalhos realizados na primeira metade do século XX, em especial a partir dos anos 1950, se construíram também “no contexto das lutas políticas e das controvérsias ideológicas de seu próprio tempo”,³⁸ e os usos do fato em questão, frequentemente

³⁷ Fernando A. Novais, *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)* (São Paulo: HUCITEC, 1979): 211.

³⁸ Rebeca Gontijo, “A história da historiografia no Brasil, 1940-1970: apontamentos sobre sua escrita,” *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH* (julho 2011) (Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300912250_ARQUIVO_ANPUH2011TextoRebecaGontijo.pdf).

justificava tomadas de posições, com eventuais construções teleológicas às avessas, em que um encadeamento causal era usado para justificar posições políticas dos autores no momento da escrita. Noutros casos, a preocupação se dava somente na construção de modelos de macroexplicações, também elas feitas a partir de tomadas de posição ideológica. Os movimentos da “virada linguística”, além das reflexões em torno da obra de Michel Foucault, Carlo Ginzburg, Paul Veyne e Michel de Certeau, permitiram abandonar explicações “modelares” em história, e realizar análises criadas a partir de uma noção de descontinuidade dos saberes, e de visões. Assim, embora a ruptura não seja tão rigorosa em termos de datas, os trabalhos escritos a partir da década de 1980 – frequentemente, mas não sempre – adotaram perspectivas diferentes no uso do fato. A isso se pode somar a maior liberdade – literal – gozada por historiadores após o fim de ambas as ditaduras portuguesa e brasileira para abordar temas razoavelmente proscritos sob os regimes autoritários e, no caso brasileiro, a crescente profissionalização da prática dos historiadores a partir da ampliação dos cursos de pós-graduação em história, que provocou, por sua vez, uma maior institucionalização das práticas historiográficas de referência e consulta das fontes.

Por exemplo, em 1980, escrevendo uma ampla análise sobre a censura literária portuguesa – inclusive a do Estado Novo – e citando o episódio das traduções feitas por Borel a partir da obra de Simão Luz Soriano, Graça Almeida Rodrigues, em sua *Breve história da censura literária em Portugal*, falou sobre como as ideias revolucionárias “propagaram-se efectivamente em Portugal”. A denúncia do embaixador e a chegada do navio eram, para a autora, parte das provas dessa efetivação, em conjunção com outros eventos correlatos, como a expulsão de nacionais franceses que faziam propaganda revolucionária em 1792.³⁹ Também em 1980, Graça da Silva Dias e José Sebastião da Silva Dias escreveram sobre a maçonaria em Portugal, utilizando o episódio das constituições traduzidas como exemplo de atuação maçônica, citando

39 Graça Almeida Rodrigues, *Breve história da censura literária em Portugal* (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980), 43.

o trecho da *História da guerra civil* de Luz Soriano como fonte para as informações: “Pela mesma altura (e não consta que em digressão turística), desembarcava em Lisboa, na companhia de correlegionários, Diogo Borel, o editor da Constituição em português e do *Almanach du père Gerard*”.⁴⁰ Três anos depois, em sua *História de Portugal*, José Hermano Saraiva repetiu a citação, sem referência à fonte da informação.⁴¹

O historiador francês Jacques Marcadé retomou o episódio, em 1988, a partir da obra de Graça da Silva Dias e José Sebastião da Silva Dias sobre a maçonaria, para falar, por sua vez, sobre o episcopado português (particularmente Frei Manuel do Cenáculo) e a Revolução Francesa. Para este autor, o episódio da tradução dos livros (especialmente o *Père Gérard*) era um indício da ineficácia parcial da censura, mesmo depois de reorganizada no período Mariano.⁴²

No lado brasileiro, Afonso Carlos Marques dos Santos escreveu, já na década seguinte, sobre a atuação do embaixador português quando citava o aviso sobre Diogo Borel, a partir do ofício original do embaixador. Segundo ele, o embaixador “mantinha a Corte de Lisboa permanentemente atualizada, prevenindo as autoridades do perigo da difusão das idéias revolucionárias”.⁴³ O episódio envolvendo Diogo Borel ilustrava, segundo o autor, essa atuação.

De novo no lado português, Luís António de Oliveira Ramos (cuja obra em torno da história do livro e da leitura é bastante ampla) ofereceu um primeiro questionamento da informação, com base em pesquisa relevante no campo da história da palavra impressa. Em artigo de 1994 sobre vestuário português ao fim do século XVIII, Ramos ampliou os exemplos da ação do embaixador português citando a denúncia, em 1791, da vinda para Portugal do autor das *Ligações Perigosas*, mem-

40 Graça Silva Dias e José Sebastião da Silva Dias, *Os primórdios da maçonaria em Portugal* (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980), 360.

41 José Hermano Saraiva, *História de Portugal* (Lisboa: Publicações Alfa, 1983), 183.

42 Jacques Marcadé, “L’Épiscopat portugais et la Révolution Française”, *Revista Portuguesa de História* XXIII (1988): 100.

43 Afonso Carlos Marques dos Santos, *No rascunho da nação: inconfidência no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992), 64.

bro do *Cercle Social*, associação ligada aos jacobinos e empenhada em “difundir, nos países europeus e americanos, as novas doutrinas”. Segundo Ramos, Cloderlos de Laclos “era tão conhecido como entusiasta das novas ideias e, por outro lado, sabia-se que, sob a capa de missões científicas, o *Cercle Social* tinha em mente um plano de propaganda revolucionária envolvendo o Brasil, razão por que deviam ser tomadas todas as preocupações”.⁴⁴ Sobre o episódio de Diogo Borel, Ramos considerou que:

Seria Borel um agente especial a serviço do governo revolucionário?

Eis uma interrogação que surge. Não se afigura provável que, pessoalmente, se decidisse a investir os capitais necessários à impressão de tantos exemplares de um texto considerado subversivo em Portugal. Aventamos, de preferência, a hipótese de que tenha recebido um subsídio governamental ou particular para realizar a tarefa em causa.⁴⁵

O artigo de Ramos, ao qual se somam diversos outros trabalhos de história da circulação do livro e, conseqüentemente, das ideias, em Portugal, não traz nenhuma nota aludindo à fonte das informações, ainda que, ao longo do texto, (de fato, poucas linhas abaixo da citação) a obra de Luz Soriano seja mencionada.

José Augusto dos Santos Alves, em sua tese de doutoramento em história das ideias políticas, defendida na Universidade Nova de Lisboa no ano 2000, versando sobre o tema da opinião pública em Portugal no período final do absolutismo, retomou o episódio a partir das “contas” de Pina Manique. Para este autor, tratava-se do confronto entre as funções da “alta polícia” que devia “impedir, obstacularizar ou prevenir a

44 Luís António de Oliveira Ramos, “Notas sobre o trajar dos portugueses à Revolução Francesa,” *Intercâmbio: Revue d’Études Françaises=French Studies Journal* 05 (1994): 7.

45 Ramos, “Notas,” 16.

corporização de manifestações inconveniente[s] ao regime” e uma “nova imagética, que vai aflorando aqui e ali, como sintoma de um movimento subterrâneo, que calculisticamente escolhe a melhor oportunidade e conjuntura para aparecer e erigir-se como uma nova forma de direcção e domínio da sociedade”.⁴⁶ No mesmo ano, Luís Villalta mencionou o alerta do embaixador a partir da obra de Afonso Carlos Marques dos Santos.⁴⁷

Marianne Reisewitz, em 2002, também se utilizou de uma descrição sucinta do episódio para falar da entrada de obras estrangeiras em Portugal, acrescentando, sem fazer referências documentais ou historiográficas, que “[l]ivros e também a maior parte dos livreiros que burlavam a alfândega portuguesa, eram oriundos da França, tirando as noites de sono e ocupando frequentemente o intendente de polícia Pina Manique”.⁴⁸

No ano seguinte, Adelto Gonçalves publicou uma biografia do poeta Bocage em que o caso de Diogo Borel é citado, a partir da “conta” de Pina Manique sobre a chegada do navio “Duas Irmãs” como exemplo de exaltação dos ânimos e da avidez dos portugueses por notícias da França, manifestando “abertamente sua satisfação quando recebiam informações favoráveis à causa da liberdade”.⁴⁹ Também em 2003, Ana Cristina Araújo, estudando a cultura das luzes em Portugal, mencionou o episódio de Diogo Borel a partir do livro de Graça da Silva Dias e José Sebastião da Silva Dias, como um fenômeno pouco surpreendente, completamente condizente, portanto, com a vinda de livros e ideias “iluministas” para Portugal desde a França.⁵⁰

Continuando a saga de citações, António Egídio Fernandes Loja, em uma crônica da revolução liberal na Ilha da Madeira publicada em

46 José Augusto dos Santos Alves, “*A opinião pública em Portugal (1780-1820)*” (Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 2000), 160.

47 Luís Carlos Villalta, *1789-1808 – O império luso-brasileiro e os Brasis* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), 26.

48 Marianne Reisewitz, “O ideário iluminista no Brasil,” *Entre passado & futuro; revista de história contemporânea* 1 (maio 2002): 47.

49 Adelto Gonçalves, *Bocage, o perfil perdido* (Lisboa: Editorial Caminho, 2003), 185.

50 Ana Cristina Araújo, *A cultura das luzes em Portugal: temas e problemas* (Lisboa: Livros Horizonte, 2003), 87.

2008 e citando a conta em que Pina Manique relatou a chegada do navio “Duas Irmãs”, vinculou o episódio a eventos locais concomitantes, como as inspeções nos portos da Madeira em busca de livros, “veículo mais evidente de propaganda revolucionária”, e a perseguição, também ocorrida em agosto de 1792, “às duas maiores e mais importantes lojas maçônicas” da ilha.⁵¹

A referência cronologicamente subsequente ao “evento” em foco é a de Michèle Janin-Thivos em *Répression et censure durant les Invasions Napoléoniennes*. No artigo de 2010, cujo objeto é o tratamento dos franceses visados pela estrutura de repressão do Antigo Regime português, a autora mencionou o contrabando da tradução da Constituição e do *Père Gérard*, a partir do *Tableau de Lisbonne en 1796*, ainda que, nesta obra, como vimos acima, Diogo Borel seja citado como benfeitor dos extraditados estrangeiros de 1793, sem fazer alusão direta ao episódio que levou à sua prisão.⁵²

As referências mais recentes encontradas sobre o episódio das traduções supostamente feitas por Diogo Borel estão, novamente, em textos de Ana Cristina Araújo, em 2011 e 2012, sobre a influência de Napoleão Bonaparte em Portugal. Ao falar da propaganda revolucionária, surgem os doze mil exemplares denunciados pelo embaixador português, o *Cercle Social* e Pierre Cloderlos de Laclos.⁵³ Neste item, a nota de referência refere-se à passagem, já familiar neste texto, na obra de Luz Soriano. Esta autora também vincula a denúncia com a prisão de Francisco Coelho da Silva, acusado de traduzir a *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*.⁵⁴ Além dessas, Marisa Midori Daecto e

51 António Egídio Fernandes Loja, *Crónica de uma revolução; a Madeira na Revolução Liberal* (Funchal: Empresa Municipal Funchal 500 anos, 2008).

52 Michèle Janin-Thivos, “Répression et censure durant les «Invasions Napoléoniennes». Une voie étroite pour les Français installés au Portugal,” *Rives méditerranéennes* 36 (2010): 34.

53 Ana Cristina Araújo, “Napoleão Bonaparte e Portugal. Patriotismo, Revolução e Memória Política da Resistência,” *Carnets, Invasions & Évasions. La France et nous; nous et la France* (outono-inverno 2011-2012): 14; Ana Cristina Araújo, “Napoleão Bonaparte e Portugal: momento constitucional e imaginário político de uma geração,” in *Uma coisa na ordem das coisas: estudos para Ofélia Paiva Monteiro*, org. Carlos Reis, José Augusto Bernardes e Helena Santana (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012), 15.

54 Araújo, “Napoleão,” 16.

Lincoln Secco reafirmam a existência dos 12 mil exemplares mandados fazer por Diogo Borel, mas desta vez distribuídos na corte do Rio de Janeiro, em livro publicado em 2014.⁵⁵

Conclusão

Para além do universo historiográfico, o evento, que foi construído como justificador e legitimador de vários fenômenos concomitantes – propaganda liberal, ação revolucionária, influência maçônica, etc. –, “existe” embora, de fato, seja pouco crível que as traduções tenham sido feitas e o contrabando efetivado. No imaginário identitário, tanto brasileiro como português, Diogo Borel se tornou um signo, um catalisador de fenômenos e, como tal, passou a fazer parte das representações da época. É por isso que o fenômeno foi incorporado à maneira como os portugueses experimentam seu passado, tendo sido veiculado em uma transmissão de rádio da RDP em 1971, pelo mesmo António Cruz (1971) que escreveu sobre o último dos regeneradores, com a devida aprovação dos censores salazaristas;⁵⁶ na literatura, com o romance de Luís Rosa sobre Manuel Maria Barbosa do Bocage, publicado em 2006, provavelmente em função do bicentenário da morte do poeta⁵⁷ e na televisão, com a minissérie sobre o mesmo poeta libertino, produzida e veiculada pela RTP (também em 2006) em que o personagem de Borel é central e retratado como amigo do poeta.⁵⁸

O que temos, então, é um evento histórico que resultou de processos sociopolíticos do fim do século XVIII. Um evento que, em si, nunca existiu (ou, melhor dizendo, não há provas concretas de sua existência), pois as evidências documentais apontam para a transmissão de

55 Marisa Midori Daecto e Lincoln Secco, “Seditious books and the idea of revolution in Brazil,” in *Books and Periodicals in Brazil: 1768-193. A transatlantic perspective*, org. Ana Cláudia Suriane Silva e Sandra Vasconcelos (Londres: Legenda/Routledge, 2014), 52.

56 António Cruz. *O Norte na História e na tradição*. Crónica semanal. (RTP, 28/12/1971). <http://museu.rtp.pt/app/uploads/dbEmissoraNacional/Lote%2052/00019257.pdf>.

57 Luís Rosa. *Bocage, a vida apaixonada de um genial libertino* (Lisboa: Editorial Presença, 2006).

58 Fernando Vendrell (Realizador) e José Sarmiento de Matos (Consultor Histórico). RTP – Radiotelevisão Portuguesa. *Bocage – Sinopse*. s./d. http://tv.rtp.pt/wportal/press/fxs_fotos/apresentacao_bocage/Bocage.pdf.

um rumor, por parte do informante do embaixador português em Paris, enviado pela cadeia de poder até os representantes da “alta polícia” imperial. Ainda que tal rumor, ou boato, se insira plenamente no contexto francês do período, conforme explicita a vasta obra de Robert Darnton sobre o tema da circulação de impressos e ideias na França revolucionária,⁵⁹ a menos que sejam apresentadas novas fontes que corroborem que, de fato, foram feitas traduções da *Constituição* e do *Père Gérard* sob encomenda de Diogo Borel, que as transportou consigo para Lisboa, não temos porque acreditar na veracidade da denúncia.

Porém, a significância do evento é dada pelas reações que ele provocou, semelhantes àquelas narradas por Darnton para a França. O embaixador, o Intendente e outros membros da corte, acreditaram na possibilidade do evento. Na paranoia vigente à época da revolução francesa, especialmente na fase da Convenção Nacional, pouco antes do “Terror”, que coincide com a denúncia do embaixador Souza Coutinho e as ações de Pina Manique, eles reagiram em conformidade com práticas bem estabelecidas de vigilância sobre ideias e os livros que as continham, estabelecidas desde a década de 1760 com a criação da Real Mesa Censória. Em um quadro analítico que compare as práticas de censura com a repressão política exercida pela Intendência, não surpreende que esses agentes do Estado agissem como agiram.

Estes, por sua vez, flutuaram entre uma análise desta reação ao estabelecimento do evento como “verdade” historiograficamente estabelecida (iniciado por Luz Soriano, no século XIX, com o evento por ele citado tomado por seu valor de face) e a suspicaz análise de Luís Antônio de Oliveira Ramos. O fato de se reproduzir esta convicção de verdade, porém, não altera o que se pode pensar sobre a qualidade e a natureza científica do trabalho dos autores que a citam.

59 Robert Darnton. *Edição e sedição; o universo da literatura clandestina no século XVIII* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992); Roberto Darnton. *Os dentes falsos de George Washington – um guia não convencional para o século XVIII* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003); Robert Darnton. *The devil in the Holy Water; or the art of slander from Luis XIV to Napoleon* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010); Robert Darnton. *Poetry and the police – communication networks in Eighteenth-Century Paris* (London: The Belknap Press, 2010).

Embora diversos dos trabalhos escritos a partir dos anos 1980 tivessem em mente processos sociais amplos, nos quais a referência aos livros de Borel era meramente um “detalhe corroborativo”, não provocou estranhamento o excessivo volume editorial, com o respectivo empenho financeiro que um tal empreendimento significaria à época, como podemos ver ao compararmos outros empreendimentos editoriais, como o do Arco do Cego ou alguns dos esforços editoriais de Francisco Rolland⁶⁰ Do ponto de vista historiográfico, a citação sequencial demonstrada provoca a imaginação do historiador sobre quantas dessas mesmas “verdades” historiograficamente definidas existem e se perpetuam pelo uso recorrente das citações. O evento em si foi apropriado e perpetuado pela historiografia, com diferentes tipos de apropriação e graus de cuidado com sua consistência, como boato.⁶¹ Descontextualizado, o fato justifica posições políticas distintas, conforme a maré das tendências flui. Contextualizado, ele existiu sobretudo como sintoma do medo coletivo de tudo o que soasse minimamente francês, confirmando o temor da circulação de escritos incendiários e a violência (e ineficácia) da censura. Neste caso, os métodos de trabalho da história do livro, adotados como ponto de partida investigativo gerado por pesquisa anterior,⁶² puderam ajudar a perceber essas tomadas de posição que perpetuaram a referência não problematizada aos “doze mil exemplares” da Constituição, mandados traduzir e circular por Portugal em 1793.

60 Fernanda Maria Guedes de Campos, Diogo Ramada Curto e Ana Paula Tudela, *A Casa Literária do Arco do Cego: bicentenário, (1799-1801): “sem livros não há instrução”* (Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999); DeNipoti, “O livreiro que prefaciava,” 385-411.

61 O boato como fonte histórica tem sido explorado por historiadores de forma bastante sistemática. Basta lembrar que Marc Bloch escreveu *Os reis taumaturgos*, instigado pelos boatos que presenciou nas trincheiras, preocupando-se com as operações sociais provocadas pela crença no milagre dos reis. Ver: Marc Bloch, *Os reis taumaturgos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993), 23. A obra de Robert Darnton sobre o boato como força política, presente em diversos dos seus livros, também ilustra o uso – e a importância – do boato na prática dos historiadores.

62 Cláudio DeNipoti, “O embaixador; o livreiro e o policial. Circulação de livros proibidos e medo revolucionário em Portugal na virada do século XVIII para o XIX,” *Varia Historia* 30, n.º 52 (2014): 129-50.

FONTES E REFERÊNCIAS

Academia das Ciências de Lisboa. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Classe de Letras. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1941.

Alves, José Augusto dos Santos. “A opinião pública em Portugal. (1780-1820)”. Tese de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, 2000.

Anonyme [attribué à Carrere], *Tableau de Lisbonne en 1796*. Paris: Jansen éditeur, 1797.

Araújo, Ana Cristina. *A cultura das luzes em Portugal: temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

Araújo, Ana Cristina. “Napoleão Bonaparte e Portugal. Patriotismo, Revolução e Memória Política da Resistência”. *Carnets, Invasions & Évasions. La France et nous; nous et la France*, número especial (Outono-Inverno 2011-2012), 13-28.

Araújo, Ana Cristina. “Napoleão Bonaparte e Portugal; momento constitucional e imaginário político de uma geração”. In *Uma coisa na ordem das coisas: estudos para Ofélia Paiva Monteiro*, org. por Carlos Reis, José Augusto Bernardes & Helena Santana, 15-39. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

ANTT. Intendência Geral de Polícia, maço 01, caixa 01.

ANTT, Intendência Geral de Polícia, contas das secretarias, livro 3, f. 247.

ANTT. Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) Cx 576. of. 44.

ANTT, Ministério do Reino, Maço 453.

ANTT. Real Mesa Censoria, cx 139.

Braga, Teófilo. *Bocage: Sua Vida e Época Literária*. Porto: Edições Vercial, 2014.

Bloch, Mark, *Os reis taumaturgos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Campos, Fernanda Maria Guedes de, Diogo Ramada Curto, e Ana Paula Tudela. *A Casa Literária do Arco do Cego: bicentenário, (1799-1801):” sem livros não há instrução*”. Lisboa, Biblioteca Nacional – Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.

Campos, Fernando. *O pensamento contra-revolucionário em Portugal (Sec. XIX)*. Lisboa: J. Fernandes Jr, 1931.

Cardoso, Lucileide Costa. “Nelson Werneck Sodré: Censura, Repressão e Resistência”. *Anos 90*, v. 20, n. 37, (2013): 237-267.

Cezar, Temistocles Americo Correa. “Lição sobre a Escrita da História: historiografia e nação no Brasil do século XIX”. *Diálogos: revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá*. Vol. 8, n. 1 (2004): 11-29.

Constituicion. Paris: de l’Imprimerie de Baudoin Londres chez J Debrett, 1791.

Curto, Diogo Ramada. “Prefácio”. In *Livros de Setecentos*, org. por Manuela Domingos, 10-47. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

Curto, Diogo Ramada, Manuela D. Domingos, Dulce Figueiredo e Paula Gonçalves. *As gentes do livro: Lisboa, Século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.

Cruz, António. *O Norte na História e na tradição. Crónica semanal*. (RTP, 28/12/1971). (Disponível em <http://museu.rtp.pt/app/uploads/dbEmissoraNacional/Lote%2052/00019257.pdf>.)

Cruz, António. “O primeiro dos regeneradores”. *Revista da Faculdade de Letras: História*, série I, vol. 03, (1972): 9-50.

Daecto, Marisa Midori e Lincoln Secco. “Seditious books and the idea of revolution in Brazil”. In *Books and Periodicals in Brazil; 1768-1930. A transatlantic perspective*, org. por Ana Cláudia Suriane Silva e Sandra Vasconcelos, 52-67. Londres: Legenda/Routledge, 2014.

Darnton, Robert. *Edição e sedição; o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Darnton, Robert. *Os dentes falsos de George Washington – um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Darnton, Robert. *The devil in the Holy Water; or the art of slander from Luis XIV to Napoleon*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010.

Darnton, Robert. *Poetry and the police – coommunication networks in Eighteenth-Century Paris*. London, The Belknap Press, 2010.

DeNipoti, Cláudio. “Comércio e circulação de livros entre França e Portugal na virada do século XVIII para o XIX ou quando os ingleses atiraram livros ao mar.” *Revista Brasileira de História* 28, n^o 56 (2008): 431-48.

Denipoti, Cláudio. “O embaixador; o livreiro e o policial. Circulação de livros proibidos e medo revolucionário em Portugal na virada do século XVIII para o XIX.” *Varia Historia* 30, n^o 52 (2014): 129-50.

DeNipoti, Claudio. “O livreiro que prefaciava (e os livros roubados); os prefácios de Francisco Rolland e a circulação de livros no império português ao fim do século XVIII.” *História: Questões & Debates* 65, n^o 1 (2017): 385-411.

Dias, Graça Silva e José Sebastião da Silva Dias. *Os primórdios da maçonaria em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

Dias, Paulo da Rocha. *O amigo do rei: Carlos Rizzini, Chatô e os Diários Associados*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

Domingos, Manuela D. *Livreiros de setecentos*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2000.

Fernando Vendrell (Realizador) & José Sarmento de Matos (Consultor histórico). RTP – Radiotevisão Portuguesa. *Bocage – Sinopse*. s./d. http://tv.rtp.pt/wportal/press/fxs_fotos/apresentacao_bocage/Bocage.pdf.

Gonçalves, Adelto. *Bocage, o perfil perdido*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

Gontijo, Rebecca. “A história da historiografia no Brasil, 1940-1970: apontamentos sobre sua escrita.” *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, (Julho 2011) (disponível em http://www.shh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300912250_ARQUIVO_ANPUH2011TextoRebecaGontijo.pdf).

Grafton, Anthony. *As origens trágicas da erudição*; pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas: Papyrus, 1998.

Grainha, Manuel Borges. *Histoire de la franc-maçonnerie em Portugal, 1733-1912*. Lisboa: Imp. A Editora, 1913.

Janin-Thivos, Michèle. “Répression et censure durant les «Invasions Napoléoniennes». Une voie étroite pour les Français installés au Portugal.” *Rives méditerranéennes* 36 (2010): 25-50.

Karmin, Otto. “La Revolution française vue de l’intendance de Lisbonne (1792-1796).” *Revue historique de la Révolution Française et le Empire* 14 (Jan.-Déc. 1919): 81-207.

Loja, António Egídio Fernandes. *Crónica de uma revolução; a Madeira na Revolução Liberal*. Funchal: Empresa Municipal “Funchal 500 anos”, 2008.

Macadé, Jacques. “L’Épiscopat portugais et la Révolution Française.” *Revista Portuguesa de História*, XXIII (1988): 91-109.

Martins, Maria Teresa Esteves Payan. *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

Mendes, Ricardo Antonio Souza. “O Medo francês.” *Métis: história & Cultura* 5, n^o 10 (Jul.-Dez. 2006): 101-19.

Mercadante, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil; contribuição ao estudo da formação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

Neves, Lúcia Maria Bastos P. e Tânia Maria Bessone Ferreira. “O medo dos ‘abomináveis princípios franceses’: a censura dos livros nos inícios do século XIX no Brasil.” *Acervo* 4, nº 1 (Jan./Jun. 1989): 113-19.

Novais, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: HUCITEC, 1979.

Pintassilgo, Joaquim. “A Revolução Francesa na perspectiva de um diplomata português. A correspondência oficial de Antônio de Araújo de Azevedo.” *Revista de História das Ideias* 10 (1988): 131-44.

Ramos, Luís António de Oliveira. “Da aquisição de livros proibidos nos fins do século XVIII: (casos portugueses).” *Revista da Faculdade de Letras: História* nº 04/05 (1973-1974): 329-38.

Ramos, Luís Antonio de Oliveira. *Sob o signo das “luzes”*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988.

Ramos, Luís Antonio de Oliveira. “Notas sobre o trajar dos portugueses à Revolução Francesa.” *Intercâmbio: Revue d’Études Françaises=French Studies Journal*, nº 5 (1994): 7-19.

Ramos, Paulo Jorge Pontes. “Simão José da Luz Soriano: de liberal inflamado a homem conformado.” Tese de Mestrado. Universidade do Porto, 2011.

Reis, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

Reisewitz, Marianne. “O ideário iluminista no Brasil.” *Entre passado & futuro; revista de história contemporânea* 1 (maio 2002): 41-57.

Rizzini, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

Rizzini, Carlos. *Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1957].

Rodrigues, Graça Almeida. *Breve história da censura literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação e Ciência, 1980.

Rojas, Carlos Antonio Aguirre. *Fernand Braudel e as ciências sociais*. Londrina: EDUEL, 2003.

Rosa, Luís. *Bocage, a vida apaixonada de um genial libertino*. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

Santos, Afonso Carlos Marques dos. *No rascunho da nação: inconfidência no Rio de Janeiro*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

Santos, Maria Áquila Neves dos. “Pré-Revolução e Revolução em França (1788-1789). A óptica do Embaixador Sousa Coutinho.” Tese de Licenciatura. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.

Saraiva, José Hermano. *História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1983.

Sardica, José Miguel. “Os partidos políticos no Portugal oitocentista (discursos historiográficos e opiniões contemporâneas).” *Análise Social* XXXII, nº 142 (1997): 557-601.

Silva, Júlio Rodrigues da. “Simão José da Luz Soriano e o liberalismo moderado (1858-1860).” *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* 22, nº 5 (2006): 151-175.

Soriano, Simão José da Luz. *História da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, compreendendo a história diplomática, militar e política d’este reino desde 1777 até 1834*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1866.

Schultz, Kirsten. *Versalhes tropical: império, monarquia e a corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Souza, Manoel Francisco de Barros, e Visconde de Santarém. *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal*. Paris: J. P. Aillaud, 1851.

Villalta, Luiz Carlos. “Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa.” Tese, Universidade de São Paulo, 1999.

Villalta, Luís Carlos. *1789-1808 – O império luso-brasileiro e os Brasís*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Werneck-Sodré, Nelson. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1966.

Referência para citação:

DeNipoti, Cláudio. “Historiadores citando historiadores: afirmações de verdades e a construção do discurso histórico (Diogo Borel e as traduções da Constituição francesa).” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 133-160.

Irene Viparelli

A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser

O presente artigo visa salientar a importância teórica de *Écrits sur l'histoire*, recolha de inéditos de Althusser coordenada por G. M. Goshgarian e publicada pela PUF – Presses Universitaires de France em 2018. A hipótese que procuramos demonstrar é a de que estes textos contribuem de forma decisiva para o esclarecimento da relação entre a interpretação althusseriana da obra de Marx como ‘ciência da história’ e a sua representação do ‘aleatório’ enquanto núcleo essencial de toda a filosofia verdadeiramente materialista. Com efeito, estes inéditos ‘*sur l'histoire*’ tornam evidente, no nosso entender, que a hipótese filosófica do materialismo aleatório, longe de pertencer apenas ao ‘último Althusser’, constitui muito pelo contrário um elemento fundamental da teoria althusseriana desde os anos 60, desempenhando, relativamente à ciência da história, um duplo papel. Por um lado, na medida em que a filosofia do aleatório constitui uma crítica radical de toda a fundamentação transcendental da história, ela representa o pressuposto lógico-histórico para uma abordagem científica à história em geral e ao modo de produção capitalista em particular. Por outro, na medida em que adquire a forma de ‘pensamento da conjuntura’, o materialismo aleatório torna-se o necessário complemento prático-político da ciência da história: o elemento que desvenda o seu núcleo revolucionário. Palavras-chave: Materialismo aleatório, Althusser, marxismo, ciência da história.

**The Theoretical Importance of
L. Althusser's *Écrits sur l'histoire***

This article aims to draw attention to the theoretical importance of the collection of unpublished texts by Louis Althusser, *Écrits sur l'histoire*, edited by G. M. Goshgarian and published by PUF – Presses Universitaires de France in 2018. We attempt to demonstrate the hypothesis that these unpublished texts contribute decisively to clarifying the relationship between the Althusserian interpretation of Marx's works as a ‘science of history’ and its representation of the ‘aleatory’ as the essential core of all truly materialist philosophy. In effect, the unpublished texts ‘*sur l'histoire*’ make it clear, in our view, that the philosophical hypothesis of aleatory materialism, far from concerning only Althusser's last period, was in fact a fundamental element in his theoretical output since the 1960s, playing a dual role as regards the theory of history. On the one hand, insofar as the philosophy of the aleatory constitutes a radical critique of any notion of history as transcendently founded, it represents the logical and historical premise for a scientific approach to history in general and to the capitalist mode of production in particular. On the other hand, insofar as it takes on the form of ‘conjunctural thinking’, aleatory materialism becomes the necessary practical and political complement to the science of history, the element which reveals its revolutionary core.

Keywords: Aleatory materialism, Althusser, Marxism, science of history.

A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser

Irene Viparelli*

1. Contra o historicismo

A publicação de *Écrits sur l'histoire* inscreve-se num projeto mais amplo de edição sistemática dos inéditos althusserianos conservados nos arquivos do “Fundo Althusser” do IMEC (Institut mémoires de l'édition contemporaine).¹ Na nota introdutória, G. M. Goshgarian sublinha a singularidade dos textos recolhidos no presente volume, quando comparados com a maior parte dos manuscritos althusserianos já publicados:

A avaliar pelo seu aspeto físico, “Marx et l'histoire” é o único desses textos que foi verdadeiramente corrigido. Os manuscritos dos outros oito inéditos que poderemos ler neste volume foram apenas ligeiramente retocados, ao contrário da maioria dos inéditos althusserianos publicados postumamente, ao longo dos últimos vinte e cinco anos [...]. Cabe ao leitor ajuizar se daí se pode deduzir o caráter secundário destes trabalhos, postos de lado pelo seu autor.²

* Professora Auxiliar da Universidade de Évora e membro integrado do CICP (Centro de Investigação em Ciência Política). Traduzido do italiano por Ângela Miranda Cardoso.

1 No âmbito deste projeto já foram publicados os seguintes escritos inéditos: *Initiation à la philosophie pour les non-philosophes* (Paris: PUF, 2014); *Être marxiste en philosophie* (Paris: PUF, 2015); e *Les Vaches noires. Interview imaginaire* (Paris: PUF, 2016).

2 Louis Althusser, *Écrits sur l'histoire* (Paris: PUF, 2018), 12.

Este questionamento de Goshgarian sobre as razões que levaram Althusser a abandonar os manuscritos não pode aspirar a respostas definitivas, já que orienta a análise por caminhos muito pouco férteis. Bem mais frutuoso parece ser refletir sobre a utilidade que essa recolha, independentemente das intenções do autor, pode ter para nós, leitores póstumos. Sob este ponto de vista, com efeito, o interesse de *Écrits sur l'histoire* salta de imediato à vista: os inéditos agora publicados permitem-nos olhar a uma nova luz o problema da relação entre a interpretação do marxismo como ciência da história e a elaboração do materialismo aleatório. Representam, por isso mesmo, um instrumento útil para aprofundar ainda mais o processo de releitura do percurso teórico althusseriano que, tornado possível precisamente pela progressiva publicação dos seus escritos inéditos, coloca radicalmente em discussão as tradicionais separações entre, por um lado, o 'Althusser da estrutura' e o 'Althusser da conjuntura'³ e, por outro, o 'primeiro' e o 'último' Althusser.

No "Projet de réponse à Pierre Vilar" (redigido por volta de 1972-73), Althusser confronta-se com as críticas que lhe haviam sido dirigidas pelo historiador catalão no ensaio publicado em 1973 "Histoire marxiste, histoire en construction: Essai de dialogue avec Althusser".⁴ Neste esboço, Althusser admite que as suas posições anti-historicistas possam parecer «colocar em causa, senão mesmo sob acusação»,⁵ a história. E, no entanto, na realidade,

O contrário é que é verdadeiro, mas sob *uma* condição.
[...] Qual é esta condição? A distinção entre história vivida e conhecimento da história, a distinção entre as representações ideológicas da história e as categorias e análises científicas que conduzem ao conhecimento da história.⁶

3 Cfr. Étienne Balibar, "L'objet d'Althusser," in *Politique et philosophie dans l'oeuvre de Louis Althusser*, dir. Sylvain Lazarus (Paris: PUF, 1993), 94.

4 Pierre Vilar, "Histoire marxiste, histoire en construction: Essai de dialogue avec Althusser," *Annales: Économies, sociétés, civilisations* 23, n^o 1 (Janeiro-Fevereiro 1973): 165-98. <http://revueperiode.net/inedit-althusser-et-lhistoire-essai-de-dialogue-avec-pierre-vilar/>.

5 Althusser, *Écrits sur l'histoire*, 101.

6 *Ibidem, ibidem*.

O manuscrito “À Gretzky”, de 1973, inserindo a questão do anti-historicismo na problemática mais geral da diferença entre ciência e ideologia – central nos textos althusserianos daqueles anos –, ajuda a esclarecer os termos da polémica. De facto, o historicismo, como qualquer ideologia, representa para Althusser uma pseudoexplicação de ‘evidências empíricas’, fundada sobre uma presumível ‘natureza’ do objeto em causa. Dessa forma, partindo da evidência de que «tudo passa, tudo muda»,⁷ o historicismo justifica o carácter transitório do ser com base numa suposta ‘natureza da história’, cujas características específicas seriam: «1. Que tudo é histórico e 2. que histórico designa o facto de toda a existência ser relativa a um tempo e a condições temporais em perpétua mutação.»⁸

Marx, deslocando a análise da história para o terreno científico e rompendo de uma vez por todas com essa perspectiva ideológica, com qualquer relativismo e subjetivismo do conhecimento histórico, elabora

um sistema de conceitos teóricos de base, aos quais corresponde toda uma outra *realidade* da história: história como processo de aparecimento, constituição (e desaparecimento) de formações sociais nas quais se ‘realizam’ modos de produção, unidade de relações de produção e de forças produtivas, história ‘movida’ pela luta de classes. O *tempo* histórico deixa, então, de ser a sucessão pura de mudanças ou o relativismo universal do *hic* e *nunc*: é o tempo *de* cada modo de produção, dos ciclos da produção e da reprodução, etc. Em resumo, um tempo ao qual correspondem *conceitos* totalmente diversos daqueles da ideologia historicista: digamos, uma ideia de tempo à qual corresponde um «objeto» totalmente diverso do «objeto-tempo» da ideologia historicista.⁹

⁷ *Ibidem*, 97.

⁸ *Ibidem*, 96.

⁹ *Ibidem*, 97-98.

Mas quais serão estes «outros conceitos» e este outro «objeto» do saber histórico?

A definição científica da história «como processo de aparecimento, constituição (e desaparecimento) de formações sociais»¹⁰ implica, por um lado, o desenvolvimento da ciência da história, enquanto conhecimento estrutural do processo de constituição e da lógica de desenvolvimento das formações sociais; e, por outro, uma teoria filosófica que, libertando-se das representações ideológicas, seja capaz de radicar o aparecimento e o desaparecimento das formações sociais no núcleo aleatório do ser.¹¹

2. Materialismo aleatório.

O pressuposto lógico da ciência da história

O breve texto inédito “Sur la genèse”, de 1966, vem confirmar a nossa hipótese interpretativa. Este esboço não apenas demonstra que o conceito de ‘aleatório’ pertence ao laboratório teórico althusseriano desde os seus primórdios, mas sobretudo permite especificar a função teórica fundamental: «O esquema da ‘teoria do encontro’, ou ‘teoria da conjunção’ [...] destina-se a substituir a categoria ideológica (religiosa) de gênese.»¹²

O surgimento do modo de produção capitalista, longe de ser consequência da dissolução do modo de produção feudal, longe de realizar as premissas que já estavam contidas, ‘em germe’, na sociedade feudal, longe, enfim, de ser o resultado de uma história teleologicamente orientada, é antes o produto do encontro aleatório de três elementos heterogêneos e genealogicamente independentes entre si: «O capital-dinheiro acumulado, as forças de trabalho ‘livre’, isto é, despojadas dos seus instrumentos de trabalho, e as invenções técnicas.»¹³

10 *Ibidem*, *ibidem*.

11 Segundo Althusser, qualquer rutura epistemológica acarreta uma revolução filosófica. Cfr. Louis Althusser et al., *Leggere il capitale* (Milão: Mimesis, 1996), 255-56.

12 Louis Althusser, *Écrits sur l'histoire*, 81. Em nossa opinião, a problemática da filosofia marxista é desenvolvida por Althusser, no anos sessenta, menos na reflexão sobre a dialética materialista do que, de forma implícita e não problematizada, naquela sobre a ‘teoria da conjuntura’.

13 *Ibidem*, 82.

1. Os elementos definidos por Marx ‘combinam-se’. Ou melhor, [...] ‘conjugam-se’, ‘aglutinando-se’ [*‘prenant’*] numa nova estrutura. Esta estrutura não pode ser pensada, no seu surgimento, como o efeito de uma filiação, mas sim como o efeito de uma *conjunção*.¹⁴

Esta descrição do aparecimento histórico do modo de produção capitalista antecipa, de facto, a ‘interpretação aleatória’ da teoria de Marx da acumulação primitiva que, desenvolvida por Althusser no longo manuscrito de 1982 “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre”, considera o aparecimento do modo de produção capitalista como o resultado do encontro aleatório «entre o ‘*homme aux écus*’ e o proletário destituído de tudo menos da sua força de trabalho».¹⁵

O capítulo do manuscrito “Livre sur l’impérialisme”, de 1973, intitulado “Sur l’histoire du mode de production capitaliste” prolonga e aprofunda essa reflexão sobre as origens do capitalismo. Nessas páginas, Althusser demonstra que o encontro entre elementos, a sua conjugação, é uma condição necessária mas não suficiente para o aparecimento do modo de produção capitalista. O exemplo das cidades italianas do século XVI é disso uma demonstração evidente: nessas cidades, na realidade, estavam criadas todas as condições para a afirmação do modo de produção capitalista; o encontro entre elementos tinha, efetivamente, acontecido:

elas tinham, de facto, ‘realizado’ o capitalismo, quer na cidade quer no campo, incluindo formas absolutamente modernas de capitalismo, o trabalho em cadeia na grande indústria movida pela energia hidráulica, o trabalho parcelar, e, no campo, a utilização dos procedimentos científicos existentes para desenvolver a produção [...]. Contudo, esse capitalismo morreu.¹⁶

14 *Ibidem*, 81.

15 Louis Althusser, “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre (1982)”, in *Écrits philosophiques et politiques*, tome I (Paris: Éditions Stock/IMEC, 1994), 585.

16 Althusser, *Écrits sur l’histoire*, 238.

Neste caso, explica Althusser, a ‘essência’ da formação social capitalista – aquela combinação de elementos que define o modo de produção – não tinha encontrado a forma da sua existência histórica. A específica formação social existente – a cidade circundada pelo campo – e a ausência paralela da ‘forma-nação’ tinham, com efeito, tornado impossível a reprodução das condições de produção.

Esta reflexão sobre a relação entre a essência de um modo de produção e as condições da sua existência histórica será retomada sistematicamente nos escritos dos anos oitenta, configurando-se como o problema da ‘*prise*’ entre elementos; ou melhor, da passagem do plano aleatório do encontro ao terreno efetivo das condições materiais e sociais da reprodução do encontro.

Poderemos assim concluir que: 1. tanto a filosofia do aleatório quanto a ciência da história se ocupam da relação entre modo de produção e formação social, entre essência e condições de existência; 2. a abordagem da ciência e da filosofia ao objeto é, contudo, oposta: a reflexão filosófica, na medida em que se ocupa do aparecimento histórico de um modo de produção, desenvolve-se no terreno dos ‘encontros’ e separa a essência das suas condições de existência, revelando desse modo o núcleo aleatório e a ausência de qualquer predeterminação do ser¹⁷: «É combinando a história dos resultados com a contra-história reprimida [*refoulée*] que Marx consegue pensar a história sem recorrer às categorias da teleologia e da contingência.»¹⁸ Ao invés, a análise científica, na medida em que deve dar conta da constituição das formações sociais, coloca-se do ponto de vista do «espinosismo-marxismo»,¹⁹ da inseparabilidade entre essência e condições de existência, da estrutura, do resultado, do efetivo, da ‘*prise*’, conseguindo assim determinar a necessidade estrutural, absolutamente imanente, que se afirma no núcleo aleatório do ser.

17 Neste sentido, a filosofia ‘não tem objeto’. O gesto filosófico de separação da essência em relação às condições de existência é, do nosso ponto de vista, a causa última do vínculo indissolúvel, persistente nas diferentes fases do desenvolvimento teórico althusseriano, entre filosofia e ‘vazio’.

18 Louis Althusser, *Écrits sur l'histoire*, 271.

19 *Ibidem*, 243.

3. A inseparabilidade da essência e condições de existência na ciência da história

Althusser centra-se, analiticamente, em diferentes passagens do “Livre sur l’impérialisme”, no processo de conhecimento científico:

Se, portanto, um modo de produção ‘existe’ sob as formas adequadas à sua reprodução de uma formação social, e não fora delas, no céu ideal das ‘essências’ puras, então é preciso ser-se consequente e dizer: se, em primeira instância, não há história sem ser a das formações sociais, em última instância não há história sem ser a dos modos de produção. O que quer dizer que um modo de produção tem uma história.²⁰

A dialética da ‘primeira’ e ‘última instância’ – exprimindo a relação entre modo de produção e formação social – mostra a necessidade da progressão do conhecimento do concreto real ao abstrato, e do abstrato ao concreto do pensamento, que Marx descrevera na *Introdução* de ‘57 aos *Grundrisse*. Num primeiro momento, a análise científica deve necessariamente fazer abstração da complexidade da formação social para lhe isolar a essência. Isso mesmo faz Marx: «‘Isola’ o mecanismo que conseguiu identificar como essencial, isola-o de todos os pormenores que possam afetar o seu curso de maneira acidental mas não essencial, e analisa o fenómeno no seu ‘estado puro’.»²¹

Essa análise da «essência interna»²² permite a Marx definir o modo de produção como «a unidade das forças produtivas e das relações de produção *sob* as relações de produção»²³. Para Althusser, esta é a definição mais exaustiva e mais correta. Com efeito, a insistência no primado das relações de produção permite libertar a análise dos

²⁰ *Ibidem*, 244.

²¹ *Ibidem*, 260.

²² *Ibidem*, 259.

²³ *Ibidem*, 137.

perigos de uma interpretação idealista das forças produtivas, resultante da separação entre as condições de produção e de reprodução, isto é, da abstração das condições da efetiva existência histórica das forças produtivas.

Aprofundando a análise, Althusser chega à definição geral de relações de produção:

As relações de produção são definidas pela relação existente entre, *de uma parte*, os trabalhadores imediatos [...] e, *de outra parte*: I. os meios de produção, a força de trabalho, que compõem as forças produtivas; II. o produto, ou seja, a relação entre os trabalhadores imediatos, de um lado, e as forças produtivas e o produto, de outro;²⁴

e, ainda, à forma específica que essa relação assume no modo de produção capitalista:

A relação de produção do modo de produção capitalista é a não-detenção absoluta pelos produtores imediatos dos meios de produção, e a não-detenção relativa da força de trabalho. Esta *não-detenção relativa da força de trabalho toma a forma de uma relação mercantil: o salário*.²⁵

Assim sendo, a relação de produção capitalista, conclui Althusser, apresenta-se como uma relação entre classes ou, mais precisamente, como a relação «*entre as classes antagonistas que ela constitui*».²⁶

Althusser insiste repetidamente na importância da utilização do termo singular 'relação de produção' em vez do plural 'relações de produção'. A individualização/separação da relação de produção permite, efetivamente, definir

²⁴ *Ibidem*, 143-44.

²⁵ *Ibidem*, 150.

²⁶ *Ibidem*, 160.

as outras relações sociais como «efeitos da relação de produção de um modo de produção»,²⁷ dessa forma estabelecendo as condições da segunda passagem fundamental do conhecimento científico: do abstrato ao concreto do pensamento, da análise da relação de produção aos seus *efeitos* sociais, da ‘última instância’ à ‘primeira instância’, do modo de produção à formação social:

Porque é igualmente necessário que as condições *sociais*, e não apenas as condições *materiais* (ferramentas, sementes, força de trabalho), sejam reproduzidas. É necessário que a divisão social e as formas de cooperação sejam reproduzidas, o que pressupõe toda uma superestrutura política e ideológica, capaz de assegurar a reprodução das funções e a sua coordenação na produção. [...] Mas esta unidade da produção e da reprodução, e o efeito de superestrutura como condição da reprodução social, são essenciais para a concepção que Marx tem de história.²⁸

O resultado último de todo o processo de conhecimento é a definição da especificidade do modo de produção e, conseqüentemente, da formação social capitalista. Enquanto as formações sociais precedentes eram ‘abertas’, isto é, movidas por múltiplas dinâmicas heterogêneas e parcialmente independentes, a transformação em mercadoria da força-trabalho (o núcleo antagonista do modo de produção capitalista) confere à formação social capitalista uma estrutura ‘fechada’, na qual as transformações históricas são inteiramente redutíveis a um único princípio: a expansão da exploração e, por conseqüência, a reprodução alargada da luta de classes.

4. Materialismo aleatório. O complemento político da ciência da história

O imperialismo é o ‘estádio supremo’ do capitalismo, o efeito último dessa tendência à generalização da relação antagonista, e o início da

²⁷ *Ibidem*, 151.

²⁸ *Ibidem*, 273.

sua fase de 'putrefação'. A investigação histórica, conseqüentemente, abre-se a uma terceira problemática fundamental: o 'ocaso' das formações sociais, a análise das condições de dissolução estrutural e de desaparecimento dos modos de produção. O ser, nesta nova passagem teórica, descobre-se outra vez aberto ao aleatório, à separação da essência em relação às condições de existência, à dupla possibilidade do ser e do não-ser. A análise, por conseguinte, deve novamente deslocar-se da ciência para a filosofia.

Desde o início do "Livre sur l'impérialisme", Althusser sublinha o facto de a realização do imperialismo não antecipar de modo algum o comunismo: tal como o modo de produção feudal não continha em si, 'em germe', o modo de produção capitalista, este último nunca poderá ser 'o pai' do modo de produção comunista. Por outro lado, no entanto, exatamente como na Idade Média se tinham constituído – com genealogias independentes – os elementos cujo encontro afirmara as condições para o modo de produção capitalista, também a luta de classes que se desenvolve na formação social capitalista leva à formação de «elementos para o comunismo»²⁹. Não formas de antecipação de um modo de produção futuro, mas puras «virtualidades»³⁰ que abrem o ser a uma dúplice possibilidade aleatória: ser *versus* não-ser, «socialismo ou barbárie».³¹ De uma parte, se não se verificarem as condições dos encontros entre os elementos, entre as «virtualidades», qualquer revolução ficará bloqueada e o devir assumirá a forma de um processo indefinido de putrefação: «Nós podemos viver a tendência irresistível do imperialismo sob as formas de 'putrefação' (Lenine) e de barbárie (Engels), de que o fascismo nos deu uma primeira ideia.»³² De outra parte, se, pelo contrário, as potencialidades imanentes à formação social capitalista chegarem a encontrar-se e a definir as condições da sua reprodução, então afirmar-se-á um novo modo de produção e uma nova formação social comunista. Um percurso revolucionário que se configura, para

29 *Ibidem*, 132.

30 *Ibidem*, *ibidem*.

31 *Ibidem*, 211.

32 *Ibidem*, 277.

Althusser, como uma ‘longa marcha’ através de uma necessária fase de transição – o socialismo –, na qual convivem, de modo contraditório, as condições de existência e as condições de não-existência do comunismo, «os elementos próprios da relação de produção capitalista e os elementos que preparam a relação de produção comunista».³³

«Parece-me, de facto», conclui Althusser de forma assaz surpreendente, «que Lenine compreendeu razoavelmente bem o interesse desta pequena questão sobre as condições da não-existência (ou da morte) de um modo de produção; insisto: o interesse *político*»³⁴. No momento em que o modo de produção capitalista coloca a luta de classes como força motriz exclusiva da história, a transformação histórica torna-se um problema eminentemente político, e a capacidade/incapacidade de orientar a luta de classes em sentido revolucionário afirma-se como o elemento absolutamente decisivo na determinação do curso da história:

se as circunstâncias forem favoráveis, isto é, se a luta de classes proletária tiver sido, e for, bem conduzida, *então*, e *apenas então*, o fim do capitalismo poderá desembocar na revolução e no socialismo, conduzindo, através da longa marcha da ‘transição’, em direção ao comunismo.³⁵

As ‘circunstâncias’, na fase do imperialismo, tornam-se sinónimo de ‘uma boa condução da luta de classes proletária’: é a definição da estratégia revolucionária correta, a presença/ausência da organização revolucionária do proletariado, que pode decidir o destino de uma conjuntura, sempre oscilante entre as duas possibilidades aleatórias do socialismo e da barbárie.

Assim, no momento em que a reflexão histórica se abre ao problema do ‘ocaso’, da revolução e do comunismo, a filosofia revela o seu núcleo intimamente político e o materialismo aleatório identifica-se

³³ *Ibidem*, 184.

³⁴ *Ibidem*, 242-43.

³⁵ *Ibidem*, 105.

plenamente com a ‘teoria da conjuntura’ que Althusser desenvolveu apenas parcialmente nas suas reflexões sobre Lenine e Maquiavel.³⁶

O círculo filosofia/epistemologia/política fecha-se: não apenas a análise científica do capitalismo surge intimamente ligada à dupla problemática filosófico-política das origens e do desaparecimento de um modo de produção, como, sobretudo, a exigência política de uma orientação revolucionária da luta de classes põe a nu um vínculo entre política e epistemologia, reconhecendo no conhecimento científico do modo de produção capitalista o elemento em última instância determinante para se poder ‘orientar na conjuntura’, para se poder desenvolver uma estratégia revolucionária adequada às relações específicas de força e para orientar as possibilidades aleatórias numa direção constituinte:

Para vencer o imperialismo devemos conhecer o imperialismo, devemos conhecer o que distingue o imperialismo dos outros estádios do capitalismo, devemos ter uma ideia o mais precisa possível das suas características próprias e dos seus mecanismos. Só sob esta condição a luta de classes proletária será bem conduzida e poderá desembocar na revolução, na ditadura do proletariado e na construção do socialismo: nesta Longa Marcha que nos fará passar do capitalismo ao comunismo.³⁷

No inédito de 1975 “À propos de Marx et l’histoire”, a conexão entre filosofia do aleatório, ciência da história e teoria da conjuntura encontra mais um momento de confirmação. Neste escrito, com efeito, Althusser retoma a analogia entre marxismo e psicanálise que já havia elaborado no manuscrito de ‘66 “Notes sur la philosophie”. Em ambos os textos, Althusser reconhece na centralidade da ‘tópica’ a expressão da especificidade do marxismo, vista como ciência *sui generis*, como

36 Cfr. Louis Althusser, *Pour Marx* (Paris: La Découverte, 2005) e *idem, Maquiavel et nous* (Paris: Éditions Tallandier, 2009).

37 Althusser, *Écrits sur l’histoire*, 103.

forma de conhecimento científico que, porém, apenas tem sentido em relação a uma prática determinada: a política.

O jogo da tópica torna-se, em virtude desta contradição, uma interpelação, um apelo à prática. O dispositivo interno da teoria, na medida em que está *desequilibrado*, induz uma disposição para a prática que prolonga a teoria por outros meios. É isto que confere à teoria marxista a sua estranheza, e faz com que ela seja necessariamente inacabada (não como uma ciência comum, que é inacabada apenas na sua ordem teórica, mas de outro modo). Por outras palavras, a teoria marxista é assombrada, no seu próprio dispositivo teórico, por uma determinada relação com a prática, que é ao mesmo tempo uma prática existente e uma prática a transformar: a política.³⁸

Parece-nos, assim, que podemos concluir que a leitura dos *Écrits sur l'histoire*, longe de se limitar a satisfazer um interesse puramente filológico, que está sempre associado à possibilidade de acesso a novos materiais, constitui um precioso instrumento teórico, que ajuda a esclarecer a 'função teórica' específica do materialismo aleatório. Longe de se reduzir a um materialismo da combinação de elementos ou a uma filosofia irracionalista do vazio, o materialismo aleatório revela-se sobretudo um «pensamento da conjuntura»,³⁹ no qual a luta contra o transcendental permite repensar o nexos entre conhecimento e política,

38 *Ibidem*, 264. Em *Notes sur la philosophie*, Althusser, desenvolvendo um paralelo entre marxismo e psicanálise, afirmou: «Dever-se-ia talvez mesmo tornar claro que a necessidade de uma *tópica* não responde somente a exigências *teóricas* (sob este ponto de vista, no limite, um modo de apresentação valeria tanto quanto qualquer outro), mas [decorre do] facto de que as teorias assentes numa *tópica* que conhecemos (Marx, Freud) não por acaso são teorias que possuem, nos seus mesmos princípios teóricos, aquilo que permite *pensar* a sua própria *prática*; quer dizer, não a sua prática teórica, mas a prática específica (luta de classes, cura) que elas têm como efeito desencadear. Sem *tópica* não nos podemos 'orientar' numa *conjuntura*.» L. Althusser, "Notes sur la philosophie (1967-1968)," in *Écrits philosophiques et politiques*, tomo II (Paris: Éditions Stock/IMEC, 1997), 322.

39 Althusser, "Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre (1982)," in *Écrits philosophiques et politiques*, 574.

entre teoria e prática revolucionárias, fundando-o sobre uma representação aleatória do ser, finalmente liberta de qualquer necessidade teleológica e aprioristicamente determinada.⁴⁰

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Althusser, Louis. *Écrits sur l'histoire*. Paris: PUF, 2018.
- Althusser, Louis. *Être marxiste en philosophie*. Paris: PUF, 2015.
- Althusser, Louis. *Initiation à la philosophie pour les non-philosophes*. Paris: PUF, 2014.
- Althusser, Louis. *Maquiavel et nous*. Paris: Éditions Tallandier, 2009.
- Althusser, Louis. “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre (1982).” In *Écrits philosophiques et politiques*, Louis Althusser, 553-91. Tomo I. Paris: Éditions Stock/IMEC, 1994.
- Althusser, Louis. “Notes sur la philosophie (1967-1968).” In *Écrits philosophiques et politiques*, Louis Althusser, 311-59. Tome II. Paris: Éditions Stock/IMEC, 1997.
- Althusser, Louis. *Pour Marx*. Paris: La Découverte, 2005.
- Althusser, Louis. *Les Vaches noires: Interview imaginaire*. Paris: PUF, 2016.
- Althusser, Louis, *et al.* *Leggere il capitale*. Milão: Mimesis, 1996.
- Balibar, Étienne. “L’objet d’Althusser.” In *Politique et philosophie dans l’oeuvre de Louis Althusser*, sous la direction de Sylvain Lazarus, 81-116. Paris: PUF, 1993.
- Morfini, Vittorio. “Il primato dell’incontro sulla forma.” In *Giornate di Studio sul pensiero di Louis Althusser*, org. Maria Turchetto, 9-34. Milão: Mimesis, 2006.
- Vilar, Pierre. “Histoire marxiste, histoire en construction: Essai de dialogue avec Althusser.” *Annales: Économies, sociétés, civilisations* 23, n.º 1 (jan.-fév. 1973), 165-198. <http://revueperiode.net/inedit-althusser-et-lhistoire-essai-de-dialogue-avec-pierre-vilar/>.

Referência para citação:

Viparelli, Irene. “A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 161-175.

40 Cfr. Vittorio Morfino, “Il primato dell’incontro sulla forma,” in *Giornate di Studio sul pensiero di Louis Althusser*, org. Maria Turchetto (Milão: Mimesis, 2006), 9-34.

Marxism, the far-right and the antinomies of liberalism

An interview with Enzo Traverso
by George Souvlis*

In 2008 the capitalist system in Europe and in the United States suffered a severe shock from which has not yet recovered. Suggestive indications of this “permanent crisis” are the draconian austerity packages implemented as a response to these developments, triggering the disintegration of European Union, the collapse of democratic institutions, the impoverishment of the working people and the emergence of far-right movements and parties throughout the European continent. Few are more appropriate to discuss the ideas underpinning this authoritarian turn, and the historiographical complexities related to it, than the Italian intellectual historian Enzo Traverso. His work on the intellectual histories of the Marxist left and the far right, the anatomy of Nazism, the wider discussion around the holocaust and currents debates on issues such as Totalitarianism give him an insightful understanding of today’s political momentum and its meaning for the left. Traverso’s contributions in the field of history have transformed the way we deal with the phenomenon of the far right and the nature of autocratic politics, the history of the non-Stalinist left and the liaisons between history and politics. This interview was held in early 2019.

* European University Institute.

George Souvlis (GS): *By way of introduction, could you explain what personal experiences strongly influenced you, politically and academically?*

Enzo Traverso (ET): I belong to an Italian generation that discovered politics in the early 1970s, a rebellious age in which culture was extremely politicized; both high schools and universities were bastions of the radical left and I became an activist almost naturally, without being confronted with moral or political dilemmas. Furthermore, my father was a member of the Communist party and did not hinder my political commitment. My sisters were deeply engaged in the feminist movement. This very intense politicization had not only positive features. Universities had been transformed into realms of permanent assemblies and mobilization; students were often graded collectively; courses and seminars were troubled and the most popular courses were taught by professors who were politically engaged. At the same time, the atmosphere of freedom and freshness of 1968 was over. Very soon, the contiguity between collective movements and terrorism—the Red Brigades and other armed organizations—created a climate of violence and fear: more than a radical change, people were waiting for a violent confrontation with the state apparatus. In this context, many scholarly currents—structuralism and post-structuralism, existentialism, critical theory, psychoanalysis, aesthetic avantgarde, formalism, feminism, and several historical “schools” such as those related to the French journal *Annales*, “history from below,” microhistory, oral history, etc.—were assimilated through an all-compassing Marxist framework, either Gramscian-historicist (the “organic” historians of the Communist party) or “operaista” (the current of Mario Tronti, Toni Negri among others). Thus, I discovered the tradition of conservative thought and classical liberalism a decade later, at the time of the “crisis of Marxism.”

In the 1980s, the cultural and political atmosphere in Italy had become suffocating and getting a research position in an Italian university was almost impossible (a situation that has not changed in the following decades). Thus, I decided to emigrate. I learned German and

wished to move to Berlin, a city that was already powerfully attractive, but finally I opted for Paris, because I received a French fellowship and, in spite of a general cultural change in continental Europe, Marxism seemed to me more vibrant in France than in Germany.

GS: *Your first study, The Jewish Question: History of a Marxist Debate (new English edition Leyden: Brill, 2018; original French 1990), examines how the Marxists between 1843 and 1943 dealt with the Jewish question, as the title indicates. What are the main limitations of Marxists of this period according to your view? Are they summed up by their incapacity to effectively grasp the religious phenomena in history and their difficulty in theorizing the nation because of their deterministic epistemology? Could you delineate the basic lines of an analytical Marxist framework that could grasp effectively the national aspect of a historical social formation?*

ET: I wrote this book as a PhD dissertation, when I moved to Paris and met Michael Löwy, who became my supervisor at the Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS). A Marxist born in Brazil from a family of exiled Austrian Jews, Michael merged the tradition of German-Jewish culture —Lukacs, Mannheim, the Frankfurt School, Benjamin, Marcuse, etc.— with the legacy of Guevarism and Latin American political radicalism; this was quite unique and very refreshing. At that time, the reception of the Frankfurt School was almost exclusively limited to its aesthetic dimension.

First of all, this book is the history of an intellectual debate lasting over a century: its methodological premise is that Marxism and the Jews experienced a symbiotic relationship and, therefore, this debate dealt with two continents deeply intertwined. On the one hand, the Jews drew the intellectual profile of Marxism and, on the other, Marxism became a fundamental feature of modern Jewish culture; it was a result of the process of emancipation and secularization that took place in Europe all over the nineteenth century.

Positing that bourgeois cosmopolitanism was destroying national boundaries and creating a unified —today we would say “global”— society, Marxist internationalism always approached the “national question” —and the “Jewish question”— as a transitional step of historical development. This offered a satisfactory solution to the dilemma of Central and Eastern European Jews, who had broken with Judaism as a religion but remained stigmatized by anti-Semitism. Marxist universalism allowed them to struggle against both bourgeois society and religious prejudices. Their Jewish roots were a powerful “antidote” against nationalism. But the Marxist approach to the Jewish question was not monolithic; it implied a variety of currents lasting from radical internationalism (Rosa Luxemburg) to “cultural autonomy” (Wladimir Medem); from Marxist Zionism (Ber Borochow) to Jewish messianism (Walter Benjamin). In other words, Marxism allowed the Jews to think a word without national cleavages and, at the same time, to think their own “national” emancipation. In some respects, an analogous reception of Marxism took place in the colonial world, where Marxism became a flag of both internationalism and national liberation.

GS: *In your next study, The Jews and Germany: From the Judeo-German Symbiosis to the Memory of Auschwitz (Lincoln: Nebraska University Press, 1994; original French 1992), you argue that coexistence between German and Jews was just a culturally limited phenomenon that never took place because Germans never aimed to such a synthesis. Could you present us with the reasons why this happened and provide the wider historical context within which it took place? Also, in the second part of your study you argue that Germans have not overcome their Nazi past. 23 years later since the publication of your study do you believe that the situation has changed towards the better? Can you detect any important shifts in the ways that national memory nowadays is dealing with the issue?*

ET: I wrote this book between 1990 and 1992, in the middle of German reunification. In that historical conjuncture, many voices warned

against the risks of the rebirth of the so-called “Grossdeutschland.” The intellectuals of the GDR denounced an annexation and a process of colonization that simply destroyed all the democratic expectations of 1989. Their posture was well synthesized by Hans Mayer in *Der Turm von Babel*, where he explained that the pitiful end of the GDR should not hide the hopes it aroused at its origins, when it appeared as a conquest of the antifascist struggle. In the Federal Republic, people like Jürgen Habermas and Günther Grass pointed out that united Germany had been the premise of National Socialism. For them, the division of the country was an open wound that permanently reminded the Nazi crimes. One of the slogans of the alternative movements was “Nie wieder Deutschland!” (*Never Again Germany!*). The shift from democratic claims (“we are *the* people”) to identity claims (“we are *one* people”) announced the rebirth of ethnic nationalism. Thirty years later, we can easily recognize that, hopefully, the German reunification did not mean the return of National Socialism. Today, the rise of a post-fascist movement like Alternative für Deutschland is related to a European tendency and cannot simply be explained as a Nazi legacy. Nevertheless, these warnings were legitimate and contributed to the inscription of the memory of the Holocaust within the historical consciousness of the unified country. In other words, the reunification led to a form of Habermasian “constitutional patriotism” rather than to the rebirth of German nationalism (and AfD is a late reaction to this historical change).

At the same time, the reunification was a major turn that allowed us to put the German past in a historical perspective and clarified its major features. Gershom Scholem was right when depicted the “German-Jewish symbiosis” as a myth: the Jews had transformed German culture from within but, with a few exceptions, an authentic dialogue between Germans and Jews never took place. The so-called “German-Jewish symbiosis” was a Jewish monologue. This contradiction was one of the premises of the exceptional intellectual creativity of the Jews of Central Europe, who always thought and wrote as outsiders. They were the most brilliant representatives of the culture of nations that nev-

er recognized them as their legitimate members, that rather perceived them as a foreign and dangerous body. The “German-Jewish symbiosis” is a retrospective construction: it’s a “realm of memory” of the Federal Republic of Germany, an inexhaustible *Trauerarbeit*, the work of mourning of a destroyed German-Jewish past. The true cult of this engulfed past —German cultural archives pay astronomical amount of money in order to acquire the manuscripts of Kafka or other Jewish authors— is the expression of this grieving, and a symbolic compensation.

GS: *Your next study, Siegfried Kracauer. Itinéraire d’un intellectuel nomade (Paris: La Découverte 1994), is devoted to Siegfried Kracauer. What do you think are his major theoretical insights to the study of phenomenon of Nazism? Could he be considered as part of the Frankfurt School? Do you detect any important deviations in his political and theoretical outlook from that of prominent members of the school like Walter Benjamin?*

ET: When I published this essay, in 1994, Kracauer was still considered a marginal author, known almost exclusively for his both very original and highly debatable book on German expressionist film: *From Caligari to Hitler* (1946). In the following years, he has been canonized: his works have been republished and translated into many languages and many valuable critical studies have been written in both Europe and the USA. Kracauer was a very peculiar figure, almost unclassifiable: a writer, a literary critic, a philosopher of history, and a theoretician of cinema and photography. He was deeply linked to Ernst Bloch, Walter Benjamin and Theodor Adorno, with whom he had a short love story at the end of the Great War. He never belonged to the Frankfurt School, a scholarly institution with which he had a conflictual relationship, very similar, in many regards, to that of Walter Benjamin. He shared with both Adorno and Benjamin a “romantic” interpretation of Marxism based on a critique of capitalist reification and instrumental reason, but he never accepted Adorno’s conservative rejection of the cultural industry and

popular culture. From this point of view, his discrepancy with Adorno was radical. Kracauer considered images as epistemological tools. For him, photography and cinema were not only authentic realms of aesthetic creation, despite their commodity form; they were also devices capable of revealing, describing, and interpreting history and society, what he called “physical reality.” The Frankfurt School merged the legacies of Weber (the critique of rationality), Marx (the critique of capitalism and a theory of commodity reification), and Freud (the discovery of the unconscious) into a radical but exclusively romantic, resigned and sometimes conservative criticism of capitalist modernity; Kracauer added to these sources a phenomenological approach inherited from Georg Simmel. This is why Adorno’s dry and cryptic prose never attained the literary quality of Kracauer’s German writings. Kracauer had understood that the twentieth century was the age of images. Adorno despised cinema in which he saw nothing but a form of commodity reification. With Benjamin, Kracauer had recognized the potentialities of the mechanical reproduction of art works and did not build his thought on a nostalgic remembrance of its lost aura. He had broken the Jewish “Bildverbot” (prohibition of images) and this transgression opened new realms of knowledge: a new hermeneutic of modernity.

GS: *Your study, L’Histoire déchirée, essai sur Auschwitz et les intellectuels* (Paris: Editions du Cerf, 1997), *examines the ways in which various Jewish intellectuals who survived the Holocaust interpreted the experience of Auschwitz during the postwar period. What were their main limitations and insights into the understanding of the phenomenon just a decade after its occurrence? Which were their contributions to the formation of the national memory of the Holocaust in Germany, if there was any?*

ET: *L’Histoire déchirée* is a study of the impact of the Holocaust on postwar culture. It starts from the recognition of the discrepancy that exists between our own perception of the extermination of the Euro-

pean Jews as a central event in the history of the twentieth century, and its relative invisibility at the end of the Second World War, when the Holocaust —this word did not yet exist at that time— was overwhelmed and occulted by the magnitude of the war’s violence and destruction. In this book, I sketch a typology of intellectual reaction in the face of Auschwitz, going from incomprehension and neglect (Sartre) to critical understanding and interpretation (Hannah Arendt, Günther Anders, Theodor Adorno). I tried to explain that this latter sharp perception in the middle of a blind world supposed a particular gaze, made of both psychological proximity and critical distance, that characterized the marginal position of many European Jewish intellectuals who had emigrated to the United States. In my book, I interpret this marginal position as the epistemological “privilege” of exile. This “privilege” was gained at a very high price —think to an essay like Arendt’s “We Refugees” or Adorno’s dark meditations on the “mutilated life” of emigres— but resulted in some of the most powerful works of twentieth century philosophy and critical theory.

GS: *Which is your take on the relation between Auschwitz and Enlightenment? Was the former an expression of the latter’s logic, stretched to its limits?*

ET: At the end of the Second World War, antifascist culture depicted National Socialism as a “throwback of civilization into barbarism.” Against this commonplace, some critical thinkers —notably Arendt, Horkheimer and Adorno— interpreted it as an authentic expression of modern civilization. Arendt viewed the Holocaust as the result of the convergence between imperialism and modern anti-Semitism; Horkheimer and Adorno as the epilogue of a process of the “self-destruction of reason.” Instead of Hegel’s Absolute Spirit, they emphasized, the trajectory of the West led to Auschwitz. In a famous aphorism by Adorno, “no universal history leads from savagery to Humanity, but there is certainly one leading from the stone catapult to the megabomb.”

This epistemological shift radically changed our vision of both capitalism and fascism. It seems to me an essential achievement and a premise for rebuilding a critical theory and a project of liberation in the twenty-first century.

GS: *The next big important study you published was *Le Totalitarisme: Le XXe siècle en débat* (Paris: Seuil, 2001), an intellectual history of the discussion around totalitarianism. Could you speak about the origins of this debate and what are the nodal shifts of the concept that you detect over the time? Can we equate the Soviet Union with Nazism both in analytical and political terms? Does the concept have any analytical value or is it just an ideological fabrication in order to delegitimize any kind of non-liberal alternative?*

ET: In this book, I tried to gather the most relevant contributions to the debate on totalitarianism, which was one of the richest controversies of twentieth-century intellectual history. It was conceived of during the 1990s, the age of triumphant neoliberalism. Whereas in the United States and western Germany the concept of totalitarianism belongs first of all to the culture of the Cold War, particularly the 1950s and the 1960s, in other countries of continental Europe, notably in France and Italy but also in reunified Germany, it emerged in the 1990s, when it became instrumental in capturing the meaning of the twentieth century as the age of violence and genocides. In Germany, it meant the “double past” of a country that had experienced both Nazism and real socialism; in Italy, it allowed the former Communist party to shift from socialism to left liberalism and Berlusconi to present himself as a champion of modern freedom; in France, it accompanied the decline of Mitterrandism and the burial of what remained of the Left. Perry Anderson was right when he depicted Paris as “the capital of European reaction.” It is there that François Furet wrote *The Passing of an Illusion* (1995) and a team of scholars led by Stéphane Courtois published *The Black Book of Communism* (1997).

My book took up a double challenge. On the one hand, it sought to demystify a strong media campaign by showing its apologetic pur-

pose: the critique of totalitarianism was instrumental in legitimizing the neoliberal order that had followed the end of the Cold War. On the other hand, it attempted to reveal the complexity of a philosophical and theoretical debate that could not be reduced to the ideological goals of liberalism (“immunized” against both fascism and communism). The twentieth century experienced new forms of total power with fascism and Stalinism, both related to the inner logic of Western civilization. Hannah Arendt interpreted totalitarianism as a unique form of the symbiotic relationship between ideology and terror that aimed at destroying politics itself, i.e. any form of interaction between different subjects in a shared public space. There is also a Marxist critique of totalitarianism—think to Trotsky, Marcuse or Castoriadis—that is a radical criticism of total domination: totalitarianism as universal reification and the transformation of instrumental rationality into social and political irrationalism. Of course, this critique of totalitarianism has nothing to do with a defense of classical liberalism and its equation communism=fascism=totalitarianism.

One of my conclusions is that, despite its pertinence in the realm of political theory, where it can fulfil a critical purpose, the term is almost useless for interpreting fascism and communism. We can detect some superficial analogies between them, but they remain two antipodal political phenomena in both their origins and their social and ideological content. Even the violence they produce was deeply different, and the concept of totalitarianism basically overwhelms and hides their discrepancies.

GS: *In your study The Origins of Nazi Violence (New York: The New Press, 2003; original French 2002), you make the argument that the uniqueness of Nazism lay in its terrifying blend of many forms of distinctively Western violence. Which were these forms?*

ET: I prefer to speak of “historical singularity” rather than of “uniqueness,” a concept frequently related to mystical interpretations of the Holocaust as a metaphysical or supra-historical event. In my view, Nazi

violence was the synthesis, allowed by a set of exceptional historical circumstances during the Second World War, of many tendencies which had emerged in Europe since the beginning of the nineteenth century: the birth of modern racism and anti-Semitism; the transformation of conservatism and anti-Enlightenment into political irrationalism and radical nationalism, leading to the birth of fascism; the triumph of colonialism as a culture of domination and a practice of extermination; the serialization of death and invention of industrial massacre, etc. The Nazi aggression against the USSR in 1941 was at the same time a war against Marxism and the Enlightenment, a colonial war for conquering the vital space of Eastern Europe, and a war for exterminating the Jews, the brain of Bolshevism and the intellectual avantgarde of a “lower race,” a kind of “sub-humanity” (*Untermenschentum*) in Hitler’s language. If there is something “unique” in Nazism, it is this exceptional fusion of many tendencies shaping the history of the West as a whole. From this point of view, my interpretation of Nazism is antipodal to that of Habermas: I see Nazism as the “distillation” of the West rather than as the expression of a *Sonderweg* that separated Germany from Western civilization. This genetic interpretation also tries to overcome the limits of a theory of totalitarianism that simply depicts and criticizes domination without paying attention to its historical premises.

GS: *In light of what you call The End of Jewish Modernity (London: Pluto Press, 2016) what has happened to the other part of the famous polarity: Greece? Since the eighteenth century, major thinkers, from the German Romantics to the Deconstructionists, have discussed modernity in terms of Hebraism vs. Hellenism, Jerusalem vs. Athens, the messianic and the mythical, Abraham vs. Agamemnon and so on. If Jewish modernity, as you argue, is over, what has happened to its Greek counterpart over the last several decades?*

ET: Used as metaphors, Athens and Jerusalem mean the invention of democracy and the invention of monotheism, reason and revelation,

the contradictory pillars of the West. This is also the reason why Leo Strauss considered their impossible synthesis “the secret of the vitality of Western civilization.” Broken by Nazism, which transformed Athens into a realm of “Aryanism” and Jerusalem into the symbol of an enemy “race,” this problematic link was reestablished during the Cold War by the partisans of the so-called “free world.” Today, for the ideologists of neoconservatism, Athens and Jerusalem mean the alliance between the United States (liberal democracy) and Israel (a Western bastion in the Middle East). I consider more appropriate the metaphors suggested by Toni Negri and Michael Hardt in *Empire*: Washington (the Pentagon), New York (Wall Street) and Los Angeles (Hollywood), in other words the military, financial, and cultural pillars of the West, a modern version of what Polybius called “mixed government.” In this new configuration, Athens, i.e. democracy, has simply disappeared. I agree with Wendy Brown that neoliberalism is a way of “undoing the demos.”

In my view, the end of Jewish modernity means that after the Second World War, with the progressive decline of anti-Semitism in Western societies and the birth of Israel, the Jews have exhausted their historical role as the critical consciousness of Western culture, a subversive subject that “deconstructed” and putted into question Western culture from within, acting as one of its constitutive and at the same time disruptive elements. This transition is symbolically embodied by two antipodal figures that dominate the Jewish world in the first and the second half of the twentieth century: Leon Trotsky, the wandering Jew of world revolution, and Henry Kissinger, the strategist of US imperialism. Obviously, this does not mean that all Jews have become conservative or reactionary: hopefully, a Jewish tradition of critical thinking is still alive and produces fruitful results. But the premises for the explosion of intellectual creativity that took place at the turn of the twentieth century no longer exist.

GS: *In your study, Fire and Blood: The European Civil War 1914-1945 (London-New York: Verso, 2016; original French 2007), you criticize western historiography with analytic tools that derive from the western*

historical canon. What do you think about this paradox and the wider issue of the use of universal categories for the critique of liberalism? Are they adequate? How can we renew our analytical repertoire by using non-western concepts, if we can at all?

ET: This book is an attempt at analyzing the entanglement of violence, culture, and politics in Europe between the two world wars. It seems to me that “civil war” is the best concept for capturing the transformations produced by total war in the anthropological structure of the continent. A civil war is an anomic conflict that affects all dimensions of human life and pushes violence to paroxysm. In spite of its aporetic aspects—civil wars have always been studied as internal wars that put into question the state monopoly of violence—this concept has many advantages. On the one hand, it captures the end of classical wars, as inter-state conflicts between sovereign powers have been replaced by ideological or *Weltanschauung* wars. On the other hand, it includes the enchainment of revolutions and counterrevolutions that occurred in Europe after October 1917. Civil wars are the antithesis of politics as conceived of by classical liberalism. This is the reason for which its most interesting thinkers are—from antipodal perspectives—either Marxists or fascists: on the one hand, Lenin and Trotsky, Rosa Luxemburg and Gramsci; on the other hand, Ernst Jünger and Carl Schmitt. “Civil war” is a political concept rather than a “universal category.” In my book, I quote many of the intellectual actors of the “European civil war” (Gramsci, Trotsky, Schmitt, etc.) but I owe this concept to contemporary thinkers such as Giorgio Agamben, Mario Tronti and Jacob Taubes, among others. Do these critical thinkers belong to a supposed “Western canon”? Yes, they are not postcolonial thinkers; but many elements of this “Western canon” could easily be detected in *The Wretched of the Earth* by Frantz Fanon or *Black Jacobins* by C.L.R. James, and they perfectly knew that. I agree with Dipesh Chakrabarty when, in *Provincializing Europe*, he explains that postcolonialism means a displacement of sight rather than a rejection of Western analytical categories.

GS: *Should the left mourn its defeats? Should it also —complimentary to this process— mobilize resources and memories for the past victories like the antifascist struggle —both on political and intellectual levels— as did, for example, the British Marxist historian did in order to write their major works (E.P. Thompson and Eric Hobsbawm)?*

ET: In my book *Left-Wing Melancholia: Marxism, History, and Memory* (New York: Columbia University Press, 2017), I argue that what helped the left to overcome its defeats during the nineteenth and twentieth century, from the Paris Commune to the Chilean putsch of 1973, was the conviction that the future belonged to socialism and even the most tragic failures were only lost battles. Rooted in a teleological vision of history, this belief in a final goal gave the left an extraordinary strength, which today no longer exists. Far beyond the collapse of the USSR and real socialism, the turn of 1989-1990 created a general awareness that a revolutionary sequence had been exhausted. And this new historical consciousness put into question the idea of socialism itself. This does not mean that the left experienced a “final” defeat —think to the myriad of social and political movements that have emerged in the twenty-first century— but this historical consciousness claims a reinvention of the left, of its culture, its projects, its organizational forms, and its methods of action. Socialism, I argue with Lucien Goldmann, is a human “bet,” a possible future inscribed in human potentialities, and we know that socialism itself can become a new form of barbarism. This is the lesson of the twentieth century, which inevitably makes this bet suffused with melancholia. One of the best book of Daniel Bensaid is titled “the melancholic bet” (*Le pari mélancolique*).

Left-wing melancholia does not mean nostalgic resignation, passivity, or impotence. In my view, it belongs to the “structure of feelings” of the left —I borrow this concept from Raymond Williams— that has always haunted its history, from the French Revolution onwards. Changing the world requires not only strategic projects, valuable diagnostics of force relations, effective claims, and strong organizations; a process of human self-emancipation forcefully mobilizes powerful emotions, ex-

pectations, and hopes. Melancholia is one of these feelings. After any historical defeat, it charges with memory the process of mourning and the building of a new perspective. In other words, left-wing melancholia can become a link between the past and the future. I am not sure that my view of Left-wing melancholia corresponds with Eric Hobsbawm's sensibility, generally suffused with resignation, as expressed in his autobiography, *Interesting Times*. As for E.P. Thompson, I would speak of romantic rather than of melancholic Marxism (think to his biography of William Morris). In my book, the most relevant examples of melancholic radical thought are Walter Benjamin and Daniel Bensaïd.

GS: *Let's move forward to the liberalism of today. Nowadays, the emergence of xenophobic far-right movements is a common political denominator in many European countries. At the same time, Tariq Ali and others have pointed to the emergence of an "extreme center," as center-left and liberal parties increasingly embrace far-right policies. Can we still speak about "political liberalism," or do we need new analytical categories to grasp these transformations?*

ET: The new right is nationalist, racist, and xenophobic. In most Western European countries, at least where it is in power or has reached a significant strength, it adopts a democratic and republican rhetoric. It has changed its language, its ideology, and its style. In other words, it has abandoned its old, fascist habits, but it has not become a completely different thing yet; it is not an ordinary component of our political systems. On the one hand, the new far right is no longer fascist; on the other hand, we cannot define it without comparing it with fascism, which in many cases remains its matrix. The new right is a hybrid thing that might come back to fascism or turn into a new form of conservative, authoritarian, populist democracy. My concept of post-fascism tries to capture this transitional status. In my view, post-fascism is a regressive reaction to neoliberalism as carried out by the "extreme center" in the last decades. In the UK, Tony Blair claimed his continu-

ity with Margaret Thatcher; in France, it was very difficult to recognize any significant difference between Nicolas Sarkozy's and François Hollande's presidencies; in Italy, Matteo Renzi was usually depicted as an authentic inheritor of Berlusconi's neoliberalism; in Germany, the "grand coalition" showed that social-democracy and Christian conservatives shared the same objectives: the final result of these anti-social policies have been Nigel Farage, Marine Le Pen, Matteo Salvini, and Alternative für Deutschland.

The European tragedy lies in the fact that the rise of these reactionary and nationalistic "Europhobic" movements is a product of the policies implemented for twenty years by the EU Commission itself. The EU has become the tool of financial capitalism that has imposed its rules—I am speaking of a compulsory legal structure, made of laws sometimes inscribed into constitutions—on all its governments. After two Commission presidents like Barroso (today a Goldman Sachs advisor) and Junker (the former leader of a fiscal paradise like Luxemburg); after the Greek crisis of 2015 and ten years of austerity policies on a continental scale, the rise of right-wing populist leaders like Matteo Salvini and Victor Orban is not striking at all. In other words, we cannot struggle affectively against post-fascism by defending the EU; it is in changing the EU that we can defeat nationalism and right-wing populism.

GS: *Which similarities can you detect between the current far-right that is emerging throughout Europe and that of the interwar period? Can we call Le Pen and Trump fascists? Is it a legitimate conceptualization? What does your experience of European history tell us about the stance that an intellectual should keep today in the face of the disintegration of liberalism by the ultra-right in France, the UK, and the US?*

ET: Trump clearly shows—I would say ostentatiously exhibits—many fascist features: authoritarian and charismatic leadership, hatred of democracy, contempt for law, exhibition of force, derision of human rights, open racism (notably against Blacks, Latinos, and Muslims),

misogynism, homophobia, etc. But he is a fascist leader without a fascist movement behind him. He was elected as a candidate of the Republican Party, which is a pillar of the American political establishment. A fascist president in a liberal democratic system is an anomaly that cannot become durable: either democracy will reject this fascist threat, or democracy itself will be put into question. A similar dilemma, in an even more dramatic and striking form, is at stake in Brazil after Jair Bolsonaro's victory in the presidential elections.

At the same time, the new radical rights —particularly in Europe— have lost the “utopian” dimension of their fascist ancestors: Bolshevism, their historical enemy, no longer exists, and they do not pretend to be an alternative to both liberalism and communism. They have abandoned their old ambition to create a “New Man.” They wish to come back to national sovereignties, protectionist policies and the defense of “national identities” threatened by globalization and Muslim immigration. From this point of view, they are much more reactionary than fascist.

GS: *Could tell us in which ways do you think we can productively and strategically engage with the Holocaust and anti-Semitism, since it has been hijacked by the state of Israel and the European center-right?*

ET: I think that Islamophobia has replaced anti-Semitism in the political culture and ideology of post-fascism. This does not mean that anti-Semitism has disappeared —think to the recent massacre in Pittsburgh or the terrorist attacks in France a few years ago— or that the current wave of Islamophobia is preparing new genocides. History does not repeat itself, and Islam in the twenty-first century certainly cannot be compared with a small minority like the Jews in the first half of the twentieth century. Nevertheless, post-fascist propaganda turns Muslims into the scapegoats of Western fantasies, fears, and psychoses. They haunt current xenophobic impulses, whereas anti-Semitism is declining in most Western societies. Furthermore, most of nationalist leaders

have very good relationships with Netanyahu and the current Israeli government. Some among the most anti-Semitic currents of Western conservative culture —think to Christian fundamentalists— have become the most enthusiastic supporters of Israel.

A useful and effective politics of memory should inscribe the legacy of the Holocaust within this new context: instead of legitimizing Israeli policies of occupation and colonization, it should be used as a lever against the current forms of xenophobia, racism, and discrimination.

Referência para citação:

Traverso, Enzo. “Marxism, the far-right and the antinomies of liberalism: An interview with Enzo Traverso.” Por George Souvlis. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 176-193.

Apresentação do Fórum

Fátima Sá e Melo Ferreira e Sérgio Campos Matos

Os artigos que adiante se apresentam são versões revistas e actualizadas de dois importantes textos já anteriormente publicadas pelos seus autores sobre categorias e classificações e os seus usos na prática historiográfica. O primeiro, de António Manuel Hespanha, foi originalmente publicado com o título “*Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar*”,¹ posteriormente retomado em *Imbecillitas. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime*² e acrescentado e desenvolvido em 2017 no formato que aqui se apresenta. O segundo, de Javier Fernández-Sebastián, conheceu a sua primeira versão espanhola com o título “*Como classificamos a las gentes del pasado? Categorias sociales y identidades en el tiempo*” e foi inicialmente publicado em *La subversión del orden por la palabra. Tiempo, espacio y identidad en la crisis del mundo ibérico. Siglos XVIII-XIX*.³ Mais tarde, foi reeditado com o título “*Cómo clasificamos a la gente del pasado? Categorias sociales, clases e identidades anacrónicas*” na revista *Historia y Grafía*.⁴

A versão inglesa que aqui se apresenta é uma versão revista e mais reduzida desse texto inicial que resultou da participação do autor num colóquio intitulado “*Linguagens da Identidade e da Diferença na Iberoamérica, 1750-1850*” e realizado em setembro de 2013 no ISCTE-

1 *Análise Social* XXXVIII, nº 168 (2003): 823-40.

2 (São Paulo: Annablume, 2010.)

3 Ed. Javier Fernández Sebastián e Cecilia Suarez Cabal (Lejona: Universidade del País Vasco, 2015).

4 *Historia y Grafía* 45 (2015).

-IUL, com organização de Fátima Sá e Melo Ferreira e Ana Maria Pina como parte integrante do projecto “Iberconceptos”.

Dada a intersecção temática e o diálogo que lhes está subjacente – embora com perspectivas diferentes – incentivámos os autores a fazerem esta última revisão, com vista à sua publicação conjunta na *Práticas da História*, pensando poder assim contribuir para um debate sobre temas tão cruciais numa reflexão crítica sobre a história como os que envolvem a sua tessitura conceptual e discursiva.

De facto, abordando questões que vão da história das categorias e dos discursos à história dos conceitos, estes textos interpelam a relação entre passado e presente fazendo os historiadores reflectir sobre a historicidade das suas categorias analíticas e fazendo-as dialogar com as do passado, abrindo também horizontes de futuro – ou não fossem as categorias e conceitos materiais performativos para além de analíticos.

Ambos os historiadores sublinham o carácter criativo e dinâmico da formação e uso de conceitos e classificações (incluindo, no caso de Fernández-Sebastián, a própria nomenclatura que envolve a periodização histórica). António Hespanha lembra que na etimologia do termo *conceito* surge o verbo latino *capere*, que significa “agarrar, tomar”, dotado de uma conotação activa – embora o historiador prefira a designação *categoria*. Seja como for, Hespanha invoca uma outra dimensão da actividade humana para além da construção de discursos: a das práticas sociais e da sua relação com a dimensão discursiva e conceptual e das representações. Como a história nos mostra todos os dias, nem toda a vida é redutível a palavras e representações, sejam elas verbais ou iconográficas. Daí que seja do maior interesse a chamada de atenção do historiador para a dimensão preformativa da categorização social, até como instrumento de “institucionalização de laços políticos”. Faz assim todo o sentido enraizar os discursos em práticas sociais específicas. E articulá-los com interesses, entendidos estes como “resultados mais directos da interacção social” (sem esquecer que estes também se exprimem em imagens e representações). Compreende-se assim que Hespanha se distancie quer de uma história biográfica limitada ao referente de uma vida única (ou contrastando-a com termos de comparação

inadequados), quer da tradicional história das ideias. E que sustente a necessidade de uma história social dos conceitos numa perspectiva que acaba por se aproximar mais de R. Koselleck do que à partida se poderia supor.

Por seu lado, Javier Fernández-Sebastián também observa que as conceptualizações e classificações não se oferecem espontaneamente aos cientistas sociais, antes são construtos sociais e culturais situados no tempo e no espaço. Conceitos e classificações sempre indispensáveis para compreender a realidade histórica a partir de determinado ponto de vista, mas que sempre mantêm uma tensão entre o grau de abstracção que comportam e a situação concreta a que se aplicam. Neles não raro espreita o risco da simplificação ou do anacronismo, quando adoptados para contextos sociais muito diversos. Daí a necessidade da atenta vigilância crítica inerente à história conceptual. Faz pois todo o sentido perguntar com Fernández-Sebastián se, por exemplo, “the modern concepts of race, gender, identity, class or nation are applicable to a distant past in which such notions did not exist”. Pode admitir-se com ele que “the reflection upon temporality and historicity has grown richer and more complex in recent decades”. Subjectividade e reflexividade são, de resto, características dos tempos hipermodernos que vivemos. Daí a pertinência da sugestão no sentido de cultivar “uma história mais histórica”.

Em suma, estamos perante duas estimulantes perspectivas que se interpelam, nos interpelam e muito ajudam a repensar teorias e práticas da história enraizadas nos últimos decénios no campo historiográfico.

Referência para citação:

Ferreira, Fátima Sá e Melo e Sérgio Campos Matos. “Apresentação do Fórum.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 194-196.

Categories, Classes and Identities in Time. Escaping Chronocentric Modernity

Javier Fernández-Sebastián*

Introduction

In this article I will mainly explore some questions related to the ways in which historians and other social scientists usually identify, distinguish and classify people from the past, grouping them according to different criteria: economic-social, political, ethnic, territorial, etc. It goes without saying that typical historians, far from creating the classificatory systems with which they operate, generally make do with the large frameworks provided by the historiographic tradition within which they evolved. Precisely for this reason, we are well advised to pause now and then in order to reflect upon these underlying structures, which we have inherited by way of a valuable legacy from our masters and which profoundly shape our work without our being conscious of it.

I will pay particular attention to a specific aspect of this thorny problem, namely: how does the passage of time affect these classifications? Can we apply present-day social categories at a given moment to an earlier era, or do we run the risk of being trapped in blatant anachronisms which significantly distort the past we are seeking to understand? More specifically, I will question the legitimacy of the

* Universidad del País Vasco.

This text is part of the work of the Research Group IT615-13 and the Research Project HAR-2017-84032-P, financed by the Basque Department of Education, Universities and Research, and by the Ministry of Science and Innovation, Government of Spain (plus ERDF, EU), respectively.

retrospective application of certain classificatory criteria arising from particular circumstances and situations, but of doubtful relevance in order to understand the patterns of comprehension by means of which people living several centuries ago understood themselves and their respective worlds.

Our efforts to understand the world around us almost always revolve around those two complementary and contradictory intellectual operations: initially, we gather together scattered perceptions and we associate certain qualities with certain names, which enables us to conceive of intelligible objects. Then, we distribute the said objects amongst a handful of categories that segment, order and internally hierarchise the field of reality under examination.¹

Historical knowledge is no exception. Although is not strictly speaking an empirical science, we historians also need, employing the discipline's own methods, to resort to both intellectual operations in order to combine the single with the multiple (and vice versa). On the one hand, to reduce multiplicity to unity (or to be more precise, to a series of discreet units); on the other, to regroup these units into categories, in other words, into more complex, abstract and organised units of a superior order. Which makes it necessary simultaneously to mobilise unifying principles and systems of classification.

In practice, both processes overlap and intersect. Seeking differences and discovering coincidences are two inseparable movements. Moreover, some of the most relevant results of these processes find their way into the hands of scientists – and of historians in particular – in elaborated form before they begin their work. In fact, the two intellectual strategies in question mutually overlap and engage, and are distinguishable one from the other only for analytical purposes. The assignment of an object to a category presupposes the attribution the

¹ In the narrative domain, the simplest unit-events imaginable, by definition, must previously be classified and related (Roth 1988). But, of course, categorising and classifying are not exclusively academic operations, but rather basic necessities. Without abandoning our own field, any happening experienced by specific people, before being termed a historical event (should this ever occur), had somehow to be conceptualised by these actors.

said object of a set of traits it should share, at least partially, with all the other objects in the same category (the exact meaning of the Greek root *κατηγορία* is the quality attributed to an object).

Furthermore, the characteristics attributed to each object normally appear, once the latter is formed, as fragments or facets of this object-totality. And, once grouped together, the various objects that constitute a class may similarly be seen, in retrospective fashion, as *dis-juncta membra* make complete sense only as ordered ensemble, in other words, when grouped together in that common classificatory category which unites them.

To avoid any misunderstanding, I hasten to add that I am writing from a historicist perspective, according to which it is pointless searching for “authentic” meanings inherent to actual signs, facts or texts, independently of the authors and actors, observers and interpreters who give the meaning. I believe on the contrary that every meaning – like all knowledge – is a situated meaning, linked to certain coordinates of time, place and person, and I cannot conceive of an ownerless semantic content (Bevir 2012). Which does not imply, of course, a denial of the existence and relevance of communities of interpretation, traditions and inherited conceptions that confer upon certain meanings an unquestionable solidity and transpersonal, transspatial and transtemporal persistence (Fernández-Sebastián 2013).

Neither would it be realistic to aspire to achieving a perfectly transparent understanding of past worlds, a complete restitution of the meanings those texts, facts, practices or institutions had for our ancestors. Given that interpreters cannot totally free themselves of their intellectual background or of a constantly changing historical horizon, to dispense with their conceptual lenses would be to condemn themselves to cognitive blindness (Gadamer 1989). For this reason, although the passage of time generally concedes an unquestionable epistemic advantage to historians over actors (Phillips 2004, 2013; Phillips *et al* 2013), basic deontological discipline demands that historians attempt to rid

their texts of unacceptable anachronisms.² Hence the advisability of making every effort to achieve a faithful historiographic representation, *i. e.* compatible with the ways of understanding the world of the agents of the past. The “faithfulness” of historiographical representations invariably clashes however with an impassable barrier: the impossibility of accessing a non-existent “past in itself” which supposedly one is seeking to re-present. Lacking that “original reference” – a kind of imaginary “historical reality” constituted by “what actually happened” – with which empirically to contrast the accuracy and reliability of what historians write about the past, as Mink (1987, 202) said in a famous expression, “stories are not lived, but told”.³

Not all the “past” objects of study imaginable from our categorical frame are plausible or legitimate. One should not undertake, for instance, a study of *society* and *State* in the Middle Ages, if one applied these concepts with the range of meanings which these two terms only came to acquire in the eighteenth and nineteenth centuries. Faced with such a challenge, historians run the risk of composing at best a teleological essay in which events are lined up one after the other, destined to fulfil à la Hegel the “retrospective prophecy” of the glorious advent of a political modernity in which these two concepts must occupy a prominent place (Schaub 1996, 131).

Spaces, times and actors in research and in the writing of history

The evaluation of the relevance of past phenomena worthy of study is invariably undertaken from the present. As a result, Jacob Burckhardt and Benedetto Croce were not so incorrect in suggesting, each in his own fashion, that history “is the record of what one age finds worthy of note in another”, and that, in a way, “all history is contemporary history”. One of the many ways of describing the specific tasks of histo-

² For a discussion of the anachronism in historical writing, see Syrjämäki (2011), who reviews the most relevant literature on this question, including Quentin Skinner’s classic article (1969).

³ See also the comments by Frank R. Ankersmit (2012, 13).

rians could be to depict them as professionals specialised in a particular discipline who, via certain techniques of research, interpretation and writing, seek to give an account of collective phenomena, significant events and processes experienced by the men and women who lived in a recent or remote past. To do this, starting off with a jumble of generally fragmented and insufficient data regarding the fraction of the past upon which each historian is focussing his/her attention, historians have to produce texts, normally in the form of more or less complex essays. These texts may in turn subsequently be the object of critical control by one's peers in accordance with the conventions of the scientific community to which one belongs. And the texts remain open to revision and debate, be it in the light of new evidence or alternative interpretations of the same sources employed by the author...

The transformation of signs and raw data, diverse texts and fragmentary sources relating to an infinity of ambiguous happenings into a series of established facts, undeniable events and convincing processes is not an easy task. The complexity of the historiographical operation and the writing of history resides in, amongst other factors, the need to impose limits and a certain order upon the amorphous, infinite and chaotic flow of historical becoming. Indicating processes, representing and interpreting them are tasks that require of the historian considerable skill in order to distinguish between the relevant and the irrelevant, the pertinent and the superfluous, the fundamental and the accessory. And of course that capacity cannot easily be dissociated from the ability to weave together coherent essays that convert the raw material – usually a pile of dusty and half-forgotten files, stored in archives and libraries – into articles, monographs or historiographic texts of interest to specialists (and with luck on occasions to a broader public). As has argued, amongst others, Mark Bevir, narrative is a form of epistemically legitimate explanation: since “we cannot have pure perceptions of given facts”, our knowledge is always mediated by theories, concepts and categories that help us to construct our own experiences as our narrative structures (Bevir 2000, 17-18).

The starting point – and sometimes the finishing line – of the historiographic operation tends to be the delineation of meaningful units

which, by assigning limits and frontiers of demarcation to the material, situate readers and historians themselves before a manageable panorama, sufficiently ordered and intelligible, of identifiable objects and subjects. These units or “historiographic individualities”, which suggest at one and the same time lines of continuity and discontinuity, are of a discursive nature and do not necessarily correspond to “natural” divisions in time and space, nor to actual people, not even to *personae fictae*: not all the objects and instruments of historiographic study are historical subjects. The Middle Ages, the French Revolution or the Italian Renaissance are obviously not (and neither are Europe or Asia, East or West). In any case, these are less solid and unquestionable historiographic entities than, say, Alfonso X of Castile, Robespierre or Michael Angelo. But, what about the so-called “social classes”, like “the serfs” or “the bourgeoisie”, to mention two recognisable labels that frequently appear in the European history books of the periods alluded to? What degree of adjustment to “the realities of the past” should we attribute to these denominations to twelfth-century Europe, or eighteenth-century France?

The tools that normally serve to control and channel the confusing flow of events in those earlier worlds are basically applied to three dimensions or aspects of the past: space, time and the human factor. As far as the spatial perspective is concerned, upon setting to work historians usually limit their territories of reference, be they cities or continents, monarchies, empires or nations). From the temporal perspective, the most common periodisations (apart from the division into decades and centuries, which many regard as almost “natural”) tend to be certain epochal notions and colligatory concepts – meaningful collections of many events and processes – which often incorporate interpretations of the set of facts thus grouped together (and sometimes they do not lack an ideological content): the Age of the Atlantic Revolutions, the Ancien Régime, the Restoration, the Age of Enlightenment, the Cold War, etc. There is a typically European chronology and chrononymy, largely Western, and also chronologies unique to each country or re-

gion.⁴ The third classical perspective refers to the manner in which the human beings constituting the object of research will be classified; these classifications mould in advance the collective actors or groups of people to whom presumably would have corresponded significant roles in the processes and events being studied and who, consequently, feature in the narratives resulting from the research. These classifications may be, amongst others, of an ethnic, religious, socio-economic or political-territorial nature.

Nonetheless, classifying, “territorialising” and periodising are not innocent actions. Far from being considered merely instrumental arrangements, intellectually anodyne, António Hespanha underlined years ago the poietic, creative potentiality, of categories and classifications. Given that the same things can be conceptualised in one way or another, categories do not reflect “the world as it is”, but rather constitute and give it shape (Hespanha 2003).⁵ So not only is it true that “attempts to recategorise are a kind of revolution”; it could also be said, conversely, that revolutions, insofar as their leaders subvert established classifications and come to exercise an irrevocable “power to define” (a corollary of which is the demiurgeous right to classify), involve a more or less radical recasting of the political and social order. As if the act of defining, in the Aristotelian style, *per genus et differentiam*, would performatively produce the genera and the differences indicated in the definition.

On the current crisis of classificatory systems

Maybe because, as has occurred many times in history, we are experiencing a period of considerable uncertainty and accelerated transition towards an unknown future, in recent times traditional classificatory criteria have either grown obsolete or are being seriously questioned. It seems that the clothes historians have dressed Clio in suddenly strike

⁴ See Bacot *et al* (2008), Thompson (1967), Whewell (1847), Walsh (1951, 1974), Cebik (1969), McCullagh (1978), Dray (1964), and my own Fernández-Sebastián (2014d).

⁵ This interpretation is resumed in his article in the current issue.

us as old-fashioned, and we are eager to tailor her some new garments. The body of history in growth, moreover, threatens to burst the seams of certain items of clothing that have become too small. There is an urgent need, then, to restock its wardrobe with designs and sizes appropriate to these new requirements.

From the territorial point of view, for years now a broad sector of historiography, dissatisfied with the traditional national frameworks that have shaped so much historical writing over two centuries, advocates transcending state frontiers, even going beyond comparative international history. I refer to the various modalities of transnational history, such as the so-called global or world history, connected histories, entangled history or *histoire croisée*.⁶ With respect to the arguments regarding conceptualisation of certain European meso-regions, about a decade ago people began to speak of a *spatial turn* in history and social sciences.⁷ Though it is true that these debates have been particularly lively in central-eastern Europe, in other zones and continents there have also been movements in that direction. The new but not so new Atlantic history is a tangible example; one of its main advocates referred to its pertinence as follows:

the concepts we use, in periodizations and classifications, reflect the state of our knowledge, our public concerns, and our ways of thinking; and they change from time to time as circumstances shift, as knowledge grows, and as new terms of analysis become available which we use in the search for greater understanding. (Bailyn 2002, xix)

With regard to the temporal dimension, the traditional formats of “chronological packaging” of historiography are also under attack from

⁶ See McGerr (1991), Bayly *et al* (2006), Budde *et al* (2006), Saunier (2008, 2009), Yun (2007), Middell and Roura (2013), Martykánová and Peyrou (2014).

⁷ See Schlögel (2004), Middell (2005), Bachmann-Medick (2006), Schenk (2006), Döring and Thielemann (2008).

various flanks. To begin with, countless authors of the so-called postcolonial history have criticised the prevailing periodisations for their obvious Eurocentric bias.⁸ But not even in Europe does the usual schema of the three or four ages – ancient, middle, modern and contemporary, in the formulation most familiar to us – escape devastating criticism. Now that even postmodernity has become obsolete, many believe that the so-called “contemporary age” is no longer strictly speaking our *contemporary* and is crying out for an end (or a new beginning). Furthermore, some historians advocate changes to this classic schema, for instance Le Goff’s insistence upon extending the Middle Ages and eliminating the Renaissance on account of its being a historical period lacking truly distinctive features in comparison with preceding centuries (Le Goff 2014).

But above all, on the basis of some seminal works by 20th-century philosophers and historians (Husserl, Heidegger, Gadamer, Braudel, Koselleck, Ricoeur, amongst others), the reflection upon temporality and historicity has grown richer and more complex in recent decades. Time has ceased to be regarded as simply a neutral container of the succession of events, and, beyond the hackneyed controversies over periodisations, the reflections upon the length and scale of historical time, orders and ruptures of time, chronotopes, experience of temporality or regimes of historicity have become considerably more sophisticated.⁹ More and more authors (e.g. Jordheim 2012) believe that a system of multiple temporalities, allowing for different rhythms depending on the question being studied, is more appropriate than the rigid patterns of linear periodisation favoured by traditional historiography. Moreover, recently in this field new doors are opening to empirical research, which is becoming increasingly dynamic. Some case studies on the history of historicity and the experience of time have started to be developed in a coordinated and systematic fashion.

8 Bentley (1996) is a revealing example of how periodisations can vary radically if a global point of view is adopted.

9 See Ricoeur (2004), Hartog (2003, 2013), Ankersmit (2012, 29-47), Charle (2011, 2013), Revault d’Allonnes (2012), Lorenz and Beverbabe (2013), Sánchez and Izquierdo (2008), Fernández-Sebastián (2011), Mudrovic and Rabotnikof (2013), Nicolazzi *et al* (2011), Delacroix *et al* (2010). I have addressed this question in greater detail in Fernández-Sebastián (2014c).

In the field of categories of social classification too we have witnessed in recent times nothing less than an earthquake. The “crisis of adscriptive macrocategories”, thus termed by Francesco Benigno (2013), is without doubt a principal characteristic of the so-called crisis of history and it has prompted some major methodological debates some nearly forty years old. Behind these debates often lies the disjunction between two approaches that produce very different – sometimes opposite – descriptions of identical phenomena: 1) the *etic* perspective, which projects upon agents the explicative scientific categories of the outside observer; 2) the *emic* perspective, which seeks to understand things in a manner closer to the native’s point of view.¹⁰ In the field with which we are dealing, the first approach would correspond to an “objectivist” logic, which assigns human beings of the past to one group or another by applying the historian’s analytical tools; the second one would respond to a “subjective”, self-attributive logic: what matters above all then is the sense of belonging of the agents involved, their shared self-definition.

The eighteenth-century literati, fascinated by classifications of both the natural world and human realities, invented some of the most successful and durable taxonomic systems (it is very significant that terms like *classification* or *classify* were coined in the 1700s). In their wake, the leading theorists of positivist and scientist modernity, at its peak between the mid-nineteenth and the mid-twentieth centuries, were convinced that there existed only one “correct” way of ordering and classifying each sector of reality according to “the nature of things”, and that the demarcation lines between different classes of objects should be very clear-cut (Koposov 2009, 103, 255). For Karl Marx, for example, the correct way of classifying men according to the feudal system of production was into lords and serfs, whilst in a capitalist system the main conflict was that between the bourgeoisie and the proletariat.

¹⁰ It is usual to highlight a certain parallelism between that linguistic-anthropological dichotomy of Kenneth Pike and the classical Droysenian-Weberian distinction between *Erklären* and *Verstehen*. Whilst the *etic* approach is clearly compatible with the search for causal explanations, the *emic* perspective is more a quest for an interpretative understanding, in keeping with the meanings attributed to their own behaviour by the agents involved.

Today we have also awoken from that “dogmatic slumber”. We have been aware for some time of the ambiguity inherent to many cultural, political and social scenarios. And we cannot ignore the fact that the same phenomenon may well be classified under two or more different headings, which may even be contradictory and mutually incompatible (Gil 2010, 390-91).

From class to identity

The emphasis upon the cultural construction of social, ethnic and political categories has over the last three decades pushed a new meta-category to the forefront of research in this field. I refer to *identity*, an elusive notion the dramatic expansion of which – in parallel to others like *memory* or *gender*¹¹ – cannot but come as a surprise to the observer interested in the epistemology of social sciences. “Identity”, understood as “an interactive and shared definition produced by several individuals or groups” aimed at common action and which is at the origin of a *we*, *i. e.* of a new social actor, appeared as a sociological concept in the 1960s, accompanying the growth of what then began to be known as “new social movements” and soon met with enormous success.¹²

Transformed into a new key to interpreting social realities, this type of identity (group, social or collective) also has the advantage of its apparent plausibility from both the *etic* and the *emic* perspective. For though it is true that for the social scientist any collective identity is a cultural construction, those who embrace and appropriate an identity of this kind tend to regard it as something quasi-natural; so natural that often they in no way see it as something constructed. Identity could, then, be regarded in general as an analytical macrocategory, “objective”, and, at the same time, in each of its specific applications, as a form of belonging, be it to a social, ethnic, national or age group, etc., subjec-

11 Let us recall that the launch of the (cultural) concept of *gender* as analytical tool in Anglo-American academia of the 1970s was linked to certain prominent leaders of the feminist movement, in their efforts to “denaturalise” sex so it might no longer be considered in its purely biological aspect (Scott 1986).

12 See Melucci (1989; 1995) and Benigno (2013, 55-82).

tively self-assumed (and, to the degree to which it has materialised, as a construction which is unaware of itself as such a construction).¹³ This alleged compatibility with both approaches *etic* and *emic* would seem to resolve the dilemma between the two poles of the disjunction. The very fact that the word (collective) *identity*, initially employed as *terminus technicus* by the theorists of the old “new social movements”, has entered into common usage serves to blur the contrast between both perspectives. However, things are not quite so simple (see two examples of incisive criticism of the abusive use by social scientists of “identity” as an analytical concept: Brubaker and Cooper 2000; Jullien 2016).

A panoramic vision of the debates that have arisen over the last half century amongst French historians concerning the theme of social classifications is highly illustrative of the developments in historiography in this area. In the 1960s a famous debate broke out in France between various well-known historians over what was the most appropriate way of classifying the people who lived under the *ancien régime*. They were attempting to establish nothing less than the “true” hierarchy or social stratification in the centuries preceding the Revolution. While Ernest Labrousse or Pierre Vilar, from a socioeconomic perspective, adhered to the classical division into classes that corresponded to that period of late feudalism, Roland Mousnier and others argued that it was preferable to abide by legal criteria (orders, estates), in accordance with the terms of social demarcation prevailing at that time. The alternative between a model of *société d’ordres* and another of *société de classes* may in principle be interpreted as another case of the disjunction between the “subjectivist” and “objectivist” approaches mentioned above, even though the final strands of the discussion, oscillating between social, cultural and linguistic constructivism, lend further complexity to the dispute (Koposov 2009, 73-105).

The comparative analysis of a sequence of essays published intermittently from the 1970s onwards in various reference works of French

¹³ This division partially overlaps with the classic debate between two alternative ways of understanding collective identity: either as a process or as a product of social action (see, for example, Fominaya 2010, 396-98). And also, to some extent, with the distinction Ricœur draws between *idem* identity (or, rather, identification) and *ipse* identity, the former diachronic, objective and external, the latter synchronic, subjective and internal (Ricœur 1995).

historiography enables us to infer the main lines of that debate.¹⁴ The reading of these texts reveals the gradual eclipse of the old structuralist paradigm of social history and its replacement with a variety of approaches in which the role of symbolic, discursive and cultural factors is ever larger. In fact, since the mid-1970s, when the proponents of the *nouvelle histoire* of the third generation of *Annales* advocated a shift towards the *histoire des mentalités* until the current debates over memory and the social function of history a great deal of water has flowed under the bridge. The general sense of this evolution, as far as our subject is concerned, could not be clearer: the cultivators of social history were showing a growing interest in social practices and languages, representations and imaginaries, customs and the world of symbols in general, gradually abandoning not only the concept of class *itself*, but every kind of collective identity of an objective nature.

In opposition to certain purely analytical group categories which appeared to breathe life into fictitious or improbable actors, historians emphasized more and more the idea that any social classification is not a natural or objective given, but always the result of a sociocultural construction. Whilst Jean-Claude Perrot says in 1978 that “social groups are at one and the same time what they think they are and what they are unaware that they are” (*apud* Chartier and Roche 1978, 581), Antoine Prost categorically states in 1997 that “le groupe n’existe que dans la mesure où il est parole et représentation, c’est-à-dire culture” (Prost 1997, 137). Simona Cerutti, meanwhile, criticised the projection onto the past of current socio-professional nomenclatures, hinting at the deleterious consequences that anachronic classifications may have with regard to our knowledge of the societies of the ancient regime. To use stratifications unrelated to the era in question is to employ a misleading frame of reference. On the one hand those vocabularies make us see non-existent groups in those times as if they were real; on the other, they conceal from us significant characteristics of the societies we seek to analyse (Cerutti 1995, 225-27).

14 See Duby (1974), Chartier and Roche (1978), Lequin (1986), Cerutti (1995), Cohen (2013).

Criticism of the socioeconomic approaches inspired by Marxism intensified following the collapse of the Soviet system, leading to the abandonment of the Labroussian paradigm. The new sociocultural history and the diverse historiographical trends associated with it were accompanied by an unusual multiplication of objects and approaches (and also of collective subjects). Rather than the old *annaliste* ideal of a *histoire totale*, this was a fragmentation or “crumbling” of historiography (*histoire en miettes*, according to François Dosse’s celebrated essay, 1987). Since then, if one thing is clear it is that historians long ago abandoned the ambitious objective of developing a *histoire totale*, which had once inspired the *Annales*, and settled for more modest projects, though I would say that in recent years a sector of historiography has gained in reflexivity what it has lost in scientist certainty.

Along with these debates about history and its methods, various studies have insisted upon the need for historians to undertake a critical reflection upon the cognitive precepts and the underlying concepts that tacitly guide their work. Four decades ago, Paul Veyne (1978, 95) argued that “le rangement d’événements dans des catégories exige l’historisation préalable de ces catégories”. Authors like Pocock (1963) or Bourdieu (1995) have also advocated in similar words a propaedeutic historisation of the instruments of knowledge of social sciences.

In fact, concepts as fundamental to our discussion as history, individual or society, class, race or identity – but also science, objectivity and many others –,¹⁵ have in recent times been the subject of rigorous and enlightening historical analysis.¹⁶ Instead of taking these categories for granted and using them as a starting point for the study of social and institutional phenomena, they themselves become a primary object of research. These analyses enable us to understand, for example, that the concept of *society*, in a sense that is recognisable to us, did not

15 A number of works have shown that quite a few typically western basic concepts in fact resulted from the clash between the Europeans and other cultures and from colonial practices, in such a way that modernity and colonialism may be seen as two sides of the same coin.

16 For instance, on the concepts of society/social and of class, see: Wagner (2000; 2001), Kaufman and Guilhaumou (2003), Mintzker (2008), and Piguet (1996).

begin to develop until the second half of the eighteenth century, and only became an object of scientific study in the next century. It was not until the first decades of the nineteenth century when *class* became the conventional term of social stratification, heralding a break with previous hierarchical imaginaries. And, in similar fashion, in the turn of the century, coinciding with so-called postmodernity, we have witnessed the irresistible rise of the notion of *identity* in diverse disciplines and academic scenarios of social sciences. From the early-modern to the postmodern period, passing through the late modern age, we have seen, then, three macro concepts or categories in succession, fundamental in order to establish differences and classify people – *estate*, *class* and *identity* – each of them based upon a different criterion, respectively legal, economic and cultural.

At this point, it is time to begin to discuss the question posed at the start of these pages, namely, the problem of anachronism in categories of classification. Is it legitimate to use concepts and categories that did not exist during a specific period to identify, qualify and classify from a distance those who lived at that time? And, in a more general way, is it appropriate respectively to apply patterns of comprehension alien to vanished people and communities, who while in existence saw themselves in a substantially different manner in order to explain their own behaviour?

Let us not forget that the *raison d'être* of conceptual history consists in helping the reader and the historian to distinguish as clearly as possible between the analytical language of today's social sciences from the language of the sources (that is, from the discourses that record the ways of understanding the world of past generations and have reached us as vestiges of a more or less distant past). This distinction enables us to combat that form of epistemological narcissism we call presentism, and which, from the perspective of interest to us here, essentially consists in assimilating the past into the present.

In order to keep at bay the presentist temptation it is necessary to confront several types of anachronism, including one of a cognitive nature and another that is axiological. According to the former we should

ask ourselves, for instance, whether the modern concepts of *race*, *gender*, *identity*, *class* or *nation* are applicable to a distant past in which such notions did not exist.¹⁷ The second risk is that of using (generally pejorative) moral or political labels derived from these concepts. Can we qualify as *nationalist* or *racist* certain behaviour of our ancestors that seems to resemble what we describe as such today, although it does not strictly speaking correspond to those denominations given the absence during the era in question of the concepts upon which these attitudes are based?¹⁸

Thus, if one considers the case of Europe, were there or were there not *class* struggles in Antiquity, feminine *identity* and women's movements in the Middle Ages, *racial* conflicts and *nationalist* wars in the early Modern Age?

Historicity of classificatory concepts and methodological chronocentrism: the case of Karl Marx

The question of the “retrojection” of concepts and categories was incisively raised by Karl Marx a century and a half ago. A historicist thinker by education like Marx was undoubtedly fully aware that as we “immerse ourselves” in the past epistemological obstacles appear which make it more difficult for us to comprehend those ever more distant worlds. Historians should not cross these “conceptual thresholds” without shedding part of his intellectual baggage. To be more precise, they would be well-advised to leave to one side those concepts which had not yet been invented, and were therefore literally unimaginable in the age to which one seeks to go back. This principle of intellectual irretroactivity would thus be the least caution which, as historians, we would be advised to apply if we truly wish to understand the actors in their own terms. Naturally, Marx never formulated this principle in this fashion. Nonetheless, according to the tenets of his materialist conception of history, which declared production to be the basis of all social order, he

17 See for instance Burke and Hsia (2007, 7-8) on the retrospective use of the concepts of “policy” and “propaganda”.

18 See Torres (2003-2004), Schaub (2007).

believed that changes in ideological level are the consequences of prior transformations in economic infrastructure. As we will now see with respect to a very specific point of Aristotelian philosophy, the possibility of certain concepts being invented and perfected ultimately depends on production conditions.

One of the passages in which Marx demonstrates his sharp awareness of the historicity of concepts is to be found in the opening pages of *Das Kapital*. There the German theorist explains that Aristotle did not fully understand that the value of goods is the expression of the quantity of human labour necessary to produce them. In spite of his perspicacity, Aristotle was incapable of understanding this, maintains Marx, because he ran up against an insurmountable epistemological obstacle: the absence of an appropriate concept of value. In order to form this concept, it was first necessary to be able to imagine the fundamental equivalence of all the work performed by human beings. This equivalence, in turn, was inconceivable in a context of slavery like that of Ancient Greece, and could not be contemplated “until the notion of human equality has already acquired the fixity of a popular prejudice“. However, this prerequisite was only satisfied in the capitalist society of the period when Marx was writing. Therefore, he concludes, “the peculiar conditions of the society in which he [Aristotle] lived, alone prevented him from discovering what, in truth, was at the bottom of this equality”; and subsequently prevented him from understanding the labour theory of value (*Das Kapital*, book I, section I, chap. 1, § 3). This materialist historical-conceptual sensibility, however, did not prevent Marx himself from sometimes indulging in blatant anachronisms. Moreover: he vehemently defended the pertinence for heuristic purposes of a form of methodological anachronism.

In his manuscripts of criticism of political economics (better known as *Grundrisse*), Marx writes that

even the most abstract categories, despite their validity – precisely because of their abstractness – for all epochs,

are nevertheless, in the specific character of this abstraction, themselves likewise a product of historic relations, and possess their full validity only for and within these relations.

Thus, he continues, given that

bourgeois society is the most developed and the most complex historic organization of production, [t]he categories which express its relations [...] thereby also allows insights into the structure and the relations of production of all the vanished social formations out of whose ruins and elements it built itself up, whose partly still unconquered remnants are carried along within it, whose mere nuances have developed explicit significance within it...

At this point he resorts to the following unmistakably Darwinian biological-evolutionist metaphor:

Human anatomy contains a key to the anatomy of the ape. The intimations of higher development among the subordinate animal species, however, can be understood only after the higher development is already known. The bourgeois economy thus supplies the key to the ancient...

And he concludes with the following sentence, which is the very epitome of teleological reasoning: “The so-called historical presentation of development is founded, as a rule, on the fact that the latest form regards the previous ones as steps leading up to itself” (Marx 1973, 106). In short, Marx acknowledges in a Hegelian manner the legitimacy of the systematic projection onto the past of recently invented new categories, specifically interpreting that past as the path that leads to the present with the “discovering” (and gradual unfolding) of these catego-

ries, which paradoxically would shed light upon the time prior to their advent. Although historically specific, the invention of a concept is then re-described as “discovery”. As we know, the owl of Minerva only flies at dusk. Thus, the observation of the conflicts between bourgeoisie and proletariat in the mid-nineteenth century leads Marx to outline his theory of the class struggle and extrapolate it to the past of mankind as a whole. Universal history, according to Marx and Engels’ famous *dictum* in the *Communist Manifesto*, would in essence be nothing other than the history of the class struggle. And, as we have seen a little earlier with regard to his value theory, 19th-century capitalism retrospectively illuminates distant history, permits an understanding, for example, of the aporiae and insufficiencies of Aristotle’s doctrines upon the value of goods.

Insofar as Marx assumes European industrial modernity – and the anticipated overcoming of its capitalist contradictions by means of socialism – as the terminus station for all the convoys of the past, he adopts a methodological anachronism, a kind of radical “futurist presentism”. His point of view is not only Eurocentric, but completely “modernocentric”. Capitalism and socialism appear in his work – in the present and in a hypothetical future – aligned as the vanishing point where all the paths of universal history converge, in such a way that all the segments of the past are seen as a series of imperfect drafts of the present, leading to a splendid future of emancipation.

This tendency to use a certain stereotyped modernity as a benchmark for all historical processes ultimately implies disdain for and lack of comprehension of the past in its unchangeable otherness: “We ‘oscillate between dismissing medieval people as barbarians and revering them as the creators of our civilisation’. We fail to respect their differences” (Hunt 2013, 210, quoting Fasolt 2004). From this perspective, the Marxist philosophy of history is but one example of a widely extended intellectual attitude, strikingly prevalent during the nineteenth and much of the twentieth century, which we might term “theoretical (auto) chronocentrism”. An attitude that no doubt appeared totally justified to our predecessors in times during which reigned a blind faith

in “the laws of progress”, but which some today are beginning to regard as inadmissible, narcissistic and self-indulgent.

Concluding remarks. For a more historical history

In fact, what this discussion raises goes far beyond the question of “social” classifications. The presentist arrogance alluded to at the end of the previous section –when Marx interpreted his own vantage point, that of a mid-nineteenth century European theorist, as a universally valid transhistoric criterion – incorporates a principle that until recently brooked no doubt for the vast majority of scientists. I refer to what, to employ a political simile, we might call “epistemic sovereignty of modernity”, in other words the dogma – which many regard as unquestionable – that our scientific parameters constitute the only legitimate form of knowledge.

However, what happens when modern western rationality displays the historicity of its epistemological bases, and in a sense historicises itself? What happens when that same rationality is confronted with other ways of making sense of the world? This problem, which for anthropologists is their bread-and-butter, is beginning to be considered pertinent by historians too. When both of us, historians and anthropologists, seek to understand other ways of thinking and understanding the world, we come up against the limits of our own rationality. When the researcher has to give an account of the interpretative systems employed by those strange “natives of the past” who are our ancestors without renouncing his “scientific” perspective, if he/she takes seriously the discourse produced by the human beings under observation, the historian must indeed reflect upon the very foundations of his/her academic approach (in other words, he is obliged to turn his attention to his own observation point). In this sense, the reflexivity of history is not very different from that of anthropology: just as the anthropologist “antropologises” himself by placing himself in a given context, the historian “historises” and relativises himself via his awareness that his observation point – mobile and ephemeral, like all – is located at a certain moment and in particular

historical circumstances. And, for this reason, one of the essential functions of history, as of anthropology, is to afford us a degree of familiarity with symbolic worlds and exotic conceptualisations, which contributes to expanding and improving our knowledge of human realities (Geertz 1973, 13-16; Wineburg 2001, 3-27).

Let us consider, for instance, the study of religious phenomena in the past. This is a field, particularly that of the connections between religion and politics in the Ibero-American world of the eighteenth and nineteenth centuries – a theme which, incidentally, may in no way be reduced to that of the Church-State relationship. Michel de Certeau wrote some very interesting pages on this question (Mendiola 2012; Zermeño 2013a). For us, twentyfirst-century scholars, religion is but one ideology amongst many. For most Europeans and Americans in the sixteenth, seventeenth and eighteenth centuries, this was certainly not the case: religion was not only the *supreme truth*, but the foundation of society and the key to understanding all that existed.

To think historically, in this as in other cases, demands of the historian-interpreter an enormous effort of empathy with the actors. It is not easy to approach the mentality of such different people. For, as was brilliantly noted by De Certeau (1975, 172-73) with regard to the religiousness of the Europeans of the eighteenth century, while we seek to understand religion as a historical phenomenon and as a “representation” emanating from society, they understand, quite to the contrary, that religion constituted the very foundation of society. Although as heirs of the Enlightenment many of us have no doubt whatsoever as to the “superiority” of our system of comprehension of the world over that of our ancestors, this does not render any less remarkable the intellectual operation consisting in understanding a distant age, organised around so different a principle of intelligibility, via a logic that was so alien to it. So drastic an inversion of the codes for reading the world in the space of only two or three centuries (a brief period, in historical terms) allows us to speculate over the possibility that in the near future a new regime of intelligibility might replace that which is currently operative. Is it not rather unsettling to conjecture that, in a few decades’

time, all our scientific endeavours might be re-evaluated and disqualified in accordance with parameters completely different from our own?

I am well aware that many historians – probably the majority – are not in the least bit concerned about these issues. Totally focused on the analysis of their favourite objects of research, rarely do they pause to reflect on inherited frameworks of comprehension (and less still the epistemological precepts upon which the discipline is based). Many of them merely apply the classificatory systems learnt during their academic training, and appear to be writing from some mysterious and hidden location, as if they were able to see and describe from an exclusive vantagepoint how things really occurred and who were the subjects participating in said events. Rather than a conventional historiography, naively positivist and claiming to speak on behalf of a timeless reason, what interests me is a more historical history. A reflexive history capable of understanding that – until there is evidence to the contrary – historicity and “linguality” (*Sprachlichkeit*) form a part of the unsurpassable horizon of the human condition. Moreover, a less ideological history, which under no circumstances contemplates the past as a battlefield in which to settle current political disputes. Instead of looking to the past with the angry expression of somebody breaking into an arsenal in search of ammunition, the historian should approach those vanished worlds with the respect, calm and piety of he who hesitantly enters a vast, labyrinthine cemetery. In the words of the Brazilian writer and politician Homem de Melo, the historian should enter the sacred territory of the past like someone setting foot inside a great necropolis where extinct generations are laid to rest, striving to leave aside the preconceptions of his/her own age.

Hermeneutics and historical semantics constantly remind us that our lives are interwoven with history, and that is no Archimedean point beyond time and language from which to render an account of human affairs. A century ago, almost 200 years after the publication of the Vico’s *Scienza Nuova*, Wilhelm Dilthey wrote that “we are historical beings first, before we are observers [*Betrachter*] of history, and only because we are the former do we become the latter” (Dilthey 1968, 277-78).

And, as for the linguistic nature of the human being, upon which Gadamer placed such emphasis, we should not forget that, as Donald Kelley (2002, 300) noted with a penetrating metaphor, “language is the ocean in which we all swim – and whatever our dreams of rigorous science, we are fishes not oceanographers”. We know however that our environment has changed enormously over time. Certainly, however much we historians endeavour to classify as accurately as possible our fellow men and women from another era, we and they – historians and “historised”, classifiers and classified, sometimes interchanging our respective roles – swim in the same ocean. But that ocean has been continually changing, and it would be a major error to ignore its evolutive dimension. Palaeontology shows us that numerous fish species have become extinct, whilst other new ones evolved and appeared. And, just as no scientist in their right mind would use the taxonomy of today’s species to identify fossil species, we should be aware that our categories of social grouping are perhaps not best suited to classifying the collectives of the past.

REFERENCES

- Ankersmit, Frank R. 2012. *Meaning, Truth and Reference in Historical Representation*. Ithaca: Cornell University Press.
- Bachmann-Medick, Doris. 2006. “Spatial Turn.” In *Cultural Turns: Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften*, 284-328. Reinbek: Rowohlt.
- Bacot, Paul, Laurent Douzou, and Jean-Paul Honoré, eds. 2008. “Dossier: Chrononymes, La politisation du temps.” *Mots. Les langages du politique* 87: 5-95.
- Bailyn, Bernard. 2002. “Preface.” In *The British Atlantic World, 1500-1800*, edited by David Armitage, and Michael J. Braddick. London: Palgrave Macmillan.
- Bayly, Christopher A. *et al.* 2006. “AHR Conversation: On Transnational History.” *American Historical Review* 111: 1441-64.
- Benigno, Francesco. 2013. *Las palabras del tiempo. Un ideario para pensar históricamente*. Madrid: Cátedra.
- Bentley, Jerry H. 1996. “Cross-Cultural Interaction and Periodization in World History”. *American Historical Review* 101, n.º 3: 749-70.
- Bevir, Mark. 2000. “Narrative as a Form of Explanation.” *Disputatio* 9: 10-18.
- Bevir, Mark. 2012. “In Defence of Historicism.” *Journal of the Philosophy of History* 6: 111-14.
- Bourdieu, Pierre. 1995. “Sur les rapports entre la sociologie et l’histoire en Allemagne et en France.” *Actes de la recherche en sciences sociales* 106-07: 108-22.

- Brubaker, Rogers, and Frederick Cooper. 2000. "Beyond 'Identity'." *Theory and Society* 29: 1-47.
- Budde, Gunilla, Sebastian Conrad, and Oliver Janz, eds. 2006. *Transnationale Geschichte: Themen, Tendenzen und Theorien*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Burke, Peter, and R. Po-chia Hsia, eds. 2007. *Cultural Translation in Early Modern Europe*. Cambridge: CUP/ESF.
- Cabrera, Miguel Ángel. 2001. *Historia, lenguaje y teoría de la sociedad*. Madrid: Cátedra.
- Cebik, L. B. 1969. "Colligation in the Writing of History." *The Monist* 53, n.º 1: 40-57.
- Cerutti, Simona. 1995. "La construction des catégories sociales." In *Passés recomposés. Champs et chantiers de l'histoire*, edited by Jean Boutier, Dominique Julia. Paris : Autrement, 224-34.
- Charle, Christophe. 2011. *Discordance des temps. Brève histoire de la modernité*. Paris: Armand Colin.
- Charle, Christophe. 2013. *Homo historicus. Réflexions sur l'histoire, les historiens et les sciences sociales*. Paris: Armand Colin.
- Chartier, Roger, and Daniel Roche. 1978. "Histoire Sociale." In *La Nouvelle Histoire*, edited by Jacques Le Goff, Roger Chartier, and Jacques Revel. Paris: Retz-CE-PL, 516-20.
- Cohen, Déborah. 2013. "Catégories sociales et discours sur la société." In *À quoi pensent les historiens*, edited by Cristophe Granger. Paris: Autrement, 197-208.
- De Certeau, Michel. 1975. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard.
- Delacroix, Christian, François Dosse, and Patrick García, dirs. 2010. *Historicidades*. Buenos Aires: Waldhuter.
- Dilthey, Wilhelm. 1968. *Gesammelte Schriften*, VII, 5th ed., edited by Bernhard Groethuysen. Stuttgart: B. Teubner.
- Döring, Jörg, and Tristan Thielemann, eds. 2008. *Spatial Turn: Das Raumparadigma in den Kultur- und Sozialwissenschaften*. Bielefeld: Transcript Verlag.
- Dosse, François. 1987. *L'histoire en miettes. Des «Annales» à la nouvelle histoire*. Paris: La Découverte.
- Dray, William. 1964. *Philosophy of History*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Duby, Georges. 1974. "Histoire sociale et idéologie des sociétés." In *Nouveaux problèmes*, edited by Jacques Le Goff, and Pierre Nora, 147-68. Vol. I of *Faire de l'histoire*. Paris: Gallimard.
- Fasolt, Constantin. 2004. *The Limits of History*. Chicago: University of Chicago Press.
- Fernández-Sebastián, Javier. 2013. "Ex innovatio traditio/Ex traditio innovatio. Continuidad y ruptura en historia intelectual." In *Tradición e innovación en la historia intelectual: Métodos historiográficos*, edited by Faustino Oncina. Madrid: Biblioteca Nueva, 51-74.
- Fernández-Sebastián, Javier. 2014c. "Historia, historiografía, historicidad. Conciencia histórica y cambio conceptual." In *Europa del sur y América latina. Perspectivas historiográficas*, edited by Manuel Suárez Cortina. Madrid: Biblioteca Nueva, 25-64.
- Fernández-Sebastián, Javier. 2014d. "Sobre conceptualización y politización de los procesos históricos." In *Pueblo y nación. Homenaje a José Álvarez Junco*, Fernando del Rey Reguillo, and Javier Moreno Luzón, eds. Madrid: Taurus, 161-85.
- Fernández-Sebastián, Javier, ed. 2011. *Political Concepts and Time. New Approaches to Conceptual History*. Santander: McGraw Hill – Cantabria University Press.

- Fominaya, Cristina Flesher 2010. "Collective Identity in Social Movements: Central Concepts and Debates." *Sociology Compass* 4, n.º 6: 396-98.
- Gadamer, Hans-Georg. 1989. *Truth and Method*, 2nd ed. London: Sheed and Ward.
- Geertz, Clifford. 1973. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.
- Gil, Thomas. 2010. "Progreso, libertad, felicidad. Conceptos clave del mundo moderno." In *Palabras, conceptos, ideas. Estudios sobre historia conceptual*, edited by Faustino Oncina, 390-91. Barcelona: Herder.
- Hartog, François. 2003. *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil.
- Hartog, François. 2013. *Croire en l'histoire*. Paris: Flammarion.
- Hespanha, António Manuel. 2003. "Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar." *Análise Social* 168: 823-40.
- Hunt, Lynn. 2013. "Globalisation and Time." In *Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future*, edited by Chris Lorenz, and Berber Bevernage. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Jordheim, Helge. 2012. "Against Periodization: Koselleck's Theory of Multiple Temporalities." *History and Theory* 51: 151-71.
- François, Jullien. 2016. *Il n'y a pas d'identité culturelle*. Paris: L'Herne.
- Kaufman, Laurence, and Jacques Guilhaumou, eds. *L'invention de la société. Nominalisme politique et science sociale au XVIIe siècle*. Paris: EHESS.
- Kelley, Donald R. 2002. *The Descent of Ideas: The History of Intellectual History*. Aldershot, UK: Ashgate.
- Koposov, Nikolay. 2009. *De l'imagination historique*. Paris: EHESS.
- Le Goff, Jacques. 2014. *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Le Seuil.
- Lequin, Yves. 1986. "Histoire sociale." In *Dictionnaire des sciences historiques*, edited by André Burguière. Paris: PUF, 635-42.
- Lorenz, Chris, and Berber Bevernage, eds. 2013. *Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future*. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Martykánová, Darina, and Florencia Peyrou, eds. 2014. Special issue "La historia transnacional". *Ayer*, 94: 11-144.
- Marx, Karl. 1973. *Grundrisse. A Contribution to the Critique of Political Economy*. New York: Penguin.
- McCullagh, C. Behan. 1978. "Colligation and Classification in History." *History and Theory* 17, n.º 3: 276-84.
- McGerr, Michael. 1991. "The Price of the 'New International History'." *AHR-Forum. American Historical Review* 96, n.º 4: 1031-72.
- Melucci, Alberto. 1989. *Nomads of the Present*. Philadelphia: Temple University Press.
- Melucci, Alberto. 1995. "The Process of Collective Identity." In *Social Movements and Culture*, edited by Hank S. Johnston, and Bert Klandermans. Minneapolis: University of Minnesota Press, 41-63.
- Mendiola, Alfonso. 2012. "Historizar la teología y los dogmas de la Iglesia: el compromiso de Michel de Certeau." *Historia y Grafía* 38: 173-207.
- Middell, Matthias. 2005. "Die konstruktivistische Wende, der *spatial turn* und das Interesse an der Globalisierung in der gegenwärtigen Geschichtswissenschaft." *Geographische Zeitschrift* 93, n.º 1: 33-44.

- Middell, Matthias, and Lluís Roura, eds. 2013. *Transnational Challenges to National History Writing*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Mink, Louis O. 1987. *Historical Understanding*, edited by Brian Fay, Eugene O. Golob, Richard T. Vann. Ithaca: Cornell University Press.
- Mintzker, Yair. 2008. "A Word Newly Introduced into Language: The Appearance and Spread of 'Social' in French Enlightened Thought, 1745-1765." *History of European Ideas* 34: 500-13.
- Mudrovic, María Inés, and Nora Rabotnikof, eds. 2013. *En busca del pasado perdido. Temporalidad, historia y memoria*. Mexico: Siglo XXI.
- Nicolazzi, Fernando, Helena Miranda Mollo, and Valdei Lopes Araújo, eds. 2011. *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: FGV.
- Paul A. Roth. 1988. "Narrative Explanations: The Case of History." *History and Theory* 27, n.º 1: 8-10.
- Phillips, Mark Salber. 2004. "Distance and Historical Representation." *History Workshop Journal* 57: 123-41.
- Phillips, Mark Salber. 2013. *On Historical Distance*. New Haven: Yale University Press.
- Phillips, Mark Salber, Barbara Caine, Julia Adeney. 2013. *Rethinking Historical Distance. Re-Enactment History*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Piguet, Marie-France. 1996. *Classe. Histoire d'un mot et genèse d'un concept des physiocrates aux historiens de la Restauration*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Pocock, J. G. A. 1963. "Review of Jack H. Hexter's book, *Reappraisals in History*." *History and Theory* 3, n.º 1: 121-22.
- Prost, Antoine. 1997. "Sociale et culturelle indissociablement." In *Pour une histoire culturelle*, edited by Jean Pierre Rioux, and Jean François Sirinelli. Paris: Seuil, 131-46.
- Revault d'Allonnes, Myriam. 2012. *La Crise sans fin. Essai sur l'expérience moderne du temps*. Paris: Seuil.
- Ricœur, Paul. 1995. *Oneself as Another*. Chicago: Chicago University Press.
- Ricoeur, Paul. 2004. *Memory, History, Forgetting*. Chicago: Chicago University Press.
- Sahlins, Marshall. 1985. *Islands of History*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Sánchez León, Pablo, and Jesús Izquierdo Martín, eds. 2008. *El fin de los historia-dores. Pensar históricamente en el siglo XXI*. Madrid: Siglo XXI.
- Saunier, Pierre-Yves. 2008. "Learning by Doing: Notes about the Making of the Palgrave Dictionary of Transnational History." *Journal of Modern European History* 6: 159-79.
- Saunier, Pierre-Yves. 2009. "Transnational." In *The Palgrave Dictionary of Transnational History*, edited by Akira Iriye, and Pierre-Yves Saunier New York: Palgrave, 1047-55.
- Schaub, Jean-Frédéric. 1996. "Le temps et l'État: vers un nouveau régime historiographique de l'ancien régime français." *Quaderni fiorentini* 25 : 127-81.
- Schaub, Jean-Frédéric. 2007. "Le sentiment national est-il une catégorie pertinente pour comprendre les adhésions et les conflits sous l'Ancien régime?" In *Le sentiment national dans l'Europe méridionale aux XVI et XVII siècles*, edited by Alain Tallon. Madrid: Casa Velázquez, 155-68.
- Schenk, Frithjof Benjamin. 2006. "Der spatial turn und die Osteuropäische Geschichte." In *Themenportal Europäische Geschichte*, online: <http://www.europa-clio-online.de/2006/Article=167>.

Schlögel, Karl. 2004. "Kartenlesen, Augenarbeit: Über die Fälligkeit des spatial turn in den Geschichts- und Kulturwissenschaften." In *Was sind Kulturwissenschaften?*, edited by Heinz Dieter Kittsteiner. Munich: 13 Antworten, 261-83.

Scott, Joan W. 1986. "Gender: A Useful Category of Historical Analysis." *The American Historical Review* 1, n.º 5: 1053-75.

Sills, David L., and Robert K. Merton, eds. 1968-1972. *International Encyclopedia of the Social Sciences*. New York: MacMillan.

Skinner, Quentin. 1988 [1969]. "Meaning and Understanding in the History of Ideas." In *Meaning and Context. Quentin Skinner and his Critics*, edited by James Tully. Princeton: Princeton University Press, 29-67.

Syrjämäki, Sami. 2011. *Sins of a Historian. Perspectives on the Problem of Anachronism*. Tampere: Tampere University Press, 2011.

Thompson, David. 1967. "Colligation and History Teaching." In *Studies in the Nature and Teaching of History*, edited by Wyndham Hedley Burston, and Denys Thompson London: Routledge & Kegan Paul, 85-106.

Torres, Max-Sebastián Hering. 2003-2004. "Limpieza de Sangre ¿Racismo en la edad moderna?" *Tiempos Modernos* 9: 1-16.

Veyne, Paul. 1978. *Comment on écrit l'histoire*. Paris: Seuil.

Wagner, Peter. 2000. "An Entirely New Object of Consciousness, of Volition, of Thought: The Coming into Being and (Almost) Passing Away of 'Society' as a Scientific Object." In *Biographies of Scientific Objects*, edited by Lorraine Daston. Chicago: University of Chicago Press, 132-57.

Wagner, Peter. 2001. *A History and Theory of the Social Sciences*. London: Sage.

Walsh, William Henry. 1951. *An Introduction to Philosophy of History*. London: Hutchinson's University Library.

Walsh, William Henry. 1974. "Colligation and Classification in History." In *The Philosophy of History*, edited by Patrick L. Gardiner. Oxford: OUP, 127-44.

Whewell, William. 1847. *The Philosophy of the Inductive Sciences*, 2nd ed. London: John W. Parker.

Wineburg, Samuel. 2001. *Historical Thinking and Other Unnatural Acts*. Philadelphia: Temple University Press.

Yun, Bartolomé. 2007. "Localism, Global History and Transnational History: A Reflection from the Historian of Early Modern Europe." *Historisk Tidskrift* 127: 659-78.

Zermeño, Guillermo. 2013a. "La ortodoxia historiográfica puesta a prueba: Michel de Certeau." *Historia y Grafía* 40: 71-102.

Referência para citação:

Fernández-Sebastián, Javier. "Categories, Classes and Identities in Time. Escaping Chronocentric Modernity." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 197-223.

Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar

António Manuel Hespanha*

O tema deste artigo é “categorias”. Podia chamar-lhes “imagens”, “representações” ou “conceitos”. Escolho a primeira palavra propositadamente. Categoria remete, na reflexão sobre o conhecimento, para a ideia de modelos de organização das percepções, da “realidade”, se quisermos. Ou seja, conota uma capacidade activa, estruturante, criadora (*poiética*) na modelação do conhecimento. E este é um sinal metodológico que queria deixar desde já, o de que pressuponho que estas entidades a que me referirei têm essa capacidade de criar conhecimento (se não – adianto já toda a provocação... – de criar “realidade”).

Nisso “categoria” leva vantagem sobre as restantes palavras, nomeadamente sobre “imagem”, ou “representação”. Tradicionalmente, “imagem” ou “representação” eram palavras que denotavam alguma passividade. A *imagem* era a cópia, ou representação, de uma *coisa*. *Representar*, em termos jurídicos, era “estar em vez de”. Já em termos teatrais – e políticos, no Antigo Regime – era um tanto mais do que isso: era antes, apresentar algo escondido, mesmo inevitavelmente escondido; com o que “representar” podia constituir a primeira visão de uma coisa, uma “apresentação”, como quando apresentamos – tornamos conhecidas pela primeira vez – pessoas. Assim, o reino, como corpo místico, via-se pela primeira vez (apresentava-se) nas Cortes¹. Com isto, já havia alguma novidade e criação. Hoje em dia,

* NOVA Direito. Este texto atualiza e completa o meu artigo “Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar,” *Análise Social* 38, n^o 168 (2003): 823-40, que aproveitei para prefácio do livro *Imbecillitas. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime* (São Paulo: Annablume, 2010).

os historiadores – mesmo aqueles que não se confessam de bom grado como construtivistas – fazem dos termos “imagens”, “imaginário” e “representação” um uso que lhes realça, além do aspecto arbitrário, o seu aspecto *poiético*. Ou seja, por um lado, sublinham que a imagem não mantém nenhum vínculo forçoso com a “realidade”, antes sendo criações autónomas dos sujeitos (colectivos, prefere-se hoje pensar). Por outro lado, realçam que, uma vez instalados, estes imaginários modelam as percepções, as avaliações, os comportamentos. Com esta revisão, o termo convém-me e, por isso o usarei por vezes, para evitar a monotonia do discurso. Em todo o caso, “categoria” tem uma vantagem suplementar – a de realçar o carácter orgânico, arrumado, destes quadros mentais: o facto de eles constituírem conjuntos tendencialmente coerentes entre si, com lógicas internas de organização e de desenvolvimento. Para além de que, apesar de tudo, me parece mais forte no termo “categoria” a evocação da sua natureza activamente organizadora.

Esta remissão para a lógica de organização existe também na palavra “conceito”. Na sua etimologia está o verbo latino *capere*, que significa agarrar, tomar; tal como, no correspondente alemão (*Begriff*), está o verbo *greifen*, com a mesma conotação activa, ao passo que ao sinónimo *Auffassung* subjaz o verbo *fassen*, agarrar, apanhar, tomar. O que me afasta da palavra é o facto de estar muito embebida por concepções racionalistas; por insinuar um esforço mental consciente e reflectido, típico dos pensadores e dos filósofos, gente de que não me vou ocupar muito, enquanto tais, ou seja, enquanto produtores conscientes e individualizados de ideias. Temo que, se optasse por falar de “conceitos”, se confundisse o meu trabalho com uma empresa de “história das ideias”, concebida como história de ilustres pensadores e dos seus intencionais pensamentos. E não é disso que vou tratar. Qualquer grande pensador que aqui apareça aparece sem galões, reduzido a um soldado

1 Hasso Hofmann, *Repräsentation — Studien zur Wort— und Begriffsgeschichte von der Antike bis ins 19. Jahrhundert*. Habilitationsschrift. Schriften zur Verfassungsgeschichte, vol. 22. Berlin: Duncker & Humblot, 1974; Paolo Cappellini, “Rapresentanza in Generale – Diritto Intermedio,” in *Enciclopedia del Diritto* (Milano: Giuffrè, vol. XXXVIII, 1987).

raso (eventualmente mais eloquente) de um grande exército anónimo. É certo que a ideia de uma “história dos conceitos”² foi relançada por Reinhart Koselleck com intenções muito semelhantes às que exprimi³. Em todo o caso, o peso da palavra “conceito” ainda é, nos discursos usuais, demasiado para que se utilize sem a preocupação de se ser mal-entendido, aproximando-nos à força de uma história individualista, subjectivista, intencionalista das construções intelectuais.

O projecto de uma história das categorias tem de combater em duas frentes.

Por um lado, tem de combater, na frente da “história social”, aqueles que acham – decerto vacinados pela história tradicional das ideias – que, como a história se faz de actos humanos e não de palavras, é lá, nesse plano dos actos e comportamentos, que a historiografia tem de assentar arraiais. Claro que esses homens que agem também pensam e também falam. Mas esse pensar e esse falar limitar-se-iam a pensar em *coisas* e a falar de *coisas*. Por outras palavras, os homens construiriam o pensamento a partir da “realidade”, avaliariam a realidade em

2 Hans Erich Bödeker, ed., *Begriffsgeschichte – Diskursgeschichte – Metapherngeschichte*, com contributos de Reinhart Koselleck, Ulrich Ricken, Hans Erich Bödeker, Jacques Guilhaumou, Mark Bevir, Rüdiger Zill e Lutz Danneberg (Göttingen: Wallstein Verlag, 2001) (publ. do Max-Planck Institut für Geschichte). Já o *Archiv für Begriffsgeschichte*, ed. por Gunter Scholtz, em colaboração com Hans-Georg Gadamer e Karlfried Gründer (desde 1955), tinha a intenção de constituir um ponto de partida para um dicionário dos conceitos filosóficos. A obra de referência sobre a história dos conceitos de Koselleck é o seu texto “Sozialgeschichte und Begriffsgeschichte,” in *Sozialgeschichte in Deutschland: Entwicklungen und Perspektiven im internationalen Zusammenhang, 1: Die Sozialgeschichte innerhalb der Geschichtswissenschaft* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986), 89–109 (inicialmente [1987] publicado como introdução metodológica a Werner Conze e Otto Brunne, *Geschichtliche Grundbegriffe, Historisches Lexikon zur politischen-sozialen Sprache in Deutschland, 1972-1997*). Mais tarde, têm-se reunido os textos metodológicos de Koselleck: Reinhart Koselleck, *Le Futur passé. Contribution à la sémantique des temps historiques* (Paris: EHESS, 1990); *The Practice of Conceptual History: Timing History, Spacing Concepts*, trad. Todd Samuel Presner et al. (Stanford, CA: Stanford University Press, 2002); *Begriffsgeschichten: Studien zur Semantik und Pragmatik der politischen und sozialen Sprache* (Frankfurt: Suhrkamp, 2006). Para uma exploração desta corrente, são importantes: “Begriffsgeschichte and social history,” *Economy and Society* 11(1982); e, para uma importante contra-distinção de orientações vizinhas, Niels Akerstrom Andersen, *Understanding Foucault, Koselleck, Laclau, Luhmann* (Bristol: Polity Press, 2003).

3 V. nota anterior. Fora da Alemanha, uma proposta semelhante tem sido avançada por J. G. A. Pocock, Quentin Skinner e James Tully, ed., *Meaning and Context: Quentin Skinner and his critics* (Princeton: Princeton University Press, 1989). Sobre esta riquíssima discussão v. Giuseppe Duso, *La logica del potere. Storia concettuale come filosofia politica* (Laterza: Biblioteca di cultura moderna, 1999); M. Barberis, “Introduzione,” in *Libertà* (Bologna: Il Mulino, 2002).

função de “interesses” e, em função da realidade e da sua avaliação, assumiriam “comportamentos”, uns dos quais eram discursos, com os quais traduziriam em “palavras” o modo como viam e avaliavam a realidade e a forma como reagiriam; e que, de novo, seriam apreendidos por outros como “realidades”, avaliados segundo outros “interesses” e respondidos com outros “comportamentos”. “Interesses”, “realidades”, “comportamentos” seriam, em termos sociais, *coisas*. O resto, incluindo as “palavras”, seriam, nos mesmos termos, *não coisas*. Como a história social se devia ocupar de coisas, as ideias e as palavras não faziam parte dela, por justamente lhes faltar “espessura social”.

Hoje já poucos põem as coisas assim. Quase todos percebem que há mediações, refrações, criação: (i) na passagem da “realidade” à sua “representação” intelectual; (ii) na identificação dos nossos interesses; (iii) na avaliação da realidade em face deles; (iv) na formulação de programas de acção-resposta (reacção).

Mas algumas manhas persistem. Por exemplo, a de, quando se fala na autonomia e criatividade dos discursos e das suas figuras, se responder com o facto de que estes não falam por si, mas que são *apropriados* socialmente. E que, sendo-o, perdem uma lógica própria e se dobram à lógica dos “interesses” dos grupos apropriadores. E, com isto, voltamos à vaca fria. Pois os tais “interesses” voltaram a ser *coisas* perante as quais as palavras recebidas (“apropriadas”, tornadas “coisa própria” pelas imperiais coisas) voltaram a perder qualquer autonomia. Que existe uma sobre-determinação de sentido local sobre o sentido geral, que falamos, ouvimos, sentimos, avaliamos “em situação” e que isso redefine os sentidos gerais, isso parece evidente. Mas que essa redefinição decorra de “interesses em bruto”, no “estado de natureza”, não mediados por representações “internas” particulares, isso já é uma coisa totalmente diferente.

Outra via de recuperar a soberania das *coisas* é a de, falando-se em discursos, se responder com as *práticas*. As práticas serão, naturalmente, *coisas*. Puras e duras. Gestos, gestos cruzados, contra-gestos, contagens, frequências, viagens, tiros, cópulas, cultivos. Coisas meramente exteriores, sem qualquer interioridade. Uma vénia já é duvidoso

que seja uma “coisa”; uma palavra, quase nunca; uma ideia, isso jamais. Se houver uma qualquer dimensão interior na prática, ela já deixa de ser prática e passa a representação. E estas nunca fecundariam as práticas. Trata-se, na verdade, apenas de uma maneira de simular alguma abertura às representações, por quem, na verdade, crê que elas cantam ociosamente, enquanto as práticas, afanosamente, constroem a história. Bondosamente, sugere-se agora que a formiga às vezes pára um bocadinho para ouvir a cigarra. Mas segue, imperturbada, a sua lida.

Num texto de síntese⁴, Koselleck identifica algumas situações peculiares de autonomia dos discursos.

A primeira delas parece banal; mas contém mais de razão que aquilo que aparenta. Trata-se do uso de conceitos técnicos ou enfaticamente carregados de sentido. Uns e outros têm uma evidente espessura, que os faz dizer para além daquilo que os locutores querem. No primeiro caso – de que os exemplos típicos são as linguagens formalizadas, como, por exemplo, as linguagens de programação dos dias de hoje –, estamos perante aquilo a que Umberto Eco chamou os “limites da interpretação”⁵: o conceito, na sua fixidez técnica ou formalista, resiste à “apropriação”. E, por isso, a “história social” não tem grande volta a dar-lhe. Dir-se-á que, na longa duração, isto raramente ou nunca acontece, pois não há formalismo que resista ao tempo. É verdade, mas, no curto e médio termo, é claro que há discursos e categorias não disponíveis.

Existe, no entanto, uma segunda espécie de indisponibilidade: a dos conceitos tão carregados de sentido, que este sentido (positivo ou negativo) sobre-investe o sentido dos utilizadores. As categorias dizem mais do que se quer, têm sentidos preter-intencionais. É por isso que nem um honesto ateu está à vontade com a palavra Deus; ou que um rebento das boas velhas famílias portuguesas nunca usa, deliberadamente, a rabiosa palavra “vermelho”, mas apenas “encarnado”. Num

4 Cf. Reinhart Koselleck, *Le Futur passé...*

5 Umberto Eco, *I limiti dell'interpretazione* (Milano: La Nave di Teseo: 1990; trad. ingl., *The limits of interpretation* (Bloomington, Ind.: Indiana University Press, 1990).

plano menos fútil, Koselleck descreve o impacto objectivo de palavras polémicas na história política europeia, como “revolução”, “feudal”, “cidadão”. Mesmo ciciada, melosamente insinuada, “revolução” é sempre Revolução⁶. Daí que estas palavras fecundas não sejam domesticamente apropriáveis, senão limitadamente, pelos grupos sociais. Realmente, elas estão antes deles; fazem eventualmente os grupos sociais⁷.

Mas estas situações não esgotam o fenómeno da autonomia dos discursos e a necessidade de os tomar como objetos autónomos de história.

E com isto entramos num segundo aspecto da autonomia da história dos discursos. Os discursos como palcos de lutas sociais. As categorias como praças-fortes que se conquistam ou se perdem na luta social.

Realmente, muitos nomes não são apenas nomes. “Intelectual”, “burguês”, “proletário”, “homem”, “demente”, “rústico” são, além de sons e letras, estatutos sociais pelos quais se luta, para entrar neles ou para sair deles. Numa sociedade de classificações ratificadas pelo direito, como a sociedade do Antigo Regime, estes estatutos eram coisas muito expressamente tangíveis, comportando direitos e deveres específicos, taxativamente identificados pelo direito. Daí que ter um ou outro destes nomes era dispor de um ou outro estatuto. Daí que, por outro lado, classificar alguém era marcar a sua posição jurídica e política. A mobilidade de estatuto que então existia não era tanto uma mobilidade *social*, nos termos em que hoje a entendemos (enriquecer, estudar, melhorar o círculo das suas relações, mudar de bairro); era antes e sobretudo uma mobilidade onomástica ou *taxinómica* – conseguir mudar de nome, conseguir mudar de designação, de categoria (discursiva), de estado (nobre, fidalgo, jurista, peão, lavrador). Claro que a mudança de vida podia ter importância; mas quem decidia dessa importância era a própria

6 *ibid.*, 103.

7 Simona Cerruti, «La construction des catégories sociales,» in *Passés recomposés. Champs et chantiers de l'histoire*, ed. Jean Boutier, Dominique Julia (Paris: Autrement, 1995) 224-34.

entidade conceptual que designava o estado pretendido. Ou seja, era o conceito de nobreza (a definição da categoria de nobreza) que decidia que mudanças de vida eram necessárias para se ser admitido.

Pierre Bourdieu generalizou esta perspectiva a todos os mecanismos de distinção social, construindo uma teoria geral sobre o modo de organizar estratégias de luta por símbolos, por marcas de distinção⁸. E também explicou que, já quando se fala, se estão a fazer coisas muito mais complicadas do que designar objectos existentes aí, em estado bruto, fora do discurso. Na verdade, não apenas se estão a construir, de novo, objectos; como se está a construir poder, por vezes um poder imenso, com essas coisinhas aparentemente voláteis e frágeis que são as palavras, mas que, na realidade, podem fazer coisas⁹.

Por isso é que podemos encarar a categorização social como uma forma de institucionalização de laços políticos; e as tentativas de re-categorização como uma espécie de revolução.

Simona Cerruti estudou este impacto político das categorias na sociedade torinense dos fins do Antigo Regime e o modo como a reforma social e política passava sobretudo pelo refazer do âmbito e hierarquia dessas categorias. Em Portugal, Nuno Monteiro e Fernanda Olival, entre outros, têm, por sua vez, estudado as lutas pelo poder de classificar; os seus trabalhos¹⁰ mostram a persistência da política da coroa para se arrogar o direito de classificar pessoas como nobres (nobilitar) ou como cavaleiros das ordens militares, enquanto a nobreza mais antiga e os juristas – cada grupo pelas suas razões – se manifestavam frequentemente no sentido de que essa classificação era feita pela “natureza”, pelo valor, pelos usos e fama estabelecidos, níveis de leitura em que eles eram os peritos com o poder de classificar¹¹.

8 Pierre Bourdieu, *La distinction* (Paris : Éditions de Minuit, 1979).

9 Pierre. Bourdieu, *Ce que parler veut dire: économie des échanges linguistiques* (Paris : Fayard, 1982).

10 Nomeadamente, Nuno G. Monteiro, *O crepúsculo dos Grandes* (Lisboa: ICS, 2000); Fernanda Olival, *As ordens militares e o Estado moderno. Honra, mercê e venalidade em Portugal (1641-1789)* (Lisboa: Estar, 2002).

11 Cf. A. M. Hespanha, “A nobreza nos tratados jurídicos dos sécs. XVI a XVIII.» *Penélope* 12(1993): 27-42.

Num estudo de há uns anos mostrei como o uso pelos juristas medievais de categorias de classificação dos oficiais públicos providas do Império bizantino e já sem qualquer correspondência com a realidade político-administrativa tinha efeitos políticos concretos, inculcando a ideia de centralização política e de hierarquia dos funcionários entre si¹². Neste caso, o conjunto das categorias nem sequer é aplicado a pessoas. Apenas funciona como um modelo de organização política com o qual a situação administrativa instalada é continuamente confrontada, sendo por este avaliada e paulatinamente conformada.

O próprio facto de estas categorias serem objecto de um confronto social – i.e., de os seus contornos e conteúdos serem objecto de desquite – fá-las, evidentemente, mover, mas apenas nos termos de uma gramática que é a delas. Ou seja, é o próprio sistema de categorias que selecciona as regras da luta. Nem todos os argumentos serviam, nem todas as autoridades eram sempre invocáveis, nem todos os limites eram sempre ultrapassáveis¹³.

Mas não é apenas no plano da categorização que os conceitos têm um impacto nas lutas sociais. Todo o conflito é, de algum modo, *raisonné*. Ou seja, debate-se mais do que se combate. Esgrimem-se argumentos, tentando desvalorizar os argumentos do adversário e reforçar o consenso social sobre os nossos. Argumentos, há-os para todos os gostos e para todas as causas. As Escrituras Sagradas e a tradição textual do direito (nomeadamente, o *Corpus iuris civilis*) foram fontes inesgotáveis e muito variadas de tópicos políticos. Mas também os argumentos são relativamente indisponíveis. Quando a argumentação e a retórica constituíam a base dos estudos propedêuticos da universidade, to-

12 A. M. Hespanha, «Représentation dogmatique et projets de pouvoir. Les outils conceptuels des juristes du *ius commune* dans le domaine de l'administration,» in *Wissenschaft und Recht der Verwaltung seit dem Ancien Régime*, ed. E.-V. Heyen (Frankfurt/Main: Vitt. Klostermann, 1984) 1-28.

13 Cf. Koselleck, *Le Futur passé*, 103.

das as pessoas cultas, que participavam nos grandes debates, estavam conscientes das regras de uso de cada argumento. Para isso existiam os tratados *De argumentibus et locis communibus* (Dos argumentos e lugares-comuns). Hoje, não dispomos deste ensino formal. Mas cada argumento, para além de ter as suas regras próprias, chama por outros ou repele outros. Realmente, o campo dos argumentos está organizado por regras de implicação, de simpatia, de antipatia ou de exclusão. De tal modo que o uso de um tópico conveniente pode implicar a aceitação de outros muito inconvenientes. Por exemplo, e como veremos mais tarde, era conveniente, para a justificação da escravatura, aceitar o tópico aristotélico de que havia homens que, por natureza, estavam destinados a servir. Mas a aceitação deste tópico implicava reconhecer algo que podia ser social e politicamente incómodo, embora numa outra região do discurso: ou seja, que o género humano não era uno e que, portanto, a Salvação não podia ser universal¹⁴.

Ou seja, nem tudo se pode invocar. E, mais do que isso, invocar certas razões pode ter consequências indesejadas e indesejáveis. De onde, as intenções políticas de quem fala – as “razões dos políticos”, colhidas na história política conjuntural – podem não ser a única instância decisiva do que é dito. A lógica interna do próprio discurso em que essas intenções se exprimem fornece, seguramente, uma outra leitura. Também os argumentos de quem fala existem previamente nas memórias tópicas – no senso comum – de uma cultura local (por exemplo, a cultura política, ou a cultura parlamentar); têm regras de uso, competências demonstrativas limitadas e organizam-se entre si segundo relações objectivas.

14 Sobre este tema da cogência das regras de argumentação, o melhor é, ainda, Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, *Traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique* (Paris: PUF, 1958); Luigi Lombardi [Vallauri], *Saggio sul diritto giurisprudenziale* (Milano: Giuffrè, 1975).

É este facto da relativa indisponibilidade do discurso pelos falantes¹⁵ que autoriza uma história autónoma das categorias e dos discursos. Koselleck exprime esta ideia com nitidez:

Cada conceito abre certos horizontes, tal como fecha outros, define experiências possíveis e teorias pensáveis ... A linguagem conceptual é um médio dotado da sua própria coesão que permite exprimir tanto a capacidade de experiência (*Erfahrungsfähigkeit*) como a dimensão teórica (*Theoriehaltigkeit*)¹⁶

Koselleck vai bem fundo na justificação do carácter criativo do discurso. Na verdade, ele sublinha o modo como o discurso conforma a própria vida: ao pré-determinar a sua apreensão (experiência). Poder-se-ia acrescentar: ao avaliar essa experiência, ao identificar os interesses, ao escolher os comportamentos. Em suma, antes dos momentos pragmáticos, existem sempre momentos “dogmáticos”.

Daí que, muito coerentemente, Koselleck inclua a história das categorias no âmbito da história estrutural. As categorias constituem, de facto, modelos muito permanentes de atribuir sentido aos comportamentos individuais e individualizados (“cada um dos significados ligados a uma palavra ultrapassa a unicidade própria dos acontecimentos históricos”¹⁷). Tal como as estruturas (virtuais) da língua (*langue*) atribuem sentido à língua falada (*langage*) e aos actos de fala (*linguistic utterances*). É neste sentido que as categorias conceituais escapam a uma história cronológica dos seus sucessivos usos, reclamando antes

15 Pode ir-se mais longe neste “descentramento do sujeito locutor”. Do discurso pode passar-se à materialidade do suporte da comunicação: a oralidade, a escrita; ou, mesmo, a materialidade do layout tipográfico, como tem sido sugerido pela *material bibliography* e pelos estudos de história do livro.

16 Koselleck, *Le Futur passé*, 110.

17 *ibid.*, 115

uma história da gramática abstracta que dá sentido aos seus usos verificados e a verificar. A história de um conceito não é, por isso, uma mera cronologia (uma narrativa empirista de usos), comportando, também, aspectos sistémicos¹⁸.

De onde vem à categoria esta autonomia frente à história? Se não vem das intenções dos locutores ou dos interesses dos grupos, de onde surge este seu poder de organizar as vidas?

Há mais de trinta anos, Michel Foucault escreveu um livro muito importante sobre as categorias da cultura clássica europeia¹⁹, descrevendo aquilo que, a um nível muito profundo, o das suas categorias mais fundamentais, separara essa cultura, quer da anterior, quer da de hoje. Para descrever essas grandes formas culturais, essas molduras mais gerais do conhecimento, Foucault cunhou um conceito, o de *episteme*. Num momento em que as explicações sociologistas da história cultural tinham um impacto muito forte na cultura universitária francesa, Foucault foi severamente criticado pelo facto de não providenciar uma explicação sociológica para a génese destes modelos intelectuais.

Dois anos depois, um novo livro aparece expressa e exclusivamente dedicado a explicitar a sua metodologia subjacente. O seu título – *L'Archéologie du savoir*²⁰ – remete já para a ideia de que o saber tem uma “origem”. Só que Foucault recusa enfaticamente uma concepção “humanista” desta origem, quer ela estivesse num sujeito individual (psicologismo, racionalismo clássico), quer num sujeito colectivo (sociologismo, nomeadamente o materialismo histórico da vulgata estabele-

18 “Uma vez “forjado”, um conceito contém, pelo único facto de constituir ‘língua’, a possibilidade de ser empregue de forma generalizante, de constituir um elemento de tipologia ou de abrir perspectivas de comparação... Os conceitos não nos informam somente do carácter único dos significados passados, mas contém possibilidades estruturais, apresentam estruturas contemporâneas em conjunto com outras que o não são, de uma forma que não é possível reduzir ao simples desenrolar dos acontecimentos na história” (*ibid.*, 115).

19 *Les mots et les choses*, (Paris: Gallimard, 1966).

20 *L'Archéologie du savoir* (Paris: Gallimard, 1969).

cida)²¹. Essa origem encontra-a Foucault em dispositivos materiais da produção cultural – desde as tradições textuais aos circuitos de comunicação, desde as bibliotecas aos “campos de objectos” disponíveis para serem falados, desde as linguagens técnicas aos arquivos da memória cultural invocados, desde as formas de divisão social e de institucionalização do trabalho intelectual às suas relações com as estruturas sociais mais globais. É nesses *dispositivos* e nas práticas discursivas que eles suscitam que as *formações discursivas*, ou seja, as particulares configurações dos discursos num determinado período, têm a sua origem.

Glosado e adaptado de muitas formas, por vezes desenvolvido e estendido no seu âmbito de aplicação, este texto continua, a meu ver, a ter uma enorme operacionalidade na resposta à questão acima formulada. Os discursos não vêm do nada, nem vêm de um Todo que seja a Razão universal. Mas também não são, tão-pouco, a expressão, dócil e disponível, de intenções dos sujeitos. Vêm da realidade objectiva das práticas de discurso, em que, seguramente, há sujeitos que falam e que escutam; mas em que uns e outros falam e escutam em lugares e com meios sobre os quais não dispõem de um poder de conformação. Estas práticas fazem parte da história, mas de uma história em que, no centro, não está o Sujeito, com o seu poder de atribuição de sentido. Mas antes dispositivos objectivos que, objectivamente, constituem os sentidos possíveis. Dispositivos, uns intelectuais, outros materiais, outros sociais. Entre os primeiros estão as nossas categorias.

Sem querer dar ao tema um desenvolvimento que, aqui, seria desproporcionado, remeto, com estas linhas, para esta obra canónica, que estabelece a base teórica e metodológica de que aqui parto e que explicitarei melhor – com especial aplicação aos discursos dos juristas – em outros lugares²².

21 Que não inclui toda a sociologia cultural marxista, nomeadamente a gramsciana e pós-gramsciana.

22 Cf. A. M. Hespanha, “Una historia de textos,” in *Sexo barroco y otras transgresiones premodernas*, F. Tomás y Valiente *et al.* (Madrid: Alianza, 1990), 187-96; “Tradizione letteraria del diritto e ambiente sociale,” in *Giustizia, potere e corpo sociale nella prima età moderna. Argomenti nella letteratura giuridico-politica*, Angela de Benedictis e Ivo Mattozi, ed. (Bologna: CLUEB, 1994), 23-36; v. também *A história do direito na história social* (Lisboa: Livros Horizonte, 1978).

Na obra de M. Foucault, esta ideia de “descentramento do sujeito”, de substituição do sujeito como instituidor do sentido dos discursos por estruturas objectivas de produção discursiva não abria explicitamente para aquilo que se veio a chamar “bibliografia material”. Ou seja, para a ideia de que na génese dos sentidos do discurso podem estar elementos puramente materiais dos suportes da comunicação. Embora esta ideia – que seguramente agradaria a Foucault – já tivesse sido suficientemente explicitada por Walter Ong, no final dos anos 1950, a propósito da história da lógica ocidental²³. Para ele, a evolução de um pensamento argumentativo, dominante até ao séc. XVI, para um pensamento sistemático, cujo emblema vem a ser a nova lógica de Pierre de la Ramée (Petrus Ramus), relaciona-se estreitamente com a difusão massiva da imprensa e com uma nova organização da página escrita²⁴. Alguns anos depois, Marshall McLuhan voltou ao tema da influência da estrutura material dos *media* na criação de sentido, alargando o âmbito da discussão aos novos “textos” da galáxia audio-visual (por oposição à galáxia do impresso²⁵). Do lado da antropologia, o tema é completado por Jack Goody, numa obra clássica sobre o modo como a oralidade e a escrita condicionam o pensamento, mesmo nas suas operações mais básicas (listar, analisar, sistematizar, contextualizar)²⁶. Até

23 Walter Ong, *Ramus, Method and the Decay of Dialogue: From the Art of Discourse to the Art of Reason* (Cambridge: Harvard University Press, 1958).

24 A “folha corrida” substituindo o fólio glosado, em que o texto canónico aparece rodeado dos comentários (individualizados) de sucessivos autores. A segunda, materializando graficamente a situação discursiva de diálogo, de posições dissonantes e não integradas, era menos compatível com a arte tipográfica do que a primeira. Mas esta promovia a redução da pluralidade de opiniões a uma exposição sistemática. Cf., do mesmo autor, *The Presence of the Word: Some Prolegomena for Cultural and Religious History* (New Haven: Yale University Press, 1967); *Rhetoric, Romance and Culture* (Ithaca: Cornell University Press, 1971); *Orality and Literacy: The Technologizing of the Word* (Ithaca: Cornell University Press, 1982).

25 Marshall McLuhan, *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man* (Toronto: University of Toronto Press, 1962); *Understanding Media: The Extensions of Man* (New York: McGraw-Hill, 1964). Bem como a reflexão da escola canadiana de teoria da informação (McLuhan, Havelock, Ong, Immis). V. Tabbi, “The Medial Turn,” in *Pynchon Notes* 42-43 (1998): 317-27.

26 Jack Goody, *The domestication of the savage mind* (Cambridge: Cambridge University Press, 1977) [cujo título, na versão francesa, é muito feliz: *La raison graphique*]; Jack Goody, ed., *Literacy in Traditional Societies* (Cambridge: Cambridge University Press, 1968).

que surge também num seu lugar natural – a história do livro –, com a redefinição do próprio conceito de “bibliografia”, levada a cabo por Donald F. McKenzie. De modo a incorporar no estudo dos textos todos os elementos que contribuem para lhes dar sentido, começando pela sua apresentação gráfica, da responsabilidade dos editores e, antes deles, da própria organização da produção material do livro²⁷²⁸.

Perspectivas deste tipo têm dois tipos de consequências. Por um lado, afastam a ideia de sujeito e de intencionalidade do sentido ainda mais do centro da interpretação e da constituição das categorias. Por outro, convidam a um estudo das origens do sentido – a uma “arqueologia dos saberes” – muito atento aos detalhes mais materiais da comunicação: no caso dos impressos, a estrutura do trabalho editorial e as suas consequências no livro²⁹, a organização da página³⁰, os tipos³¹, o uso das maiúsculas³², a divisão do texto impresso³³, a “ilustração” do texto, o número de páginas³⁴, o formato do livro, a organização das bibliotecas e as suas políticas de aquisições³⁵, a própria forma escrita e os

27 Fundamentais: D. F. McKenzie, *Bibliography and the sociology of texts* (London: British Library, 1986); bem como os seus ensaios recolhidos em *Making meaning. “Printers of the mind” and other essays*, Peter D. McDonald e Michael F. Suarez, S. J., ed. (Amherst-Boston: University of Massachusetts Press, 2002). Sobre o novo conceito de bibliografia (material ou analítica), cf. a primeira obra, p. 9 ss.

28 Note-se que D. F. McKenzie se refere a um conceito muito alargado de texto, que engloba a escrita, a imagem parada ou em movimento, o som, etc.

29 “Printers of the Mind: Some Notes on Bibliographical Theories and Printing-House Practices”, in *Making meaning*, 13-85.

30 Tentei isso, com uma imaginação algo arriscada, em António Manuel Hespanha, “Form and content in early modern lawyers’ books. Bridging material bibliography with history of legal thought,” in *Portuguese Studies Review* 6. n.º 1 (2007); in *Rechtsgeschichte* 12 (March, 2008), 12-50 (com modificações formais); versão italiana: “Cultura giuridica; libri dei giuristi e tecniche tipografiche,” in *Le radici storiche dell’Europa. L’età moderna*, Maria Antonietta Visceglia, ed. (Roma: Viella, 2007), 39-68.

31 “‘Indenting the Stick’ in the First Quarto of King Lear (1608)”, *ibid.*, 86-90; ou “Stretching a Point: Or, the Case of the Spaced-out Comps”, *ibid.*, 91-109.

32 Cf. um texto meu, já antigo, “Forma e valores nos Estatutos Pombalinos,” *Vértice* 347 (1972): 927-41.

33 McKenzie refere um dito de Th. Hobbes sobre o impacto que a atomização da Bíblia em versículos teria tido na sua apropriação por várias seitas cristãs (*Bibliography*, 56).

34 O exemplo aduzido por McKenzie é tirado de James Joyce, adaptando o número de páginas à sugestão subliminar da importância do número 13.

35 “Our Textual Definition of the Future: The New English Imperialism?,” in *Making meaning*, 276 ss.

significados que ela pode revestir para os seus utilizadores³⁶. A obra de McKenzie, um erudito estudioso da edição (além de, no começo da sua vida profissional, ele mesmo um tipógrafo), está repleta de exemplos de todo o peso que estes elementos materiais têm na produção de sentido. E, passados anos, esta ideia do condicionamento do conteúdo pela forma impactou fortemente sobre, por exemplo, a história do direito, a ponto de levar a uma historiografia jurídica orientada para o estudo dos meios de comunicação do direito³⁷.

Mas – abordando agora a questão de outro ponto de vista – fará sentido a teoria da acção implícita nesta estratégia de explicação histórica? Na qual modelos ou horizontes mentais tendem a pre-formar tanto o diagnóstico das situações como as estratégias de comportamento? Em que o *macro* é a condição da interpretação do *micro*?³⁸

Sirva-me de contra-exemplo, para clarificar o meu ponto, uma obra recente sobre história da cultura, inserida em prestigiadas corren-

36 Notável, a sua análise do Tratado de Waitangi, celebrado, em 1840, entre a coroa britânica e 46 chefes maori: “The sociology of a text: oral culture, literacy, and print in early New Zealand,” in *Bibliography*, 77-130. Sobre as transições de suporte comunicativo, mas na Europa do séc. XVII, v. “Speech—Manuscript—Print,” in *Making meaning*, 237-58.

37 Thomas Vesting, *Die Medien des Rechts*, Weilerwirst, Vekbrück (*Sprache*, 2011; *Schrift*, 2011; *Buchdruck*, 2013, *Computernetzwerke*, 2015). Recensões e descrição do projeto: <http://archiv.ub.uni-marburg.de/ep/0002/article/viewFile/2998/2898>; K.-H. Ladeur, “Warum nach den Medien des Rechts fragen? – Überlegungen angesichts des Erscheinens von Thomas Vestings ‘Die Medien des Rechts’, ‘Sprache’ und ‘Schrift’, *Ancilla iuris* (anci.ch), 2012, p. 105 (<http://www.anci.ch/beitrag/neu>. Um exemplo da tematização a que isto dá lugar em *Zeitschrift für Medien-und Kulturforschung*, 2.2011, Schwerpunkt “Medien des Rechts”; https://books.google.pt/books?id=VUAMAAAQBAJ&pg=PA160&lpg=PA160&dq=Die+Medien+des+Rechts,&source=bl&ots=1_LUW62Lgr&sig=5L0iBN7QTwi8IFke8goJwc-3TWCg&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiU69Oxq5HNAhUJmBoKHYYF8CEMQ6AEIb-zAK#v=onepage&q=Die%20Medien%20des%20Rechts%2C&f=false). Aplicação, António Manuel Hespanha, ‘III. The Law in the High and the Late Middle Ages: The Learned Ius commune and the Vernacular Laws. 18. Southern Europe (Italy, Iberian Peninsula, France),’ in Heikki Pihlajamäki, Markus Dubbere Mark Godfrey, coord., *Oxford Handbook of European Legal History*, em publicação.

38 Cf., sobre a oposição entre “macro-história” e “micro-história”, por último, Jürgen Schlumbohm, ed., *Mikrogeschichte – Makrogeschichte: komplementär oder inkommensurabel ?*, com contributos de Maurizio Gribaudi, Giovanni Levi, Jürgen Schlumbohm e Charles Tilly (Göttingen: Wallstein Verlag 1998, 2ª ed. 2000) [publ.Max-Planck-Institut für Geschichte].

tes actuais de escrita com uma grande nitidez de contornos teóricos³⁹. E o que lá encontrei, na proposta inicial e na concretização, é, ponto por ponto, um ataque em forma a esta maneira de ver as coisas.

Aí, todo o sentido reside no contexto. É a situação, o *caso*, que, na suas características irrepitíveis e irredutivelmente complexas, constrói os sujeitos da acção (ou seja, os põe em acção). Ou melhor, *os* põe em *acções*, já que a complexidade das situações e dos sentidos que os contextos envolvem é múltipla e inesgotável. Uma visão destas tem várias consequências historiográficas, diametralmente oposta às que adopto, mas que o autor explicita com toda a legitimidade teórica.

A primeira é a que todas as evocações de quadros gerais de referência – ou horizontes de expectativa, ou quadros de avaliação, ou padrões de valoração – são deliberadamente suspensos (ou mesmo definitivamente excluídos). Cultura de elites, cultura popular, sistemas de crenças, modelos de religiosidade, de disciplina, de poder e de resistência, regularidades disciplinares, quadros institucionais e, evidentemente, sistemas jurídicos, tudo isto são formas de iludir o verdadeiro sentido dos actos humanos, justamente porque são modelos gerais pelos quais a acção concreta nunca se deixa moldar.

A segunda é pôr a tónica na recepção, mais do que na produção, tema um tanto trivial nos dias de hoje; mas que aqui aparece com uma coloração um pouco diferente das formulações clássicas, tanto ao substituir a noção de “horizonte pessoal de leitura” pela de “contexto prático de utilização”, como ao propor uma capacidade poiética ilimitada e arbitrária por parte dos leitores em situação.

A terceira é a que a única escala de observação é, portanto, a pequena escala, aquela que reconstrói aquela situação que, por sua vez, constrói os actores, os lances (*enjeux*) e as estratégias. É claro que, se por “atender às situações” apenas se quer significar contextualizar ade-

39 Refiro-me a Diogo Ramada Curto, *A cultura política em Portugal (1578-1642). Comportamentos, ritos e negócios*, diss. Doutoramento na FCSH, UNL, 1994 (hoje publicado com o título, *Cultura Política no Tempo dos Filipes (1580-1640)* (Lisboa: Edições 70, 2011).

quadamente as “aplicações” de modelos gerais e verificar a ambivalência das suas apropriações, o método não passa de um truísmo.

A quarta é a que a interpretação das situações nunca fornece chaves que ultrapassem essa situação, uma vez que os contextos são irrepetíveis. Quando muito, facilita “alusões” (que bem se podem transformar em “ilusões”...). A reconstrução de um “objecto geral” – como “cultura política” – surge assim como um problema metodológico central.

A quinta é que, vista esta irrepitibilidade dos contextos e a inextensibilidade dos modelos interpretativos, a narrativa histórica é inverificável. Por muito que se sobrecarreguem os textos de citações eruditas e de papelada de arquivo, ou por muito enfáticas, fortes ou mesmo terrorizantes que sejam as afirmações dos autores, as conclusões a que se chega são apenas problemáticas e provisórias alusões a sentidos inatingíveis, locais e efémeros.

Seja como for. As questões postas ao modelo que proponho (que é também o que tenho cultivado, mas nem sempre aquele que tenho sugerido...) não deixam de ser pertinentes.

A meu ver, sobretudo, em dois pontos:

- quando se reclama uma melhor dilucidação da tensão entre categorias culturais dominantes (simplificando um pouco, de senso comum) e categorias alternativas, bem como uma atenta ponderação dos seus equilíbrios;

- quando se insiste na necessidade de uma melhor explicitação da matriz de transacções que, num contexto determinado, se realizam entre o modelo do senso comum e os impulsos induzidos pela situação concreta.

A minha convicção pessoal é que existem matrizes gerais de percepção, avaliação e reacção que são históricas e integram o senso comum. Que estas, tendo espaços de incerteza e limites de variação, são tendencialmente coerentes. Que é disso que se fala quando se fala de categorias de senso comum. E que este senso comum – mais do que as

situações que nos enredam – pesa duramente sobre as nossas vidas. Neste sentido, creio que a história da cultura comum, como a que tento fazer e como a que outros têm feito, tem um sentido explicativo muito grande, sobretudo se se quiserem entender os processos sociais seriais e massivos.

Não me comove muito o descentramento do sujeito que com isto se opera; por um lado, porque não creio que do seu descentramento venha algum mal à história; mas, mesmo que viesse, o sujeito não é menos descentrado se o escravizarmos à lógica das situações concretas.

O ponto teórico crítico, aqui, é outro. É o da capacidade trans-histórica de aceder a esses universos categoriais dadores de sentido. Porém, tenho de dizer que não conheço nenhum fundamento metodológico que garanta que, se descermos do macro para o micro, das categorias para as práticas, das estruturas para os indivíduos, esses problemas de inacessibilidade desapareçam.

Esta última observação permite-nos um curso excuro sobre uma das novas modas da história – a biografia.

Nos últimos tempos, a biografia ficou de moda. Os méritos da novidade vão para um grupo de companheiros de ofício, de inspiração relativamente consistente, com referências culturais também bastante partilhadas e todos eles comungando, se não me engano, de um certo desfastio pela história chamada estrutural. Em comum têm também a escrita sedutora e um bom conhecimento, pelo menos ao nível que lhes interessa, do período sobre o qual trabalham⁴⁰.

Na teorização desta história biografia, a que também chamam “política”, ressaltam sobretudo duas ideias-chave.

40 Em Portugal, a teorizadora desta nova história política, entendida como história biográfica, tem sido Fátima Bonifácio. Os “operacionais” são vários, colaborando muitos deles num dos últimos números da *Análise Social* dedicada ao tema.

Uma delas é a recusa de esquemas interpretativos “fortes”, daqueles usados pelos cientistas sociais dos vários matizes, substituindo-os por uma interpretação “evidente” (pelo menos, de “senso comum”), do género daquela que nós usamos para nos orientarmos na vida. O que, sendo pacífico para nós interpretarmos a vida de hoje, é bastante mais problemático para interpretarmos a vida de há muitos anos. Os nossos filhos sabem disso quando procuram entender os pais; e nós próprios o sabemos também quando temos a sorte de ainda poder tentar entender os nossos. Na minha opinião, por detrás da “evidência” de alguns enredos, podem esconder-se retro projecções da sensibilidade de hoje. E isto, já se vê, tem perigos graves.

A outra ideia-chave do novel biografismo é a de que são os homens concretos – e não os desenvolvimentos anónimos “das estruturas”, também mentais – que modelam a história. Mas como não são muitos os homens que estão em condições de modelar a história – pelo menos, a história de um país –, quem acaba por interessar a esta corrente historiográfica são os “grandes homens”, nomeadamente os “grandes políticos”.

A “grande biografia” exige, em princípio, um “grande biografado” (pressupondo, naturalmente, que é escrita por um grande biógrafo). Na sua falta, a biografia transforma-se num acto de cruel assassinato de um personagem, sempre confrontado com o personagem ideal que nunca foi, que nas suas condições não poderia ter sido e que porventura nem sequer quis ser. Ressalvado o último livro de Vasco Pulido Valente (*Glória*)⁴¹, que pode ser a boa contraprova do que acabo de dizer, e a reabilitação de João Franco, da autoria de Rui Ramos⁴², a última literatura (e não apenas deste género) sobre o século XIX português tem ganho, por isso mesmo, um tom ácido, corrosivo, e sub-repticiamente moralista, de inventariação de mediocridades; que só não espanta muito porque parece herdeira da auto-avaliação dos próprios contemporâneos, também eles

41 Vasco Pulido Valente, *Glória* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001).

42 Rui Ramos, *João Franco e o fracasso do reformismo liberal (1884-1908)* (Lisboa: ICS, 2006).

cultivando já um juízo azedo sobre uma sociedade que, um pouco olímpicamente, consideravam decadente. Para além de que, no mínimo, esta pré-compreensão implica um confronto sem sentido entre países modelo (a Inglaterra, a Prússia, a França) e países medíocres (designadamente, Portugal).

Daí que – voltando um pouco atrás – talvez se deva repensar a hipótese mais tradicional de investigar a vida dos outros homens, traçando os tais grandes frescos sociais ou mentais – que, necessariamente, haverão de ser enformados por algum modelo interpretativo geral –, de onde resultem os grandes cenários (económicos, culturais, institucionais, jurídicos) em que os homens – pequenos e Grandes – se movem. E aí retornaremos, seguramente, a uma história das categorias, dos sentidos comuns, mais gerais ou mais locais, que comandavam os cálculos pragmáticos (que definiam, por exemplo, o que era “glória”, e, depois, que papel a sua busca devia ocupar numa estratégia de vida).

Em suma, o que se pretende, aqui, sublinhar é a necessidade de ter em conta o modo de transacção entre ideias e interesses, entendidos estes últimos como os resultados mais directos da interacção social⁴³.

Poder-se-á então entender como um sistema de ideias (o liberal) cuja lógica era a da generalização absoluta da cidadania, posto em contacto com um certo “ambiente” de práticas e interesses políticos inóspito a essa generalização, é deformado por ele, e obriga a desenvolver elementos teóricos capazes de introduzir critérios selectivos nas anteriores teorias da Nação e do indivíduo.

43 A literatura recente acerca da história dos interesses tem salientado como estes são inevitavelmente mediatizados pelas representações da “realidade social”; e, deste modo, como tão pouco eles escapam à capacidade poética das categorias. Cf. Ornaghi, *Interesse* (Bologna: Il Mulino, 2000).

É justamente este tipo mediatizado de conversação entre «sistema» e «ambiente»⁴⁴ que permite ultrapassar quer uma história das ideias que ignora os mecanismos de transacção com o exterior do sistema ideológico, quer uma história social (ou uma história política) que pressupõe que as «ideias» são ilimitadamente mobilizáveis e disponívelmente funcionalizáveis a quaisquer projectos, estratégias ou interesses sociais e políticos. Assim, o que aqui nos interessa é sublinhar o modo como interesses até aí justificados teoricamente no quadro de uma concepção – que, por motivos também teóricos, deixou de poder servir – buscaram novas justificações no quadro da nova teoria, para poderem sobreviver socialmente. E, ao mesmo tempo, é ver esta teoria a alterar-se a si mesma para poder incluir em si desenvolvimentos capazes de justificar os novos/antigos interesses. O processo pode ser assim descrito: uma nova teoria deslegitima interesses estabelecidos. Nem a primeira nem os segundos podem ser sacrificados. Assim, a teoria tem de se equipar com módulos teóricos suplementares que permitam re-legitimar (em novos quadros) os interesses “permanentes/subsistentes”.

Apenas mais uma nota sobre “interesses”. Interesses são também, muito claramente, representações, neste caso acerca das vantagens (ou inconvenientes) do alargamento do universo político a certas categorias de pessoas. Mas, ao estudarmos estes interesses, não estamos a tocar numa realidade bruta (isto é, não mediatizada por representações). Pelo contrário, estamos em pleno mundo das imagens e de representações acerca de categorias de pessoas e acerca de vantagens e desvantagens políticas. Identificamos mulheres, dementes, falidos, loucos, menores, a

44 Com estas referências a “sistema” e “ambiente”, remete para os modelos teóricos auto-poiéticos, que me parecem muito produtivos neste contexto. Cf., por todos, N. Luhmann, *Essays on self-reference* (Columbia: Columbia U.P., 1990). No mesmo sentido de evocação de uma perspectiva sistémica, v. a seguinte formulação de M. Barberis: “Si potrebbe forse aggiungere — riformulando le posizioni della Storia concettuale e della Scuola di Cambridge nel gergo dell’evoluzionismo filosofico — che i concetti giuspolitici nascono ed evolvono come le specie naturali, adattandosi ai mutamenti dell’ambiente. Coloro i quali, nei diversi contesti storici, partecipano ai giochi della politica o del diritto, compiono certo atti intenzionali, come deliberate mosse del gioco; tali atti intenzionali, però, generano spesso effetti inintenzionali, né voluti né previsti dagli autori, fra i quali occorre annoverare gli stessi concetti, sempre intesi come regole d’uso del linguaggio. Dunque, i concetti si formano e si affermano compatibilmente con le esigenze dell’ambiente, e sopravvivono solo a patto di adattarsi ai mutamenti di questo” (M. Barberis, *Libertà* (Bologna: Il Mulino, 1999).

partir das imagens (dos esquemas de percepção) que aplicamos à realidade contínua do universo dos nossos parceiros sociais. Atribuímos ou não vantagens à sua participação política, em função de imagens sobre as suas qualidades, sobre a ordem política, sobre as nossas qualidades e, finalmente, sobre o que nos convém da ordem política⁴⁵.

Merece a pena identificar melhor a novidade das perspectivas metodológicas propostas relativamente ao objeto e objetivo da narrativa histórica, nomeadamente quanto a esta valorização respetiva entre “o pensamento” e “a ação”.

Os modos de fazer história não estão tipificados. Cada um pode escolher um pouco mais disto ou um pouco mais daquilo. Mas não é mau, a bem da clareza sobre o que se está a fazer, que se distingam entre si as narrativas históricas típicas. A historiografia mais tradicional identificava “factos empíricos”, como realidades externas (postos, positivos) e descrevia-os. Depois, a historiografia das ideias considerou que esses factos não eram senão a concretização de representações intelectuais internas e dedicou-se a descrevê-las. Ou pura exterioridade, ou pura interioridade. Superar este dualismo foi a proposta de certas correntes do pensamento social, ainda presas, fundamentalmente, a perspectivas dualistas. O “materialismo” (marxista ou não), considerando as ideias como reflexos dos factos; o “idealismo”, considerando os factos como projeções das ideias. É neste contexto que se têm de valorizar diversos modelos metodológicos que autonomizam um terceiro nível da prática humana, como que situado entre o pensamento e a ação – a ação discursiva ou comunicativa, que produz um sentido objetivado.

Uns destes modelos foca-se nos atos de fala (*speech acts*) – ou na ação comunicativa (*kommunikatives Handel*) – como atos humanos comunicativos, ou seja, atos humanos que exprimem um sentido parti-

⁴⁵ Sobre o carácter construído do “interesse”, ver Lorenzo Ornaghi, “Introduzione,” in *Interesse* (Bari: Laterza, 2000).

lhado entre agentes emissores e agentes recetores. Esta partilha implica que o sentido do ato deixa de ser o sentido pensado e passa a ser algo de autónomo do emissor, algo de intersubjetivo, que torna possível a comunicação entre o autor e o destinatário. Mas significa também que é algo de diferente do sentido do leitor individual, o que permite a comunicação transversal entre um auditório (de recetores). Por isso, deixam de ser relevantes as ideias-antes-da-comunicação (história das ideias), bem como a relação “de influência” entre duas pessoas (história “das influências”, já que as “ideias” só podem ser identificadas quando expressas por atos de fala, com o seu sentido objetivo, e as influências entre duas pessoas são sempre mediadas por um código autónomo de comunicação. Por isso também, tendem a perder relevância os “grandes autores”, o cânone literário, a biografia intelectual e, em contrapartida, a ser preferido o estudo dos factos massivos de comunicação, aquilo que normalmente/habitualmente acontece na ação comunicativa.

Há, no entanto, quem continue a insistir na capacidade individual de alterar o código comunicativo e, por isso, realce a importância dos grandes autores, que foram capazes de introduzir alterações nesse código, criando novos sentidos e deslocando sentidos estabelecidos. Não se negando a importância conformadora (propiciadora, modeladora e limitativa) do sentido intersubjetivo, assume-se que este sentido pode ser modificado por atos de fala dissidentes e poderosos, provindos de uma elite de criadores que escaparam aos condicionamentos do código, tanto ao criar como ao comunicar as suas criações. Assim, a crítica literária de Harold Bloom (1930-...) distingue enfaticamente o ato de produção de sentido pelos grandes autores que formaram o cânone ocidental, tanto dos sentidos comuns em que criaram e transmitiram as criações, como daqueles que têm conformado a sucessiva receção das suas obras. Todo o peso desta teoria depende da possibilidade de demonstrar várias coisas. Em primeiro lugar, que as modificações do código de comunicação se relacionam com a novidade dos sentidos introduzida por um autor (por uma obra). Mais difícil ainda, que esta novidade não foi condicionada pelo impacto desse código nas representações interiores desse autor ou pelas leituras que o autor (a obra) sucessivamente foi

tendo. Finalmente, que tal novidade marcou, para sempre, o significado histórico desse autor. Se não se pressupuser uma comunicação muito íntima entre Bloom e os 26 autores que ele seleciona na tradição literária ocidental – o que lhe permitiria um contacto com cada um deles antes-da-escrita –, a validade da teoria é impossível de sustentar. De algum modo, esta perspetiva combina a tradicional história das ideias – centrada na “originalidade”, “caráter fundador”, “influência intelectual”, dos grandes autores – com a história objetiva do sentido – dirigida para os factos massivos e impessoais de comunicação, que aqui funciona como uma pedra de toque, um fundo de contraste, dos autores (obras) canónicos.

Por isso é que, a meu ver, a história dos conceitos só se distingue nitidamente da história das ideias quando se dirige para a história do código – história dos conceitos, história dos géneros literários, história das formações discursivas, história dos campos semânticos, história dos suportes da comunicação –, desvalorizando sentidos dissidentes, que permanecerão como atos de comunicação sem sentido, ignorados até que uma mudança de código lhes atribua um sentido válido ou, até, dominante. Se (e quando) isto ocorrer, o que passará a ser estudado é, novamente, um código (emergente), em cuja genealogia poderá estar – não apenas e nem sempre – a tal “personalidade fundadora”. Por isso, a história dos conceitos (tal como as outras modalidades de uma história dos sentidos objetivados) fixa-se nos usos *habituais* das categorias, na medida em que estas produzam classificações *habituais* “da realidade” e insinuam comportamentos discursivos e extradiscursivos também *habituais*.

De alguma forma, esta proposta metodológica é uma forma de história social. Os “atos de conceptualização” são atos de produção social de sentido (i.e., intersubjetivos, mas não interindividuais), em que intervêm um emissor e um recetor, cada um com os seus códigos particulares de comunicação), condicionados por relações sociais de comunicação e preformadores de outros tipos de ação social. Ao falar com outros, age-se em sociedade e produzem-se estados (equilíbrios) sociais. Tal como propus há bastantes anos, para o campo restrito da história

do direito⁴⁶, isto permite uma história social dos conceitos que ligue a produção de conceitos às condições sociais da sua produção, de modo a que se evite a explicação do discurso pelas condições (extradiscursivas) da prática social. De facto, uma coisa são os factos brutos, outra coisa são os sentidos que lhes damos, as classificações ou categorizações a que os sujeitamos. Estas últimas são produzidas por nós, dando sentido “às coisas”, e não pela coisas em si mesmas e espontaneamente. Mas os sentidos que damos às coisas, por sua vez, são produzidos com os meios de produção de sentido disponíveis na nossa prática de comunicar – sentidos já estabelecidos: campos vocabulares, “arquivos” de imagens e de conceitos, desde os de senso comum até aos dos saberes técnicos. É por aqui que a história social penetra no mundo da história dos conceitos, ao contribuir para identificar a panóplia de meios de produção de conceitos que cada esfera de comunicação tem à sua disponibilidade.

A meu ver, a metodologia mais nítida e radical para descrever o objeto e métodos da história dos conceitos é a de Michel Foucault (especialmente em *L'Archéologie du savoir*). Reinhart Koselleck (1923-2000), o pai da história dos conceitos, não hipotecou o seu projeto à aceitação ponto por ponto da teoria de Foucault. Com isso, garantiu uma maior aceitabilidade da sua proposta no meio dos historiadores. Com maior ou menor rigor, embarcaram na empresa cultores da história das ideias, da história da cultura, da história dos saberes, da história dos textos, da história das mentalidades, condimentando-a ou com mais idealismo, ou com mais sociologismo, ou com mais textualismo. Deste ambiente de sincretismo não vem grande mal ao mundo. Mas corre-se sempre o risco de induzir em inconsistências teóricas que, mais tarde ou mais cedo, vão prejudicar a credibilidade do movimento.

Filtrar um pouco as aplicações poderia, por isso, ser vantajoso. Não tanto para excluir algumas, mas antes para dar a cada um o que é seu, evitando uma *sauce rose*, amável mas descaracterizadora e, afinal, cheia de equívocos de métodos. Este depuramento metodológico poderia ter os seguintes ingredientes:

46 A. M. Hespanha, *A história do direito na história social* (Lisboa: Livros Horizonte: 1978).

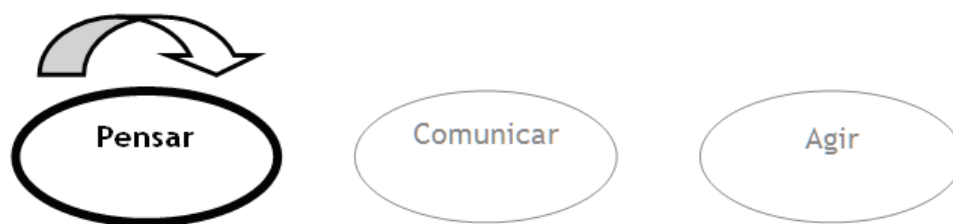
(i) centrar-se em usos massivos dos conceitos – extraídos de corpos textuais de uso comum, normalmente aceitos, consensuais, no universo de comunicação que se quer considerar (v.g., os juristas, os civilistas, os juristas do *civil law*, a jurisprudência constitucional sul-americana);

(ii) excluir idioletos próprios de um autor – objeto legítimo de uma biografia intelectual – bem como a problemática “da influência”;

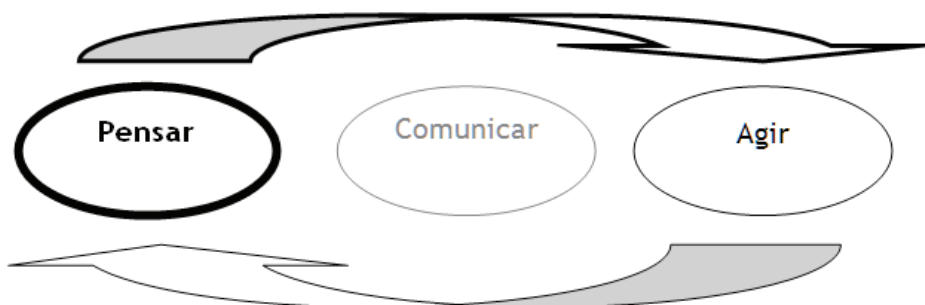
(iii) usar o “contexto social” para explicar as condições de constituição daquela esfera de comunicação (J. Habermas) ou formação discursiva (M. Foucault), com aquela particular configuração; mas não para explicar diretamente a ocorrência, sintática e semântica, de um conceito; já a sua análise pragmática talvez possa ser feita, tanto ao nível das relações entre o conceito e a prática do discurso, como ao nível do impacto direto daquele sobre as relações sociais (incluindo as relações sociais de quem comunica).

Definida assim a história dos conceitos, ficariam estabelecidas as distâncias entre ela e análises próximas.

A história das ideias – e a história dos dogmas dos juristas (*Dogmengeschichte*) – ou não é sensível à contextualização, encarando as ideias como entidades que se desenvolveriam segundo uma lógica autônoma, ligada ao progresso do espírito humano, ou contextualiza as ideias com outras ideias, no âmbito de sistemas ideológicos/culturais. Contextualização pelo discurso ou contextualização pela prática social são alheias a esta história idealista e formalista.

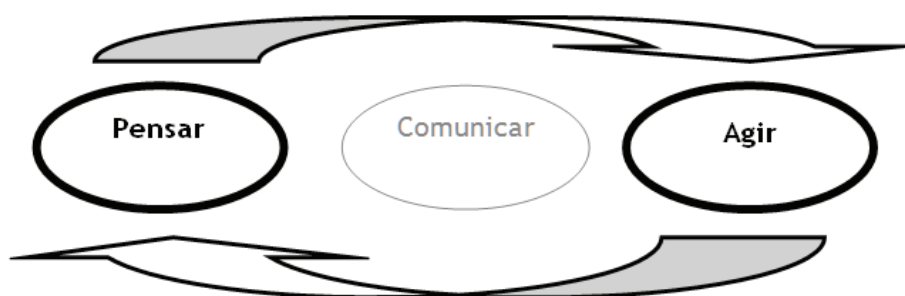


(História das ideias, História dogmática, *Dogmengeschichte*)



(História culturalista, *Kulturgeschichte*, História das mentalidades)

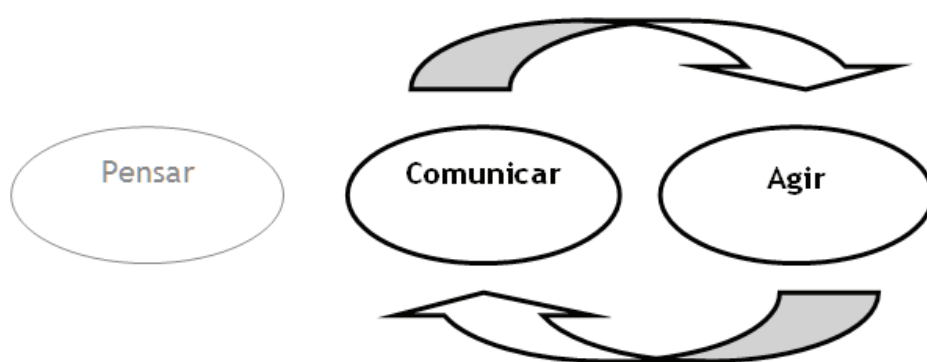
A sociologia histórica das ideias contextualiza as ideias em função de interesses ou efeitos sociais. Estuda as “ideias em sociedade” ou as “ideias para a sociedade”. Na medida em que ignore a contextualização discursiva – ou seja, enquanto não considere relevante para os posteriores efeitos sociais o modo de ser da exteriorização das ideias em discursos –, difere da história dos conceitos. O discurso seria um meio transparente, desprovido de qualquer poder conformador do sentido, pelo que se podia prescindir deste momento de exteriorização (de comunicação) das ideias ao estudar a sua origem ou o seu impacto social.



(Sociologia histórica das ideias)

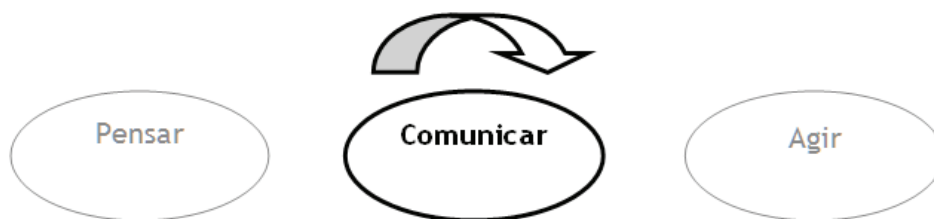
A sociologia do discurso exclusivamente vinculada a uma história dos grupos sociais – incluindo o grupo dos titulares desse discurso (como, por exemplo, em Pierre Bourdieu) – corre o risco de funcionalizar demasiado os objetos discursivos (por exemplo, os conceitos)

às estratégias intencionais desses grupos, ignorando as lógicas, socialmente cegas, internas à espessura da comunicação (relações sintáticas e relações semânticas). O discurso é aqui considerado como um nível específico de análise, mas esta análise está focada para as relações entre fenómenos discursivos e fenómenos sociais, não para as relações “internas” entre fenómenos discursivos e outros fenómenos discursivos. Embora o discurso tenha efeitos externos (extradiscursivos) e internos (intradiscursivos: sintáticos, semânticos e pragmáticos), só os primeiros tendem a ser considerados.



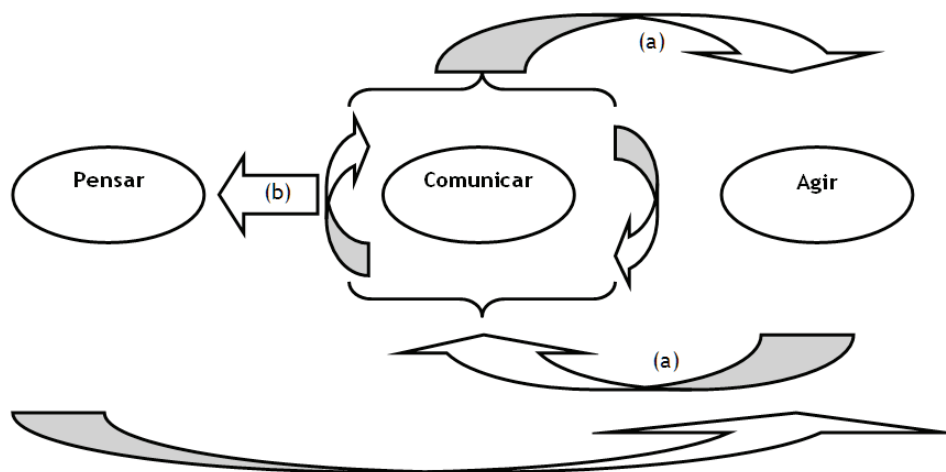
(História do discurso)

A análise formalista dos discursos – por exemplo, uma história do discurso inspirada pelos métodos da filosofia analítica, como é o caso de algumas abordagens históricas da lógica ou da argumentação jurídica – interessa-se pelas entidades autónomas (autorreferenciais, autopoieticas) do discurso, mas não pelas transações entre estas entidades e o contexto (ambiente) da comunicação. As formações discursivas são estruturas da comunicação historicamente aleatórias (como as *epistèmes* do primeiro Foucault) ou arbitrarias (como nas análises discursivas que prescindem do nível pragmático do sentido).



(História formalista [neo-positivista] do discurso)

Em contrapartida, a mais complexa história dos discursos começa por considerar o modo como estes dependem tanto uns dos outros (teoria dos campos semânticos) como da formação discursiva no seu todo (a típica “arqueologia dos saberes”, de M. Foucault). Mas continua, primeiro, (a) a ter em conta as relações entre as formações discursivas e as formações sociais; e, depois, (b, a atender ao modo como a forma da comunicação condiciona a forma da representação intelectual da “realidade” social (e, conseqüentemente, a ação social).



(História “global” do discurso, Arqueologia dos saberes)

Na história do direito, parece que se podem encontrar ilustrações de todas estas perspetivas. Para tomar exemplos, F. Wieacker e H. Coing

constituem dois exemplos modelares de história das ideias: o primeiro dissolvendo mais a história das ideias jurídicas na história das culturas do centro da Europa, o segundo centrando-se mais nas ideias jurídicas e, por isso, mais próximo de uma história formalista da dogmática, de que só não é um representante porque esses conceitos (dogmas) são considerados menos como entidades linguísticas ou discursivas do que como entidades “do pensamento jurídico”. O mesmo se diga da maior parte das obras gerais sobre história (não institucional) do direito – Michel Villey, G. Tarello, A. Cavanna, P. Grossi, M. Stolleis, P. Prodi, B. Clavero, A. Padoa-Schioppa, A. M. Hespanha –, nas quais o sincretismo metodológico é quase sempre hegemonizado por uma aproximação culturalista.

Uma perspectiva sociológica, em que o discurso dos juristas é relacionado com contextos sociais, mais do que culturais, é mais comum nos EUA – L. M. Friedmann, Duncan Kennedy. Na Europa, esta orientação é assinalada, em 1982, num artigo – pouco citado e pouco seguido – de Filippo Ranieri, em que se chamava a atenção para esse domínio, etiquetado como “sociologia da literatura jurídica”⁴⁷. A sua fonte de inspiração era a então recente historiografia (sobretudo francesa) sobre o livro, que tinha dado aos livros uma entidade diferente de meros portadores de acontecimentos intelectuais e que, portanto, os tomava como objetos autónomos de uma história própria, como “dato social empírico”. Dado o prestígio da história quantitativa, não admira que a descrição dos temas desta nova história do livro fosse predominantemente quantitativa – a quantificação da publicação, a distribuição dos temas, os movimentos do mercado editorial. E, de facto, é sobretudo isso que Ranieri retira como inspiração de trabalhos que contava levar a cabo, na base da magnífica coleção de dissertações académicas de que curava no *Max-Planck-Institut f. europäische Rechtsgeschichte* (Frankfurt/Main). Porém, ele não deixa de assinalar a revolução copernicana

47 Filippo Ranieri, “Juristische Literatur aus dem Ancien Régime und historische Literatursoziologie. Eine methodologische Vorüberlegungen,” in *Aspekte europäischer Rechtsgeschichte. Festgabe für Helmut Coing zum 70. Geburtstag* (Frankfurt/Main: V. Klostermann, 1982). Uma sua referência é B. Bacsko, “Livre, sémantique et histoire,” in *Annales ESC* 26, nº 1 (1971).

que esta promoção do livro a objeto autónomo de história representava: o sujeito, como autor de sentidos, era substituído pela estrutura da produção e da distribuição de livros, isto compreendendo elementos de conteúdo – ramos de saber, temáticas –, mas também elementos formais, desde os “géneros” até aos aspetos puramente gráficos/materiais do objeto livro. Justamente na Alemanha, a chamada “teoria da receção” (Hans-Robert Jauss, Wolfgang Iser)⁴⁸ prepara o campo para este descentramento do autor, valorizando sentidos que eram antes imputáveis ao livro e à leitura que ele suscitava. Umberto Eco (*Lector in fabula*, 1979; *Les Limites de l'interprétation*, 1990) virá a desenvolver este filão, distinguindo a *intentio auctoris*, a *intentio lectoris* e a *intentio operis* e aperfeiçoando o seu anterior conceito de “obra aberta” (*L'opera aperta*, 1967). Nos anos seguintes, a história do livro – francesa e anglo-saxónica – foi detalhando os temas e as metodologias destes aspetos menos quantitativos. Em França, destacou-se a vastíssima obra, de teorização e de recolha empírica, de Roger Chartier, sobre o texto, o livro e a leitura, que viria a destacar muitas perspetivas novas de uma história autónoma do livro. Fora disto, detetam-se influências de uma abordagem sociológica dos discursos, por exemplo, em André-Jean Arnaud ou Aldo Schiavone.

A narrativa do discurso jurídico como campo de poder simbólico é a perspetiva adotada pelos historiadores do direito que seguem a metodologia de análise dos campos literários proposta por Pierre Bourdieu, como é o caso de Yves Dezalay ou de Lucien Karpik, que se têm ocupado de história e sociologia da profissão jurídica na atualidade; mas há muitos textos de âmbito mais monográfico que se poderiam incluir neste apartado. Exemplos de uma história do discurso jurídico que privilegie as suas estruturas formais são mais raros; a parte histórica da obra de Th. Viehweg sobre a tópica⁴⁹ podia ser um deles, tal como o podiam ser obras que seguiram essa pista nos anos imediatos⁵⁰.

48 Robert C. Holub, *Reception Theory. A Critical Introduction* (London: Methuen, 1984).

49 Theodor Viehweg, *Topik und Jurisprudenz* (München: Beck, 1953).

50 Luigi Lombardi Vallauri, *Saggio sul diritto giurisprudenziale* (Milano: Giuffrè, 1967); Vincenzo Piano Mortari, *Dogmatica e interpretazione. I giuristi medievali* (Napoli: Jovene, 1976); Franz Horak, *Rationes decidendo. Entscheidungsbegründungen bei den älteren römischen Juristen bis Labeo* (Aalen, 1969).

Em contrapartida, não creio que, até hoje, sejam comuns intervenções que respeitem os requisitos metodológicos de uma história “autônoma” do discurso, no domínio do direito. Pietro Costa aponta, de forma pioneira, para aí, na sua obra sobre a *iurisdictio*⁵¹. Talvez menos nitidamente no seu monumental trabalho sobre “cidadania”. Eu aponte algumas vezes o programa, mas não creio que o tenha cumprido bem, até hoje; menos mal, porventura, num livro dedicado à linguagem da discriminação na época moderna⁵².

E, no entanto, a história do direito parece um campo bem talhado para este exercício, porque, na cultura ocidental, o discurso do direito sempre foi muito evidentemente um meio de comunicação bastante formalizado, com um tesouro bem estabelecido e pouco disponível de objetos discursivos – conceitos, estratégias argumentativas, regras de inferência –, relativamente impermeável às intenções dos autores e às necessidades das coisas, produtor de efeitos sociais e de modelos de imaginação e de representação da “realidade”, gerador de poder social, tanto por causa daquilo que é dito, como por causa da forma como é dito. E, no entanto, parece que este primado do discurso, frente às ideias e frente às coisas, tão visível para quem olha para a prática dos juristas (cultos) desde há dois milénios, se furta à análise daqueles (juristas) que costumam fazer história ou sociologia do direito. Um fenómeno tão bizarro de invisibilização tem de ter razões fortes, a buscar, por sua vez, na sociologia do discurso histórico-jurídico. Uma delas pode ser que quem faz história do direito faz direito, oscilando entre dois modelos incompatíveis de legitimação do que diz: o discurso jurídico legitima-se alegando ter um valor absoluto – ou seja, não admitindo metadiscursos sobre si mesmo; sendo que o discurso histórico-jurídico se legitima ao reclamar essa legitimidade de discurso sobre o do direito. O discurso jurídico legitima-se pelo seu apagamento ou perante a força da razão (*ratio scripta*) ou perante a força das coisas (*rerum natura*);

51 Pietro Costa, *Iurisdictio: Semantica del potere politico nel pubblicistica medievale (1100–1433)* (Milano: Giuffrè, 1968, reed. com alterações, 2002).

52 *Imbecillitas. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime* (São Paulo: Annablume, 2010).

o discurso histórico-jurídico só pode ter como objeto o discurso do direito, se este for reconhecido como uma instância autónoma de sentido. Esta difícil articulação entre dois lugares de autoridade discursiva poderá ser explorada para entender que, na história do direito, o mais óbvio se transforme no mais incomum. Recentemente⁵³, Thomas Vesting enfatizou a ideia de que, sendo o direito um facto comunicativo, a história do direito devia ter como objeto os meios de comunicação do direito. E, embora não seja um historiador, fez esforços persistentes e muito meritórios neste sentido. Sacrificando, porventura, em algo a visão histórica à lógica do programa metodológico que prossegue. Ainda mais recentemente, um grupo de historiadores do direito empreendeu o projeto de fazer a história do direito na Europa através da história dos seus grandes livros⁵⁴; o que, se se for coerente com o espírito do projeto, obrigará a adotar uma atitude de historiador dos livros, nomeadamente nos seus aspetos mais formais, atendendo antes aos títulos, à sistematização, aos universos de referências, à disseminação dos exemplares e aos círculos de comunicação que isto indiciava do que aos “conteúdos” e às “ideias”.

Referência para citação:

Hespanha, António Manuel. “Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 224-256.

53 V. bibl. antes citada (n. 34).

54 Serge Dauchy, G. Martyn, A. Musson, H. Pihlajamäki e A. Wijffels, orgs., *The Formation and Transmission of Western Legal Culture 150 Books that Made the Law in the Age of Printing* (Berlin: Springer, 2016).

Shiloh Carroll

*Medievalism in a Song of Ice
and Fire & Game of Thrones*

Rochester, NY: D.S. Brewer, 2018. 214 pp.

Patrick Masters*

Shiloh Carroll draws upon several critical theories ranging from Masculinity to Orientalism to produce an engaging detailed thematic study of George R R Martin's worldwide acclaimed book series *A Song of Ice and Fire* (1996-2011), and its adaption to screen in the popular TV Series *Game of Thrones* (Benioff and Weiss, 2011+). *Medievalism* addresses the archetypal conventions of the medieval historical setting or medieval inspired fantasy fiction and deconstructs their depiction for a modern audience. The analysis of medieval conventions and tropes included in *A Song of Ice and Fire* is structured around five chapters, each addressing the themes of romance literature, masculinity, sexuality and colonialism. Carroll addresses these themes alongside close readings from Martin's fantasy series, which draw upon numerous engaging, but also thought-provoking examples to underpin what impact these popular medieval archetypes have upon wider society.

Carroll's detailed study is not about addressing Martin's historical influences or his adherence to historical accuracy, but Martin's attempts to create a sense of medieval authenticity through his "desire to move past the romantic archetypes or neomedievalist fantasy". This concept of the realistic medieval is addressed with the acknowledgement of the implausibility of historical accuracy in recreations and

* University of Portsmouth.

taking into account the geographical vastness and time period encompassed by the term Medieval. Carroll explains that Martin's desire for realism is often used to justify his depiction of violence and cruelty suffered by the occupants of his fictional world, one of the major threads that runs through her thematic analysis of the book series. Although the book's introduction references an interview where Martin demonstrates his disdain for modern fantasy literature dubbed a "a sort of Disneyland Middle Ages, where they had castles and princesses and all that" Carroll's close thematic analysis details the societal impression these medieval archetypes and iconography leave when examining them from the perspective of realism.

Medievalism is not purely a study of Martin's medieval perspective, Carroll also addresses the relationship of Martin's work with medieval literature. Chapter 1 – Chivalric Romance and Anti-Romance introduces the fantasy archetypes within *A Song of Ice and Fire*, but Carroll asserts these are used as mythical tales the characters tell each other, contrasting with the oppressive violent medieval society that Martin has created.

Carroll highlights that for Martin's first novel in the series, *A Game of Thrones* (1996) he used the structure of conventional medievalist story by initially painting Ned Stark as the archetypal hero to subvert the fantasy genre conventions and kill his main protagonist and assumed hero of the saga. The examination of the subversion of traditional fairy-tale conventions is further addressed when Carroll explains that this theme is embedded in the story through the character of Sansa, (who Martin dedicates several POV chapters to in the first novel) who after watching her father's execution, learns that fairy-tales are unrealistic and informs the reader that these books do not follow the conventions of the traditional Tolkien fantasy story.

The theme of chivalry is a major archetype of fantasy and medieval literature, which is addressed by Carroll from the perspective of those who are not strong noble male warriors and explores what a society built on these traits would mean for the vastness of the popu-

lation. The myth of chivalry is exposed by Carroll's evaluation of the books' depiction of masculinity, highlighting the fallout for characters who cannot meet these requirements, such as Brandon Stark whose dreams of knighthood are in ruin when he is left paralysed after being pushed out of a tower. *Medievalism in a Song of Ice and Fire & Game of Thrones* underpins the lack of self-worth felt by Bran and characters who do not conform to the toxic masculinity aspects of supposed chivalric archetypal characters.

Although the academic study showcases the impression of a society governed by Martin's realistic archetype of chivalry, Carroll particularly draws attention to Martin's depictions of the major female characters and is critical of his novels for conforming to preestablished archetypal female characters such as Brienne of Tarth who Carroll explains adheres to the "exceptional woman trope". However, Carroll clarifies that Martin does heavily involve his female characters in the narrative and uses the female POV characters to voice their frustration towards their oppressive culture with their actions showing they do not accept their roles within the patriarchal hyper-masculine world.

The effect of Martin's version of chivalry on society is further addressed, analysing the depictions of the relationship between toxic masculinity and sexuality. Carroll uses Martin's own words to highlight the harmful impact the 'chivalric' culture has citing an analogy from *Clash of Kings* (Martin, 1998) that the war of the five kings represents "Westeros as a woman being savaged and raped by four rat-like men"¹. Carroll highlights that Martin's medievalist construction shows the perils of a women's sexual liberation using the example that Lyanna Stark's act of eloping with Rhaegar Targaryen leads to her death, demonizing her for taking control of her sexuality. This coincides with Carroll's examination in relation to women's disadvantaged positions in medieval society in regard to societal constraints such as succession and marriage.

1 Shiloh Carroll, *Medievalism in a Song of Ice and Fire & Game of Thrones* (Rochester, NY: D.S. Brewer, 2018), 86-87.

There is a diverse tapestry of characters in *A Song of Ice and Fire*, a diversity whose depiction Carroll examines within a society dominated by the toxic masculinity of chivalry. Despite the novels' diversity of perspective, Carroll is critical regarding Martin's depiction of same sex relationships, highlighting that Martin does not depict male on male sex in detail and does not have them as POV characters. She does articulate a compelling defence of Martin's approach, arguing that this absence traces back to the book's overall theme of historical realism suggesting that Martin created his book that way due to the intolerance and condemnation of medieval society.

The final thematic engagement with Martin's fantasy examines the problematic connotations that arise from the novels' ambitious, intercontinental narrative, which places the white hero Daenerys into a different culture to that of the western inspired Westeros. Carroll examines how Daenerys's role of liberator of the oppressive foreign culture suggests problematic connotations of colonialist perspective and places Daenerys within the role of the 'white saviour'. Carroll draws upon Said's concept of the Orientalist view to argue that Martin's eastern geographical creations coincide with the imperial perspective of the east and its populace such as the Dothraki Horse Lords, portraying it as a place of barbarity, mystery and magic.

Where the author excels in constructing the critique of Martin's work is addressing the impact a chivalric authority would have upon on real world setting, drawing upon feminist critical theory to examine how toxic masculinity impacts on those that cannot conform to this narrow parameter. Carroll explains that Martin's desire for realism was often used to justify his depiction of violence and cruelty and therefore examines how this realism narrative affects the multi-faceted wider society that exist in that archetypal medieval culture.

The last chapter in Carroll's study, Chapter 5 – Adaption and Reception, addresses the popular television adaption of the book series, *Game of Thrones* and explores the previously addressed themes within the 'realist' medieval world depicted in the television series. Unlike the

analysis of the books, the critical examination is confined to a single chapter, which limits the level of detail provided in the close readings of the novels for the six-television series released before 2018. While this does not diminish the quality of critique of the adaptation as this book focuses mainly as a literature study, it does provide the possibility for further study into the television show, examining Martin's concept of realism from the perspective of the television production.

Carroll's book provides a detailed thematic overview of *a Song of Ice and Fire*, drawing upon the contrast between Martin's claim of authenticity and influence of medieval romance literature. The vastness of Martin's series could suggest that readers who are not familiar with the five novels in *A Song of Ice and Fire* would find difficulty in fully engaging with Carroll's arguments but this is not the case. The book's carefully chosen examples are presented in a clear distinguishable context with articulated critical theories that run alongside the main thread of examining Martin's claim of adherence to historical accuracy.

BIBLIOGRAPHY

Carroll, Shiloh. *Medievalism in a Song of Ice and Fire & Game of Thrones*. Rochester, NY: D.S. Brewer, 2018.

Game Of Thrones, Created by David Benioff and Dan Weiss. 2011-; New York: HBO.

Martin, George R. R. *A Game of Thrones*. New York: Bantam Books, 1996.

Martin, George R. R. *A Clash of Kings*. New York: Bantam Books, 1998.

Referência para citação:

Masters, Patrick "Recensão a *Medievalism in a Song of Ice and Fire & Game of Thrones*, de Shiloh Carroll." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018); 257-261.

Éric Aunoble

*La Révolution russe, une histoire
française: lectures*

et représentations depuis 1917

Paris: La Fabrique éditions, 2016, 255 pp.

Daniela Major*

Aproveitando o centenário da Revolução Russa, os últimos dois anos assistiram a um reavivar do interesse académico, mediático e literário sobre o acontecimento. Assistimos à publicação de várias obras como *Russia in Revolution: an Empire in Crisis, 1890-1926* de Steven Smith (Oxford University Press, 2016), *The House of Government: A Saga of the Russian Revolution* de Yuri Slezkine (Princeton University Press, 2017) ou ainda *The Last of the Tsars: Nicholas II and the Russian Revolution* (Pegasus Books, 2017) do prolífico Robert Service. O eco da Revolução também se fez sentir na imprensa com diversos jornais a publicarem artigos de fundo sobre o centenário e sobre as figuras mais proeminentes da Revolução. Noutra campo, em 2017, museus como o *Tate Modern* ou o *Deutsches Historisches Museum* organizaram exposições relacionadas com os temas da Revolução e da União Soviética. Em França, *La Contemporaine*, um centro de arquivos, museu e biblioteca especializado no período contemporâneo, organizou uma exposição nos Invalides sobre os eventos revolucionários que continha, inclusivamente, uma secção sobre a Revolução vista de França. Até o romance histórico aproveitou o espírito do centenário: *A Gentleman in*

* NOVA-FCSH.

Moscow de Amor Towles (Viking, 2016), um romance sobre um aristocrata que vive a Revolução, tornou-se um *bestseller* em diversos países.

É neste contexto que devemos inserir a obra de Éric Aunoble, *La Révolution russe, une histoire française: lectures et représentations depuis 1917*. Publicado em 2016, o livro é uma tentativa de resumir e analisar a recepção pela sociedade francesa no século XX da Revolução Russa de 1917. Esta é revisitada, simultaneamente, como momento revolucionário e gênese de um novo tipo de Regime político e social. Éric Aunoble, especialista em História Cultural no período soviético, escolhe concentrar-se nas representações culturais e historiográficas da Revolução, prestando especial atenção aos instrumentos de divulgação e circulação das ideias, como panfletos, livros de História, memórias. No campo das artes visuais, Aunoble está especialmente interessado no cinema, havendo uma clara preferência por esse meio em detrimento de outros que seriam igualmente interessantes de explorar, como a música, a pintura ou a arquitectura.

A preferência pela análise das representações culturais e ideológicas da Revolução enquadra-se numa divisão de capítulos que tem em conta, essencialmente, os acontecimentos políticos. Assim, o primeiro capítulo analisa os anos que vão de 1917 a 1939, período que Aunoble define como “une révolution méconnue”. Esta primeira fase da recepção da Revolução caracteriza-se pelas informações contraditórias que chegavam da Rússia, fazendo com que a opinião pública dependesse de testemunhos de franceses que lá se encontravam e que simpatizavam com a Revolução (como Victor Serge) ou de outros estrangeiros que documentaram os acontecimentos (como John Reed). Estabelece-se a ligação entre a Revolução Russa e Revolução de Outubro, o que resultou numa secundarização dos acontecimentos revolucionários de Fevereiro. Por outro lado, assistimos a uma rápida polarização das opiniões, com os sectores mais à direita a apoiarem-se nos testemunhos dos exilados russos para alertar contra o perigo bolchevique. A extrema-direita engendra a teoria da conspiração anti-semita que terá ampla divulgação nos sectores fascistas a partir dos anos 20.

A segunda parte do livro inicia-se com o fim da Segunda Guerra Mundial e a entrada na Guerra Fria. Encontramo-nos aqui num

momento em que as representações culturais da Revolução Russa são dominadas pelo Partido Comunista Francês cuja proeminência política cresceu nos anos da Guerra. A ligação do PCF à política estalinista não abria espaço para desvios de uma linha orientadora que apresentava o estalinismo como uma consequência natural, de carácter quase determinista, da Revolução de Outubro. Contudo, à medida que os anos vão avançando e o clima de Guerra Fria se adensa, as redes anticomunistas vão crescendo em influência através de intelectuais como Raymond Aron e Boris Souvarine, que argumentam que a verdadeira revolução ocorreu em Fevereiro, remetendo a Revolução de Outubro para a condição de golpe de Estado. Este período assiste também à publicação de *Doutor Jivago*, obra a que Aunoble atribui grande importância, não apenas pela sua ampla divulgação na literatura e no cinema, com o filme homónimo, mas também porque a obra atravessa o período revolucionário, chamando a atenção para o ambiente vivido durante o mesmo.

O terceiro capítulo lida com o antes e o depois do Maio de 68. O autor conclui que a década de 60 foi marcada por uma renovação historiográfica que se exprimiu em diversas vertentes. Por um lado, a morte de Estaline resultou numa certa aproximação entre França e a União Soviética, assim como no envio de doutorandos e investigadores à URSS, onde tiveram acesso a alguma documentação que antes era impossível de conseguir. Do ponto de vista historiográfico, os dissidentes de esquerda começam a destacar-se na construção de uma História que se afastava da linha imposta pelo PCF e pela sua tradição estalinista. Por outro lado, sentia-se a influência dos *Annales*, procurando-se fazer uma História social da Revolução, distanciando a historiografia do estudo das grandes personalidades revolucionárias, ao mesmo tempo que se pretendia desmistificar alguns aspectos da Revolução, como a natureza do poder dos soviets, a noção de Revolução Proletária e o papel do partido bolchevique na construção do Estado revolucionário. O Maio de 68 contribuiu igualmente para a expansão do debate sobre a Revolução Russa, subtraindo-o ainda mais ao monopólio do PCF. Este, aliás, mantinha-se dogmático, e assim abria espaço a iniciativas

extrapartidárias, como exposições, conferências e livros promovidos por pensadores políticos e intelectuais de diversos quadrantes políticos.

A quarta e última parte debruça-se sobre os últimos trinta anos do século XX. Aunoble sinaliza aqui dois marcos das representações culturais da Revolução: a obra de Soljenitsin, publicada ao longo das décadas de 60 e 70, e a publicação do *Livre Noir du Communisme*, em 1997. Aunoble sublinha que a crítica de Soljenitsyne não visava apenas o Estalinismo mas também o comunismo como um todo, tomando como alvo a figura de Lenine. Entramos assim num processo de questionamento das origens do pensamento marxista-leninista que irá estender-se além da queda do Muro de Berlim. É já após o fim da União Soviética que surge o *Livre Noir du Communisme*. Na sua análise da obra, Aunoble escolhe como foco o pensamento de François Furet, que, dois anos antes, em 1995, tinha escrito um ensaio sobre a ideia comunista no século XX onde tentara diminuir a importância da Revolução de Outubro, reduzindo-a a um “putsch rendu possible par l’occasion” (p 153). Segundo Aunoble, foi também Furet que popularizou a noção de crime ligada ao comunismo, ideia essa que será vastamente ampliada no *Livre Noir*. Aunoble argumenta que a divulgação desta obra, cujo eco na opinião pública foi bastante elevado, abriu portas a novas representações da Revolução Russa que se tornaram dominantes no espaço público. Esta é, como lhe chama Aunoble, a era das vítimas. A narrativa passou a ser a feita do ponto de vista não apenas das vítimas da Revolução de Outubro, mas de todos aqueles que sofreram, ao longo do século XX, a repressão dos regimes auto-proclamados comunistas ao longo do século XX.

La Révolution Russe, une histoire française é, assim, um sugestivo resumo das representações historiográficas da Revolução Russa em França. Aunoble conclui que estas representações interessavam a uma elite política e intelectual, composta tanto por militantes comunistas como por adversários anticomunistas. A leitura da obra torna claro que a Revolução não foi uma preocupação da maioria da opinião pública francesa ao longo do século XX. Ao mesmo tempo, todavia, é evidente que, se a Revolução Russa não era alvo de aprofundada discussão fora

de círculos específicos, o comunismo e a União Soviética ocupavam um lugar importante nos jornais, na literatura e no cinema. É por vezes difícil fazer a distinção entre o que constitui as representações e interpretações da Revolução Russa e o que pretende ser uma representação do regime soviético. Simultaneamente, apesar de Aunoble se propor a traçar uma história cultural através das leituras e representações, é dada uma clara preferência às leituras historiográficas. Este estudo corre assim o risco de se tornar, por vezes, um resumo da historiografia francesa relativamente à Revolução Russa. Mesmo no campo da literatura, pese o destaque atribuído a Pasternak e a Soljenitsyne, sente-se a ausência de autores como Bulgakov e Vassili Grossman.

Por outro lado, apesar da grande pertinência das análises, estranha-se algumas das escolhas e, sobretudo, algumas ausências. Aunoble dedica algumas páginas a Albert Mathiez e a Albert Soboul, ambos historiadores, ambos ligados ao Partido Comunista Francês. No último capítulo do livro, como tivemos oportunidade de ver, é dada ampla voz a François Furet. Todos estes homens se destacaram como historiadores da Revolução Francesa, e as respectivas interpretações sobre esse evento marcaram a historiografia revolucionária. Furet participou activamente no Bicentenário da Revolução em 1989, impulsionando a historiografia revisionista. Nos casos de Mathiez e Soboul é admitida a ligação entre o estudo da Revolução Francesa e a interpretação que ambos faziam da Revolução Russa, mas no caso de Furet esse aspecto é mencionado apenas muito superficialmente. Ainda assim, é perfeitamente possível argumentar que as leituras da Revolução Francesa em França durante o século XX foram influenciadas pelos acontecimentos externos, nomeadamente pela expansão do comunismo e o deflagrar de várias revoluções de cariz socialista. Poderia então ser concedida maior atenção a este aspecto, pois através do estudo de uma revolução nacional – a francesa – poderia entrever-se leituras e representações da Revolução Russa.

Em suma, o livro de Aunoble constitui um importante ponto de partida para o estudo das interpretações e representações da Revolução Russa em França, podendo, inclusivamente, através dele, partir-se para

o estudo das representações da Revolução noutros países Europeus. Não se trata, todavia, de um estudo exaustivo no campo das representações culturais, nem inclusivo de representações mais diversas, ficando um pouco aquém dos objectivos propostos pelo próprio autor na Introdução.

Referência para citação:

Major, Daniela “Recensão a *La Révolution russe, une histoire française: lectures et représentations depuis 1917* de Éric Aunoble.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 5 (2017); 262-267.

Enzo Traverso

*Left-Wing Melancholia. Marxism,
History, and Memory*

New York: Columbia University Press, 2016, 289 pp.

João Miguel Almeida*

Ao longo da sua obra, Enzo Traverso tem refletido sobre os modos de usar o passado, em especial o passado do século XX e os usos da memória e da História que emergiram após a queda do muro de Berlim e o fim da guerra fria¹. Em *Left Wing Melancholia* continua esta reflexão, a partir da identificação de dois paradigmas vigentes de abordagem ao passado recente, os quais não se equivalem nas suas implicações éticas e políticas e são exercidos numa relação de forças muito desigual. Segundo o autor, há um paradigma claramente hegemónico, o do neoliberalismo, para o qual o presente é um horizonte insuperável. O passado não pode ser compreendido a partir de um horizonte de esperança projetado no futuro e os conflitos, os combates políticos do século XX, devem ser lembrados por causa das vítimas da violência política e de erros a serem evitados no presente. Um outro paradigma, que ele defende, é a construção de uma «memória histórica» da esquerda na perspetiva de uma melancolia crítica, perspetiva que parte de uma empatia pelos vencidos da História. Essa perspetiva, defende, não só potencia uma melhor compreensão do passado do que a empatia pelos vencedores

* Pós-doutorando da FCT no IHC/NOVA.

¹ Sobre os modos de usar o passado já publicara Traverso, Enzo. *Le Passé, mode d'emploi: Histoire, mémoire, politique*. Paris: La Fabrique, 2005 do qual existe uma tradução portuguesa: Traverso, Enzo, *O Passado, Modos de Usar: História, Memória e Política*. Lisboa: Unipop, 2012. Publicou também *L'Histoire comme champ de bataille: Interpréter les violences du XXe-me siècle*. Paris: La Découverte, 2011.

implícita na visão historicista, como permite mobilizar para o presente as esperanças não realizadas dos vencidos da História.

O início do século XXI distingue-se do início dos dois séculos anteriores por ter perdido o horizonte utópico. Esta falta de perspectiva acerca do futuro condiciona a perspectiva acerca do passado: como afirma Traverso, «a obsessão com o passado resulta do fim das utopias: um mundo sem utopias olha para trás» (p. 9). E o passado do século XX mais mostrado, lembrado, comemorado, são as guerras e os genocídios. A visão do passado centra-se na figura da vítima, figura que até então permanecera na sombra. «A memória do Gulag apagou a da revolução, a memória do Holocausto substituiu a do fascismo, e a memória da escravatura eclipsou a do anticolonialismo» (p. 10).

A fórmula de Cícero que apresenta a História como «mestra da vida» parecia ter sido varrida para o lixo da História pela revolução francesa. Ela implicava uma visão cíclica da História, em que os homens poderiam sempre moldar a sua ação pelos melhores exemplos do passado, e que deixava de fazer sentido numa sociedade que se via a si mesma como orientada pela ideia de progresso. O futuro seria sempre novo. No entanto, após a queda do muro de Berlim e as «revoluções de veludo», Fukuyama pôde proclamar o «Fim da História». A fórmula de Cícero foi reabilitada e até pode ser usada como advertência contra os perigos das utopias.

Para Traverso, o ano de viragem da perceção da história foi 1989 e as imagens que simbolizam essa viragem são as da queda do muro de Berlim, imagens que chega a considerar uma reversão das imagens do derrube da estátua do Czar no *Outubro* de Eisenstein. «Como qualquer grande acontecimento histórico modificou a perceção do passado e espoletou uma nova imaginação histórica» (p. 2).

O impacto desse acontecimento histórico não foi apenas o fracasso de um tipo específico de socialismo de Estado, mas de «toda uma representação do século XX». Mesmo intelectuais de esquerda antiestalinistas, como Christa Wolf, sentiram-se espiritualmente «sem abrigo». Ao contrário de outras revoluções, as «revoluções de veludo» não foram

capazes de gerar novas utopias. Em vez de criarem sociedades projetadas no futuro, estas revoluções criaram sociedades «obcecadas com o passado» – corporizado no aparecimento de museus e instituições patrimoniais que visavam recuperar um passado nacional confiscado pelo comunismo soviético.

Também as revoluções da chamada «primavera árabe» entraram num beco sem saída semelhante: destruíram duas ditaduras no Egito e na Tunísia, mas não foram capazes de criar alternativas políticas. Apontando as suas debilidades de liderança e das forças sociais que as suportavam, Traverso considera, no entanto, que não residem aqui os seus limites. Os seus limites são os limites da nossa época.

O colapso do comunismo foi acompanhado ou até precedido pela exaustão das lutas e das utopias feministas, gerando novas formas de melancolia.

No pós-Guerra Fria, a democracia liberal e as sociedades de mercado livre proclamaram a vitória do feminismo com a realização da igualdade jurídica e a autodeterminação individual de que as sagas das mulheres de negócios são o exemplo mais louvado. O fim das utopias feministas alimentou uma série de «políticas de identidade» regressivas.

O diagnóstico de uma mudança histórica que afetava a relação dos homens e mulheres com o tempo histórico foi partilhado por diversos intelectuais, de posicionamentos ideológicos diversos, embora as ilações que tirassem fossem diferentes. François Furet em *O Passado de uma Ilusão* declarou que estamos condenados a viver no mundo tal como ele é. Frederic Jameson considerou que o princípio do século XXI coincidiu com a transição do «princípio de esperança» para o «princípio de responsabilidade», associado à consciência ecológica e a uma interrogação sobre o mundo que vamos legar às gerações futuras. Partindo da distinção de Ernest Bloch entre os sonhos prometaicos acerca do futuro e as esperanças antecipatórias inspiradoras de transformações revolucionárias do presente, Traverso considera que hoje as distopias de pesadelos futuros substituíram os sonhos prometaicos e as utopias de transformação coletiva foram destruídas pela sua privatiza-

ção num mundo reificado. Koselleck observou que no início do séc. XXI a interação entre passado e futuro parece esgotada. As utopias parecem ser uma categoria do passado. Não há um «horizonte de expectativas». François Hartog propôs o conceito de presentismo, um presente expandido, que absorve quer o passado quer o futuro. Um passado reificado pela indústria que destrói qualquer possibilidade de transmissão de experiência; um futuro abolido pelo neoliberalismo.

Se as ideias que as esquerdas faziam do futuro eram inspiradas pelas utopias, as ideias que faziam do passado eram indissociáveis da memória das classes trabalhadoras e dos partidos de esquerda. Diversas mudanças no interior das sociedades capitalistas contribuíram para a perda ou enfraquecimento desta memória. A queda do comunismo coincidiu com a do fordismo, ou seja, do capitalismo industrial que dominou o século XX. O movimento europeu dos trabalhadores perdeu quer a sua cultura quer a sua base social. Na década de 1990 desapareceram ou declinaram os partidos políticos de massas dominantes após a II Grande Guerra, cujo modelo eram os partidos de esquerda. Foram substituídos por «catch-all parties» sem identidades políticas fortes.

A memória, que se encontra cada vez mais enfraquecida e fragmentada, especialmente à esquerda, tem sido no entanto valorizada pelos historiadores de um modo sem precedentes. Ao longo do século XX os académicos sempre se esforçaram por manter os dois campos separados. Foi na última década do século XX que emergiu a «memória histórica».

Ao escrever a história da esquerda e dos usos da memória pela esquerda, Traverso lembra que na década de 1960 havia uma espécie de sincronismo entre os três sectores da «revolução mundial» que formou a juventude e transformou a ideia e a prática da revolução: os movimentos anticapitalistas do ocidente, os movimentos antiburocráticos da Europa de Leste e os movimentos anti-imperialistas revolucionários no Terceiro Mundo.

Houve um esvaziamento político da memória: em França, o maio de 1968 passou a ser celebrado como uma pura mudança cultural em

que a juventude impeliu a sociedade do gaullismo a novas formas de liberalismo e individualismo.

Traverso defende uma melancolia que não seja um lamento por uma utopia perdida, mas um modo de repensar um projeto revolucionário numa época não revolucionária. Para o autor, a melancolia é a premissa de uma compreensão crítica. Em vez de representar uma fixação mórbida no passado, permite ao historiador superar um trauma sofrido.

A sua defesa de uma melancolia crítica vai no entanto mais longe, sugerindo uma superioridade epistemológica da visão dos vencidos. Cita a afirmação de Koselleck de que a história é escrita a curto prazo pelos vencedores, mas a longo prazo a compreensão histórica ganha com a visão dos vencidos. Os vencedores caem numa visão apologética do passado, baseada num esquema providencial. Os vencidos repensam o passado com um olhar crítico.

Adotar o ponto de vista dos vencidos é, afinal, uma forma de regressar a Karl Marx, que escreveu sobre as revoluções do século XIX do ponto de vista das classes proletárias vencidas. Marx sentia empatia pelos proletários e ele próprio era, de certo modo, um vencido, no sentido em que era um exilado e um intelectual marginal.

Na História da historiografia é o materialismo dialético que rompe com a empatia positivista pelos vencedores e esta rutura tem sequelas nos estudos «a partir de baixo» marxistas e nos «estudos subalternos». São exemplos os estudos de E.P. Thompson sobre as classes trabalhadoras e de Ranajit Guha sobre as pequenas vozes dos camponeses oprimidos.

Hobbsbawm, em *A Era dos Extremos*, vê-se a si mesmo como um vencido, que no entanto teve razão em lutar. Considera que, paradoxalmente, o comunismo soviético salvou o capitalismo ao derrotar o nazismo e ao obrigar o capitalismo a reformular-se criando um Estado social. O comunismo soviético estava condenado ao fracasso, na medida em que só podia triunfar devido a um autoritarismo que aniquilava o projeto socialista, mas desempenhou um papel histórico fundamental no século XX. O comunismo permitiu a resistência ao fascismo mas foi incapaz de derrubar o capitalismo.

Para Traverso, a esquerda não pode continuar a fazer o luto das suas derrotas da mesma maneira após 1989, pois a perda parece irreparável e não pode ser sublimada pela mobilização por um movimento político. Seguindo Zizek, para quem a melancolia é a identificação de uma falta e não de uma perda, a melancolia deve identificar-se com as aspirações comunistas e não com a sua realização no socialismo de Estado.

Para cultivar a melancolia crítica o socialismo tem de renunciar a uma visão teleológica da história que não admitia a tragédia. Por esta razão deve integrar os contributos de Lucian Goldmann que, partindo da ideia de Pascal da fé em Deus como uma aposta, concebe o socialismo como um ato antropológico de fé nas capacidades emancipatórias dos seres humanos. Deve também assumir as críticas de pensadores marxistas às tendências revolucionárias que rejeitavam o passado em nome do futuro. Foi o caso da crítica de Trotsky ao futurismo por recusar integrar uma tradição revolucionária. Pelo contrário, o autor vê na memória uma chave para imaginar o futuro e a utopia.

Com este programa intelectual, o livro de Traverso desenvolve-se na identificação dos sinais de luto pelas derrotas das utopias de esquerda e na busca das conexões entre a melancolia e a imaginação crítica de alguns dos intelectuais de esquerda, em especial marxista, mais marcantes da época contemporânea. Esta busca inclui a exposição de encontros falhados, sugerindo que a História dos projetos de esquerda podia ter sido outra, possivelmente com melhores resultados. Não é de excluir que, à maneira de Cícero, a esquerda de hoje possa tirar «lições» de desentendimentos e erros passados.

No capítulo terceiro, dedicado às imagens do luto das derrotas de esquerda, o autor dedica uma especial atenção às narrativas cinematográficas, identificando uma viragem nos anos 1990: ao tom épico que percorre os filmes de Eisenstein e Pontecorvo, *O Couraçado Potemkin* e *Burn!*, sucede o tom melancólico. Após o colapso das revoluções no século XX, a utopia deixa de ser um «ainda não» para surgir como «um lugar que já não existe».

Seguindo as raízes modernas da imaginação utópica, Traverso analisa a ambivalente rebelião boémia que tanto pôde levar à esquerda

revolucionária como ao fascismo. O boémio representa o «cigano da mente» por contraposição à estabilidade da ordem burguesa. O reino mental da boémia é um terreno propício à *arte pela arte* e à *insurreição pela insurreição*. Por isso o reino da boémia é objeto de reflexão, de incursões, de ligações inesperadas, de familiaridades estranhas de figuras como Marx, Coubert, Benjamin e até Trotsky, apesar do último ter escrito explicitamente em *Literatura e Revolução* que o genuíno revolucionário não era um boémio.

Os três capítulos finais são incursões na história do século XX focando o pensamento e aspetos biográficos de intelectuais que buscaram alternativas ao autoritarismo burocrático do estalinismo, ao reformismo evolucionista da social-democracia e ao refúgio estético do marxismo ocidental. A última corrente marxista merece mais atenção do autor do que as duas primeiras. O desencontro entre o marxismo negro, anticolonial, e o marxismo ocidental, etnocêntrico, é personificado por CLR James e Adorno. O encontro entre Adorno e Benjamin é em grande parte um encontro falhado, gerador de desentendimentos e equívocos, apesar das afinidades, das relações comuns e da amizade. Os dois intelectuais alemães e marxistas de proveniência judaica vivem duas formas muito distintas da «melancolia de esquerda»: a de Benjamin favorece uma agência radical e a politização da arte por contraponto à estetização da política pelo fascismo; a de Adorno envereda por um criticismo contemplativo. Para o primeiro, a sociedade de massas podia ter uma dimensão emancipatória que compensava a perda da «aura» da obra de arte única. Para o segundo, significava o fim da criação artística através da reificação universal. A releitura de Benjamin por Daniel Bensaïd possibilita, segundo Traverso, uma via fecunda para uma outra visão da História baseada nas ideias de lembrança e de melancolia política. Escrevendo uma boa parte da sua obra após a queda dos regimes de referência comunista a Leste, Bensaïd redescobriu Benjamin e procurou superar o lapso entre o enfoque do trotskismo na economia política e do marxismo ocidental na filosofia e na estética.

Como Benjamin, Traverso concebe a História como um tempo aberto. O passado nunca abandona o presente nem pode ser sepa-

rado dele. Nada é definitivamente perdido, embora tudo o que pertença ao passado esteja sempre ameaçado. Condição que permite *resgatar* o passado, não para repeti-lo, mas para «*mudar o presente*». A transformação do mundo é uma utopia possível, uma «aposta melancólica» e voluntarista, alimentada pela memória.

O ensaio de Traverso abre novas perspectivas e estimula o debate sobre os temas que aborda. Não concordamos com algumas das generalizações do autor: não nos parece que a memória do Holocausto tenha substituído a do fascismo ou que a memória da escravatura tenha remetido para a sombra a do anticolonialismo. Por exemplo, em Portugal e noutros países, a memória das vítimas do fascismo tem coexistido com estudos e práticas museológicas polifacetadas sobre a sua história². Os diversos trabalhos historiográficos que têm acentuado as continuidades entre o fim da escravatura e a implementação de novas formas de exploração do trabalho em regime colonial³ têm dificuldade em alcançar o grande público e pouco contribuem para a construção de uma memória da escravatura. Mas, ainda assim, o espaço público é ocasionalmente assombrado por intervenções de historiadores, jornalistas, escritores, artistas, ativistas, em que é questionada a relação entre a escravatura e o poder colonial, o qual continuou e até se intensificou após a abolição da escravatura. Um exemplo deste fenómeno em Portugal foi a contestação desencadeada pelas declarações do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa em Gorée, em visita de Estado ao Senegal, em 2017, sobre o alegado papel pioneiro de Portugal na abolição da escravatura. Num documento intitulado «Um regresso ao

2 O Museu do Aljube em Lisboa, pretendendo contribuir para a construção de uma memória da dimensão repressiva do Estado Novo, não tem, em nosso entender, apagado ou desvalorizado a identidade política dos prisioneiros da ditadura. A Biblioteca-Museu República e Resistência associa explicitamente na sua designação a identidade política republicana à resistência ao Estado Novo. O projeto do futuro Museu Nacional de Resistência e Liberdade, em Peniche, conta com a colaboração de antigos presos políticos, que não se veem a si mesmos como vítimas, mas como combatentes antifascistas.

3 Um dos autores que tem estudado a relação entre o fim do abolicionismo e uma nova fase de exploração económica das colónias é Roquinaldo Ferreira, professor na Universidade de Brown, que focou a bibliografia e a investigação em curso sobre o tema numa intervenção intitulada «Do local/ao transnacional/global: abolicionismo e regimes de trabalho na África Central» e apresentada em Lisboa a 15 de novembro de 2017 no congresso internacional «Angola: Os Legados do Passado, os Desafios do Presente».

passado em Gorée. Não em nosso nome», historiadores e outras figuras do mundo cultural estabeleceram explicitamente uma associação entre a história da participação de portugueses no comércio e escravização de africanos e outras formas de opressão que só terminaram com o processo de descolonização⁴.

Quanto à questão de fundo, a ligação entre a memória e o empenho na transformação do presente, esta também ganharia em ser abordada na perspetiva oposta à exposta neste livro: a memória das vitórias dos combates de esquerda, que resultaram no reconhecimento de direitos individuais e sociais, pode ser vista como uma forma de defender direitos conquistados e incentivar a luta pelo seu alargamento. Lembrar que esses direitos não foram resultado da instauração da ordem neoliberal, e que a sua aquisição definitiva não é certa, é outra forma de os defender, não como um ponto de chegada, mas como um sinal de esperança para realizar aspirações derrotadas no passado.

Referência para citação:

Almeida, João Miguel “Recensão a *Left-Wing Melancholia. Marxism, History, and Memory* de Enzo Traverso.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018); 268-276.

4 AAVV. « regresso ao passado em Gorée. Não em nosso nome ». *Diário de Notícias*, <https://www.dn.pt/portugal/interior/um-regresso-ao-passado-em-goree-nao-em-nosso-nome-6228800.html>. (acedido a 26/11/2018) «No decorrer da sua visita de Estado ao Senegal ocorrida na semana passada, achou por bem o Sr. Presidente da República visitar a ilha de Gorée, um antigo entreposto nas rotas atlânticas do tráfico de escravos. A carga simbólica do lugar tem aumentado nos últimos anos, devido às visitas de proeminentes figuras de Estado e do meio eclesiástico que aí escolheram pedir perdão pelo envolvimento histórico das comunidades que representam no tráfico e/ou escravização de seres humanos. (...) Mas, ao contrário destas figuras, e apesar das expectativas que o anúncio da visita criou, o Presidente escolheu não reconhecer em Gorée a longa e sinuosa história da responsabilidade portuguesa no comércio e escravização de africanos, nem as outras formas de opressão que em nome do país foram praticadas e legalmente sustentadas nas colónias africanas até à extinção do regime colonial português em 1974-75. (...)».